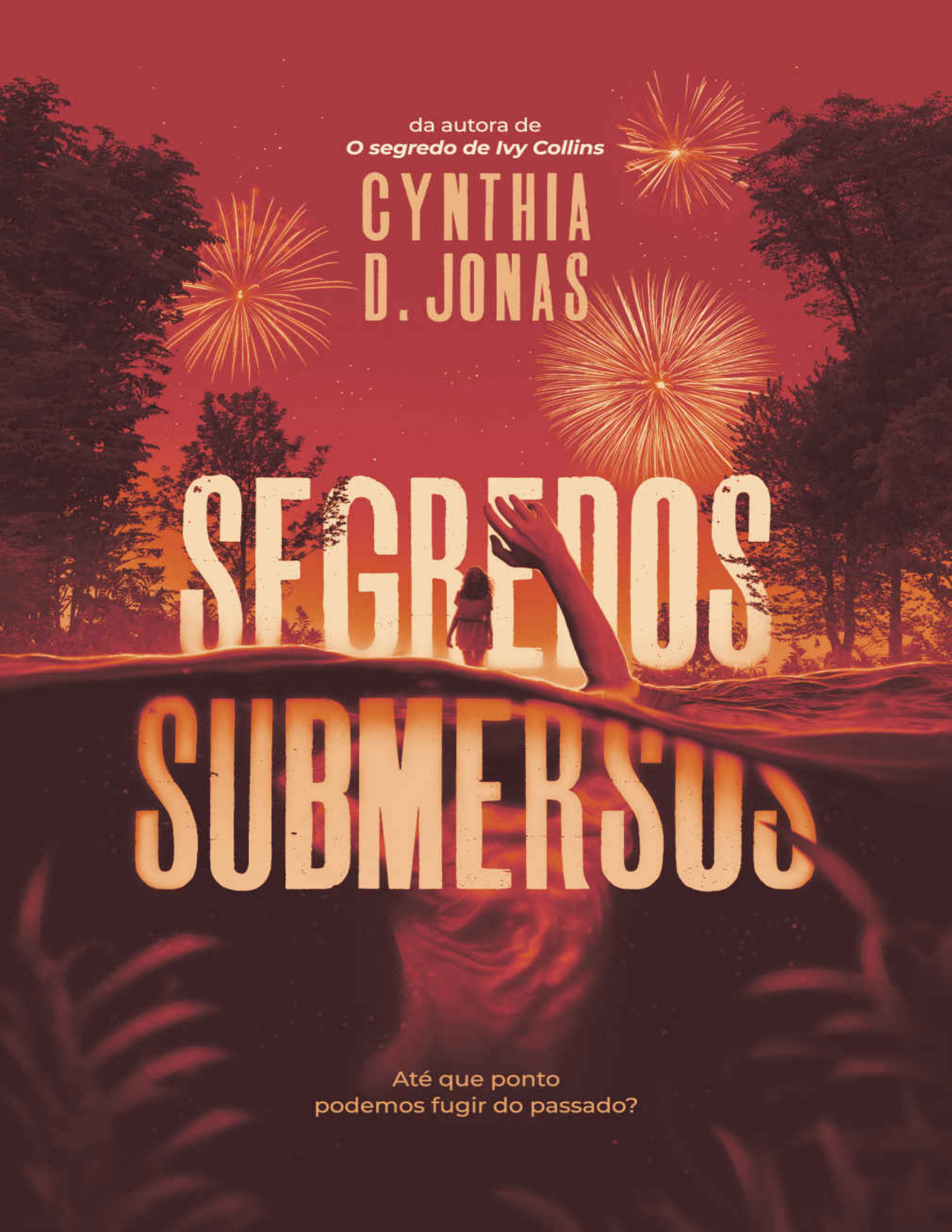


da autora de
O segredo de Ivy Collins

CYNTHIA
D. JONAS

SEGREDOS SUBMERSIDOS



Até que ponto
podemos fugir do passado?



da autora de
O segredo de Ivy Collins

**CYNTHIA
D. JONAS**

SEGREDOS SUBMERSOS

Até que ponto
podemos fugir do passado?

1ª Edição
São Paulo/SP
2023

Copyright © 2023 by Cynthia D. Jonas
www.cynthiadjonas.com.br

Edição e
direção editorial
Cynthia D. Jonas

Capa
Marcus Pallas

Preparação de texto

Thais Messoria

Revisão

Isadora Duarte

Diagramação

César Mendonça

2023

Edição Digital

Brasil

PLAYLIST

CARO LEITOR, você está prestes a embarcar numa jornada emocionante e nostálgica. Por isso, preparei essa playlist repleta de músicas que me inspiraram durante a escrita e que acompanham os personagens em suas experiências emocionais. A ideia é te transportar para as páginas dessa história tornando sua leitura mais envolvente.



NOTA DA AUTORA

SEGREDOS SUBMERSOS é uma mistura de sobrenatural e suspense investigativo. Mas, principalmente, essa história fala de perdão, segundas chances e amor. Tudo isso regado por uma trilha sonora incrível, além de referências nostálgicas que irão te fazer viajar no tempo.

Apenas deixo o aviso que toco em assuntos sensíveis como: suicídio, aborto e abuso de menores, sem me aprofundar neles.

Boa leitura. *Benvenuti a Vila Allegro.*

“O sobrenatural é apenas o natural de uma forma que ainda não compreendemos plenamente.”

Carl Jung



NOITE DA FESTA

31 de dezembro de 1984

Pietra

PIETRA APERTOU A LUZ do seu relógio digital checando o horário, nove horas. *Todos estão bem*, disse a si mesma fazendo o sinal da cruz, como que por reflexo. O fato de sua família não lhe dar ouvidos, não a impedia de fazer a sua parte. Mantinha-se em um constante estado de alerta, sem relaxar um minuto, perambulando entre os convidados. Chegou ao cúmulo de seguir as pessoas até o banheiro. Era melhor pecar pelo excesso. Nunca iria se perdoar se alguma coisa acontecesse.

A atenção da adolescente se voltou pela enésima vez para a piscina. Sua mãe estava agachada ajeitando uma das bexigas douradas que boiavam na água, uma decoração que só servia para deixar Pietra ainda mais aflita. E se alguém se afogasse e ficasse coberto pelos balões? A mãe percebeu que Pietra a observava e levantou-se. As mãos apoiadas no quadril, o rosto tenso iluminado pela luz tremeluzente de uma das tochas espalhadas no jardim. Pietra ajeitou a alça do vestido e forçou um sorriso. A última coisa que queria era estragar a noite *perfeita* dela. Dona Telma passara os últimos vinte dias produzindo os detalhes finais. Em Vila Allegro, fazia meses que só se falava sobre a festa da virada do Ano-Novo no sítio deles. Então, logo no grande dia, aconteceu de novo. Pietra explodiu. Saiu gritando pela casa, exigindo que o evento fosse cancelado.

— Pirralha metida a Madonna — seu irmão a provocava por causa do permanente de cabelo recém-feito, inspirado na cantora —, o pai tá nervoso hoje. É melhor controlar suas esquisitices ou vai acabar parando em um manicômio — sugeriu em meio a um ataque de riso.

— Seu pentelho! — Pietra ergueu a cabeça fitando Fabrizio. — Como se eu quisesse ter essa merda de premonição, sexto sentido, ou seja lá como essa porcaria se chame. — Bufou.

— Deixem disso, vocês dois — Luca interveio. — Fabrizio — ele se voltou para o melhor amigo —, não tá ajudando.

— Tem razão, Luca. Vem aqui, *bambina*. — Telma puxou a filha para um abraço.

Pietra estranhou a atitude da mãe, esperava ser repreendida pelo seu comportamento, no entanto ela se dispôs a escutá-la. Ainda assim, por mais que se esforçasse, seu rosto transparecia incredulidade. E como culpá-la? A própria Pietra tinha dificuldades em assimilar as palavras que deixavam sua boca, sentia-se um personagem bizarro saído do seriado “Além da Imaginação”, o favorito do seu pai. Com a voz embargada pelas lágrimas, admitiu para mãe que, apesar de assustadora, a *visão* não tinha sido nítida como a anterior. Pietra viu, em sua mente, uma pessoa vestida de branco boiando de bruços na água. Tudo durou instantes, estava muito escuro e a imagem turva se desfez em fragmentos antes que ela pudesse identificar quem era. O que veio, a seguir, foi ainda pior, sua voz interna passou a sussurrar a palavra *morte* feito um disco riscado.

Ligando os pontos, a garota concluiu o óbvio: branco é a cor mais usada na noite do Ano-Novo. A visão só podia ser um aviso, o prelúdio de uma nova tragédia. Todo o seu corpo estremeceu. Pietra se agarrou ao braço da mãe feito uma menininha com medo do bicho-papão no armário. E, de tão aturdida, demorou para notar Luca parado à sua frente com uma expressão sombria, os ombros grudados nas orelhas.

— E se essa merda de premonição for verdade, quem você pensa que é para impedir, Deus? — ele cuspiu as palavras com sarcasmo.

— Luca, o que deu em você? — dona Telma o repreendeu.

Pietra arregalou os olhos úmidos, chocada com a súbita mudança de atitude de Luca, mas não se ofendeu. Conhecia-o bem o suficiente para entender seus altos e baixos, especialmente naquela semana.

— Pietra! — A voz da mãe a tirou de seu devaneio.

Telma vinha se aproximando.

— Você me assustou. — A garota franziu o nariz.

— Detesto te ver nesse estado. — Telma arrumou a fivela do seu cabelo. — Nem comeu direito. Por que não entra um pouco? Os jovens estão todos na pista de dança estranhando a ausência da dona da casa.

— Eu não sou a dona da casa, mãe, você é.

Como se alguém sentisse minha falta, pensou na mesma hora.

— Vai se divertir, *bambina*. Tudo está sob controle. — Piscou suas pálpebras cobertas por uma sombra prateada cintilante. — Escuta, deixei um funcionário ao lado da piscina como te prometi, ele não sairá de lá, eu garanto. Ultimamente, você tem se impressionado com tudo. — Tocou no rosto da filha com carinho. — Nem tem certeza do que viu. Sabe, a mente pode nos pregar peças — sussurrou a última frase.

— Você não entende. — Pietra se desvencilhou do toque dela com um movimento brusco. — Nunca acreditou em mim, nem mesmo quando eu *enxerguei* a dona Alba morta. Me acha uma maluca — cuspiu as palavras e saiu andando sem esperar pela resposta.

Mas e se minha mãe estiver certa? Dessa vez, a imagem era embaçada. A morte da vizinha no começo do ano mexera com seus nervos. Algumas noites, aquela premonição que tivera voltava em forma de pesadelo: dona Alba esparramada em um canto do jardim, o chapéu caído ao seu lado, a pá cheia de terra na mão. *Uma visão inconfundível. Diferentemente da de hoje, a pessoa sem rosto.* Seu sangue gelou. De alguma maneira, isso era pior. Podia ser qualquer um. Ou sua imaginação, como sugeria a mãe.

Então, por que diabos essa sensação horrível não vai embora?



O DJ começara a tocar baladas românticas. Dava para ver as luzes brilharem no globo de espelhos refletido na janela do salão principal. Uma melodia conhecida desviou, por um minuto, seus pensamentos mórbidos, cedendo lugar à recordação agradável: Luca lhe ensinando a dançar na semana anterior. Os pelos do seu braço se arrepiaram com a lembrança. Pietra estava encostada na parede da sala. Distraída, os olhos semicerrados, os fones do Walkman isolando-a de qualquer contato com o mundo exterior, como sempre. Cantarolava *Head Over Heels* da The Go-Go's e nem sequer notou Luca entrando.

No momento seguinte, ele segurava o Walkman amarelo dela nas mãos.

— Hum, vejamos. — Ele tirou a fita cassete de dentro do aparelho e leu no adesivo escrito por ela com uma canetinha roxa de glitter: sucessos internacionais 1984.

— Não vale, Luca. Devolve isso, agora. — Pietra crispou os lábios.

— Tarde demais. — Luca foi abrindo o toca-fitas que ficava em cima da estante de madeira e, na sequência, a puxou pela mão. — Você gosta demais de música para ficar só aí sentada cantando.

Com certeza, Luca só não imaginava que a próxima canção seria lenta. Ele poderia ter inventado qualquer desculpa para ir embora, em vez disso, foi se aproximando, inclinou seu corpo e segurou na cintura de Pietra de forma natural, que engoliu em seco, sentindo suas bochechas mudarem de cor.

— Nunca dançou música lenta, né?

Incapaz de responder com palavras, Pietra sacudiu a cabeça concordando. Só havia dançado com seu pai, mas jamais admitiria isso.

— Tá legal, Fofote — Luca piscou. — Vai ser moleza, é só me seguir — disse com um tom professoral.

O fato de ele continuar a chamando pelo apelido de infância deixava claro como a enxergava. *Tenho quatorze anos*, quis gritar.

— Para com isso de Fofote, Luca. Eu colecionava essas bonecas quando era criança. — Pietra ergueu o olhar, o cenho franzido.

Ele soltou uma risada deliciosa, evidenciando a covinha no seu queixo.

— Quem disse que o apelido tem a ver com sua coleção? Olha para você. Loirinha, olhos azuis — Luca pegou a mão dela e a acomodou em seus ombros — delicada.

Pietra prendeu a respiração, seus corpos estavam perto demais. Os dois se conheciam por toda a vida, mas aquilo era diferente. Íntimo.

Para seu alívio, Luca nunca saberia a verdade: já tinham dançado coladinhos um milhão de vezes. Nos seus sonhos.

Agora, a caminho da pista de dança improvisada, Pietra acelerava o passo seguindo a melodia. Por coincidência, ou ironia do destino, viu Luca observando o céu em um canto do jardim, a camisa branca com os primeiros botões abertos, a brisa balançando seu cabelo cacheado. O coração dela errou uma batida. Por instinto, puxou a franja para esconder as espinhas da testa, arrumou a postura e foi andando em sua direção. Imaginou uma cena romântica na qual diria: tá escutando, Luca? É a *nossa* música. Então, o amigo abriria um sorriso e a convidaria para repetir a dose.

Mas, a realidade era bem diferente da imaginação. Luca passou reto por ela resmungando algo para si mesmo enquanto *Almost Paradise* soava ao fundo.

A indiferença dele logo dissipou o momento de alegria e uma nuvem de angústia voltou a pairar sobre ela. Pietra entrou em casa desanimada, sequer chegou ao salão, jogou-se no sofá da sala. Permaneceu ali sozinha com um nó preso na garganta, os olhos marejados e a alma em pedaços. *Morte, morte, morte*, repetia a maldita voz na sua cabeça. Ela a ignorou. Apertou os olhos com força.

— Pietra?

Uma voz familiar a fez voltar para a festa.

— Para te tranquilizar. — A pessoa esticou a mão. O delicioso cheiro de camomila invadiu suas narinas.

Sem jeito, Pietra limpou as lágrimas com o braço e aceitou a gentileza sem questionar. Bebeu o líquido amarelado num gole só.

E essa foi a última coisa de que se lembrava.

CAPÍTULO 1

Vila Allegro, 1999

VIREI À DIREITA, SAINDO DA ESTRADA principal para pegar uma via rural. Meu Jeep deu um solavanco, os pneus deslizaram. Fabrizio foi jogado para o lado e segurou-se no banco.

— Por que a pressa? O sítio não vai sair do lugar — meu irmão brincou, baixando seu vidro. Um vento morno adentrou, trazendo consigo o cheiro de mato.

— Agora vire à esquerda.

— Estou careca de saber, morei aqui quatorze anos da minha vida — resmunguei.

— E faz quinze que não chega nem perto — ele devolveu. — Sinceramente? Nunca imaginei que voltaria um dia.

Houve um momento de silêncio longo e desconfortável.

Como se dependesse da minha vontade.

A imponente casa branca, ladeada por árvores centenárias, despontava no horizonte. Tomada pela ansiedade, acelerei o carro mais uma vez. A rua de terra ia se tornando mais estreita, o calor da irritação explodia em meu estômago conforme nos aproximávamos. *Não surta, Pietra.*

— Que merda é essa? — Um caminhão fechava nossa passagem, dois rapazes descarregavam alguns sacos.

— É exatamente isso: merda! Adubo orgânico, sendo mais preciso. — Fabrizio riu. — O vizinho costuma comprar, garante que as uvas adoram.

— E por acaso ele é o dono da rua? — Parei atrás do caminhão, meti a mão na buzina e baixei meu vidro. — Estacionem direito, tem gente querendo passar — gritei.

Os dois rapazes se entreolharam. Um deles, o mais baixo, acomodou o saco que carregava no chão e se voltou para mim.

— A dona vai me desculpar — pigarreou, sem jeito — é que ninguém vem muito para essas bandas de cá, já tamo terminando o serviço.

— Não precisa ser grossa — murmurou meu irmão entredentes. — Está tudo certo, esperamos um pouco — respondeu para o rapaz.

Fabrizio tinha razão. Eu estava extravasando o nervosismo naqueles pobres funcionários. Já ia pedir desculpas, quando vi o portão de madeira da propriedade ao lado da nossa se abrir num rompante. Um homem saiu, vinha pisando forte. Era alto, bronzeado, usava uma calça jeans desbotada e uma camiseta branca suja de terra.

— Posso saber o motivo dessa gritaria? — Ele parou na frente do Jeep, me lançando um olhar feroz por sobre os óculos de grau com uma armação preta fora de moda.

— Cara — Fabrizio saltou do carro e apertou a mão do sujeito —, foi mal — apressou-se em dizer. — A minha irmã se esqueceu que a vida em um vilarejo não é igual à das grandes cidades

— Oi, Fabrizio. Sua... irmã? — Ele voltou a me observar. — Pois, diga para ela tratar de recuperar depressa a memória — retrucou com um ar de superioridade, o sotaque italiano carregado.

Diga para ela? Ele tem cinco anos? Nem morta vou me desculpar na frente desse imbecil, bufei.

— Seu Enrico, podemos levar o adubo que falta lá pra dentro? — o rapaz baixinho interrompeu o que se tornaria uma briga. O companheiro dele encarava o chão visivelmente incomodado com o barraco montado.

— É lógico, Juvenal. Eu ajudo vocês. — O vizinho mal-educado acomodou um dos sacos nas costas largas e foi marchando de volta sem dizer mais nada.

Engatei a ré dando espaço para o caminhão sair e, assim que ele se foi, embiquei o Jeep no portão do nosso sítio.

— Resolvido, apressadinha — Fabrizio disse. — Parabéns, causou uma ótima impressão.

— Não enche, estou impaciente — assumi, descendo do carro. — Vem cá, esse ogro comprou o sítio dos Savoia?

— Herdou. É o neto do seu Nicola. — Meu irmão apanhou minha mala. — O velho morreu ano retrasado.

Com a notícia, minha memória retrocedeu mais de uma década. Eu me lembrei das minhas visitas ao sítio vizinho e do querido senhor Nicola, o único ser no planeta que não me achava pirada. *As pessoas são tolas, Pietra, só acreditam no que os olhos enxergam. Você tem uma sensibilidade especial, seu dom é uma dádiva. Um dia, entenderá o propósito dele.* Suspirei, o fantasma da tristeza cravou as garras em meu peito. Dádiva? Nada que preste veio desse maldito dom. Não serviu nem para me avisar sobre o mau-caráter da minha sócia.

— Pronta para entrar? — Fabrizio perguntou.

Uma nuvem de poeira me recebeu, assim que meu irmão abriu a porta da casa, abanei a mão em frente ao rosto.

— *Benvenuta*. — Ele acendeu a luz e colocou minha mala no chão.

Soltei alguns espirros.

— Pois é, o caseiro se mudou tem uns meses. — Fabrizio foi abrindo as janelas. — Vim pessoalmente deixar a casa apresentável, mas não consegui arrumar uma faxineira. Você resolveu vir mais rápido do que eu imaginava. Pelo menos, deu tempo de mandar religar a eletricidade e a linha telefônica, mas, já aviso, o sinal de celular aqui é horrível.

Eu mal o escutava. Meu olhar varria a sala de pé direito alto. Tirando a camada de poeira, tudo estava igual. Os móveis de mogno vindos da Itália, os dois sofás de couro, as almofadas coloridas, as poltronas, os quadros com motivos florais pintados por nossa mãe, os porta-retratos na prateleira e até os riscos no piso de madeira, consequência das minhas voltas de patins. Era como entrar em uma cápsula do tempo particular, eu me sentia, de novo, nos anos oitenta.

— As paredes estão descascando um pouco. — Meu irmão estalou a língua. — Uma pintura deve resolver.

— Aham, até parece. — Dei alguns passos à frente raspando com os dedos a textura áspera de uma das paredes. — Primeiro vou lixar. É melhor torcer para que não haja infiltrações.

— Sério? — Ele franziu o nariz. — Acha que está cheirando a mofo?

Inspirei fundo, semicerrando os olhos, e neguei com um movimento de cabeça.

O sítio cheirava a saudade.



— Fabrizio, por que agora? — Minha voz saiu embragada. — Tenho a impressão de que o pai está me escondendo as coisas. *Assim como eu*.

— Isso é paranoia, você acompanhou o tratamento de perto. Mania sua enxergar problema onde não existe. — Meu irmão levantou-se da banquetta da cozinha para me servir o café que acabara de preparar. — O pai já não corre perigo, reagiu bem às sessões de quimioterapia, agora é dar tempo ao tempo. — Deslizou uma xícara para perto de mim. — Quer saber? — Franziu a testa. — Existe uma chance de que a doença tenha feito com que ele refletisse e antecipasse algumas decisões jurídicas. De qualquer forma, o sítio sempre nos pertenceu, ele só assinou um documento.

— Porque a dona Telma ainda sonha em ver esse lugar cheio de netos. *E, para variar, não cumpri com as expectativas dela.* — Dei um gole no café e forcei um sorriso. — Bem, apenas esclarecendo, isso é contigo, viu?

— A gente vem tentando faz três anos. — Fabrizio encarou sua xícara, tristonho. — Sei lá — suspirou —, é como se não merecêssemos. Talvez, Deus esteja nos castigando.

— Pelo quê? Deixa de bobagem. Você e a Sienna são jovens, saudáveis. Vai acontecer — falei da forma mais confiante que pude.

A luz da cozinha começou a piscar. Olhei desconfiada para o lustre de alumínio que pendia do teto.

— Tudo certo *mesmo* com a eletricidade?

— Lógico. Nem se preocupa, deve ser mau contato ou a lâmpada está para queimar. Amanhã, passo no armazém e trago novas. — Finalizou seu café. — Tem certeza de que não quer ficar lá em casa?

— Gosto de privacidade. — Limpei a garganta. Era melhor do que dizer: meu santo não bate com o da sua esposa.

— Pietra: a antissocial.

— Eu prefiro reservada.

— Certo, reservada. Algumas coisas não mudam — adicionou, sarcástico. — E a pousada? É bem simples, mas, pelo menos, fica na cidade.

— Aquela espelunca? Se é para ficar em um lugar antigo, melhor ficar aqui de graça.

Não estou em condições de gastar um centavo além do necessário.

— Conhecendo minha irmã teimosa, ontem, trouxe um jogo de cama limpo, travesseiros e toalhas, deixei no seu antigo quarto. Os talheres, pratos e copos estão limpos, vale jogar uma água antes de usá-los. Bom, fora o café que não pode faltar, na geladeira tem água, suco de laranja, iogurte e, na dispensa, umas bobagens. Dá para sobreviver até sua ida ao supermercado.

— Valeu. — Espreguicei-me sentindo o cansaço se apoderar do meu corpo. *Emoção cansa.*

— Eu me preocupo em te deixar sozinha, sem carro e... — fez uma pausa — com tantas lembranças para digerir. Bom — ele levantou a cabeça —, pelo menos a luz parou de piscar e, se precisar de ajuda, o Enrico tá aí do lado.

— O ogro? Deus me livre!

— Nem que seja por respeito à memória do avô dele, controle essa língua afiada, pirralha.

— Vou me esforçar. — Pisquei.

— A propósito, está errada sobre o Enrico, ele é gente boa. Um enólogo de primeira — Fabrizio emendou. — Fez cursos na Toscana e estagiou em grandes

vinícolas. O cara tem produzido vinhos orgânicos fantásticos.

— O que diabos é vinho orgânico?

— Ainda estou me familiarizando com esse conceito mais naturalista. Até onde sei, são vinhos feitos de uvas orgânicas, sem nenhum composto ou aditivo químico.

— Uau! Muito saudável. O senhor ogro-enólogo-orgânico conseguiu te impressionar.

— Pietra, colabora. Estou estudando uma parceria com a vinícola dele. Sangue novo. Vinhos orgânicos vêm ganhando mercado nos Estados Unidos e Europa. O povo adora uma novidade. Vai ser bom renovar a imagem tradicional da nossa empresa.

Nossa empresa. Remexi os pés, desconfortável. Era a minha chance de introduzir o assunto: empréstimo.

Deixei as palavras saírem em uma torrente antes que perdesse a coragem. Narrei meu fracasso nos negócios em linhas gerais, contei sobre a traição da minha sócia e sobre como a minha situação financeira estava desesperadora. Aguardei a reação dele, ofegante, minha dignidade tão desgastada quanto a pintura das paredes ao meu redor. Fabrizio me fitou por longos instantes antes de me dar a resposta que me fez cair para trás e afundar no acolchoado coberto de poeira do sofá.

— Falido? — Ergui as sobrancelhas. — Por que não me contou antes?

— Endividado. É bem diferente. — Cruzou os braços. — Desde que o coroa ficou doente, tenho levado os negócios como posso. Dei azar com alguns investimentos, acontece com empresários que se arriscam.

— A empresa sempre foi estável, nosso pai confiou em você para administrá-la. Por que foi arriscar nosso patrimônio?

— Falou a dona sensata. A inteligente da família, a que torrou toda sua grana e agora não tem nem onde morar. — Seu tom de voz subiu várias oitavas. Ele meteu a mão no bolso da bermuda tirando um maço de cigarros amassados e um isqueiro. — Sabe, fiquei cismado com a sua empolgação quando o pai nos falou sobre o documento da escritura — Acedeu um cigarro. — E achei esquisito você topar, logo de cara, reformar esse *lugar amaldiçoado*, como costuma dizer. — Fabrizio saiu caminhando em direção à varanda.

— Eu topei porque, segundo seu *e-mail*, *você* queria voltar a frequentar o sítio, receber seus amigos e criar seus futuros filhos em meio à natureza. Inclusive — fui andando atrás dele —, deixou claro que pagaria por meu trabalho de arquiteta e decoradora. Mas, principalmente, eu vim para te propor que comprasse a minha parte — admiti.

— Maravilha. — Ele soltou a fumaça cinzenta para cima e me fitou. — Veja a ironia da situação, eu contava que *você* me emprestasse o dinheiro da reforma e a

gente abateria da venda.

— Então era tudo mentira. — Afastei meu cabelo do rosto. — Igual quando me garantiu que tinha parado de fumar. — Contorci a boca. — Sua ideia sempre foi vender o sítio. Sequer cogitou vender a mansão onde vive?

— Minha casa é alugada. — Ele se aproximou. — Pietra, a Sienna nem imagina, ela não pode descobrir nada disso, muito menos nossos pais. Promete guardar segredo? Por favor.

— Eu tenho alternativa? — Dei de ombros, minha mandíbula travada. — Estamos no mesmo barco.

— Não vou deixar o barco afundar. Olha, há dois anos Vila Allegro passou a ser conhecida como a Terra do Vinho, estamos em alta. Além do que, a procura por sítios perto da capital aumentou muito, eu me informei. Os paulistanos querem fugir da selva de pedra e encontrar um lugar pitoresco para passar os finais de semana e as férias. Nosso terreno valorizou pacas, podemos ganhar uma nota.

— Problema resolvido, coloque o sítio à venda.

— Não é bem assim. — Ele crispou a testa. — As famílias estão buscando algo pronto. Ninguém quer ter trabalho. A casa precisa estar em ordem. Perfeita.

— Puta merda, com que dinheiro?

Segundos se passaram até Fabrizio responder:

— Me dê um pouco de crédito, tenho bons contatos. — Ele tragou o cigarro lentamente, depois jogou a bituca no chão e pisou em cima. — Vou pensar em um jeito de arrumar alguma grana para a reforma.

— E se endividar ainda mais. — Eu abaixei a cabeça sentindo um misto de raiva, tristeza e desespero.

Estamos ferrados. Logo eu, que sempre me gabei da minha independência financeira, em uma situação dessa.

— A gente se desentender não ajuda em nada. Vem aqui. — Fabrizio me puxou para um abraço. Meus joelhos tremiam, meus ombros estavam duros feito pedra. — É um problema temporário, prometo — disse baixinho ao meu ouvido. — Vamos conseguir resolver. Juntos.

Segurei as lágrimas. Meu irmão era um mentiroso de marca maior. Ainda assim, forcei meu cérebro a acreditar nele. Outra vez.

Fabrizio partiu, em seguida, ficou de trazer o Jeep pela manhã, o carro foi a única coisa que consegui manter.

Caminhei pela sala reparando nos pequenos detalhes. Em um primeiro momento, mantive uma visão profissional, tentava imaginar como poderia ser criativa: gastar o mínimo e causar uma ótima impressão para os futuros comparadores. Contudo, bastou chegar perto da lareira de pedra para que sentimentos guardados por quinze anos viessem à tona. Minha cabeça foi bombardeada por *flashes* do meu pai

sorridente colocando fogo na lenha e minha mãe trazendo *marshmallows* espetados em palitos compridos. Ri sozinha, pensando quantas vezes incendiei meus espetos. Também fazia parte do nosso ritual familiar de final de semana, seu Raul abrir uma garrafa de vinho, filosofar sobre uvas e, depois, colocar o disco do Sergio Endrigo na vitrola para dançar “*Lo te amo solo te*” com dona Telma. A noite costumava terminar com uma disputada partida de Uno ou Banco imobiliário. *Um tempo feliz, sem problemas. Tão diferente da atual situação.* Respirei fundo e me sentei em um dos sofás, as mãos espalmadas sobre as coxas.

Até poucas horas atrás, achava que ter perdido meu dinheiro, meu apartamento e precisar voltar ao sítio, onde jurei nunca mais pisar, era o pior que poderia me acontecer. Estava enganada. As lágrimas acumuladas no último mês, finalmente, resolveram sair.

E, de uma maneira estranha, a velha casa parecia me acolher.

NOITE DA FESTA

31 de dezembro de 1984

Pietra

PIETRA PISCOU ALGUMAS VEZES, sua cabeça rodando, tudo se tornara um grande borrão. Então, como se alguém tivesse ajustado um telescópio, o rosto anguloso do seu irmão entrou em foco. Ele a avaliava com a testa franzida, seu bafo era uma mistura de cigarro e álcool.

— Ei, pirralha, é quase meia-noite, quer passar a virada do ano dormindo? — Fabrizio ergueu uma das sobrancelhas.

— E-eu apaguei? — Ela girou o pescoço tentando se situar.

— É o que tudo indica — ele devolveu, seu tom mais agitado que o normal. — Olha, todo mundo está reunido no jardim para a contagem regressiva. O pai vai fazer um discurso, logo mais, vê se não demora — finalizou, lhe dando as costas.

Apoiada na beirada do sofá, Pietra se esforçou para ficar de pé, ao seu lado, uma xícara vazia explicava muita coisa.

Chá de camomila e seu efeito calmante.



— *Princesa*, vem cá, junte-se a nós — disse seu pai, a voz poderosa de barítono. Estava uns metros à sua frente, ao lado da mãe e do irmão. Pareciam aquelas fotos de família perfeita nos porta-retratos à venda em lojas de decoração. Seu rosto se contorceu em uma careta, detestava quando o pai a chamava assim em público, mas caminhou até eles.

Um clima de alegria flutuava no ar. O novo *hit* da banda Culture Club deixando os convidados eufóricos. Contudo, o efeito da luz das tochas, refletida em seus

rostos, tornava seus sorrisos sinistros. Pietra respirou fundo desejando poder desligar sua imaginação.

Tudo está sob controle, repetiu a frase da mãe mentalmente.

Logo que a música acabou, Raul Barone apanhou o microfone e deu algumas batidinhas nele pedindo atenção. Na sequência, agradeceu a presença de todos e ressaltou a importância da data.

— Queridos amigos, é hora de nos despedirmos de 1984, um dos melhores anos para a vinícola Barone. Em breve, daremos as boas-vindas a 1985. A ocasião pede uma comemoração à altura, com algo sofisticado. — Fez uma pequena pausa, criando suspense. — Por isso, essa noite, vocês provarão o espumante rosê desenvolvido na nossa vinícola, antes mesmo do lançamento.

— Bravo! — gritou um dos amigos e todos irromperam em um frenesi de aplausos.

Em uma sincronia perfeita, os garçons surgiram com algumas garrafas de rótulo dourado-claro onde se lia “Rose Allegro Premium” e começaram a distribuir taças para os presentes.

— Trinta segundos — alguém declarou.

— Vinte e nove, vinte e oito, vinte e sete... — os convidados iniciaram a contagem regressiva em uníssono.

Pietra contraiu os ombros, aquilo parecia uma bomba relógio prestes a explodir.

— Colabora, pirralha — Fabrizio sussurrou —, precisa melhorar essa cara ou vai chatear o pai.

Antes que ela tivesse a chance de responder, Sienna chegou por trás e se pendurou no pescoço do irmão, colando os lábios em seus ouvidos. Pietra conseguiu captar algo sobre retoque de maquiagem. Ao notá-la, a cunhada abriu um sorriso de cinema. Porém, por trás de seus olhos contornados de forma impecável por lápis preto, despontava uma angústia impossível de ignorar.

— Quatro, três, dois... — As vozes se elevavam.

A respiração de Pietra acelerou. A franja suada grudando na testa.

— Feliz Ano-Novo! — E a bomba explodiu em forma de fogos de artifício, colorindo o céu.

Raul Barone foi abrindo uma garrafa de espumante, a rolha voou longe, a espuma escorrendo pela grama.

Ouviram-se mais aplausos.

— Feliz Ano-Novo, *princesa*. — Ele segurou a filha pela cintura e a rodopiou no ar, as mãos molhadas da bebida. Estava contente demais para notar seu tremor.

Não estrague o momento, Pietra disse a si mesma.

Sua mãe lhe deu um longo beijo na bochecha assim que aterrissou na grama.

— Será um ano memorável — profetizou, abrindo um sorriso. Então, sua atenção se voltou para o primogênito saindo de fininho de mãos dadas com Sienna.

— Onde esses dois vão com tanta pressa?

— Deixa o *ragazzo* namorar em paz, *amore mio*. — Raul salpicou um selinho na boca da esposa.

No minuto seguinte, Pietra e seus pais estavam rodeados por convidados animados agradecendo a linda festa.



O barulho se tornava cada vez mais infernal. O show pirotécnico, as risadas, os copos tilintando. A música altíssima. Pietra levou as mãos aos ouvidos. Marco cruzou por ela com uma câmera de vídeo apoiada no ombro.

— Oi, baixinha esquisita. Quais são suas primeiras palavras para o ano de 1985?

— Ele se encurvou, apontando a lente para ela.

— Vai à merda, idiota.

— Quanta agressividade. — Ele abafou a risada.

Aquilo foi a gota d'água, Pietra precisava de espaço. Deixou Marco falando sozinho e se afastou alguns metros da confusão. Recostou-se no tronco de uma árvore e soltou o ar com força. Então, pelo canto do olho, notou uma silhueta perto da trilha que levava ao lago. Forçou a vista, porém, a figura misteriosa desapareceu do seu campo de visão feito mágica.

Pietra voltou a observar a festa. As pessoas dançavam ao redor da piscina para seu desespero. A visão turva de um corpo boiando se infiltrou em seus pensamentos. Então, decidiu recontar o número de presentes. Pelo seu cálculo anterior, eram quarenta e cinco, no total, incluindo os garçons contratados. Estranhou a ausência do irmão, de Sienna e de alguns dos seus amigos, mas concluiu que poderiam ter ido fumar escondidos.

A verdade era que não tinha certeza de quem era quem naquele tumulto.

Porcaria, perdi o controle, admitiu.

De repente, uma ideia estalou em sua cabeça. Fabrizio costumava fumar na trilha do lago. Pietra teve a sensação de que seu sangue parara de correr. *Nunca foi a piscina*.

Disparou pela trilha. Quando deu por si, estava embrenhada na mata. A escuridão a envolveu, parecia querer lhe engolir, se sentia desorientada contando apenas com a tênue luz da lua. Aos poucos, os sons da festa foram ficando para trás, tudo que escutava agora era um longo “huuuuu” de uma coruja e o barulho

dos seus pés amassando as folhas. Na correria, o galho fino de um arbusto se enrolou em seu tornozelo, fazendo-a tropeçar. Pietra soltou um palavrão amaldiçoando Fabrizio.

Droga, ele sabia da premonição, viu meu desespero. Por que raios se arriscaria?

A trilha ia se estreitando, a decida se tornava íngreme, Pietra reconheceu o trecho. *Estou quase lá.* Um farfalhar chamou sua atenção, era como se alguém estivesse empurrando os arbustos para passar. Seu estômago deu uma cambalhota.

— Fabrizio? — arriscou, a adrenalina bombeando em suas veias.

O silêncio foi sua única resposta. Ela apertou os punhos, seu corpo assumiu uma postura defensiva.

E se for um bicho? Semana passada, cruzamos com uma família de javalis. Eles não atacam humanos sem motivo. Na teoria.

O medo crescia dentro dela, Pietra mandou seu cérebro se acalmar. Voltar não era uma opção.

O percurso final demorou menos de cinco minutos. Parada, na beira do penhasco, ela olhou para baixo. A luz da lua refletida no lago.

— Fabrizio, Sienna! — berrou para o nada. Sua voz saiu rouca, arranhada na garganta. Não tinha ninguém ali.

Tá legal. Sou oficialmente patética, além de estar com folhas por todo o cabelo, um machucado na canela e o vestido imundo.

Quase podia ouvir o sermão de sua mãe: Pietra, nem em dia de festa você consegue manter a linha? Porque dona Telma era a única no universo capaz de estar impecável vinte e quatro horas por dia. *Nunca vou me encaixar nos padrões dela.*

Pietra decidiu ir embora, mas era como se uma força invisível a impedisse de partir. Novos fogos de artifício iluminaram o céu, ela voltou a observar o lago, agora com reflexos coloridos que pareciam dançar naquelas águas calmas.

Então, sua vista se fixou em algo boiando. Grande demais para ser um peixe.

À medida que Pietra descia pelo barranco escorregadio, a imagem ia ganhando definição: cabelos escuros, ombros largos. A cabeça submersa na água. Uma cena familiar roubada de um pesadelo. Contraiu os lábios. *Não pode ser.*

— Aguenta firme, tudo está sob controle. — A frase da mãe escapou de sua boca como um mantra. E Pietra precisava desesperadamente crer naquilo. Livrou-se das sandálias incômodas em segundos e, sem pestanejar, se jogou no lago.

O choque da temperatura fria enrijeceu seus músculos de imediato, trincando a mandíbula e lutando para manter o autocontrole. Pelo menos, era uma parte rasa, a água batia na altura do seu peito. O corpo boiava poucos metros adiante. Ela quis

acelerar o passo, mas a lama do fundo do lago somada ao peso do seu vestido encharcado comprometiam sua agilidade.

Por fim, conseguiu alcançar o braço dele, a pele gelada. Engoliu em seco.

— E-eu vou te ajudar — disse em um fio de voz.

Levou alguns minutos para conseguir girar o corpo flácido e escorregadio. Ao encarar aquele rosto bonito tão pálido e de lábios roxos, uma onda de tristeza a atingiu.

Pietra se recusava a acreditar que aquilo pudesse estar acontecendo. Ergueu o tronco dele apoiando seu queixo no ombro dela. Se o mantivesse apertado o suficiente em seu abraço, talvez pudesse aquecê-lo. Pingos de água desciam dos cabelos encharcados dele fazendo a pele de Pietra estremecer, perdendo a noção de quanto tempo ficaram assim. Ele não reagia. A dura realidade a atingiu. Nunca mais escutaria sua risada. Nunca mais veria seus olhos verdes. Nunca mais dançariam juntos.

A dor era indizível. O coração de Pietra se encolheu no peito feito uma uva passa. *É tudo culpa minha.* Sentia-se derrotada, impotente. Lágrimas quentes escorriam pelas suas bochechas. Abriu a boca para gritar.

Seus lábios se moveram, porém, nenhuma voz saiu.

E isso durou um ano.



CAPÍTULO 2

DAVA PARA VER AS PARTÍCULAS DE POEIRA dançando no ar. Meu nariz coçava. Meus olhos inchados. *Rinite desgraçada.*

Vasculhei meu nécessaire em busca do antialérgico, troquei o pijama por um short de malha, uma camiseta regata, prendi meus cabelos em um rabo de cavalo e fui me arrastando até a cozinha. A luz fraca da manhã adentrava pela vidraça descortinada, sombreei a vista com a mão, me adaptando à claridade. Meu estômago protestou, pudera, eu tinha jantado um saco de batatas fritas que achei na despensa escassa. Contudo, a geladeira tampouco me oferecia variedade.

Apanhei a garrafa de suco de laranja e dois potes de iogurte de morango. Sequer pensei onde estariam os copos e talheres, meu corpo agia em modo automático. *Velhos hábitos.* Passei uma água em tudo e sentei-me à mesa redonda com direito à vista para o jardim. Engoli o comprimido com um gole de suco e devorei os iogurtes, enquanto observava uma grama seca, flores murchas, arbustos cheios de ervas daninhas, piscina esverdeada e bancos descascando. Fui anotando tudo mentalmente. A lista de itens para arrumar crescia.

Passada meia hora, o remédio começou a fazer efeito.

Sem chance de ficar esperando uma faxineira cair do céu.



— Está de sacanagem? — Encarei o aspirador arcaico. — Por que você não liga?

Depois de várias tentativas frustradas, voltei à lavanderia. Revirando o armário alto, conclui que me restava encarar uma vassoura quase sem cerdas, uma pá rachada, um rodo capenga, um espanador, um balde e um par de produtos de limpeza pela metade. *Pelo menos são dessa década.*

Entrei no meu antigo quarto munida. A primeira coisa que fiz foi abrir a janela para arejar o ambiente e evitar uma nova sinfonia de espirros. Passei as duas horas seguintes de um lado para o outro, espanando objetos empoeirados e varrendo o chão. Sempre ouvi falar que quando voltamos aos locais da nossa infância, os percebemos menores. Estava diante de uma exceção à regra. O cômodo devia ser do tamanho do meu apartamento de São Paulo.

Ex-apartamento, me corrigi. Aquele que você perdeu por ser ingênua e acreditar demais nas pessoas.

O suor escorria pelas minhas costas. Cansada, me joguei no pufe fofão rosa-choque sentindo-me uma típica adolescente. Era tão surreal encontrar tudo intocado: a escrivaninha, a cama, o gaveteiro — feitos no mesmo tom de madeira avermelhada, o abajur neon com a palavra “love” e até os adesivos que brilhavam no escuro grudados no teto. Tive um vislumbre de mim mesma fitando aquele teto estrelado, imaginando meu futuro promissor, desejando, um dia, ser notada pelo meu amor platônico. Uma época lúdica, em que sonhos não conheciam limites. *Onde foi parar essa garota? Ela também morreu no Réveillon de 1985*, minha voz interna se encarregou de responder.

O conhecido sentimento de culpa emergiu de um canto obscuro do meu cérebro.

— Confrontar o passado vai te ajudar a lidar com seus demônios internos — sussurrei para mim mesma as palavras da minha última terapeuta.

O pôster à minha frente, um tanto amarelado, preso por tachinhas na lateral do armário, roubou minha atenção. *Footloose*. O filme com a melhor trilha sonora de todos os tempos. *Nossa, eu era tão obcecada pelo gingado do Kevin Bacon*, ri com a lembrança. Isso sem falar no fato de a história se passar em uma pequena cidade. Na época, bastava ser adolescente em Vila Allegro para se identificar. Deve ser por isso que *Footloose* ficou em cartaz por meses. Mas, as semelhanças não paravam por aí — meu peito apertou. — A trama musical sobre dança também girava em torno de um jovem morto em um acidente. *A vida não é uma grande festa*.

De repente, uma rajada de vento abriu a porta do quarto. Dei um salto do pufe. No fim, era só uma corrente de ar, algo recorrente se deixássemos as janelas da sala abertas. Eis a parte estranha: eu podia jurar que tinha fechado todas antes de dormir.

Será que Fabrizio chegou? Resolvi checar.

No caminho para a sala, ouvi um barulho. Diminui o passo e girei o pescoço. Havia uma porta entreaberta no final do corredor, justo a do quarto que costumava ser do meu irmão.

— Fabrizio? — Fui me aproximando.

A resposta não veio. Por outro lado, o barulho misterioso ia tornando-se mais claro.

Água corrente. Minha pulsação acelerou, vinquei a testa.

— Fabrizio — enfiei a cabeça pela porta —, tá tomando banho? — Elevei meu tom de voz.

Uma brisa agitou a cortina fina do cômodo. Pelo visto, não tinha fechado todas as janelas. Ou, alguém invadiu a propriedade depois que o caseiro foi embora.

Besteira, entra logo, mais uma vez, meu bom senso se intrometeu.

Um dos porta-retratos em cima de um móvel baixo parecia me encarar. Nele, uma foto do meu irmão em sua versão jovem abraçado a Luca. Os dois sorrindo para a câmera na beira da piscina. Meus pensamentos voltaram ao verão de 1984.

Não quero pensar nele, balancei a cabeça e apertei os olhos sorvendo o ar.

Então, um perfume amadeirado chegou ao meu nariz fazendo os pelos do meu braço se arrepiarem. *Isso é impossível!*

— A mente, às vezes, nos prega peças. — Minha memória trouxe de volta as palavras da minha mãe. No entanto, o ruído vindo do banheiro me parecia bastante real.

— Estou entrando, Fabrizio. — Abri a porta do banheiro de supetão.

Não havia ninguém. Ainda assim, a água jorrava da pia inundando tudo ao redor.

— Inferno! — Comprimi os lábios, abismada.

Por pouco, não escorreguei no piso cerâmico. Estendi o braço em direção à torneira tentando fechá-la. Ela até girava, mas o jato de água ia aumentando. Conclui se tratar de um vazamento e sabia muito bem o preço da troca de um cano.

— Não temos dinheiro para isso — sussurrei, me apoiando na parede de azulejos brancos com os ombros curvados, completamente derrotada.

Do nada, a água cessou. Ergui uma sobrancelha. Girei de novo a torneira. Ela funcionava sem vestígios de qualquer problema.

— Que diabos aconteceu aqui?

Minha cabeça, a mil, buscava uma resposta razoável, independentemente de qual fosse, precisava dar um jeito na bagunça do banheiro e não fazia ideia de onde estavam os panos de chão. Uma voz, vinda da sala, interrompeu meu raciocínio.

Graças a Deus, agora meu irmão chegou.

Corri até lá, minha camiseta pingando deixava um rastro de água no piso de madeira. Encontrei todas as janelas escancaradas e nada do Fabrizio. Porém, em meio ao assobio do vento, havia mesmo uma voz, quase inaudível. Agucei meus ouvidos levando alguns segundos para perceber que, na verdade, era uma música. Fitei o antigo aparelho de som na estante de mogno.

Incrível que funcione depois de tantos anos.

— Deixa disso, Fabrizio, não tem a menor graça. — Fui me aproximando do móvel com a certeza de que meu irmão estava escondido atrás dele.

O volume aumentou de súbito e o refrão de *Almost Paradise* preencheu o ambiente: “Eu juro que podia ver sempre em seus olhos o paraíso”, dizia a música romântica, tema do filme *Footloose*. Paralisei. Recordações doces retornavam em uma enxurrada inexorável com a potência de um tsunami. Os braços dele na minha cintura, minhas mãos em seu pescoço, seu hálito quente, seu cheiro, seu sorriso.

Dançar com Luca era quase o paraíso. Espera, como a música aumentou?

A reflexão me trouxe ao presente. Fabrizio deve ter usado o controle remoto, entortei a cabeça para comprovar minha teoria. Mas meu irmão não estava atrás da estante. Nem ele e nem ninguém. Além disso, aquele som nunca teve controle remoto. Sentia-me zozza. Tudo se embaralhando na minha cabeça, os recentes acontecimentos contrariavam qualquer lógica. Segurei-me em uma das poltronas para recuperar o equilíbrio. Com o coração disparado, dei alguns passos à frente em direção ao aparelho de som. Uma fita cassete rodava lá dentro, apertei o botão de “parar” e, num ímpeto, a arranquei.

— Co-mo assim? — Reconheci minha caligrafia no adesivo desgastado: sucessos internacionais 1984.

Putá merda, cobri a boca com minha mão livre.

Ainda que Fabrizio tivesse encontrado aquela fita e a deixado ali, aparelhos de som não ligam sozinhos e nem pias jorram água como se tivessem vida própria.

Água... o lago, minha mente completou a lacuna.

Mas, como era possível? Ele se foi há tanto tempo.

— Lu-ca? — balbuciei. Meus punhos cerrados junto ao corpo.

Um minuto se passou. Nada aconteceu. Minha ansiedade só aumentava, sentia dificuldade de respirar e estava assustada demais para ficar parada esperando a resposta de um *fantasma*. Ordenei que minhas pernas trêmulas se movessem. Depressa.

Saí o mais rápido que pude em direção ao jardim. Sentei-me em uma das namoradeiras, abracei meus joelhos encolhida pelo medo, tremia da cabeça aos pés.

Inspira e expira. Preciso recuperar a calma.

Recapitulando os fatos, conclui que a combinação: saudade, estômago vazio e antialérgico deve ter afetado meu psicológico. *Luca morreu*. Espíritos partem para outro plano, não ficam zanzando por aí. Muito menos durante quinze anos. Eu acreditava piamente nisso. Até agora.

Entretanto, eu sabia, por experiência própria, que nem tudo tinha uma explicação lógica. Antes que eu conseguisse processar tantos sentimentos conflitantes, o som de uma buzina conhecida fez meu olhar se voltar para a rua. Fabrizio surgiu em meio a uma fumaça de terra. Pilotava o Jeep feito um doido com um dos braços

para fora segurando um cigarro. Por fim, eu não estava mais sozinha. Levantei-me ligeira para abrir o portão, ansiosa para desabafar.

Fabrizio embicou o Jeep e desceu saltitante.

— *Ciao, cara sorella*. Tenho novidades! — Foi dizendo, eufórico.

— Eu também preciso conversar contigo. — Minha voz vacilou.

Completamente alheio à minha expressão de pânico, ele sorriu e me rodopiou no ar. *Uma mania dos homens da minha família*.

— Vamos comemorar! Eu sou incrível — repetia.

— Tá legal, senhor incrível, pode me pôr no chão?

Meu irmão me obedeceu sem perder o bom humor.

— Fala logo, que bicho te mordeu? — Cruzei os braços.

Ele limpou a garganta e anunciou a boa nova num tom solene. Um jovem investidor queria alugar o sítio para uma grande festa: o Réveillon da virada do século. O investidor iria nos dar um bom adiantamento, segundo Fabrizio, o suficiente para a reforma, se eu trabalhasse sozinha. Além do dinheiro do aluguel, a bebida ficaria por conta da vinícola Barone e nos renderia uma grana extra.

— Eu prometi que faríamos a melhor festa. — Meu irmão tocou a ponta do meu nariz. — Esse cara é nossa “galinha dos ovos de ouro”, conhece um monte de gente importante na capital. Depois da festa, não nos faltarão compradores — finalizou, orgulhoso.

— Espera — levei as mãos à cintura —, terei menos de um mês para deixar tudo isso aqui em ordem? Fabrizio, eu nem sei se...

— Pode parar — ele me cortou —, sem pessimismo. Diga: vai dar certo.

— Eu só preciso... pensar — hesitei, prendendo a respiração. Depois do que acabara de presenciar, seria capaz de permanecer no sítio?

— Pensar? — ele repetiu a palavra com desdém. — Esquece. Eu já fechei com ele, Pietra. A primeira parcela vai cair na minha conta amanhã.

— Não acho certo. Era sua obrigação ter me consultado antes. — Os músculos do meu rosto se tensionaram.

— Tenho que ser mais claro sobre a minha situação. — Fez aspas com os dedos e me olhou sério, a voz tornou-se áspera. — Aliás, vale lembrar que não é apenas o meu futuro que está em jogo.

Engoli em seco. Ele tinha razão, era uma oportunidade única. Eu não podia me dar ao luxo de desmoronar por causa de um suposto fantasma.

— Tudo bem. — Suspirei, resignada.

— Muito melhor assim. — Seu semblante se suavizou. — E sobre o que queria conversar? — Ele acendeu outro cigarro.

Eu abri e fechei a boca igual a um peixe. Fabrizio era cético, nunca acreditou no sobrenatural, tirava sarro da minha cara em relação às minhas premonições. Como

podia contar que o sítio, nossa única esperança de recuperar algum dinheiro, era mal-assombrado?

Droga. Ter sido uma adolescente bizarra já não foi o suficiente?

— Pietra? — Ele me observava na expectativa.

— É um assunto sério. — Fiz uma careta. — Acho um verdadeiro insulto chamar o que você deixou na despensa de comida — disfarcei. — Quer me matar de fome?

Ele soltou uma gargalhada.

— *Scusa, sorellina.* — Ergueu os braços num gesto exagerado. — Para sua sorte, é hora do almoço e estamos em Vila Allegro, onde se come a melhor lasanha do planeta. — Vamos nessa?

Minha boca salivou. *Lasanha. A única coisa capaz de melhorar meu humor desde sempre.*

— Preciso trocar de roupa antes.

— Tudo isso é suor ou caiu na piscina? — Ele apontou com o queixo para a minha camiseta úmida.

Sem vontade de explicar, dei de ombros e entrei em casa evitando pensar em fantasmas.

Você consegue, Pietra. Porque você não tem escolha.

CAPÍTULO 3

— OI? AINDA POR CIMA, terei que planejar o Réveillon? — Dei uma freada brusca. Ergui meus óculos escuros e encarei meu irmão.

— Bom, se sobrevivermos até lá. — Ele riu. — Presta atenção na estrada, Pietra. Qual é o problema, afinal?

— Você só disse que eu me responsabilizaria pela reforma, não pela festa.

— O investidor cogitou contratar uma dessas decoradoras famosas, falei que você, com sua vasta experiência com eventos, a organizaria. Não era isso que fazia na sua empresa?

— Ah, lógico. Aquela empresa que acabei de falir?

— E vai duvidar da sua capacidade porque a pilantra da sua sócia te sacaneou? Relaxa. Eu ajudo com os fornecedores, sua parte será a criação de um conceito e a escolha da decoração.

Três semanas para deixar o sítio em ordem, produzir uma festa e, literalmente, enfrentar meus fantasmas.

Tenho motivos de sobra para relaxar.

Fabrizio indicou que eu estacionasse o Jeep numa rua tranquila.

— É aqui. — Ele abriu sua porta e saltou do carro.

Elevei a cabeça estudando o local. Eu me lembrava daquela casa de arquitetura colonial, com seu telhado de cerâmica, muitas janelas e a varanda ladeada por colunas de gesso. Nem parecia a mesma com a nova pintura, um amarelo suave. As janelas antigas também haviam sido reformadas.

Pequenos detalhes fazem uma grande diferença.

— Esse é o novo *point* de Vila Allegro. E, pasme, não se trata de um restaurante italiano. O cardápio é de comida contemporânea, uma espécie de releitura de pratos tradicionais. Nunca comi uma lasanha melhor.

Lasanha. Minha boca voltou a salivar.

O sino de ventos preso acima da porta tilintou assim que entramos. O interior do restaurante mantinha o tom de amarelo da fachada, o toque especial vinha das

samambaias suspensas no teto, além de duas paredes distintas das demais. Uma de tijolos aparentes e a outra revestida por madeira clara, onde quadrinhos coloridos exibiam frases como: “O ingrediente secreto sempre é o amor”, “O sabor da vida depende de quem tempera”, “Primeiro sorria, depois encontre os motivos.”

Um misto de cafeteria e bistrô com um quê de autoajuda, concluí.

— Senhor Barone, seja bem-vindo. — Uma garota curvilínea veio ao nosso encontro, ela era jovem, dezessete anos, no máximo.

— Mesa para dois, por favor — pediu Fabrizio.

— E a senhora Sienna? — A garota de franja irregular estilo grunge me mediu, parecia decepcionada.

— Ela está ocupada preparando o lançamento de verão na boutique. Essa é a minha irmã caçula. — Ele jogou seus braços sobre meus ombros.

— Nossa, a nova coleção deve ter ficado um arraso. — Os olhos castanhos dela brilharam.

Era nítido que fazia parte do fã clube da minha cunhada e, a observando melhor, lembrava Sienna nessa mesma idade. Eu agradeci em pensamento a informação de Fabrizio, não estava com o menor humor para encontrar a dona esnobe e passar o almoço ouvindo sobre as tendências da estação.

— Bem-vinda ao Lótus, senhorita... — A garçonete fez cara de interrogação.

— Pietra — completei.

Ainda era cedo, havia poucos lugares ocupados. Ela nos conduziu a um canto aconchegante perto da janela, deixando um cardápio no tampo de mármore da mesa.

— Nem precisa — Fabrizio empurrou o cardápio de volta —, queremos lasanha. E, por favor, traga também uma garrafa *daquele* vinho para a Pietra provar. — Está precisando — ele sussurrou essa última parte para mim.

— Claro. — Bia nos deu as costas e saiu andando para a cozinha.

No minuto seguinte, uma mulher de cabelos crespos presos no alto da cabeça e vestindo avental por cima da roupa colorida atravessou o corredor a passos largos. Vinha em nossa direção.

— Cara, não acredito. Pietra Barone? É você mesma?

Eu olhei para a mulher e depois para Fabrizio pedindo, em silêncio, uma luz.

A mulher postou-se ao meu lado, me levantei por educação disfarçando o constrangimento. Ela me abraçou. Cheirava a manjerição.

— A Maria é a chefe de cozinha e proprietária do Lótus — Fabrizio apressou-se em explicar.

A tal Maria me soltou e deu um passo para trás. Nós nos encaramos por um breve momento. A imagem de uma menina de vestido estampado e All Star de cano alto vermelho pipocou em minha mente.

— Espera aí — uni as sobrancelhas —, você é a Maria Teixeira? — arrisquei.
— A própria. — Ela se voltou para o meu irmão, as mãos apoiadas na cintura.
— Fabrizio, você não me disse que a Pietra vinha. E, pelo visto, nem mencionou nada sobre mim.

— Uma gafe, confesso. — Ele soltou um risinho. — Em minha defesa, tinha me esquecido que vocês eram amiguinhas do jardim da infância. Também, isso faz séculos, você morou aqui por pouco tempo.

— Maria, quantos anos tinha quando deixou Vila Allegro? Oito? — Tomada por uma nostalgia repentina, disparei a falar, o que não era o meu normal.

— Tinha nove. — Ela abriu um sorriso divertido e uma covinha familiar se formou em suas bochechas, agora menos volumosas devido à passagem do tempo.

— É bom te ver. — Retribuí o sorriso. — Uma feliz coincidência.

— Nada é por acaso, Pietra.

Maria sentou-se alguns minutos conosco e resumiu as últimas duas décadas de sua vida. Aos nove anos, retornou com os pais para o Rio de Janeiro, sua cidade natal. Entrou na faculdade de gastronomia com dezessete, trabalhou em diversos restaurantes, onde ganhava bem. Contudo, nunca se identificou com a vida agitada dos cariocas. Além disso, queria ter seu próprio negócio e os preços dos aluguéis no Rio estavam exorbitantes. Quando, no ano anterior, seu avô faleceu e a avó caiu em uma depressão profunda, Maria enxergou a situação como um *sinal do destino*.

— Então, aqui estou. Prestes a completar trinta anos, morando com minha avó no vilarejo onde passei parte da minha infância — fez uma pausa — e realizando o sonho de ser a dona do meu negócio. A vida é cíclica.

O burburinho de vozes aumentava. A chefe olhou de esguelha para entrada.

— Horário de pico. O dever me chama. — Ela se levantou da cadeira num movimento rápido e voltou-se para mim. — Se estiver com tempo, fica um pouco mais, vou adorar colocar o papo em dia.

— Bem — mordi os lábios, havia algo de tão reconfortante nela —, meu único compromisso para hoje é com o supermercado — brinquei.

— Maravilha. — Ela bateu palmas, empolgada. — Desfrutem da refeição.

A versão genérica-juvenil da Sienna chegou, trazendo na bandeja duas pequenas caçarolas fumegantes e uma garrafa de vinho de rótulo prateado.

— Pode deixar o vinho na mesa, Bia, eu mesmo abro — Fabrizio informou.

— Hum. — Analisei a comida à minha frente com o queijo gratinado borbulhando. — Gostei da apresentação, uma lasanha *gourmet*. E esse cheiro... — Semicerrei os olhos.

— Espere até provar, mas, primeiro, proponho um brinde. — Fabrizio nos serviu do vinho tinto.

Tive que controlar minha vontade de atacar a comida.

— À festa da virada do milênio no sítio. — Ele aproximou sua taça da minha. — Que esse dinheiro resolva todos os nossos problemas — murmurou, como se a frase fosse uma oração. — Vamos nos reerguer, pirralha. Somos os irmãos Barone.

— Se você diz. — Aproximei meu nariz da taça, a girei entre os dedos e tomei um longo gole da bebida de cor vermelho púrpura.

— Qual o veredito? — Fabrizio perguntou.

— Delicioso. — Dei mais um gole mantendo o vinho alguns segundos na boca para sentir melhor o sabor. — Um Malbec — afirmei. — Esse tem um buquê amadeirado, aroma de frutas vermelhas com um toque de figo e... chocolate. Acidez equilibrada. Suave e levemente adocicado sem ser enjoativo.

— Sempre foi boa nisso. Acaba de provar um Malbec orgânico. — Ele apontou para o rótulo e começou a ler, pronunciando as palavras devagar. — Vinícola Savoia, *Gran reserva*, da safra do ano passado. Um sucesso, especialmente entre as mulheres. Entendeu a importância de manter uma boa relação com o vizinho? — provocou.

Senti meu rosto se contorcer em uma careta, abocanhei um pedaço de lasanha para não soltar um palavrão. Desde criança, meu irmão adorava me tirar do sério.

— *Buon appetito, cara sorella*. — Os cantos da boca dele se curvaram para cima.

A lasanha era mesmo dos deuses. Raspei a caçarola.

— Por acaso, avisou para o Carlo que vinha? — Fabrizio questionou. O olhar disperso passeando pelo restaurante.

— Não falo com meu padrinho há alguns meses. Por quê?

— Eu não te entendo. — Ele se inclinou para frente, apoiando os cotovelos na mesa. — Carlo enriqueceu, ganha rios de dinheiro, o plano de saúde dele é um sucesso. Talvez você nem tivesse que ter vendido o seu apartamento às pressas. — Finalizou seu vinho.

— Pirou? — Foi minha vez de virar a taça. — Se eu pedisse dinheiro emprestado, Carlo contaria na hora para nossos pais.

— Um orgulho besta, Pietra. — Estalou a língua. — Seria o fim do mundo se descobrissem o seu segredo? Já sei, prefere não manchar a imagem de princesinha do papai.

— Não se trata da minha imagem. — Eu o fuzilei com o olhar. — Nosso pai enfrentou um câncer, não é pouca coisa, ficou debilitado. Como podia dar esse desgosto para ele? — Travei os dentes. — É bom você me agradecer. Se o pai soubesse da *minha* situação financeira, acha que me permitiria aceitar dinheiro do Carlo? Por que precisaria? Somos a próspera família Barone, donos de uma vinícola bem-sucedida — ironizei.

Fabrizio se ajeitou na cadeira, desconfortável. Serviu-se de mais bebida. Parecia enfrentar um conflito interno.

— Pois é, maninho. Óbvio que nada disso passou pela sua cabeça. — Revirei os olhos.

Houve um momento de silêncio. Então, Fabrizio tossiu de leve olhando para além de mim.

— Pietra? — Reconheci a voz do meu padrinho às minhas costas. Girei o pescoço.

— Oi, Carlo. — Sorri, sem graça.

— Te vimos de longe assim que entramos. — Ele puxou uma cadeira, sentando-se ao meu lado. — Anna disse que era você, mas eu não acreditei. — Carlo apontou para uma mesa distante, a mulher acenou.

Acompanhei, com o olhar, Anna cruzando o restaurante para se unir a nós. Usava uma camisa que parecia sufocá-la, o cabelo preso em um coque impecável. As roupas formais de ambos contrastavam com o ambiente descolado.

— Deveria ter me falado que eles estavam aqui — sussurrei para meu irmão.

— Pietra, querida, que surpresa. — Anna curvou-se e me deu um beijo no rosto. — Cada vez mais linda.

Eu enrubesci. *Minha conhecida dificuldade de aceitar um elogio.*

— Sabe, seu padrinho já se perguntava como Pietra Barone poderia estar em Vila Allegro e nem nos fazer uma visita. — Anna crispou a testa.

O garçom que passava se apressou em arrumar outra cadeira. Ela agradeceu com um gesto de cabeça e sentou-se ao lado do marido.

— Dona Anna, a Pietra pode estar gata, mas continua sendo a mesma antissocial — Fabrizio ironizou.

— Que mentira, cheguei ontem — expliquei.

— Menos mal. — Carlo piscou. — E o que a traz de volta?

— Bem — hesitei por um instante.

— A Pietra pretende passar algumas semanas no vilarejo, vai reformar o sítio — dessa vez, Fabrizio respondeu por mim.

— Isso é... fantástico. — Carlo cobriu minha mão com a sua de forma amorosa. — A grande empresária conseguiu um respiro no trabalho?

Eu e meu irmão nos entreolhamos.

— Tirei férias — menti.

— Sua mãe comentou sobre a reforma, eu só não esperava que você se envolvesse pessoalmente, depois do... — Carlo se deteve, deixando a frase em suspenso. — Esquece, é uma alegria tê-la conosco. Está hospedada na casa de Fabrizio ou na pousada? — Ele tratou de mudar de assunto.

— Na verdade, estou no sítio para facilitar a logística do trabalho.

— Sozinha? — Anna apertou os olhos emoldurados por rugas.

— Eu também não concordo — meu irmão disse.

— Caso mude de ideia, fique lá em casa. O Marco chega amanhã. Vem passar um tempinho conosco, mas a suíte de hóspedes está disponível — Anna falou gentilmente.

Eu me engasguei com o vinho. Adorava a companhia do meu padrinho e dona Anna me tratava com carinho, mas daí a ficar sob o mesmo teto do Marco, Deus me livre. Ele sempre foi um metido a besta e me chamava de *baixinha esquisita*. Sendo justa, não nos víamos havia mais de dez anos, porém a essência das pessoas não muda, certo?

Uma vez idiota, sempre idiota.

— Valeu pela oferta, mas não posso aceitar e atrapalhar o momento em família de vocês.

— Bobagem. Você é família — adicionou Carlo.

Um barulhinho insistente interferiu na nossa conversa.

— Desculpem, preciso atender a ligação. — Fabrizio abriu seu celular moderno, bem diferente do modelo arcaico do meu. — Dava para ouvir a voz estridente de Sienna do outro lado da linha.

— Minha sobrinha e seus chilikues — Anna cochichou para mim. — Todo lançamento de coleção é a mesma história.

— Já estávamos de saída — Carlo se levantou. — Pietra, pelo menos, pense a respeito. Nos preocupamos com você isolada. — Ele me deu um beijo na testa.

— Querida, independentemente da sua decisão, passe lá em casa. Vou preparar seu bolo favorito. Como nos velhos tempos. — Anna levantou-se na sequência.

— Esperem — Fabrizio tampou o telefone —, pode me dar uma carona até a boutique, Carlo?

— Lógico. Vou pagar a conta e te aguardamos lá fora.

— Está indo embora? — questionei meu irmão assim que os dois se afastaram. — Esqueceu do nosso planejamento? Queria entender de quanto dinheiro estamos falando.

— Desculpa, fiquei de ajudar a Sienna. — Ele arrancou duas folhas do seu talão de cheque e me entregou assinadas.

Meu irmão seguia sendo o cachorrinho da esposa, bastava Sienna estalar os dedos e ele estava disponível. Apostaria todas as minhas fichas pretas que a boutique fazia parte das dívidas.

— Melhora esse humor. Até onde sei, você combinou de conversar com a Maria, vai ser bom se distrair um pouco. Pague o almoço e seu supermercado. Amanhã cedo, passo no sítio

O restaurante se esvaziou na mesma rapidez que se encheu. Sozinha, fiquei observando o movimento dos garçons limpando as mesas, clientes pagando suas contas e deixando o estabelecimento satisfeitos.

— Me dê cinco minutos. — Maria passou por mim esbaforida, usava uma touca.

Enquanto eu bebia o restante do vinho, deixei minha mente vagar. Com o meu currículo, podia arrumar trabalhos em São Paulo, dizer aos meus pais que recebi uma proposta irrecusável pelo meu apartamento e viver um tempo na casa deles. Só até me restabelecer.

Fabrizio que se vire com a venda do sítio mal-assombrado, ele é o único responsável por essa situação.

— Saco, não posso deixar meu irmão sozinho nessa — eu me vi balbuciando.

E, no fim das contas, meus pais também dependiam do dinheiro da vinícola. As lágrimas umedeceram meus olhos. Enterrei a cabeça nas mãos me forçando a engolir a frustração.

Mas, como diz o ditado: sempre pode piorar.

O sino dos ventos tilintou. Ergui o rosto sentindo-me um pouco tonta. Um homem alto de ombros largos entrava com uma caixa nas mãos.

— A Maria está na cozinha, seu Enrico — declarou um garçom.

O homem agradeceu mostrando seus dentes perfeitos.

O vizinho ogro. Era só o que faltava. Estreitei a vista. Cabelos escuros, boca larga, maxilar bem delineado. *Definitivamente bonito.* Ele parecia outra pessoa sem aqueles óculos de grau enormes. Tipo *Clark Kent* e *Superman*.

Ajeitei a postura. Ao cruzar comigo, o vizinho me lançou um olhar gélido. Logo depois, sua atenção se desviou para a garrafa de vinho vazia sobre a mesa. Tive a impressão de que fosse falar comigo, em vez disso, ele acelerou o passo. *Grosso.*

A voz de Maria ecoou da cozinha, agradecendo a Enrico pelos vinhos e insistindo para que ficasse.

— Quero te apresentar minha amiga de infância — falou, animada.

Ele agradeceu o convite dizendo que tinha muito trabalho. *Lógico que tinha.*

CAPÍTULO 4

MARIA ME LEVOU PARA SUA SALA nos fundos do restaurante, um local que mantinha para recuperar as energias, como ela disse.

— Aqui podemos conversar com privacidade. — Maria fechou a porta de trás de si, arrancou a touca, soltou os cabelos longos e foi logo acendendo um incenso que cheirava à lavanda. — Para tranquilizar a mente e atrair bons fluidos — comentou.

A sala pouco iluminada era roxa. *Roxa!*

— Um tanto... inusitado — soltei, observando a decoração exotérica. Em cima da estante, uma grande pirâmide de cristal transparente dividia espaço com um Buda dourado meditando e uma drusa de ametista. Na parede maior, três quadros de mandalas. Havia também algumas almofadas, no estilo indiano, espalhadas pelo chão e, no centro da sala, uma mesa redonda. O tampo estava coberto por uma toalha azul com pequenas estrelas bordadas.

— Não me diga que, além de mestre cuca, você é cartomante? — Apontei para o baralho espalhado em cima da toalha, prendendo o riso.

— Taróloga — ela me corrigiu em meio a uma gargalhada. — Não é uma segunda profissão, tiro as cartas para mim e para pessoas próximas.

— A madame Maria adivinha o futuro? — perguntei num tom teatral.

— Não exatamente. — Ela se sentou em uma das cadeiras ao redor da mesa e indicou com um gesto para que eu me sentasse na outra. — Eu não acredito que o futuro esteja escrito. Prefiro pensar que somos donos do nosso destino. O tarô apenas nos mostra caminhos, é uma ferramenta capaz de acessar nosso inconsciente. Mas o futuro — fez uma respiração longa — é produto das escolhas que fazemos. — Apanhou as cartas e começou a embaralhá-las.

Eu estava boquiaberta. Minha memória de Maria era a de uma menina com penteados originais, estabanada e brincalhona. *Quem é essa maga-sábia à minha frente?*

— Quer que eu abra um jogo para você? — perguntou, descontraída, ressaltando a letra “r” como uma boa carioca que era.

Senti a ansiedade chegar ao estômago. Engoli em seco sem saber direito o que responder. Minha curiosidade gritava. Porém, havia algo mais: o medo de me expor. Maria nem esperou minha resposta. Acomodou as cartas sobre a mesa e acendeu uma vela amarela.

— Embaralhe para passar a sua energia e dívida em três montes, da esquerda para a direita.

— Está bem. No que eu penso? — Segurei o baralho, torcendo para ela não notar minhas mãos trêmulas.

— Deixa fluir. O pensamento vem por vontade própria. — Ela me fitou de uma maneira profunda, como se estivesse enxergando através de mim.

Prendi o ar e fiz o que a *maga-sábia* pediu.

— Pronto. E agora?

Ela transpôs os montes; depois começou a estendê-los em forma de um leque.

— Escolha cinco cartas aleatórias.

Maria dispôs as cartas escolhidas em forma de uma cruz virando primeiro a do centro.

— Cinco de paus. — Franziu as sobrancelhas. — Grandes desafios se aproximam. Nada saiu da maneira que imaginava e você vive um dilema. — Ergueu os olhos cor de mel para mim e os abaixou novamente para a carta. — Tem vontade de desistir, não pode. Pessoas queridas precisam de sua ajuda.

Até aí, nenhuma novidade. O futuro da família Barone depende da venda do bendito sítio.

— Para solucionar seus problemas no presente, terá que fazer as pazes com seu passado primeiro — afirmou, depois de analisar com atenção a carta da esquerda.

E vamos de frases genéricas. Mantive a cara de paisagem.

— Espera. — Maria enrolou um cacho dos cabelos com o dedo indicador. — As pessoas que precisam da sua ajuda... são dois homens. — Seu tom ficou mais firme. — O primeiro tem um laço de sangue com você e está ligado ao mundo material.

— Sei bem quem é esse.

— Já o segundo tem ligação espiritual contigo. — Maria mantinha as sobrancelhas arqueadas. — Pietra, de alguma forma, a vida está te oferecendo a chance de resolver algo pendente. As cartas indicam que é necessário fechar um ciclo, seu êxito material só virá quando as feridas da alma forem curadas.

Meu cérebro se agitou absorvendo as palavras dela, tentava decifrar aquela mensagem enigmática.

— Esses dois homens estão próximos e só confiam em você. — Comprimiu os lábios. — Porém, tem uma coisa fora do lugar. — Ela massageou as têmporas. — O segundo homem não deveria estar mais aqui.

Os pelos do meu braço se arrepiaram. Eu estiquei o corpo espiando a última carta. Embora desconhecesse o significado das figuras, aquele esqueleto com a foice na mão não deixava margem para dúvidas.

— Maria — minha voz falhou —, acredita em fantasmas?

— Sabe de quem as cartas estão falando? — Seu olhar sustentou o meu, minha pergunta absurda não pareceu chocar minha amiga.

Assenti com um movimento de cabeça. Conteí a ela sobre o acidente no sítio.

— Meus avós comentaram na época — ela refletiu. — Me lembro vagamente do seu amigo.

— Como isso é possível? — Dei um leve soco na mesa. — Luca morreu há quinze anos.

Maria estava certa, a antiga ferida não tinha cicatrizado e, agora, se abria com uma dor mordaz. *A dor da ausência, a dor da culpa.* Lágrimas quentes desceram por meu rosto.

— Nada morre de verdade, Pietra. Somos infinitos. — Maria suspirou. — Nós nos modificamos. Veja, uma lagarta se transforma em borboleta. Não precisa ter medo, seu amigo só assumiu outra forma.

— Isso não faz sentido, ele não deveria estar aqui abrindo torneiras e ligando sons antigos. Você acaba de afirmar isso. Então por quê?

— Almas permanecem nesse plano se têm um assunto mal resolvido. — Seus olhos cor de mel se intensificaram. — Talvez nem ele tenha consciência, cabe a você ajudá-lo a descobrir.

— Eu não sei se sou... capaz.

— O Luca escolheu se comunicar contigo, Pietra — ressaltou. — Os espíritos conhecem nossas habilidades, sabem em quem confiar.



CAPÍTULO 5

MINHA VIDA ESTÁ PRESTES A SE TRANSFORMAR em uma verdadeira maratona contra o tempo. Suspirei diante da constatação e bebi outro gole de café. Devolvi a xícara para a banqueta da cozinha. Meus olhos se fixaram no jardim detonado à minha frente. A área externa precisava de uma repaginada, em especial, a grama. *Uma coisa por vez.* Começaria pela sala, o coração da casa. Tanto os convidados como os interessados na compra do sítio entrariam por lá, a primeira impressão é a mais importante. Por sorte, não havia infiltrações e nem mofo nas paredes. Abri meu bloco e anotei: tampar os buracos dos quadros, lixar e calcular quantidade de latas de tinta. Os móveis estavam em bom estado, valorizariam a venda. Os discretos riscos no piso de madeira de lei, eu resolveria com um tapete bonito. Adicionei à lista: comprar almofadas novas para os sofás. *É muito trabalho. Fabrizio acha que eu sou a Mulher-Maravilha?*

De repente, o papo com a Maria retornou aos meus pensamentos. *Não precisa ter medo. Seu amigo só assumiu outra forma. Os espíritos conhecem nossas habilidades, sabem em quem confiar.* Minha amiga me fez enxergar a situação por um novo ângulo, como se meu cérebro tivesse desanuviado. No fim das contas, fantasmas existem e Luca nunca me faria mal. Pensei em como meu mundo se esmaeceu depois da tragédia. Eu nunca me perdoei por não ter impedido sua morte. Se eu tivesse sido mais atenta aos sinais, se tivesse chegado antes ao lago. Por que não consegui salvá-lo? Doía-me tanto não poder voltar no tempo, rebobinar a fita. Contudo, a possibilidade de o ajudar a seguir *seu caminho* me trouxe certo consolo.

— Uma segunda chance — sussurrei. *Mas, que assunto mal resolvido alguém pode ter depois de quinze anos?*

Tomei meu café, comi uma torrada com requeijão e então chamei pelo nome dele. Nada. *É óbvio, sua panaca, fantasmas não falam.*

— Luca — limpei a garganta —, se estiver aqui, me dê um sinal. — Tentei outra abordagem, tinha visto em um filme.

Agucei os ouvidos na expectativa de que algo sobrenatural acontecesse. Mas o único ruído era o do bem-te-vi cantando no jardim. Enquanto olhava para o nada, lembrei-me que, na época do acidente, o delegado responsável pelo caso concluiu que Luca estava embriagado, escorregou do penhasco e bateu a cabeça em alguma pedra do lago. Era uma explicação plausível considerando que ele nadava bem demais para simplesmente ter se afogado. Porém, quando eu era mais nova, escutei o professor Lorenzo conversando com meu pai sobre a hipótese de o filho ter tirado a própria vida. Engoli em seco. *E se ele ainda estiver aqui para fugir do... do submundo?*

O telefone fixo tocou na sala e eu quase caí da cadeira.

— *Buongiorno*. Te acordei? — A voz de sono do meu irmão soou do outro lado da linha.

— *Buongiorno* — Inspirei fundo. — Acordei cedo.

— Essa cabecinha criativa deve estar fervilhando.

De certo modo, ele acertou.

— Pois é. E aí, tudo certo com a Sienna ontem?

— Por isso estou te ligando. Não conseguirei passar hoje no sítio, o desfile da nova coleção é essa tarde, ela anda uma pilha de nervos. Fui intimado a comparecer — resmungou.

— Nem vem, Fabrizio, estou ocupada. — Fui logo me esquivando do programa.

— Fique tranquila. — Ele riu. — Conte sobre nosso “projeto Réveillon” para minha esposa, disse que você está com o dia cheio. Foi liberada.

— Isso é música para os meus ouvidos.

— Em compensação, amanhã, vamos oferecer um coquetel em comemoração ao desfile.

Meus ombros se retesaram.

— E você é nossa convidada de honra — enfatizou.

— É uma piada? Estamos duros e você financiando coquetéis?

— Por isso mesmo, maninha. O nome disso é estratégia de *marketing*. Mulheres poderosas e esposas de grandes empresários são clientes da Sienna. No desfile, vem gente até da capital, passarão o final de semana em Vila Allegro. É o momento perfeito de estreitarmos relações, pretendo apresentar os lançamentos da vinícola e falar sobre a festa da virada.

— Nem tenho roupa para isso. — Torci para Fabrizio voltar atrás.

— Sem desculpas, Pietra. Você é minha sócia. Além do que, a Anna já foi fofocar para sua madrinha que te encontrou no Lótus. Conhece bem a rixa dessas irmãs, oficialmente está rolando um ciúme. Quanto à roupa, a Sienna pode separar uma peça da boutique para você.

— Tudo bem. — suspirei. — Trouxe uma calça de linho e uma camisa arrumada. Com o sapato alto, devem servir. Mas se não for chique o suficiente, aceito a oferta. Agora, falando do que interessa, e a reforma? Quer que eu te encontre para pegar o dinheiro ou prefere depositar na minha conta?

— Quem administra a grana sou eu, *baby* — meu irmão respondeu, descontraído, contudo, eu senti uma tensão no seu tom. — Ontem, liguei para o armazém, falei com a dona Patrícia. Abri uma conta no seu nome, acertarei com ela no final do mês. Ah, inclusive, estão com serviço de entrega, viu? Veja o que precisa e liga lá.



E foi a própria dona Patrícia quem atendeu o telefone. Perguntou por meus pais e assegurou que me ajudaria no que fosse preciso. Parecia empolgadíssima com a reforma do sítio. Eu podia até adivinhar seus pensamentos, contava que eu gastasse os olhos da cara feito minha mãe nas épocas áureas. Ela jamais imaginaria que eu e Fabrizio estávamos contando os centavos. Perguntei sobre o serviço de entrega, eles tinham um único funcionário, o tal garoto havia se enrolado por conta das provas de recuperação no colégio e as entregas estavam atrasadas.

— Sabe como é, Pietra, esses jovens imploram pelo emprego, falam que dão conta e nos deixam na mão. Mas ele passará por aí ainda hoje — garantiu.

Na mesma hora, me lembrei que, em 1984, Luca tinha sido *esse garoto*.

— Pietra, segue na linha?

Obriguei-me a voltar para o presente e encomendei o básico para começar. A cor da tinta escolheria pessoalmente.

— Muito obrigada, dona Patrícia. — Eu ia colocando o telefone no gancho quando um livro grosso deslizou para fora da estante e caiu no chão com um baque.

Lancei um olhar sobre o ombro.

Caraca, o Luca está se comunicando comigo?

O inconfundível perfume amadeirado dele tomou a sala respondendo minha pergunta, meu sangue gelou. Apertei a vista na tentativa de enxergar um brilho, um espectro, ou algo do tipo. Em vão. Estava confusa em relação a isso. Se eu tinha o dom de me comunicar com fantasmas, por que não conseguia vê-lo?

— Luca, você sabe o motivo por ainda estar aqui? — perguntei da forma mais firme que consegui.

Outros dois livros despencaram no chão, entendi aquilo como um sim. Mas eu tinha que achar um meio de tornar nossa comunicação mais eficiente. Caminhei até a mesa de jantar, abri meu bloco em uma página em branco e deixei a caneta ao lado.

— Consegue escrever?

Silêncio absoluto. Sem aviso, a caneta rolou de leve.

Pode ser que ele não consiga escrever sozinho, ponderei.

— Certo, vou te ajudar. — Segurei a caneta entre meus dedos. Passado poucos segundos, senti uma leve dormência na mão e me vi rabiscando um traço trêmulo. E parou por aí. Não estava funcionando.

Fiquei andando em círculos pela sala, estudando opções, matutando o que eu poderia fazer. Então, corri para cozinha e busquei um copo. *O clichê dos fantasmas*. Posicionei o copo de cabeça para baixo sobre a mesa, mas nem tive tempo de apoiar meu dedo. O copo de vidro moveu-se sozinho com muita velocidade e se espatifou ao lado dos meus pés, me dando um baita susto.

— Droga, Luca! — Levei a mão ao coração e puxei o ar.

Ele não conhece sua própria força, refleti.

Eis que uma luz iluminou minha mente feito um raio. Seria mais fácil usar algo que fosse familiar para ambos.

E eu sabia exatamente o quê.



Alguns minutos depois, eu voltava do quarto com meu jogo Genius em mãos. Coloquei as pilhas recém-compradas no supermercado e deslizei o botão de partida para a direita.

— E não é que você ainda funciona. — Sorri para o brinquedo, tomada por um sentimento de nostalgia.

Com receio de que minha relíquia tivesse o mesmo fim do copo, me sentei no chão com as pernas cruzadas e acomodei o círculo, que mais parecia um disco voador, à minha frente. Eu e o Luca costumávamos passar horas jogando durante as férias, éramos os únicos a chegar até a terceira fase.

— E-eu quero te ajudar, para isso *preciso*... entender. — Não pretendia sussurrar, mas as palavras saíam com dificuldade. Era esperado, eu nunca tinha me comunicado com um fantasma antes. — Luca, vou fazer algumas perguntas, certo? A tecla verde será o nosso “sim”, a vermelha “não”. — Franzi o cenho e massageei

as têmporas, imaginando no que as outras cores poderiam ser úteis. — Deixaremos a amarela para “não sei” e a azul para “não lembro”. Combinado?

Fiquei olhando para o brinquedo. Nada acontecia. Eu já me perguntava se ele ainda estava ali, quando a luz verde se iluminou. *Bingo*.

Iniciei o interrogatório com questões simples: confirmação de nome e idade. Entendi que fantasmas não envelhecem; se Luca estivesse vivo, teria trinta e três anos, mas confirmou ter dezoito. Também ficou claro que ele não fazia ideia de que estávamos em 1999. Quando perguntei como me reconheceu, a tecla amarela se iluminou. Luca parecia ter lapsos de memória, principalmente em relação aos nomes de pessoas do nosso entorno e aos acontecimentos da noite da festa.

— Você quer *partir*... para o além? — Dizer a frase em voz alta me fez parecer bem ridícula.

Outra vez a luz verde.

— E consegue sair desse sítio?

Houve uma breve pausa antes da luz vermelha se acender.

Está preso ao local da tragédia.

Tentava juntar as peças do confuso quebra-cabeças. Resolvi me aprofundar.

— Você se lembra de como... morreu?

As luzes verde e vermelha passaram a se alternar de forma frenética.

— Foi um acidente? — Subi minha voz para competir com o som do jogo.

Dessa vez a resposta demorou a vir. Minutos se passaram até a luz vermelha se iluminar. Fitei o Genius, aturdida. Inspirei fundo, deixando a pergunta mais difícil jorrar pela minha boca.

— Você tirou a própria vida? — Era um eufemismo, mas fui incapaz de pronunciar a palavra *suicídio*.

O imponente vaso Murano na estante se ergueu no ar e caiu no chão fazendo um estrondo, a tecla vermelha piscando sem parar. Minha garganta se fechou, o grito entalado. Se ele não tinha sofrido um acidente nem se suicidado, a única alternativa era...



Não tive tempo para processar a informação, uma voz estridente me fez estremecer de susto.

— Dona Pieetra! Está em casa? — Alguém batia na porta. A voz desconhecida era masculina.

O Genius desligou *sozinho*.

Apoiei as mãos ao lado do meu corpo, me levantando com um impulso. Minhas pernas, moles feito gelatina, oscilaram. Fiz uma respiração profunda e me obriguei a sair do lugar. Tive que me esgueirar dos vários cacos de vidro no piso e curvei as costas protegendo a cabeça com os braços, com medo de que algum objeto despencasse sobre mim.

— Tem alguém em casa? — A voz jovial gritou.

— Um minuto — consegui dizer.

Os poucos metros até a entrada pareceram durar uma eternidade. Por fim, girei a maçaneta. Um adolescente com marcas de espinhas no rosto, moletom puído e camiseta da banda Nirvana me aguardava.

— Oi. Desculpe a gritaria — disse ele, acomodando duas sacolas de plástico no chão —, a campainha não funcionou, ninguém respondia.

Um vento inesperado sacudiu a cortina da janela principal, uma lufada gélida cruzou por mim, levantando meus cabelos. Eu me apoiei no batente da porta. O coração batendo duas vezes mais rápido. *Luca saiu.*

— Tá tudo bem? — O garoto me observava, desconfiado. As sobrancelhas, duas taturanas, unidas.

Balancei a cabeça afirmativamente. *Quem é você?*

— Sou o Joel — ele se apresentou ao ver minha expressão interrogativa. — A dona Patrícia me pediu para trazer sua encomenda. — Apontou para as sacolas.

— Hum... é. Encomenda, o armazém. Isso mesmo. — Devo ter soado como uma doida. Se ele percebeu, não deu bola.

— Soube que a senhora vai reformar a propriedade. — A cabeça do Joel pendeu para o lado tentando espiar a sala. — Se precisar de ajuda, meus domingos estão livres, sou pau pra toda obra, qualquer troco tá valendo. — Abriu um sorriso metálico.

Meus ouvidos registraram a palavra “ajuda” e, aos poucos, fui saindo do estado de choque em que eu me encontrava.

Uma mão de obra barata, ao menos para lixar as paredes da sala.

Joel deu um passo adiante me entregando as sacolas e um papel amassado com seu número de telefone. Ainda era sexta-feira, tamparia os buracos e, até domingo, a massa corrida teria secado. Mas, como podia contratar um ajudante com Luca furioso?

— Obrigada, Joel. Eu ligo para confirmar sobre o domingo. — *Assim que eu entrar em um acordo com o fantasma que vive aqui.*

CAPÍTULO 6

PASSEI O RESTO DA MANHÃ e o início da tarde em busca de Luca. Percorri todos os cômodos da casa com o Genius na mão chamando seu nome, sem sucesso. Não havia nem sinal dele.

Resolvi dar um tempo para que se acalmasse. Além do mais, eu também precisava organizar meus pensamentos depois das novas informações. Não foi suicídio. Tampouco um acidente. Que outra explicação podia haver? Então me ocorreu algo, muito mais perturbador.

O sol estava baixando quando passei a procurá-lo do lado de fora. Saí para o jardim chamando por Luca, impacientemente. O vaso Murano valia um bom dinheiro. Ele não podia sair quebrando tudo a cada ataque de raiva.

— Precisamos nos entender — insisti, embora não sentisse sua presença.

Do sítio ele não saiu, mas a propriedade é enorme.

Ouvi um ruído. Virei a cabeça depressa para trás. Era uma visão difícil de entender. Um vulto rastejava para junto da cerca que dividia a nossa propriedade com a dos Savoia. A forma não era... humana. Sem aviso, *a coisa* saltou.

— Oi, você — meus ombros relaxaram —, quer me matar de susto? — Um sorriso se formou nos meus lábios.

O simpático labrador caramelo abanava o rabo sem parar. Caminhei até ele, que mantinha a língua de fora, os olhos castanhos sorridentes. Pelo tamanho, concluí se tratar de um filhote.

— Como é que eu não te conhecia? — Afaguei sua orelha peluda. — Seu dono te mantém em cativeiro?

Percebi que a atenção do animal se voltou para a estrada. Sombreei a vista com as mãos. Um Honda Civic prateado vinha chegando, o labrador começou a latir.

— Nina, que escândalo é esse? — A porta do vizinho se abriu e a cadela pulou a pequena cerca. Por alguma estranha razão, os pelos dos meus braços encrespavam.

Então você é uma cadela. Enfiei as mãos no bolso dando um passo para trás. Nina correu ao encontro do dono carimbando as patas sujas de terra na camiseta

clara dele. *Pobre Nina*. Aguardei pela bronca. Contrariando minhas expectativas, o vizinho-ogro não ficou puto, abriu um sorriso e ajoelhou-se na grama rolando com ela.

— Quem é minha menina maluquinha? — Ele a cariciava e ganhava muitas lambidas. A voz... doce?

Era uma cena digna desses filmes de comédia romântica. Então o vizinho parou notando que eu o observava, pigarreou e se pôs de pé. Esperei que falasse algo, lógico que isso não aconteceu. O máximo que consegui dele foi um breve movimento de cabeça, os óculos horrorosos escorregaram por seu nariz reto. Prendi o riso e repeti o gesto formal. O clima incômodo foi interrompido por mais latidos. O Honda Civic estacionava na frente da minha casa.

Acompanhei com o olhar a mulher alta de coque impecável sair do carro. Vestia a mesma saia longa da noite anterior. As sapatilhas bege combinando com a camisa de gola rolê. Em uma das mãos, segurava um recipiente transparente com um bolo dentro.

— Pietra, querida, decidi fazer uma visita de boas-vindas. — Foi falando, animada.

— Meu Deus, dona Anna — debrucei-me sobre a cerca —, a senhora não precisava se dar ao trabalho.

— Trabalho? Imagina. — Ela fez um gesto com a mão livre. — Seu padrinho não pôde me acompanhar, mas está muito preocupado com você aqui sozinha.

De esguelha, vi o vizinho contorcer os lábios. Agora ele tinha certeza de que eu era uma garotinha mimada da cidade grande. *Dane-se*.

— Espera um minuto, estava no meio de uma faxina. Vou só colocar as coisas no lugar — menti. — *Como explicar os cacos estilhaçados no chão?*

— Não tenho cerimônia, querida.

Eu fingi não a escutar e disparei casa adentro. Peguei a vassoura, me ocorreu arrastar a bagunça para debaixo de um dos móveis. *Quem dera poder fazer o mesmo com todos os meus problemas*. Da sala, dava para escutar os risinhos de dona Anna. Ela e o vizinho-ogro conversavam como se fossem velhos amigos.

— Enrico, obrigada pela generosa doação. Temos sentido sua falta nas missas de domingo — adicionou.

— Ando ocupado com a vinícola, dona Anna, prometo aparecer um dia desses — ele devolveu.

Cachorro, doação, missa. Quem era esse por trás da armadura?

— Bem-vinda. — Abri a porta, interrompendo o papo dos dois. — entre, por favor.

Enrico estava encostado na cerca do seu jardim, os óculos nas mãos. Os olhos semicerrados por causa do sol que iluminava seu rosto bronzeado. Nina soltou um

latido amistoso e abanhou o rabo no minuto em que me viu.

— Também adorei te conhecer, *Nina*.

E foi a vez *de ele* me observar com estranheza.



— O melhor bolo do mundo. — Abocanhei outra fatia generosa do meu *presente*.

— É seu favorito, desde pequeninha — dona Anna comentou.

— Eu me lembro, comia um desse sozinha na infância. — Limpei a boca suja de cobertura de chocolate com um guardanapo de papel. — Meu irmão sempre diz que certas coisas não mudam nunca.

Ela sorriu satisfeita. Serviu-se do café guardado na garrafa térmica e foi abrindo todas as janelas da cozinha.

— Vai ser um verão daqueles, ainda nem é meio-dia e o calor está insuportável.

— Verdade.

Mas ajudaria se a senhora usasse uma camiseta de manga curta em vez dessas roupas fechadas de beata.

— Por falar na sua infância — ela se sentou à minha frente me encarando —, quero ser sincera contigo. Como médico, seu padrinho receia que você tenha uma recaída e não saiba lidar com a tristeza. — Fez uma breve pausa baixando o tom. — O que quero dizer é que talvez essa casa possa acionar *certos* gatilhos, entende? Se precisar dos remédios...

— Agradeço a preocupação de vocês — eu a interrompi, minha voz saiu ríspida. — Estou bem, recebi alta dos remédios. — Abaixei o olhar para o prato, reflexiva. Ao contrário do que todos imaginavam, estar de volta a Vila Allegro não era meu maior problema. Precisei de anos de terapia semanal para entender que pouco importava o quão longe estivesse dali. Sempre carregaria a culpa e a tristeza comigo.

— Desculpe tocar nesse assunto delicado. Não quis ser invasiva, o cargo de sua madrinha pertence à desmiolada da minha irmã, mas *eu* tenho um carinho enorme por você.

O comentário dela sobre a Grazi me fez rir.

— O carinho é recíproco, dona Anna.

Ela tencionou a mandíbula e apertou o pequeno crucifixo de ouro pendurado em seu pescoço.

— Não me conformo com os danos irreparáveis que *aquela* garoto causou na vida de tanta gente devido à sua imprudência. Para começar, sua família jamais teria se mudado em definitivo para São Paulo. Sua mãe adorava morar aqui. E — o olhar dela sustentou o meu —, minha querida, é tão injusto uma garotinha de quatorze anos passar pelo que você passou. Não foi à toa que perdeu a voz por tanto tempo.

— O Luca não procurou nada disso — fui obrigada a rebater. Se a intenção de dona Anna foi me tranquilizar, acabara de conseguir o completo oposto disso.

— Ora, é lógico que não. — Ela piscou e sua expressão dura se desfez. — Vamos falar de coisas mais agradáveis. Da sua vida em São Paulo, por exemplo. — Deu uma piscadela. — Continua namorando o arquiteto bonitão que aparece nas revistas?

Saí um mês com o arquiteto e a notícia chegou aqui? Então me lembrei de ter mencionado a existência do cara uma única vez em um almoço de família, só porque minha mãe tinha visto uma foto nossa que vazou na mídia. Na ocasião, até serviu para acalmar os ânimos dela e me livrar do papinho rotineiro: “Vai fazer trinta anos. Deveria trabalhar menos e se preocupar em constituir uma família. É tão bonita e nem tem namorado.” Quatro semanas era o tempo recorde dos meus relacionamentos, meu prazo de validade, suficiente para me divertir sem me envolver. O arquiteto celebridade não fora uma exceção à regra.

— Estou solteira — respondi.

— Excelente. Marco também está solteiro, eu sabia que o namoro dele com aquela atriz de novela estava fadado ao fracasso. Faria tanto gosto em tê-la como nora.

Eu me engasguei com o café. Namorar o idiota do Marco?

— Dona Anna — tossi —, hoje em dia, mal nos conhecemos. — Abanei as mãos espantando duas abelhas que pousaram no bolo.

O assunto impertinente foi interrompido pelas abelhas que não paravam de entrar pelas janelas. Olhei para o jardim indignada, de uma hora para outra, havia centenas delas.

— Jesus Cristo, o que está acontecendo? — Dona Anna teve um sobressalto.

O zumbido tornava-se insuportável.

— Não faço ideia. — Corri para fechar as janelas.



Urrei de dor quando o ferrão de uma abelha penetrou minha pele. Prontamente, dona Anna agarrou minha mão e disparamos para a sala.

— Bati a porta, Pietra, o enxame ficou fechado na cozinha — ela falou, ofegante.

Eu me joguei no sofá analisando meu braço: inchado e vermelho.

— Isso arde pra burro — choraminguei.

— Minha querida, eu sei, mas o ferrão não é venenoso. Mesmo assim, é melhor retirá-lo com urgência. — Dona Anna vasculhou sua bolsa e apanhou um cartão de crédito.

— Isso deve servir. — Começou a raspar minha pele com a borda.

Eu mordi os lábios, observando seus movimentos precisos. Por fim, ela puxou o ferrão com delicadeza.

— Estou impressionada, a senhora sabe o que faz. Obrigada.

— Você era pequena demais para se lembrar, trabalhei como enfermeira. Foi assim que conheci seu padrinho. Deixe o braço sob água corrente por alguns minutos e depois lave a região da picada com sabão neutro.

— Certo. — Entrei no banheiro sem questionar.

Um enxame de abelhas. Só faltava essa. Se tiver uma colmeia instalada no jardim, vou precisar contratar um apicultor. *Maldição, não tenho esse dinheiro.*

Quando voltei para a sala, dona Anna havia desaparecido, a porta estava entreaberta. Ao fundo, escutei vozes. Saí para checar. Arqueei as sobrancelhas diante da inusitada visão.

Enrico erguia um cabo de vassoura, o pano de chão preso na ponta em chamas. Ao que parecia, a fumaça espantava as abelhas.

— Melhor dar outra olhada dentro da cozinha — Anna gritou. Observava a cena de uma distância segura.

Com ares de super-herói, o vizinho adentrou pelos fundos e, em seguida, o que restava dos insetos voou pelas janelas.

Eu corri até dona Anna.

— Que perigo! A senhora não deveria ter saído sozinha.

— Fui buscar reforços. Como poderia partir e te deixar com a cozinha infestada de abelhas?

Enrico vinha ao nosso encontro.

— Nem sinal de colmeia, deviam estar só de passagem, procurando um novo lar. Deixei claro que não são bem-vindas — ele falou, olhando para a dona Anna.

— Deus seja louvado. — Ela beijou o crucifixo.

— Valeu — eu disse, sem jeito. — Esse tipo de coisa é... comum? — Começava a desconfiar que havia algo mais.

Enrico apagou o fogo na grama e se voltou para mim.

— Vida de campo, tudo é possível — soltou com ironia. — Espalhe naftalina ao redor da casa, vai manter as abelhas afastadas.

Então, subitamente, os olhos escuros dele se arregalaram por de trás das lentes dos óculos. Tive a impressão de que olhava para além de mim.

— Pietra, está na minha hora. O Marco deve chegar logo. Pode buscar minha bolsa? — Ela segurou a mão do meu vizinho. — E, mais uma vez, minha gratidão, Enrico.

— Não há de quê. — Sua resposta saiu mecânica, o olhar cravado no nada. O rosto inescrutável.

Dava para escutar a Nina latindo na casa dele, Enrico sequer se movia. Quando voltei com a bolsa da dona Anna, notei que ele tinha se distanciado alguns metros, observava a trilha que levava ao lago.

Putá merda. Será que ele consegue enxergar o Luca?

NOITE DA FESTA

31 de dezembro de 1984

Sienna

O SÍTIO DA FAMÍLIA BARONE era, de longe, o mais bonito da região, mas, naquela noite, tinha ganhado uma aura mágica com o jardim iluminado por tochas, arranjos de flores brancas e bexigas douradas por todos os lados.

— Uau, puro glamour — disse Graziela, empolgada.

Mas Sienna seguia apática.

— Melhora essa cara. — Graziela apertou o braço da filha. — Não vai querer dar bandeira, né?

— Mãe, sobre isso, a gente precisa conversar — rebateu a adolescente.

— Não aqui, não agora. Hoje é dia de festa, amanhã voltamos a falar no *seu assunto* — resmungou entredentes.

Sienna até conseguia entender a reação da mãe, Graziela ficou em choque com a notícia. Era como ver sua própria história se repetir. E jamais permitiria.

Fabrizio vinha se aproximando, gel no cabelo, a bermuda jeans de sempre, camiseta branca e um olhar apaixonado. Sienna arrumou sua saia de tule e acenou com uma alegria forçada para o namorado. No fim das contas, ele não tinha nada a ver com o pesadelo que estava vivendo. Ela prometeu a si mesma continuar representando o papel da namorada perfeita, não poderia estragar seu relacionamento com o melhor partido de Vila Allegro.

— Nossa, valeu a espera. — Fabrizio a mediu de cima a baixo. — Tá muito linda!

— Boa noite para você também. — Graziela deu um risinho irônico.

— Me desculpe, dona Graziela. A senhora também está ótima — emendou Fabrizio, sem graça.

— Pelo amor de Deus, moleque, senhora está no céu — ela brincou. — Impressionante — Graziela girou o pescoço observando cada detalhe da decoração —, dessa vez sua mãe se superou. A propósito, onde ela está?

— Conversando com alguns amigos. — Fabrizio apontou para um grupo perto da piscina. — E nossa turma está lá dentro, só faltava o meu amor. Hoje o salão principal virou pista de dança, tem até globo de espelhos — completou, entrelaçando seus dedos nos da namorada.

— Vocês formam um lindo casal. — Graziela suspirou. — Vai lá, filha. Certamente será uma noite inesquecível, divirta-se. — Deu ênfase na última palavra.

Sienna e Fabrizio adentraram na casa e seguiram rumo ao salão principal.

Marco vinha na direção contrária carregando o estojo da câmera consigo.

— Ei cara, para que tanta pressa? — Fabrizio perguntou ao amigo.

— Esse calor está insuportável. — Marco diminui o passo. — Vou tomar um ar.

— Vai parar com as gravações, primo? Poxa, acabei de chegar. — Sienna passou a mão livre arrumando a faixa que prendia seu cabelo.

Marco explicou que daria um tempo das gravações. Sienna notou a impaciência dele, pequenas gotas de suor brotavam na sua testa.

— Ué, pensei que a rainha do baile não viesse mais — Marco disfarçou, bancando o engraçadinho.

O primo não perdia a chance de alfinetá-la desde que eram pequenos. Mas algo havia mudado no último ano. Ele a olhava diferente, como se tivesse percebido, de uma hora para outra que Sienna, além de sua prima, era uma mulher.

— Culpe minha mãe, deve ter trocado umas dez vezes de roupa — ela retrucou, puxando Fabrizio, louca para conferir a decoração do salão.

— Cara, sem querer cortar sua onda, mas seu pai está te procurando, pediu que eu te avisasse.

— Droga, o velho vai me matar, esqueci dele! — O rapaz alternou o olhar entre a namorada e o amigo. — Gatinha, desculpa, não demoro, juro. Marco, acompanha a Sienna até o salão.

O Fabrizio está mesmo pedindo ao Marco uma bobagem dessa?

Porque o tom zombeteiro do namorado não a convenceu nem por um minuto. Sienna precisou se segurar para não responder atravessado. Às vezes, Fabrizio passava dos limites, a sufocava. No entanto, segundo sua mãe, cuidado era prova de amor. Ela devia ter razão. Sienna puxou o ar recuperando a paciência e disse:

— Relaxa, meu primo estava de saída, conheço bem o caminho. — Tocou no braço de Marco para demonstrar apoio e depois salpicou um beijo na boca do namorado para acalmar seus ânimos.

No fim das contas, era *ela* quem manipulava o Fabrizio e não o inverso. O primo pareceu agradecido por sua atitude. Sienna esperava que a gratidão dele garantisse seu lugar de destaque no vídeo da festa.

Cada um seguiu para uma direção diferente.



Sienna tinha prometido a si mesma manter distância de Luca, especialmente depois da última conversa. Ele não tinha o direito de dar pitaco na sua vida. No entanto, viu sua certeza se desfazer como açúcar em água assim que pôs os olhos nele. Ao som de *Dancing with Myself*, do Billy Idol, o garoto sacudia o corpo de um lado para o outro, os cabelos cacheados acompanhando seu movimento. Havia desabotoado os dois primeiros botões da camisa branca dando à garota um vislumbre do seu corpo atlético. Luca emanava magnetismo. Sienna até quis desviar o olhar. Tarde demais, ele a tinha notado.

— Boa noite, futura senhora Barone. — A voz dele saiu arrastada. Luca se curvou em uma mesura debochada e caminhou até ela.

— Uma hora dessas e já tá bêbado? — Sienna cruzou os braços.

— O que tem demais? Acabo de fazer dezoito anos, gatinha. — Ele abriu um de seus sorrisos devastadores. Os dentes brancos se destacavam em contraste com seu tom de pele. — Agora tudo é permitido. — Tocou o nariz dela, cambaleando de leve.

Sienna estava tão fora de si na última semana que sequer lembrou do aniversário dele. Não que isso fosse um problema, o próprio Luca preferia esquecer. Pudera, foi o dia em que sua mãe morreu. No parto. Sienna o conhecia bem, seu bom humor não a convencia. Havia muita tristeza escondida naquele olhar. Contudo, ela também sofria, tinha que dividir sua angústia, porque *ele* era o responsável.

— Luca — Sienna se encheu de coragem, ficou na ponta dos pés e falou ao seu ouvido —, preciso te contar uma coisa. Podemos tomar um ar?



As palavras escaparam sussurradas da boca de Sienna.

— Como assim... grávida? De mim? — Luca uniu as sobrancelhas cheias. — A gente transou só duas vezes.

— Minha menstruação é irregular, eu demorei para perceber — ela cravou as unhas com força na palma da mão — e... custei a acreditar.

— Você é a namorada do meu melhor amigo, deveria conversar com ele.

— Estamos juntos há menos de dois meses — ela pigarreou —, bom, você sabe. Fabrizio acha que sou virgem.

— Porra, Sienna. E agora? Ganhei a bolsa na faculdade de Roma, viajo em fevereiro.

— Eu só queria que soubesse. — Bufou. — Minha mãe mexeu os pauzinhos, um médico vai me ajudar a dar o fim nisso. — Sem perceber, tocou na própria barriga. — Já pode se acalmar — acrescentou, ríspida.

— Espera aí — Luca arregalou seus olhos verdes —, aborto é crime. Que tipo de médico toparia uma coisa dessas?

— Alguém que se *importa*. — A voz dela saiu falha.

— Não posso acreditar que *ele* topou uma coisa dessas. Sienna, está se escutando? Pensa mesmo em *matar* um bebê?

— Não vou ser mãe solteira aos dezesseis anos — retrucou, impaciente. — Ou acha que o Fabrizio vai assumir o filho de outro?

Luca endireitou as costas e deu um passo à frente.

— Tudo bem. — mordeu o lábio inferior. — E-eu assumo minhas reponsabilidades. — Os punhos dele se fechavam e se abriam.

O rosto de Sienna se iluminou. Uma sensação de alívio inundou seu peito. Dane-se sua mãe e a expectativa de um casamento perfeito. Ela se mudaria com Luca para Roma, começariam uma nova vida longe de Vila Allegro. Poderia arrumar uma babá por meio período e cursar sua tão sonhada faculdade de moda. Ele não era rico como Fabrizio, mas receberia uma grana da herança da mãe e tinha algumas economias.

Faremos dar certo. Uma tragédia pode ser um presente.

— Sienna, tem uma coisa. — Tomou ar. — Eu não posso carregar um peso desses, Fabrizio é um irmão para mim, ele precisa saber. Foi uma fraqueza minha e vocês não tinham engatado o namoro ainda.

Ela concordou com um aceno de cabeça. Era justo, afinal.

— E quero deixar claro, nada vai te faltar. Arrumo um trabalho, vou dar um jeito de enviar dinheiro para vocês. O que for preciso. Serei um bom pai, mas... — Luca a encarou, seus lábios grossos se separaram, porém foi incapaz de prosseguir.

Não era preciso. A dura realidade atingiu Sienna e um vislumbre do que estava por vir tomou sua mente: suas amigas saindo do vilarejo para estudar na capital, enquanto ela seguiria ali, trocando fraldas. Sem formação, seria obrigada a aceitar um emprego qualquer e levar uma vida medíocre. A garota lutou para segurar o choro. Um silêncio insuportável recaiu entre os dois. De repente, a fisionomia dele mudou, uma pequena ruga de expressão surgiu em sua testa, como se tivesse revivido uma lembrança ruim.

— Isso se esse bebê for mesmo meu. Você nunca me explicou sobre aquelas fotos. Como espera que eu acredite em você? — soltou, ríspido.

Os joelhos de Sienna fraquejaram, sua garganta parecia inflamada. Ele iria usar as malditas fotos para insinuar que não era o responsável pela criança que ela carregava? *Como ele pôde?* Ela bufou, jamais havia sentido tamanha raiva em toda sua vida, seus olhos faiscavam observando Luca. A única coisa boa que ele fizera em toda sua vida foi roubar as fotografias. Agora que ela as tinha de volta, nunca mais ninguém veria aquelas imagens humilhantes. Ao menos, desse peso estava livre. E logo estaria livre de outro peso. Não jogaria fora suas oportunidades, não deixaria Luca estragar seu futuro.

Sem pensar duas vezes, Sienna meteu um tapa estalado na cara dele. A palma de sua mão ardeu ao contato com o rosto do garoto. Luca não reagiu de imediato, permaneceu imóvel. Talvez estivesse em choque. Ela tampouco ficou para conferir, precisava sair dali antes que alguém a visse naquele estado de nervos. Simplesmente lhe deu as costas. E, caminhando sob o céu estrelado, desejou com todas as suas forças que ele morresse.

CAPÍTULO 7

HOMICÍDIO. A PALAVRA PISCAVA como um alerta em minha cabeça. Foi uma hipótese nunca cogitada pela polícia. Todas as evidências indicavam se tratar de um infeliz acidente. Além do que, estávamos entre amigos em uma festa privada. Eu tinha dificuldades de imaginar alguém do meu entorno empurrando Luca de um penhasco. Porém, um trauma desses explicaria ele estar preso ao local da tragédia. E sua raiva. Mas quem? E por quê? Luca não tinha inimigos, era o tipo de pessoa que conquistava a todos e sabia disso. Usava seu charme natural como uma arma secreta.

Ou seria apenas o ponto de vista de uma garota de quatorze anos completamente apaixonada?

Levantei-me do sofá e apanhei o Genius do chão.

— Luca, você está aqui? — Minhas palavras pairavam no ar. E no silêncio que se seguiu, ouvi minha própria respiração ofegante.

Ele ainda devia estar no lago. Era difícil de compreender. No lugar dele, manteria o máximo de distância dali. Mais uma coisa sem sentido para a vasta lista. Isso sem falar nas abelhas. Podia apostar que Luca teve a ver com toda a confusão. Talvez, estivesse espreitando, atento à conversa. Talvez, Anna tenha dito algo que o irritou ou a simples presença dela tenha sido um gatilho para reviver *aquela época*.

Baixei os olhos para o meu braço avermelhado. Lembrei-me do vizinho, meu salvador. De ogro para bom moço ávido em ajudar. Pela primeira vez, eu via alguma semelhança dele com seu avô, o senhor Nicola. Sem que eu me desse conta, meu pensamento viajou no tempo. Eu estava em outra sala: a do sítio dos Savoia. Desde a morte de dona Alba Savoia, passei a visitar a propriedade com frequência. É como dizem por aí, a tragédia une as pessoas. O fato de eu ter previsto a fatalidade criou um tipo de conexão entre nós. Ao contrário da minha família, ele acreditava em mim. Eu sentia pena em vê-lo tão sozinho e, de certa forma, via minha própria solidão refletida em seus olhos. *A solidão de ser*

diferente. Mas, não era só isso, gostava genuinamente da companhia dele. Nós nos tornamos amigos. Certa tarde, depois de um lanche com direito a biscoitos caseiros, chá de hortelã da horta e jabuticaba tirada do pé, me deparei com um porta-retratos que nunca tinha visto antes. Uma foto de seu Nicola sentado em um banco de pedra ao lado de um menino — cabelos escuros, óculos de grau, um meio sorriso no rosto redondo. Pelos meus cálculos, tinha uns doze anos.

— Quem é esse, senhor Nicola?

— *Queste ragazzo è mio nipote italiano*. — Encheu o peito, orgulhoso.

— Eu nem sabia que o senhor tinha um neto.

Uma tristeza atravessou seus olhos escuros. Seu Nicola respirou profundamente antes de continuar:

— É o filho do meu filho. A fotografia é antiga, da última vez que estive na Toscana. Ele fez dezesseis anos, mês passado.

— Seu neto nunca veio para o Brasil? — Eu percebi que estava pisando em um território delicado, no entanto, não resisti à pergunta.

— Meu filho é... ocupado. — Deu de ombros. — Trabalha em um grande banco. Somos bem diferentes. — Sua voz saiu embargada.

Ocupado a ponto de não vir para o enterro da própria mãe?

— Mas meu neto — ele apanhou o porta-retratos —, esse puxou a mim, um amante da natureza. Agora que cresceu, quer vir conhecer o sítio nas férias.

— Que bacana. — Tentei mostrar meu apoio, animá-lo. Entendia bem sobre relações conflitantes entre pais e filhos. — Por aqui, todo mundo fala ou entende algo de italiano.

— Minha nora é filha de brasileiros, meu neto domina o português melhor que eu — contou. — Vai gostar dele, Pietra. — Os cantos dos seus lábios finos se curvaram para cima. Ele pegou o porta-retratos voltando a vista para o neto. Depois me encarou de uma maneira esquisita, enigmática. As sobrancelhas grisalhas formando a letra “V”. Tive a impressão de que estava prestes a revelar um segredo de família. Aguardei na expectativa.

— Meu neto — limpou a garganta — é um *ragazzo especial* como você. — Piscou.

Um tanto decepcionada, forcei um sorriso.

Esse foi um dos nossos últimos papos. Era novembro de 1984. Seu Nicola foi passar as festas de final de ano na casa de um primo no Rio Grande do Sul. Nós nos despedimos com um forte abraço, acompanhado de um até logo. Eu não fazia ideia de tudo que viria pela frente: a festa de Réveillon, a morte de Luca. Nossa mudança repentina para São Paulo. Meses depois, seu Nicola voltou para a Itália. Nunca mais nos vimos.

— Caramba, é isso! — Soltei em voz alta batendo com a mão na mesa de jantar.
— Meu neto é *especial* como você — repeti suas palavras.

Do alto dos meus quatorze anos, não me atentei às entrelinhas. O senhor Nicola tinha, sim, me revelado um segredo de família. Eu sempre reclamava para ele das minhas premonições, não queria enxergar mortes e nem escutar a voz que ressoava na minha cabeça. Era muito pedir para ser *normal*? Então, seu Nicola me consolava, dizendo que Deus escolhe a dedo as crianças *especiais* e as presenteia com habilidades peculiares como a minha *e a do Enrico*. O que era uma suposição se transformou em certeza. Pensando bem, o dom do vizinho mal-humorado seria bastante útil. Mas como abordá-lo? Eu me imaginei batendo em sua porta:

— Ei, já que é *especial* e enxerga fantasmas, topa me dar uma mãozinha com meu amigo que foi assassinado e está preso nesse sítio há quinze anos? — Não era a mesma coisa que pedir uma xícara de açúcar.



Um “trim” enervante chegou aos meus ouvidos. Desnorteada pelo sono, estendi o braço, procurando o botão de acender a luz do abajur, e encarei o relógio da cabeceira. Onze horas? Como pude dormir tanto? O acúmulo de estresse dos últimos dias, somado à ausência da sinfonia das buzinas paulistanas, certamente devia ter contribuído. Em contrapartida, acordar com o telefone tocando sem parar era pior do que qualquer despertador. Dei um pulo da cama, corri para sala.

— Alô? — Minha voz estava rouca.

— Graças a Deus, você atendeu. Seu celular só cai na caixa postal. Eu soube do ataque das abelhas, que foi picada. — As palavras da minha mãe saíam atropeladas do outro lado da linha.

— Bom dia para você também. — Dei um bocejo. — Não foi um ataque, digamos que uma visita inoportuna. Abelhas não são seres malignos, mãe. Faz parte da vida do campo. — Percebi que repetia a frase do vizinho-ogro. — Nem parece que morou tanto tempo no sítio — provoquei.

— Tem razão. — Ela riu. — É que o jeito como a Anna disse... — Suspirou. — Por via das dúvidas, cheque se tem alguma colmeia por perto, canela ajuda a manter as abelhas distantes.

— Dica anotada, dona Telma. — *Mais uma.*

— Pietra Barone — seu tom tornou-se crítico e me chamar pelo sobrenome não era um bom sinal —, que história é essa de ficar no sítio *sozinha*? A Anna também me contou sobre isso.

É lógico que contou. Revirei os olhos esperando o sermão.

— Eu e seu pai achávamos que se hospedaria na casa do seu irmão. Bem que meu instinto materno me dizia que vocês estavam me escondendo alguma coisa.

— Não contar é diferente de esconder — eu a interrompi. — Sem drama, dona Telma. Não sou mais *una bambina*. Sei dirigir, tenho carro e estou a vinte minutos do centro de Vila Allegro. Em São Paulo, eu levava o dobro de tempo do trabalho para o meu apartamento onde morava *sozinha*.

— Filha, não se faça de desentendida. É diferente. Esse lugar pode despertar seus traumas.

Uma faísca de raiva se acendeu em meu peito. Estava de saco cheio do excesso de preocupação de todo mundo. Eles continuavam me vendo como a garota problemática, a Pietra vulnerável prestes a surtar. Frágil demais para enfrentar o passado. Abri a boca para responder, mas engoli as palavras. Parte de mim a compreendia. Por mais que minha mãe nunca tenha reclamado, eu sabia que não tinha sido fácil para ela abandonar tudo. E ela fez isso por mim sem pestanejar, porque entendeu que minha dor era insuportável, eu não podia continuar vivendo no sítio com a sombra da morte dele.

De uma hora para a outra, a rotina da minha mãe se transformou. Nada de noites divertidas jogando com os filhos ou dançando *Lo che amo solo te* com meu pai. Nada de viagens, festas com amigos, jardinagem ou clube de leitura. Sua vida se resumia em levar a filha calada aos melhores psiquiatras e aos grupos de apoio para jovens que haviam sofrido traumas. De certa forma, seu brilho natural se apagou. *A tristeza pode ser contagiosa*.

— *Amore mio*, a Pietra é grandinha para decidir onde quer ficar. — O comentário do meu pai ao fundo quebrou a longa pausa entre nós.

— Seu pai está querendo falar com você. — Minha mãe pigarreou. — Se cuida, filha.

— *Ciao principessa, come va?* — A voz de barítono de seu Raul soou enfraquecida.

Senti um nó no estômago.

— Oi, pai. Como *você* está?

— Melhor a cada dia — respondeu, com seu otimismo inabalável. — E feliz com seu interesse pelo sítio, pela casa de vocês. Assim que o médico me liberar, faremos uma visita. Posso até imaginar todos nós ao redor da lareira queimando nossos espetos de *marshmallows*.

O entusiasmo do meu pai atingiu meu peito como uma faca afiada. *Sou uma fraude*. Não tinha vindo por livre e espontânea vontade, e sim por uma necessidade extrema. Nenhum de seus futuros netos brincaria no sítio porque venderíamos a propriedade para pagar as dívidas. A possibilidade de o decepcionar me apavorou.

As palmas das minhas mãos suavam, meu sangue parecia fluir mais lento. Tapei o bocal com a mão enquanto recuperava o controle da minha respiração

— E essa reforma, quando começa? — Ele seguiu falando no mesmo tom animado.

— Ontem passei a tarde tirando quadros e tapando os buracos com massa corrida — puxei o ar —, agora falta pouco. A ideia é, amanhã, lixar as paredes e, na próxima semana, escolher a cor da tinta — relatei, me esforçando para parecer firme.

— *Bravo. Questa è la mia ragazza, il mio orgoglio.* É maravilhoso renovar os ares, Pietra. Deixar a casa do gosto de vocês. Mas seu irmão me disse que não será preciso mudanças significativas. Paguei caro para manter a propriedade em ordem, contratei um caseiro que pintou a área externa há dois anos.

— Valeu o investimento, pai. — Tossi. — O sítio está ótimo. Alguns detalhes, uma pintura na sala e uma geral no jardim serão o suficiente.

— *È vero, il giardino.* Sua mãe cuidava das plantas como ninguém — disse, com pesar. — Então, houve um breve silêncio. — Aliás, ela está aqui dizendo que hoje tem um evento importante na casa do Fabrizio. Você vai?

Droga. O bendito coquetel. Pelo menos, mudamos o rumo da conversa, não queria estragar a felicidade dele.

— Ah, claro, vou sim. Fiquei de chegar cedo, ajudar no que for necessário.

De repente, um arrepio subiu pela minha nuca. A incômoda sensação de estar sendo observada. Girei meu corpo. Em cima do sofá, a tecla verde do Genius se iluminou. *Finalmente.* Eu tratei de me despedir depressa dos meus pais prometendo dar notícias.



Precisei sair correndo com o sapato de salto agulha afundando na terra do sítio ou me atrasaria para o coquetel. Mas a demora tinha valido a pena. Depois de mais de duas horas conversando com Luca por intermédio de meu brinquedo empoeirado, chegamos a um acordo: eu investigaria sua morte. Por sua vez, ele me deixaria trabalhar na reforma do sítio sem assustar meus convidados e meu ajudante. Um trato justo. Embora, eu não pudesse afirmar que um fantasma cumpriria com sua palavra. Quanto a mim, droga, não era detetive e a ideia de o assassino estar por perto me causava calafrios. Seria bem mais fácil se Luca não estivesse tão confuso. Como alguém podia se esquecer do seu próprio assassino? Ao menos, entendi que esse era motivo pelo qual o Luca frequentava o lago, tinha

a esperança de recuperar *aquela lembrança*. Uma hipótese me veio à cabeça: talvez ele estivesse distorcendo a realidade por não se conformar em ter perdido a vida de uma maneira besta. *É sempre mais fácil culpar os outros do que a nós mesmos*.

Logo, descartei o pensamento, porque a conhecida vozinha dentro da minha cabeça insistia que aquilo era verdade. Ela também me lembrou que a nata de Vila Allegro estaria no coquetel de Sienna, tal como na festa do Réveillon de 1985.

E, possivelmente, entre eles, estaria o assassino.

NOITE DA FESTA

31 de dezembro de 1984

Graziela

CONVIDADOS SORRIDENTES, descontraídos e, cada vez mais, eufóricos com a proximidade da meia-noite, aguardavam ansiosamente como se, depois das dozes badaladas, tudo fosse mudar. Olhando para as mulheres que desfilavam suas roupas caras e seus cabelos volumosos feito estrelas de cinema, Graziela pensou que, ao menos, no quesito roupa não havia do que se queixar, afinal, ser gerente da loja mais sofisticada de Vila Allegro tinha suas vantagens. Ainda assim, não se dava ao luxo de acreditar em milagres de Réveillon. *Na vida real, os problemas não somem por mágica*, pensou.

— Aceita uma bebida, senhora? — Um garçom se aproximou, equilibrando uma bandeja de prata.

Senhora? Sua testa vincou. O sujeito parecia ter sua idade. Graziela o fuzilou com o olhar, esticou o braço e apanhou uma taça de vinho branco, a primeira da noite. *Apenas uma, para aliviar a tensão*. Precisava controlar o nível de álcool, manter-se alerta e garantir que a filha não fizesse mais besteiras. Vira Fabrizio cruzar o jardim. Sozinho. Não era um bom sinal. *Onde Sienna se meteu?*

Ela bebericou o delicioso vinho gelado e resolveu procurar pela filha na pista de dança. Porém, sentiu uma mão pousar em seu ombro.

— Te encontrei. — Uma voz masculina soou arrastada.

Graziela girou o corpo e se deparou com Luca, que a encarava com fúria.

— Não tem o direito de obrigar Sienna a nada. Família de mentirosos, hipócritas — completou em tom agressivo.

Merda. Ele sabe. O que essa menina tem na cabeça?

— Acho que já bebeu além da conta, garoto — sibilou. Apesar de suas pernas tremerem de nervoso, não se deixaria intimidar por alguém que mal saíra das fraldas.

— Não vou fugir das minhas responsabilidades — Luca a ignorou e seguiu seu discurso.

A mulher o observou. Não teria como ser mais parecido o com pai de Sienna: um jovem desmiolado, sem um tostão no bolso e com pretensões de bancar o príncipe encantado. Graziela, porém, não permitiria que sua história se refletisse na filha, pois sabia que as boas intenções de rapazes como Luca desapareciam assim que a barriga da moça crescesse e viessem as despesas.

— Eu só preciso ter certeza de que o filho é mesmo... meu.

A frase inesperada despertou Graziela do transe momentâneo.

— Olha a boca, moleque. Também adoraria que não fosse. Mas minha filha disse que você foi o único homem com quem teve tanta intimidade. — *Uma escolha infeliz.*

— Será? Porque encontrei fotos dela pelada — ele cambaleou para trás, derrubando na grama a taça cheia de espumante — no meio das coisas do Marco.

Bostinha enxerido. Não vou deixar que estrague as chances de um bom futuro da Sienna.

— Está se escutando, Luca? Os dois são primos. Minha filha está tentando a carreira de modelo, os Rizzi têm contatos importantes. Quer saber? Nada disso é da sua conta, não se meta com assuntos da nossa família — ela disse entredentes. — Agora baixa esse tom, moleque. Ou quer que Fabrizio descubra que tipo de amigo você é? — Apontou com o queixo para o rapaz que conversava com sua mãe na beira da piscina.

— Ele vai me odiar. — Luca inspirou fundo. — Não importa. O Fabrizio merece a verdade. Ou a Sienna conta, ou conto eu. Chega de segredos — proclamou.

A situação saía do controle, Graziela sentiu o gosto da bile que subiu pela garganta. Embora se colocasse como vítima, Luca era o grande culpado por aquela situação. Contudo, perder a calma não ajudaria. *Preciso mudar de abordagem.*

— Tem razão — finalizou seu vinho e segurou a mão do rapaz. — Segredos nunca são bons. Assumir um filho é a atitude de um homem decente. Sua mãe ficaria orgulhosa.

Nesse momento, a expressão de Luca mudou e seus olhos umedeceram.

— Sienna contará ao namorado — Graziela continuou — e, sem dúvida, você tem o direito de opinar na decisão dela. Amanhã conversaremos com calma. Estamos na virada do ano, as pessoas estão se divertindo.

— Tem certeza? — ele hesitou.

— É lógico. — Graziela percebeu a vulnerabilidade do garoto e forçou um sorriso amigável. Citar sua falecida mãe fora golpe de mestre. — Veja, esse é um assunto delicado. Você se importa com a Sienna, isso ficou claro. Pelo bem da

minha filha, dessa criança e até pelo seu, não aja por impulso. Amanhã, Luca, combinado? — insistiu.

— Minha cabeça está girando. — Luca esfregou a testa com a ponta dos dedos. — Tô enjoado. — Fez uma careta.

— Por que não se senta? — Graziela indicou uma namoradeira próxima. — Vou buscar uma Coca-Cola, vai ajudar com seu enjoo e evitar uma ressaca.

A mulher disparou pelo gramado, lutando com o salto que insistia em afundar na terra. Vira a irmã por ali há pouco e, conhecendo sua fobia daquele tipo de festa, tinha certeza de que teria trazido seus calmantes.

Precisava ganhar tempo e impedir que Luca fizesse um escândalo em plena festa. Depois, Graziela lidaria com ele. Bêbado daquele jeito, existia até uma chance de ele nem se lembrar. Bem ou mal, o pesadelo estava prestes a ter um fim, Carlo se prontificou em resolver a situação da Sienna na próxima semana. *Cadê você, Anna?*, soltou o ar, impacientemente. Eis que uma visão inesperada a fez abrir um sorriso. Graziela reconheceu a bolsa Chanel da irmã pendurada na cadeira, onde se sentara durante o jantar. Pelo visto, o universo resolvera conspirar a seu favor. Andou até lá sorrateira, analisou ao redor e enfiou a mão na bolsa com a máxima discrição.

Havia quatro comprimidos restantes na cartela. *Três serão suficientes para apagar o moleque por toda a noite.* Ela pediu um copo com Coca-Cola a uma garçonete, amassou os comprimidos usando as costas de uma colher e escondeu a cartela quase vazia no sutiã.

— Beba, Luca — Graziela lhe entregou o refrigerante assim que retornou.

Ele segurou o copo sem ânimo, com o olhar perdido em um ponto qualquer.

— Meu mundo está de ponta cabeça — o garoto resmungou. — É muita coisa acontecendo ao mesmo tempo.

— Aham. — Pigarreou disfarçando sua ansiedade. — Acalme-se, um pouco de glicose melhorará seu humor. — *Beba a maldita Coca-Cola*, pensou.

Após três goles, surgiram os primeiros indícios de sono. Luca bocejou e foi se esparramando pela namoradeira. Os olhos piscaram algumas vezes.

— Prefiro ficar sozinho — declarou de supetão.

— Como quiser. — Graziela se afastou.

Missão cumprida. Esse aí não dará mais trabalho. Pelo menos essa noite.

Ela se virou e caminhou em direção à casa para ter uma conversinha com Sienna, sem perceber, contudo, que Luca adormecera, mas deixou escorregar das mãos o copo com o restante da Coca-Cola.



Parada em um canto, Telma Barone contemplava o céu estrelado. O semblante, sempre alegre, estava sério demais.

— Está tudo bem? — Graziela tocou no braço da amiga.

— Ah, oi Grazi. — A boca, pintada de carmim se contraía em uma linha de preocupação. — Gostando da festa?

— Está perfeita, mas, por favor, não me responda com outra pergunta. O que aconteceu? — Segurou a mão de Telma entre as suas.

— Nada de mais. — Suspirou. — Estava pensando sobre como criar filhos pode se tornar uma missão árdua. — Baixou a cabeça.

— Algo a ver com Fabrizio? — Graziela engoliu em seco. *Droga. O que mais Sienna aprontou?*

— Imagina — Telma esboçou um sorriso —, esse está nas nuvens, radiante. Graças à sua filha.

— Estava indo lá dentro procurá-la. Não a vejo desde que chegamos. — Graziela seguia com uma pulga atrás da orelha.

— Pare de ser superprotetora. Não vai bisbilhotar ninguém. Fabrizio acabou de entrar. Escute — ela fez uma pausa, *Stuck on You*, do Lionel Richie tocava ao fundo —, começaram as músicas lentas. Deixe os dois namorarem em paz, Grazi. Já esqueceu como é ter essa idade?

— Você está certa. — Graziela sorriu, aliviada. Pelo visto, não houve briga e isso significava que a filha não tinha sido estúpida ao ponto de se abrir com o rapaz. A conversa das duas podia esperar. — Se está tudo bem com o Fabrizio... — Ela franziu a testa.

— É a Pietra. — Telma finalizou a frase. — Parece que teve outra de suas premonições. — Fez um sinal de aspas com os dedos. — Enfiou na cabeça que algo terrível acontecerá essa noite — Telma se aproximou de Graziela —, uma... morte — revelou, a voz mal passava de um sussurro. — Pietra insistiu para que cancelássemos a festa, pode imaginar? — A dona da casa bufou, afastando o cabelo dourado do rosto.

Graziela ergueu uma das sobrancelhas, surpresa. A menina sempre fora esquisita, mas boicotar a festa dos pais já era demais. *A convivência com Luca e seu drama pessoal pode ter sido um gatilho.*

— Não se deixe abater, amiga. Isso é bobagem, ninguém é capaz de prever o futuro. No fundo, Pietra é apenas uma adolescente introvertida querendo chamar sua atenção a qualquer custo. — *Telma não faz ideia o que é ter um problema de verdade.* — A propósito, onde ela está?

— Nós discutimos — Telma apertou os lábios —, ela entrou mal-humorada, duvido muito que tenha ido dançar.

Um pensamento se formou na cabeça de Graziela. *Um quarto de calmamente dará conta do recado.*

— Escute, os convidados devem sentir a falta da anfitriã. Fique tranquila, eu cuido disso. Vou preparar aquele chá de camomila que a Pietra adora, garanto que acalmará sua ansiedade e, quem sabe, até consiga cochilar antes da virada. — Piscou.

— Obrigada, Grazi. Você é a melhor!

— É o mínimo que uma madrinha pode fazer.

CAPÍTULO 8

SENTI MINHAS BOCHECHAS ESQUENTAREM quando ele se aproximou. Efeito do vinho? Provável. No ambiente refinado do coquetel de Sienna, o vizinho ogro parecia disfarçado. Sem óculos, barba feita, cabelos domesticados com gel. Como se um bom terno italiano fosse capaz de esconder quem ele realmente era.

Fabrizio me empurrou com o ombro na direção de Enrico. Meu irmão estava com a ideia fixa de estreitar ainda mais a relação com *nosso* parceiro de negócios do mercado de vinhos orgânicos.

— Se lembra da Pietra? Apresentei vocês outro dia.

Um momento de silêncio se seguiu. A expressão do vizinho impassível, sua marca registrada. Então percebi seus olhos escuros me medindo discretamente, escorregando rumo ao decote do elegante vestido de seda que Sienna tinha me emprestado. Ele não era o único disfarçado naquela noite.

— Na verdade — Enrico tossiu de leve —, não fomos apresentados formalmente.

O comentário dele me arrancou uma risada. Apresentados formalmente? Em que século esse cara vivia? Mas, analisando a situação, até fazia sentido. Desde o primeiro dia nossa *relação* foi... confusa.

— Ora, sou mesmo o rei das gafes. — Fabrizio entrou na brincadeira. — Essa é a Pietra, minha irmã caçula, empresária do mundo dos eventos e grande arquiteta. Pietra, esse é o Enrico, enólogo premiado, nosso parceiro de negócios e, por acaso, seu atual vizinho.

— Prazer, Pietra. — Enrico prolongou meu nome com seu forte sotaque italiano.

Sem saber como agir, ajeitei a alça do vestido justo demais para o meu gosto e estiquei a mão para o cumprimentar. Um garçom vinha chegando com uma garrafa, reconheci o rótulo prateado e a logomarca da Vinícola Savoia. Aproveitei para me desvencilhar do toque quente dele.

— Minha irmã provou e aprovou o Malbec orgânico da sua vinícola. Tenho que admitir, o paladar dela é muito mais apurado que o meu.

O vizinho vincou a testa como quem diz: essa aí entende de vinhos? Porém, em vez disso, ele falou:

— Interessante. Temos uma *sommelier* entre nós. Estou curioso para escutar sua opinião sobre o primeiro Chardonnay orgânico produzido em Vila Allegro. — Por favor, sirva a senhorita — Enrico pediu ao garçom.

Mais que depressa, o homem de camisa branca e calça social preta trocou minha taça e a encheu com o líquido de cor amarelo palha claro, com reflexos esverdeados. Dei o primeiro gole sob o olhar compenetrado do vizinho.

— Intenso, mas com corpo leve. Notas de... pêssego. — O vinho branco descia suave pela minha garganta. Respirei fundo e bebi o resto da taça. — Refrescante como um mergulho de piscina em um dia quente de verão — adicionei.

Algo mudou na fisionomia de Enrico. Um sorriso ameaçou aparecer em seus lábios.

— Eu te disse. — Meu irmão jogou um dos braços sobre os ombros do parceiro. — *Avere um talento naturale*. — Fabrizio olhou para mim. — *Mia Sorella* é ou não é uma aposta certa? Esse lançamento veio para acabar com o mito de que só no sul do Brasil se produzem bons Chardonnays. E o *nosso* é orgânico.

— Amor — uma voz estridente ecoou pela sala —, pode subir um minutinho?

Fabrizio virou-se para escada do lado oposto. E lá, no topo, estava a anfitriã com seu vestido vermelho tomara que caia a lá *Jessica Rabbit*. Deslumbrante como sempre.

— O dever me chama. Provavelmente, algo relacionado com o fecho do colar. Vou em um pé e volto no outro, os convidados devem chegar em dez minutos.

Ele nos deu as costas e disparou escada acima. Eu me vi sozinha com Enrico, era a oportunidade de falar sobre Luca, tinha que saber se ele o enxergava. Porém, por mais que soubesse que a ajuda de Enrico deixaria mais fácil a comunicação com Luca, eu não conseguia encontrar as palavras certas. O que eu estava prestes a pedir não era algo simples.

Nós nos encaramos em silêncio por quase um minuto, a falta de palavras tornando a situação ainda mais desconfortável. Por fim, antes que eu tivesse coragem de abrir a boca, uma mulher de meia-idade e vestido vermelho chamou o nome do vizinho. Enrico, que parecia aliviado em escapar da minha companhia, pediu licença e foi conversar com a mulher.

Inferno, perdi a chance de falar com ele.



Em menos de meia hora, a sala estava abarrotada de gente. Fui ao banheiro retocar o batom, ajeitei meu cabelo preso em um meio-rabo. Encarando minha imagem no espelho de moldura de metal, ensaiei um sorriso. Era hora de interpretar meu papel. Com ou sem a ajuda do vizinho-ogro, manteria meu acordo com Luca. Não sabia quem iria encontrar naquela noite e, tampouco, como introduzir o assunto. Mas, uma coisa era certa: todo assassino precisa de uma motivação e cabia a mim descobri-la. Por sorte, eu tinha algo a meu favor: o vinho deixa todos com a língua solta.

Recostei-me no assento da *chemise* caramelo de forma casual, tentando me encaixar em meio aos vestidos glamorosos e ternos sob medida. Alguns rostos me observavam. Não conhecia a maioria deles, porque passei muitos anos longe. De repente, vi um homem de cabelo castanho-claro com um corte moderno se aproximar. Diferentemente dos demais convidados, usava uma roupa descolada: blazer escuro sobre uma camiseta clara, calça jeans e sapatênis.

— Pietra Barone? — Seus olhos azul-acinzentados se arregalaram.

— Marco? — Eu fiz uma careta. A imagem que guardava dele era a de um garoto engomadinho de nariz empinado. Eu me levantei de supetão percebendo, de imediato, que, apesar de ter crescido desde os meus quatorze anos e do salto agulha que usava, muitos centímetros ainda nos separavam.

— Olha só para você. — Marco segurou minha mão me girando. — Meus pais tinham me prevenido sobre seus encantos. Eu confesso, achei que fosse exagero. Os coroaos te adoram.

— Devo me sentir lisonjeada? — Ergui uma sobrancelha e me desvencilhei do seu toque.

— O velho e bom sarcasmo, eu me lembro dele. — Marco riu, esticando a mão na direção de uma bandeja que cruzava por nós. — Água e refrigerante? Ora, por favor, queremos algo mais forte — pediu ao garçom.

— Sim, senhor. Vou avisar para minha colega — o homem respondeu.

Em seguida, uma jovem chegou segurando uma bandeja com taças do Chardonnay.

— O que tá fazendo aqui? — perguntou Marco, visivelmente surpreso.

— Boa noite, seu Marco. Hoje é minha folga no restaurante, a prima do senhor me chamou para fazer um bico de garçonete — ela respondeu, sem graça.

Eu demorei um bom minuto para reconhecê-la. A versão atualizada de Sienna tinha os cabelos puxados para cima em um penteado careta, usava um batom cor de boca e a saia preta que cobria seus joelhos não favorecia em nada sua silhueta curvilínea.

Havia um clima pesado entre aqueles dois ou seria impressão minha?

— Boa noite, dona Pietra. — O jeito com que ela me fitou indicava que também não me reconheceu logo de cara.

— Boa noite, Bia — disse, simpática.

Marco pegou duas taças e a dispensou com um gesto.

O layout mudou, a arrogância não.

— Saúde, *bella Pietra*. — Deu uma piscadela erguendo a bebida.

Eu tilintei minha taça na dele.

— Isso é estranho pra cacete — declarou, com os olhos fixos na minha boca. — Moro em São Paulo, meu pai é seu padrinho, minha prima sua cunhada, o Fabrizio meu melhor amigo e não nos víamos há séculos.

— Normal. — Beberiquei o vinho, me sentia solta. — São Paulo é uma cidade grande, além do que, você e o meu irmão andam afastados. Mesmo na época do colégio, quando você, Fabrizio e Luca eram os três inseparáveis mosqueteiros, o Luca vivia dizendo que era *ele* o melhor amigo do meu irmão — provoquei, aguardando sua reação.

— Rá-rá. Até parece. — Seus dedos se fecharam com força em torno da taça. — Só porque o pai do cara é amigo de infância do de vocês. No fundo, Luca se achava melhor em tudo. O mais bonito, o mais inteligente. — Marco se deteve, o rosto franzido. — Até a você ele conquistou. Eu me lembro bem da sua paixonite.

Fui tomada por um *flashback* nítido, embora tivessem se passado duas décadas. Marco pegando no meu pé por causa do Luca, eu correndo para o meu quarto aos prantos.

— Éramos amigos. — Contive minha raiva. — O Luca era gentil e não me ignorava como *certas pessoas*. E o que uma *baixinha esquisita* com quatorze anos entendia de paixão? — rebati.

— Caramba, ainda se lembra desse apelido? Era provocação, você ficava uma fera. Ano passado, achei a fita cassete da gravação que fiz. Fui te entrevistar e te chamei assim, aí perguntei quais eram suas primeiras palavras para o ano de 1985.

— Interessante. Quais foram elas? — Ergui uma sobrancelha.

— Vai à merda, idiota. — Marco riu alto. — Juro que achei que fosse quebrar a câmera. Foi mal, Pietra. Você ainda faz o tipo mignon, mas posso garantir que *baixinha deliciosa* é mais apropriado. — Ele deu um passo à frente encurtando a distância entre nós.

Tomei um gole de vinho tentando não tossir. Marco estava flertando comigo? Meu estômago se revirou, mas decidi tirar proveito da situação, quanto mais envolvido estivesse, mais informações eu conseguiria arrancar.

— Seria legal rever essa fita. — Joguei charme.

— Deve ter ido parar no lixo na minha última faxina, não foi meu melhor momento como cineasta. — Pela maneira que desviou o olhar, tive a impressão de

que ficou desconfortável. — Mas, olha, preciso te dizer o quanto o tempo te fez bem, baixinha. Você está um espetáculo.

Respondi com um sorriso amarelo.

— É louco como quatro anos de diferença de idade podem ser tanto na adolescência e nada na vida adulta. Se eu tivesse uma bola de cristal, também teria sido mais *gentil* contigo, ponto para o Luca — Marco dizia o nome dele com raiva.

— Eu me lembro — abaixei a voz para um sussurro — que vocês tinham uma rixa.

— Não. — Marco bebeu mais. — Não era bem assim. A gente até que se dava bem, da nossa maneira. O Luca que ficou esquisito no último ano da escola.

— Por que acha isso?

— Bom, ele mudou comigo de uma hora para a outra. Estava misterioso. A última vez que foi em casa fazer um trabalho de geografia, saiu sem se despedir, deixou até a mochila. Mais tarde, meu pai encontrou as coisas do nosso escritório fora do lugar.

— Acharam que ele estava procurando algo?

— O que você acharia? — Respondeu-me com outra pergunta.

— Chegou a conversar com ele a respeito? — Eu estava intrigada.

— Era véspera de um feriado, eu viajei. Devolvi a mochila dele, quatro dias depois, na escola, o Luca se esquivou das minhas perguntas. Na semana seguinte, enfiei a cara nos livros por conta da prova para a universidade de Roma.

— O Luca ganhou a bolsa — eu disse.

— Uma puta sacanagem. — Marco deu outro gole no vinho. — Na boa? Ele nem ligava para cinema. Deu sorte naquele documentário sobre a colonização italiana em Vila Allegro, acho até que o diretor da escola quis fazer bonito, você sabe, ele era bolsista, negro e filho de professor, pega bem.

O comentário só comprovou o viés preconceituoso do Marco. Ainda assim, me peguei pensando a respeito. Embora gostasse de escrever, o Luca era mais de exatas. O melhor aluno de matemática da classe. Além de esportes e música. Ele não tinha a fixação do Marco por cinema.

— Quer dizer que não se falaram mais depois do resultado da prova? — perguntei.

— Vieram as férias de verão, ele passou a trabalhar período integral no armazém para juntar grana para a viagem. A gente mal se via, Pietra. Mas nos cruzamos na festa de Ano-Novo. O cara veio me dizer umas bobagens sem nexo, estava bêbado. Depois... — Marco se calou.

Ele morreu afogado. Balancei a cabeça forçando a imagem de Luca boiando no lago a sair. De repente, algo estalou no meu cérebro.

— No fim, *você* ficou com a vaga dele na universidade de cinema, certo?

— A vaga nunca foi dele — respondeu, irritado. — Houve fraude. O professor Lorenzo teve acesso ao gabarito. — Estalou a língua. — Ah, Pietra, que papinho esse seu. Para que revirar sepulturas? — Inclinou as costas e levou sua boca no meu ouvido. — Que tal focarmos no presente, me conte sobre você.

Marco cheirava à loção pós-barba, seu hálito era quente. Eu levei uns bons segundos para reagir, chocada demais com a possibilidade de estar diante do assassino de Luca. Não. Eles tinham lá suas diferenças, mas eram amigos de infância.

Marco não seria capaz.

— Vai me desculpar, vou dar uma circulada. Ainda não cumprimentei ninguém.

— Justo. — ele se recompôs. — Porém, se pensa que vai se livrar de mim com tanta facilidade, está enganada.



Fabrizio pediu a atenção dos convidados e puxou Sienna para junto de si.

— Quero agradecer a presença de vocês e propor um brinde à minha talentosa esposa. — Ele deu um selinho nela. — Ao sucesso da nova coleção.

— Ao sucesso da nova coleção — os convidados entoaram em coro.

— Pietra, Enrico, venham aqui — chamou Fabrizio.

Senti meu rosto queimar. O que meu irmão está inventando? Busquei o ogro com o olhar, vi que se levantava de um dos sofás, ia ao encontro dos anfitriões. A contragosto, fiz o mesmo.

— Meu amor, essa noite é sua — Fabrizio dirigiu-se a Sienna —, mas aproveito a ocasião para anunciar a parceria comercial entre a nossa vinícola e a vinícola Savoia, agora a vinícola Barone distribuirá vinhos orgânicos como esse Chardonnay que estão tomando. — Ele pousou a mão sobre meu ombro.

Os convidados aplaudiam.

— E para quem não a conhece — fez um gesto pedindo silêncio —, essa é minha irmã, Pietra. Nascida e criada em Vila Allegro. Ela trabalha com eventos em São Paulo. — Fabrizio carregou a voz com tom de suspense. — E veio para organizar a melhor festa da virada do século, bem aqui, no nosso vilarejo. Por isso, se programem. Logo, os convites estarão à venda.

Um frisson percorreu a sala. Em meio ao burburinho, uma voz feminina se sobressaiu. A da minha madrinha.

— Pietra, que saudades. — Graziela chegou me envolvendo em um abraço apertado. — Filha — ela segurou a mão de Sienna —, acertou na escolha. A Pietra

parece uma celebridade nesse vestido. Uma moça veio me perguntar se era da sua boutique, fui logo dizendo que é da nova coleção.

— Viu só, cunhadinha? Me agradeça por livrar você daquela sua roupa apagada. Um vestido de grife e uma boa maquiagem fazem milagres. Quem sabe, até arruma um namorado hoje. — Sienna abriu um sorriso tão frio quanto o seu olhar.

— Nem pensar, gata. O foco da Pietra deve ser a reforma e a festa — interveio meu irmão.

Postado ao lado do casal, Enrico ouvia a conversa, parecendo entediado.

— Já vou indo. — Ele limpou a garganta. — Obrigado pelo convite, Fabrizio.

— *Ma come?* — Meu irmão teve um sobressalto — *Aspetta*. Vamos oferecer um Farfalle a pomodoro.

— *Va Benne, va Benne*. — Gesticulou sem jeito e se viu obrigado a ficar.

A massa foi servida em pequenas tigelas, uma tendência nos eventos paulistanos. Assim como os demais convidados, me acomodei em um dos sofás da ampla sala. Graziela sentou-se ao meu lado, curiosa a respeito da festa da virada. Eu a conhecia, adorava dar palpite. E esse foi o gancho para que eu puxasse assunto sobre outra festa, a do Réveillon de 1985.

— Vejamos, o que eu acho que funcionou? — Ela franziu o cenho buscando as imagens na memória. — A ideia da sua mãe em colocar mesinhas em volta do jardim foi excelente, aquelas tochas com fogo criaram um clima aconchegante e as bexigas douradas boiando na piscina deram um toque especial.

— Dessa vez, pretendo cobrir a piscina para ganhar espaço e evitar qualquer... acidente — joguei a isca.

— Puxa. É claro. — Minha madrinha piscou os cílios postiços e tocou meu braço. — Sempre vão existir os que exageram no álcool. Inclusive, seria apropriado arrumar uma maneira de fechar a trilha para o lago — adicionou.

— Grazi, achou o Luca diferente naquela noite? — Prendi a respiração esperando a resposta.

Ela se empertigou, surpreendida com a pergunta fora do contexto.

— Bem, pode ser. — Massageou as têmporas. — O excesso de bebida o deixou ainda mais arrogante que o normal. Aquele garoto achava que podia tudo. Aprendeu da pior forma que toda ação tem sua reação.

Notei um lampejo de irritação no seu rosto coberto por uma camada generosa de base. *Desde quando minha madrinha não gostava do Luca?*

— Pietra, imagino como deve ser difícil para você. Mas a morte não transforma ninguém em santo, viu?

CAPÍTULO 9

A FESTA ESTAVA TERMINANDO quando percebi que Enrico se encaminhava para a saída. Virei a taça de vinho que segurava e o segui, tentando ser rápida o suficiente para alcançá-lo e, ao mesmo tempo, não chamar muita atenção para mim. A última coisa de que precisava era do povo de Vila Allegro fofocando sobre como eu havia corrido atrás do ogro.

— Espera, Enrico.

Ele virou o pescoço depressa, estava no hall, a poucos metros da porta.

— Está me seguindo, Pietra?

— Quero te contar uma coisa. — Meu pulso estava acelerado.

Meio atrapalhada com as palavras, contei a ele que tinha o espírito de um amigo no sítio e que precisava da ajuda dele.

— Como é? — As sobrelanceiras do vizinho se arquearam.

Diante da sua reação, resolvi reformular meu discurso. Para o deixar à vontade, dei o primeiro passo. Contei sobre minha experiência pessoal. Meu sexto sentido aguçado, as premonições que me assombravam na adolescência, a morte trágica do meu amigo no sítio e, por fim, que notei sua mudança de atitude e o olhar fixo no nada depois do episódio das abelhas.

— Sabe — segui falando disposta a arrancar a verdade —, eu e seu avô éramos amigos, o fato de eu ter previsto a morte da sua avó nos uniu. — Engoli em seco. — Infelizmente não consegui evitar a morte da dona Alba, ela estava doente.

O semblante dele mudou. A expressão enfezada se desfez por completo. Agora eu tinha sua total atenção.

— Não se pode mudar o curso natural da vida — ele disse mais para si mesmo do que para mim.

— Uma frase clássica do seu avô. Por outro lado, o seu Nicola afirmava que *habilidades* são uma dádiva, um *superpoder* que nos torna especiais.

— Ouvi isso de *superpoder* dezenas de vezes na minha infância. — Os braços estavam cruzados sobre o peitoral largo. — Eu amava meu avô. Mas,

sinceramente, consegue concordar com ele?

— Não. Sendo franca, sempre me senti bizarra. — Dei de ombros. — Mas, depois do acidente do meu amigo, não prevejo mais mortes. Acabou naquele Réveillon de 1985. De alguma forma, bloqueei meu *superpoder*.

— Eu te invejo. — Suspirou. — Daria tudo para deixar de vê-los — fez uma pausa, afrouxou a gravata e olhou para os próprios pés. — Os fantasmas — murmurou.

E lá estava: a confissão de Enrico. Eu não esperava que ele admitisse tão facilmente. Era estranho ver o lado vulnerável de alguém tão cheio de si. Contudo, ele parecia aliviado em se abrir.

— Eu nunca vi fantasmas, mas acabo de descobrir que posso senti-los. Eles... se comunicam comigo. Bom, o Luca se comunica — corrigi.

— Luca. O adolescente atlético — balbuciou. — Espera aí — Enrico levantou a vista me encarando —, falou que a tragédia no seu sítio ocorreu em 1984. Não faz o menor sentido ele estar aqui tanto tempo, não é o *normal*.

— Luca está preso no local onde foi assassinado — soltei sem preâmbulos.

— Essa é uma acusação muito séria, Pietra. — O vizinho fechou os punhos. — Ele afirmou isso?

— Do jeito dele. Preciso da sua ajuda, Enrico. Nossa comunicação por meio do Genius não é suficiente.

— Genius? O jogo?

— Longa história. Você também consegue escutá-los, certo?

Enrico balançou a cabeça em afirmação.

— Ótimo. Você pode fazer o papel de um mediador. Eu acho que o Luca tem lapsos de memória devido ao trauma. Precisamos entender o que de fato aconteceu.

— Precisamos?

— Enrico — levei as mãos ao quadril —, pela primeira vez nossas habilidades podem ser úteis.

— O que *eu* preciso nesse momento é ir para casa. Melhor fingirmos que essa conversa nunca aconteceu.

Ele se virou, pronto para me deixar falando sozinha.

Maldito ogro.

— Não vai embora! — eu disse, um pouco alto demais e agarrei seu braço.

Enrico deu meia-volta, seu rosto era uma máscara indecifrável.

— Fui eu quem encontrou Luca morto no lago — declarei em um fôlego só.

— O quê?

— Ele andava deprimido e *naquela* noite, bebeu além da conta. — Os *flashes* vinham em câmera lenta. A bile subiu pela minha garganta, falar em voz alta doía.

— Se eu tivesse sido mais atenta aos sinais, se eu tivesse ficado na cola dele. Se ao menos tivesse chegado a tempo.

— Sinto muito. Não se martirize, não tinha como saber. — Seu tom era quase... gentil.

— Discordo. Eu *sabia* que alguém ia morrer afogado e de nada adiantou meu *superpoder*. E nem ouse repetir a frase do seu avô sobre o curso natural da vida. — Inspirei. — Sua avó aproveitou a dela, diferente do Luca. Faz ideia de como foi passar quinze anos ruminando todos esses “se”? — Minha voz saiu trêmula, segurei o choro.

Enrico desviou o olhar, pensativo.

— Lógico que não faz ideia. O que você entende sobre culpa? — Balbuciei, cravando minhas unhas nas palmas das mãos. — Escuta, tá na cara que nosso santo não bate, mas alguém jogou meu amigo daquele penhasco e segue impune, preciso da sua ajuda. — Conseguia ouvir o desespero na minha voz.

Enrico parecia longe e, durante o silêncio que se estabeleceu entre nós, tive a impressão de escutar passos.

Então, um barulho de copo se quebrando captou a atenção de ambos.

— Merda.

Por reflexo, corri na direção do barulho. Fosse quem fosse, não estava mais ali. Entretanto, os cacos de vidro e o vinho tinto que maculava o piso branco formando uma mancha rubra eram prova suficiente. Alguém ouviu nossa conversa. E, quem quer que fosse, agora sabia demais.

NOITE DA FESTA

31 de dezembro de 1984

Anna

CARLO APRESSOU A ESPOSA. Queria chegar cedo para ajudar os anfitriões. Essa era uma das características que Anna amava no marido, seu coração bondoso.

Ela massageou as têmporas se esforçando para levantar da cama. Sentia-se grogue, talvez tivesse exagerado nos calmantes. A verdade é que, depois da descoberta daquela tarde, não tinha ânimo para encarar uma festa grandiosa, música alta, gente bêbada e muito menos... a sobrinha. *Como ela pôde?* Decerto, sua irmã tinha uma boa parcela de culpa, aquela desmiolada tinha criado Sienna muito solta. *Se elas, ao menos, frequentassem a igreja.* Com esse pensamento em mente, apanhou a Bíblia na mesinha de cabeceira e a abriu de forma aleatória, um velho hábito. Mateus 7:13-14: “Entrai pela porta estreita; porque larga é a porta, e espaçoso o caminho que conduz à perdição, e muitos são os que entram por ela; E porque estreita é a porta, e apertado o caminho que leva à vida, e poucos há que a encontrem.” Anna soltou a respiração devagar agradecendo a mensagem divina. Depois, voltou o olhar para o vestido branco pendurado atrás da porta do quarto. Precisava ir à festa com o marido e o filho, as pessoas entranhariam sua ausência. Seria considerada uma desfeita horrível. *Minha fé está sendo posta à prova,* refletiu.

Ela caminhou até o espelho, encarou a própria imagem e fez uma promessa silenciosa: guardaria o segredo para si, nada, nem ninguém iria abalar sua vida familiar.



Telma estava acomodando um arranjo de flores em uma das mesas redondas distribuídas no jardim, os cabelos dourados voando com a leve brisa de verão.

— Comadre, chegamos para dar uma força — disse Carlo, entusiasmado.

Ela se virou, imaculada, tinha aquele tipo de beleza clássica retratada nas pinturas: grandes olhos azuis, maçãs do rosto altas, pele pálida e traços delicados. Usava um vestido de tecido leve com mangas bufantes. Anna se lembrou de o ter visto na vitrine da loja refinada onde a irmã trabalhava, lembrava-se também do preço: uma pequena fortuna.

— Imagina, Carlo. — Ela abriu um sorriso simpático. — Estou apenas dando meu toque final, já me conhecem: gosto de pôr a mão na massa.

Anna concordou com um meneio de cabeça. A anfitriã tinha esse cuidado com absolutamente tudo: sua casa, seus amigos, sua família. Na época de escola, todo mundo queria ser do grupo dela, tão caprichosa. É lógico que ter dinheiro para comprar as canetinhas mais lindas no exterior e ter acesso às mais caras enciclopédias ajudava também. Ainda assim, Anna a admirava. Telma era mais que uma menina rica e de família influente, tinha personalidade, luz própria. No entanto, Anna jamais entendeu como alguém como Telma podia ser amiga íntima de sua irmã, a ponto de convidá-la para ser madrinha da filha. Graziela era seu oposto, fazia a linha rebelde, sempre foi difícil e sequer era cristã. Anna, sem dúvida, teria sido uma melhor influência para Pietra e faria muito mais sentido, sendo seu marido o padrinho.

— Querida, você está ótima — Telma disse.

— Obrigada — Anna endireitou a postura. Não se sentia ótima, nem de longe. *Uma frase dita por pura educação.* — Belíssima festa.

— Essa virada de ano precisa ser especial. Com os meninos indo para a faculdade, sabe Deus como será daqui para frente. Esse pode ser nosso último ano juntos aqui no sítio. — Suspirou. — Falando nisso — Telma girou o pescoço —, e o Marco? Vem depois?

— Que nada, veio conosco, correu lá para dentro. Fabrizio comentou que vocês transformariam o salão principal em uma discoteca e até DJ vindo da capital teremos. Marco trouxe a câmera de vídeo para documentar — respondeu Carlo.

— Nosso cinegrafista. — Telma piscou. — Uma pena ele não ter conseguido a bolsa da faculdade de cinema.

Um silêncio instantâneo se fez entre eles. Carlo contraiu a mandíbula, Anna remexeu os pés com desconforto.

— Bem — Telma prosseguiu, segundos depois —, Lorenzo nunca teria condições de pagar os estudos de Luca em Roma com um salário de professor.

— E por isso deu seu jeitinho — Carlo rebateu.

De novo isso? Anna apertou o braço do marido e sentiu sua testa franzir.

— Carlo — Telma estreitou os olhos, seu tom tornou-se sério —, não é certo fazer acusações infundadas.

— Ah, é mesmo? Qual é a sua opinião sobre Lorenzo me acusar pela morte da esposa? Isso sim é uma acusação infundada. Dora era cardíaca, mesmo que tivesse a categoria luxo do plano de saúde, nada mudaria. — Fez questão de frisar.

— Sei disso, Carlo, todos sabemos. — Telma suspirou. — Olha, um ano novo logo vai nascer. Lorenzo e Raul se conhecem desde a infância na Itália e você é o padrinho da Pietra. Ambos são nossos amigos queridos. Essa picuinha já foi longe demais, é hora de uma trégua.



Graziela foi uma das últimas a chegar. *Essa adora causar o efeito* “sempre se espera pela melhor figura”, concluiu Anna. Ela estudou a irmã caçula, chamativa demais para uma mulher de mais de trinta e mãe de uma adolescente. O decote dela parecia gritar: estou disponível e desesperada! Por sua vez, Sienna nem passou pelo jardim, foi direto para a pista de dança juntar-se aos outros jovens.

Anna procurava, a todo custo, se entrosar e manter o sorriso. Porém, sentia-se inquieta, o burburinho crescente a incomodava, as palmas das mãos suando com o calor. Tornou a olhar seu relógio, ainda faltavam três horas para a virada. O tempo passava arrastado. Apanhou sua bolsa pendurada na cadeira, a mão deslizando para dentro e seus dedos correndo pela cartela de comprimidos, respirou aliviada. Não estava sozinha.

Um garçom se aproximou lhe oferecendo uma taça de vinho branco. Anna tossiu de leve, o rosto ardendo feito o de uma criança pega no flagra. Encarou o vinho, hesitando por um instante, quase não bebia. Mas era noite de festa, então decidiu aceitar.

O primeiro gole da bebida desceu refrescando sua garganta seca. Com a taça em mãos, ela percorreu sozinha o jardim, precisava espairar. *Solitários são aqueles que servem ao senhor*. Depois de algum tempo, Anna cruzou com Lorenzo. Ele também havia se afastado dos demais, estava com os olhos inchados, Anna teve dúvidas se por efeito do álcool ou pela tristeza que sempre o visitava naquela época do ano. Não gostava de como o professor acusava seu marido injustamente, porém, sentia uma enorme pena do homem.

Ele perdeu a esposa, o amor da sua vida.

Anna inspirou fundo, bebericou um pouco do vinho e seguiu sua caminhada dando privacidade a Lorenzo. Mais adiante, parou para contemplar o céu estrelado

quando percebeu algo se movendo em sua visão periférica. Duas pessoas discutindo em um canto isolado.

Ao chegar um pouco mais perto, pôde enxergar com clareza. A garota usava saia de tule, uma regata com brilhos e pulseiras de borracha. No alto da cabeça, uma faixa de cetim com um laço enorme enfeitava os cabelos escuros que cascadeavam até o meio das costas. *A inconfundível Sienna*. Porém, o rapaz postado à sua frente não era o Fabrizio, Anna apertou os olhos. Ele tinha os ombros largos, um porte atlético. *O filho do professor Lorenzo*. Intrigada, apurou os ouvidos. O vento levava as palavras, o som alto.

Então, sem aviso, a sobrinha meteu a mão na cara dele e saiu pisando forte. A atitude de Sienna pegou Anna de surpresa. Ela, prontamente, escondeu-se atrás de uma árvore para não ser vista. De onde estava, viu a boca do garoto formando a palavra “merda”. O rosto dele transtornado. Luca tropeçou e, por pouco, não caiu. Anna saiu do seu esconderijo determinada a entender o que estava acontecendo.

— Boa noite. — Ela projetou a voz. — Está tudo bem, querido? — Anna não podia dizer que estava o espionando, esperaria ele se abrir com ela.

O garoto deu mais alguns passos e parou na sua frente.

— Se está tudo bem? — ele repetiu a pergunta, cambaleando.

— Meu Deus. — Ela arqueou as sobrancelhas. — Mal se aguenta em pé. Deveria, ao menos, ter pensado no desgosto que causará ao seu pai antes de exagerar no álcool.

— Não estou nem aí, aliás, vou procurar um garçom, pois minha bebida evaporou. — Ele deu uma gargalhada exasperada. — A senhora vai mesmo me julgar? — Luca abaixou os olhos para a taça de vinho na mão dela. — Cuidado, a Bíblia diz: não julgue para não ser julgado.

— Que blasfêmia citar a Bíblia bêbado do jeito que você está. — Anna tencionou a mandíbula. — Vou relevar. Sei do seu sofrimento, mas está sendo egoísta, seu pai é a única família que lhe resta e família é nosso bem maior.

— A senhora sempre foi legal comigo, então vou ter consideração — disse, enrolando a língua. — Não vou estragar a imagem *perfeita* que tem da *sua família* — balbuciou.

— Ora, conheço seu rancor, Luca. Eu te asseguro, o Carlo nada podia fazer para salvar a vida da sua mãe.

— Acha que é sobre minha mãe? — A expressão dele se anuviou. — Dona Anna, independente do que aconteceu com ela, seu marido é um mau caráter e seu filho um perverso. Se eu contar tudo o que sei, nunca mais irão olhar na cara de vocês.

Anna arregalou os olhos e, antes que tivesse a chance de responder, Luca virou as costas. Ela observou o rapaz se afastando com seu passo trôpego. O fedelho

estava blefando ou realmente sabia de algo que pudesse macular a imagem de sua família? Então, como se por iluminação divina, a cena que ela acabara de presenciar respondeu a sua pergunta: Luca e Sienna discutindo, a garota dando um tapa na cara dele. Aquilo não podia ser coincidência. Luca sabia demais. Anna tomou o restante do vinho de uma só vez, um pensamento conhecido ressoou em sua mente: *nada nem ninguém irá abalar minha vida familiar.*

CAPÍTULO 10

— *BUONGIORNO, DORMINHOCA.* — Meu irmão sorriu. — Vem comer com a gente.

Parada na porta da luxuosa sala de jantar, observei a mesa farta posta à perfeição. A noite tinha sido péssima. Nem mesmo o relaxamento que o álcool costumava me proporcionar foi capaz de suplantiar meu pensamento acelerado. Os acontecimentos voltavam em *flashes*. As diversas vozes com as quais conversei no coquetel, misturavam-se em minha cabeça como se competindo entre si. A iminente sensação de perigo tensionava minha espinha. Alguém estava atento aos meus passos.

E agora esse alguém sabe demais.

— Hum, suco de laranja, meu preferido — disse, na tentativa fútil de disfarçar o que sentia.

Fabrizio me serviu um copo.

— Senta aí, pirralha. Precisa provar esse bolo de brigadeiro. — Ele foi logo cortando um pedaço. — A glicose é o melhor remédio para curar a ressaca.

— Ressaca? Até parece. — Puxei a cadeira ao seu lado. — Nem bebi tanto assim.

No entanto, minha boca seca e meu estômago embrulhado contradiziam minhas palavras.

Sienna soltou uma risada irônica. Vestia um roupão branco igual aos dos hotéis cinco estrelas, seus cabelos úmidos tinham um cheiro adocicado de baunilha.

— Segundo a *sua madrinha*, você emendou uma taça na outra. Não tinha a menor condição de pegar a estrada. Fabrizio fez bem em confiscar a chave do seu carro.

— Sendo assim — forcei um sorriso —, obrigada pela hospitalidade.

Comi um pedaço do bolo, minha mente ligava os pontos. Graziela esteve me observando no coquetel. Será que foi ela quem escutou minha conversa com Enrico? Lembrei-me da sua expressão de raiva quando perguntei sobre o Luca.

Mas o fato da minha madrinha implicar com ele não a tornava a assassina. Ou tornava?

O Marco também não tinha memórias amigáveis e, depois de tantos anos, ainda parecia se ressentir por ter ficado em segundo lugar na seleção para a bolsa da faculdade.

— Pietra — meu irmão cutucou meu braço —, você ficou pálida. Está bem?

— Vou nessa, gente — desconversei, finalizando meu suco. — Não quero incomodar vocês e tenho trabalho a fazer. Valeu por me emprestar o vestido, Sienna. Deixei estirado em cima da cama.

— Pelo amor de Deus, Gata borralheira, hoje é domingo. — Minha cunhada revirou os olhos.

De certa forma, Sienna acertou em cheio, o apelido se adequava perfeitamente à minha situação. Ainda mais vestida com minha própria roupa. Tal como a Cinderela, o sapato de salto alto era o único resquício do meu momento princesa encantada, e nem eram brilhantes. Eu precisava voltar para a realidade. O futuro da minha família dependia do sucesso da festa de Réveillon e da venda do sítio, algo que a dona esnobe não fazia ideia. Apertei meus lábios para impedir que as verdades engasgadas saíssem.

— Quero aproveitar o dia livre do Joel, fiquei de ligar para ele — disse.

— Joel, o funcionário do armazém? — Indagou Fabrizio entre mordidas no seu misto quente.

— O próprio. Uma ajuda para lixar as paredes será bem-vinda. — chutei a perna do meu irmão por debaixo da mesa.

— Lógico. — Fabrizio se engasgou. — Um estudante cabe no nosso orçamento. — fingiu um ar despreocupado na frente da esposa e se levantou. — Diga para Joel que acerto no final do mês. Eu te daria uma força, pirralha. — Tocou na ponta do meu nariz. — Mas fiquei de me encontrar com nosso investidor. Termina de comer com calma, pode ligar para seu ajudante daqui. — Meu irmão saiu andando.

— Conhece o tal investidor? — perguntei para Sienna, logo que Fabrizio subiu as escadas.

— Não. — Ela abaixou o tom de voz. — Mistérios de Fabrizio Barone. Sei que é um empresário jovem, paulistano, amante de vinho e está em Vila Allegro.

— E não veio ontem? — Fiz uma careta.

— Também estranhei. Seu irmão falou que ele teve um compromisso de última hora. — Sienna voltou a comer sua papaia.

— Falando em mistério, tem uma coisa me deixando encafifada — introduzi o assunto.

— E o que seria? — perguntou ela, blasé.

— Por que sua mãe não gostava do Luca?

Vi a transformação acontecendo no rosto da minha cunhada. As sobrancelhas bem-feitas foram parar no meio da testa, sua mandíbula delineada se enrijeceu. Os lábios crispados.

— Quero dizer — expliquei —, a Graziela não chegou a afirmar com todas as letras; mas quando mencionei o Luca, ela soltou que a morte não transforma ninguém em santo.

Sienna hesitou por um segundo e se remexeu na cadeira.

— Minha mãe só disse a verdade. Ele não foi esse garoto bonzinho que *você* imaginava. — Trincou os dentes. — Havia muita coisa escondida sob todo aquele charme.

Prendi o ar, chocada com a declaração.

Caramba, desde quando o mundo odiava o Luca?

— Tipo o que, Sienna? — Tratei de recuperar a compostura e fiz a pergunta em um tom casual.

Ela fixou seus olhos castanhos na janela à sua frente. Quase conseguia ver as engrenagens do seu cérebro trabalhando.

— Luca era egoísta, tinha uma ambição desmedida. Havia boatos que seduzia mulheres comprometidas. — Tamborilou as unhas vermelhas na mesa. — Fora que tinha o péssimo hábito de bisbilhotar a vida dos outros, descobrir seus segredos. No fim das contas — Sienna suspirou —, os segredos foram enterrados com ele.

E, de repente, como se estivesse saído de um transe, Sienna baixou a vista para o relógio dourado em seu pulso.

— Vai me dar licença, Pietra — levantou-se num rompante —, preciso enxaguar o hidratante do meu cabelo. Fique à vontade para dar seu telefonema. Precisando de qualquer coisa, nossa funcionária está na cozinha. — Sua voz soou carregada de tensão.

Sozinha na mesa, tentei assimilar o que acabara de ouvir. Tinha a impressão de que quanto mais eu sabia, mais tudo ficava confuso.

Quem foi você afinal, Luca?

CAPÍTULO 11

TERMINEI MEU CAFÉ DA MANHÃ sozinha remoendo as palavras de Sienna e de todos com quem eu conversara na festa. Era possível que ninguém tivesse algo de positivo a dizer sobre o Luca? Minha paixão adolescente teria me cegado tanto assim em relação ao caráter dele?

Uma ideia me ocorreu. Apanhei minha bolsa pendurada na cadeira e vasculhei dentro da carteira o papelzinho com o número de Joel. Combinei que deixaria a chave do sítio com a funcionária do Fabrizio, ele passaria para buscá-la, podia ir adiantando para o trabalho. Porque eu, antes de mais nada, precisava visitar alguém.



— Pietra Barone, que surpresa boa. A que devo a honra? — Lorenzo abriu um sorriso, a barba por fazer. Havia rugas profundas ao redor dos seus olhos esverdeados, além de olheiras acinzentadas. Sua pele, em outros tempos rosada, estava pálida. O luto tinha cobrado um preço alto em seu rosto.

— É como dizem, se Maomé não vai à montanha — brinquei. — O senhor não apareceu ontem, Fabrizio me garantiu que te convidou.

— Não gosto desse tipo de evento. — Ele deu de ombros. — Sou um lobo solitário. — Passou a mão no pouco cabelo grisalho que lhe restava. — Mas fico feliz que tenha vindo me visitar, por favor, vamos entrando.

Assim como o sítio, a casa do professor parecia intocada. O mesmo conjunto de dois sofás marrons dos anos oitenta, a escrivaninha de carvalho junto à janela, a vitrola, as prateleiras lotadas com livros grossos de capa dura. Em cima da mesa de jantar de vidro, provas escolares espalhadas e, na parede oposta da porta, uma pintura bastante realista de Luca pequeno abraçado com sua mãe. Aquilo, sim, era

novidade. Eu me vi andando até o quadro. A semelhança entre mãe e filho impressionava. O cabelo cacheado que cascadeava pelos ombros dela tinham o mesmo formato do dele, os lábios cheios, a covinha do queixo e até os dentes da frente, levemente irregulares, que aumentavam o charme de Luca eram idênticos aos da mãe. Do pai, ele herdara apenas os olhos claros. Meu peito se apertou ao imaginar que aquele abraço jamais acontecera.

Dora morreu no parto.

— Eles se pareciam demais — Lorenzo foi falando, como se lesse meus pensamentos. — Pinteí esse quadro quando Luca completou onze anos.

— É lindo, não me lembrava dele. O senhor é um artista talentoso, professor. Meu pai conta que, desde a época da escola, já era um prodígio.

— *Grazie*, Pietra. Raul sempre foi um bom amigo, o melhor de todos. Não sou nenhum Leonardo da Vinci, mas ajudou crescer em Florença, a capital das artes. Sabe, meu filho nunca me deixou pendurar esse quadro, achava mórbido. Por esse motivo, ele ficou anos guardado no sótão até que resolvi resgatá-lo. — A expressão do professor se endureceu. — Cada um encontra uma forma de lidar com o luto. — A voz saiu rouca.

Perder a mulher e depois o filho único naquelas circunstâncias era um fardo insuportável para qualquer um. Meus olhos se umedeceram.

— Desculpe a melancolia desse velho ranzinza, não quis te deixar triste, sente-se. — Apontou um dos sofás. — Seu pai me contou que vai reformar o sítio, é maravilhoso. Contudo, imagino que o local acenda em você memórias dolorosas. — Ergueu uma das sobancelhas.

— Tem razão, é difícil — respondi, controlando as lágrimas.

— Na minha opinião, é mentira o que dizem. A dor nunca fica mais leve — Lorenzo se sentou ao meu lado e cobriu minha mão com a sua —, a gente só aprende a carregar o peso. Mas, vai por mim, enfrentar faz parte do processo de cura. Não se pode fugir para sempre. Ao menos nos restam as lembranças dos bons momentos.

— É tão injusto — balbuciei. — Eu me lembro dele radiante depois de ganhar a bolsa para a faculdade de cinema em Roma. — Meus olhos permaneciam cravados no quadro.

— Verdade, estávamos contentes.

— Bom — pigarreei, era hora de bancar a detetive —, queria falar sobre esse assunto. Ontem, no coquetel, o Marco insinuou que houve fraude na prova. Segundo ele, o senhor teve acesso ao gabarito — disse sem rodeios.

— Como é? — O rosto do professor ficou vermelho no mesmo instante. — Aquele desgraçado me acusou na época. É um ultraje que ainda fale disso. — Seu tom subiu uma oitava. — Eu tenho ética profissional e meu filho nunca precisou de

artimanhas, era o melhor aluno da classe. Para que manchar a imagem dele com fofocas descabidas? Luca está morto e Marco conseguiu o que queria, ficou com a vaga na universidade — emendou num fôlego só.

— E o senhor não achou... conveniente?

— Certo. — Ele deu uma risadinha nervosa. — Entendo aonde quer chegar. Montou em sua mente uma teoria da conspiração, também passei por isso. Mas a verdade é que meu filho foi ao lago sozinho, Pietra.

— E se alguém o seguiu? — Meus batimentos cardíacos aceleraram. — Estava escuro, os convidados prestando atenção nos fogos de artifício.

— Não há indicação de nenhuma pessoa envolvida — o professor me interrompeu.

— Luca não se jogou daquele penhasco. — Senti o ímpeto de defendê-lo.

— Adoraria ter sua certeza. Meu filho tinha sérias oscilações de humor. Especialmente no final do ano, por causa do aniversário da morte da Dora. Eu não percebi a gravidade da situação porque estava imerso na minha própria tristeza. A gente discutiu naquela noite, fui duro com o Luca. — A voz dele fraquejou. — Que tipo de pai nem repara a ausência do próprio filho em plena virada do Ano-Novo? Até a Graziela sentiu a falta dele antes de mim.

Novamente a minha madrinha. Não pode ser coincidência.

— A Graziela? — Franzi a testa.

— Ela me contou que tinha visto o Luca bêbado, cambaleando pelo jardim. Sugeriu que ele se deitasse na namoradeira, descansasse um pouco. Ela queria me avisar da situação e não me encontrou. Quando voltou a passar por lá, o Luca não estava mais, imaginou que ele estivesse comigo na festa. Mas não estava. — Tomou ar. — Enfim, fiquei preocupado. Comecei a perguntar pelo meu filho, ninguém sabia dele. — O professor fez uma pausa. — O resto da história você conhece melhor do que ninguém. — Suas últimas palavras saíram trêmulas.

A imagem de Luca sem vida nos meus braços insistia em voltar, estava difícil conter o choro.

Por que a Grazi não me disse nada quando falamos sobre o Luca no coquetel?

— Professor, naquela ocasião, a polícia afirmou que foi um infeliz acidente. Inclusive, alegaram que o Luca poderia ter sobrevivido à queda se não tivesse batido a cabeça em uma pedra — consegui dizer.

— É uma possibilidade. Talvez meu filho tenha perdido o equilíbrio, dado azar. Porém, tem um detalhe que você não sabe. — Ele tossiu e abaixou a vista para as mãos agora entrelaçadas. — Além do excesso de álcool, o legista encontrou sinais de calmante no sangue dele.

O ar escapou dos meus pulmões. O mundo ficou em suspenso por um instante. Na minha cabeça, a hipótese do suicídio criada pelo professor era consequência de

sua depressão, entretanto, tinha fundamento.

— Por que... o senhor escondeu essa informação todos esses anos? — Senti um aperto no peito.

— Porque era doloroso tocar no assunto, só me abri com seus pais — houve uma nova longa pausa — e com o Carlo — completou, sem erguer o olhar.

A frase demorou a fazer sentido, Lorenzo e meu padrinho nunca foram amigos. Ao contrário disso. Senti minha testa frisar.

— Contou para o meu padrinho, professor?

— Pietra, eu fiquei desesperado, preocupado que a informação caísse na mídia. O Carlo é um médico influente. — Lorenzo finalmente me encarou. — Ele pediu para o legista não comentar com ninguém.

— Ainda assim, estou pasma que o senhor tenha recorrido justo ao meu padrinho — admiti.

— Talvez eu tenha tirado conclusões precipitadas a respeito dele, o ódio me cegou. — Lorenzo contraiu a boca. — Nunca encontrei uma prova concreta de que faltou assistência médica para Dora. E se eu estivesse apenas procurando alguém para levar a culpa pela morte da minha esposa? É o que fazemos, Pietra. E veja só, mesmo o pai de um cafajeste como o Marco teve uma atitude humana num momento de dor de outro pai.

— Ótimo que se acertaram, fico feliz. — Suspirei. — Quanto ao Marco, tem toda razão. O cara é um cretino que jamais teve a metade do talento do Luca.

Lorenzo riu quebrando o clima pesado.

— Fico imaginando se o Luca te visse assim, uma mulher feita, linda e cheia de opinião. — O professor mudou o rumo da conversa de maneira radical. — Eu faria muito gosto em vê-los juntos.

— Oi? — Senti minhas bochechas arderem.

— Não sou cego, mocinha. Eu notava a forma que seus olhos se iluminavam quando chegava perto do meu filho. — Piscou. — Pois saiba que o Luca vivia dizendo que a Pietra Barone era muito mais esperta do que as garotas da idade dele. — Lorenzo apoiou a mão no braço do sofá, levantando-se. — Espere aqui, tenho algo para você. — Saiu caminhando e entrou no antigo quarto do Luca.

Enquanto eu aguardava, pelo que pareceu uma eternidade, minha mente viajou para uma realidade paralela na qual Luca não seria um fantasma genioso, mas estaria vivo. O garoto incrível por quem me apaixonei agora, com seus trinta e três anos, um talentoso diretor de cinema. Provavelmente, com alguns prêmios importantes no currículo. Nossos quatro anos de diferença não importariam mais. Seríamos dois adultos com um passado em comum e um futuro pela frente. E, nesse cenário, quem sabe, pudesse de fato existir um nós.

Porque ele foi o único que amei para valer.

— Aqui está. — O professor largou uma caixa de papelão empoeirada na minha frente, despertando-me dos devaneios. — São coisas dele, achei que poderia gostar.

Coei o nariz e limpei as lágrimas que desciam pelo meu rosto com o dorso da mão. Curiosa, me ajoelhei ao lado da caixa espiando dentro. Uma fita VHS dividia espaço com diversos LPs e um caderno grosso de capa dura.

— Os vídeos são gravações das férias, de quando ele ficava hospedado lá no sítio de vocês. — Quanto a isso — ele inclinou o corpo tirando o caderno da caixa —, me faltou coragem de olhar mais a fundo. Sei que meu filho gostava de anotar poemas, letras de música e reflexões. Ele também cita o nome de amigos, inclusive o seu. — Os olhos marejados do professor encontraram os meus. — Pode levar, mas se for esquisito...

— Muito obrigada. — Levantei-me, apanhando a caixa. — Preciso voltar para o sítio, marquei com um funcionário.

— Adorei te rever, Pietra. — O professor me devolveu o caderno e empertigou os ombros.

— Tem certeza de que todas essas coisas não te farão falta?

— Essa caixa só estava acumulando poeira no fundo do armário. — Ele mordeu os lábios, pensativo. — Acho que as coisas que nos doem, a gente acaba escondendo num lugar bem escuro para não ter que olhar. Fiz assim com meus sentimentos desde que Dora morreu. Escondi tanto que nunca falei ao Luca o quanto o amava. — Lágrimas escorriam por seu rosto murcho.

— Luca sentia seu amor. — Tentei confortá-lo.

— Às vezes, sentir não é suficiente, precisamos escutar um: “eu te amo”. Nada me tira da cabeça que essas três palavrinhas tão pequenas poderiam ter feito a diferença.

CAPÍTULO 12

SINTONIZEI A ESTAÇÃO LOCAL. A música mais tocada do momento preencheu o carro: *Believe*, da cantora Cheer. “Você acredita em vida após o amor?” Por instinto, olhei para a caixa acomodada ao meu lado questionando o refrão. Em quem Lorenzo se transformou depois da perda do filho? Em quem *eu* me transformei? Não se tratava só da morte de Luca, mas também do que havia morrido dentro de nós junto com ele.

Algumas feridas nunca saram.

Logo que a canção acabou, o locutor de voz aveludada informou o horário: uma hora da tarde.

— Porcaria. — Apertei com força o volante. — *Deixei Joel muito tempo sozinho.*

Afundi o pé no acelerador. Os pneus do Jeep deslizaram, dando um cavalo de pau quando virei à direita tomando a sinuosa estrada de terra que levava ao sítio. Parte de mim confiava no Luca, ele não fazia o tipo espírito maligno dos filmes de terror, jamais machucaria meu ajudante. No fim das contas, tínhamos um trato e eu estava cumprindo a minha parte. Contudo, pensando pelo ponto de vista *dele*, sequer me despedi, passei a noite fora e entreguei a chave de casa para um desconhecido. E se o Luca estranhou a *invasão* do Joel? Eu podia mesmo contar com o bom senso de um fantasma atordoado? Preferi manter o pensamento positivo.

O que está feito, está feito.

Cinco minutos depois, estacionei o carro e saltei às pressas. A primeira coisa que notei, foram as janelas da sala escancaradas. Consegui escutar um leve ruído de lixa que vinha lá de dentro, soltei o ar aliviada. Também notei uma moto encostada perto de uma das árvores, deduzi ser do Joel. Tudo dentro da normalidade. Mais calma, contornei o Jeep, abri a porta do carona e apanhei a caixa de papelão.

De repente, a nítida sensação de que não estava sozinha. Equilibrando a caixa embaixo do braço, me virei. A forte luz do sol me forçou a semicerrar os olhos,

sombreei a vista com a mão esquerda e então vi uma silhueta contra a luz. No instante seguinte, duas patas peludas me atingiram na barriga, perdi o equilíbrio na hora e caí de bunda. As coisas da caixa se esparramaram.

— Nina! — A cachorra lambeu meu rosto como se fosse um picolé. Uma risada involuntária escapuliu da minha boca. — Para com isso, menina maluca.

— Vem já aqui — gritou uma voz forte com sotaque italiano.

A cachorra abaixou as orelhas e obedeceu ao comando. O dono da voz parou na minha frente, eu não precisava ser nenhum *Sherlock Holmes* para adivinhar quem era. A bile subiu por minha garganta, levantei o pescoço devagar. O vizinho-ogro me observava, os óculos pesados davam a ele um ar carrancudo.

— *Scusa*, a Nina não é disso — tossiu. — Por alguma razão, ela parece gostar de você. — Deixa eu te ajudar, vai ser difícil se levantar com esse salto alto. — Ele me estendeu a mão.

Lancei o meu olhar mais fulminante.

Ajudar? Sujeitinho cara de pau. Ainda tem coragem de falar comigo depois de me dar o perdido.

— Não precisa. — Fiquei de joelhos, recolhi as coisas ao meu redor e as devolvi para a caixa.

— Pietra, eu vim me desculpar. Ontem no coquetel, fui — Enrico coçou o queixo, parecia buscar o adjetivo adequado — *uno stronzo*. — Sua voz vacilou.

Nina soltou um latido agudo abanando o rabo.

— Sua cachorra concorda, você foi um babaca. — Eu me levantei e saí andando rápido.

Ele acelerou o passo para me alcançar.

— Você não voltou para casa, fiquei... *preoccupato*.

— Comovente sua preocupação — rebati, evitando o contato visual. — Mas foi apenas o vinho em excesso que me fez passar a noite fora.

— Presumo que o vinho era ótimo — ele comentou num tom zombeteiro, esperando me arrancar um sorriso. Em vez disso, o ignorei.

— Pode parar de andar um minuto? — Enrico tocou no meu ombro. A voz tomada por uma urgência.

Eu me detive e o encarei com o rosto contraído. A brisa quente uivava, balançando as árvores centenárias.

— Te devo uma explicação — disse com cautela.

— Vou te poupar do discurso — comecei, sem disfarçar meu escárnio. — Você é mal resolvido com sua mediunidade ao ponto de surtar e me deixar sozinha. Basicamente, prefere não se envolver, não dá a mínima para a situação. — Torci a boca. — Podemos fingir que a conversa de ontem nunca aconteceu, como sugeriu

no coquetel. Eu pretendo juntar as pistas e desvendar o mistério da morte de Luca. Sozinha.

— As coisas dessa caixa são alguma pista?

— Não é da sua conta — cuspi entredentes. — Agora, se me dá licença, tenho mais o que fazer. Contratei um funcionário para lixar as paredes da sala e ele me aguarda.

— Eu topo — disse, sem mais.

— Além da reforma da casa, preciso organizar uma grande festa — continuei meu monólogo sem dar bola para a intervenção dele. *Eu topo? Que raios significava aquilo?* — São tantos prazos a cumprir, o dia deveria ter quarenta e oito horas — resmunguei.

— Pietra — Enrico me cortou com afinco —, ontem você me pegou de surpresa, mas tive a madrugada inteira para refletir. Topo ser o mediador.

Encolhi os ombros. As palavras dele flutuavam no ar, meu cérebro levou um minuto inteiro para as absorver.

— Sério? Caramba. Por essa eu não esperava. — Os cantos da minha boca se inclinaram para cima, embora eu custasse a acreditar. Seria aquilo uma crise de consciência? — Por que voltou atrás? — perguntei, ressabiada.

— Estava certa. — Limpou o suor da testa com a barra da camiseta gasta, deixando parte no abdome definido à mostra. Desviei meu olhar. — É a chance de usar minha habilidade para algo útil. Eu entendo o que você passou — balbuciou.

O *stronzo* me entende? Porque eu estava longe de entendê-lo. Enrico era um camaleão, um homem enigmático. E de atitudes inesperadas. Mas a quem eu queria enganar? Não iria longe sozinha. Contar com a ajuda dele facilitaria tudo.

— Bem, obrigada — disse, sinceramente. — E aí, está enxergando o Luca? — emendei.

Nina latiu novamente. Girei o pescoço à procura de qualquer indício sobrenatural.

— Não, Pietra. Senti a presença do seu amigo mais cedo. Por ora, nada de fantasmas.

— Certo. Qual é o *nosso* plano? — perguntei, acariciando o pelo da Nina.

— Eu preciso dar um pulo na cidade, você tem trabalho. Te procuro quando retornar, pode ser assim?

Assenti com a cabeça. Enrico imitou meu gesto e deu meia-volta, a cachorra o acompanhava como se fosse sua sombra.

— Enrico — chamei.

Ele me olhou de relance por cima dos ombros largos.

— Essas coisas são do Luca. — Levantei a caixa. — Podemos ver juntos mais tarde.

— *Va bene* — um sorriso brilhou em seus lábios.



Joel assobiava, distraído. Tinha os ouvidos cobertos por um fone e, em movimentos circulares, lixava uma das paredes laterais. Observei-o por um instante, fazia um excelente trabalho e estava mais adiantado do que eu esperava. Ainda preocupada com a possível ação de Luca, perguntei a ele se houve algo de estranho em minha ausência. Com o sorriso metálico, ele me explicou que tudo correu bem, embora tenha se assustado com um vento que bateu as portas algumas vezes. Eu retribuí seu sorriso, satisfeita e fui para meu quarto trocar de roupa para o ajudar.

Depois de devidamente vestida com uma calça legging e uma camiseta do David Bowie que, apesar de surrada, eu negava em me desfazer, parei na porta. A caixa de papelão me puxava feito um imã. *Só uma espiadinha rápida*, prometi. Puxei o caderno de capa preta de dentro. A recordação de Luca, para cima e para baixo, com aquele caderno durante o ano de 1984 me veio à cabeça, acompanhada de uma fígada no peito. Abri em uma página qualquer. Havia algumas anotações rabiscadas referentes à escola.

- Prova final de álgebra 8/10: estudar Pitágoras
- Geografia: os povos indígenas no Brasil. Trabalho em dupla. Marco?
- Encomendar livro novo de inglês

Então, embaixo, perto do fim da folha, li:

“Como viver o mundo em termos de esperança? E que palavra é essa que a vida não alcança?”

Era um verso de “Viver”, do Carlos Drummond de Andrade. Luca sabia recitar o poema melancólico de cor e salteado. Emocionada, apertei o caderno contra o peito. Uma fotografia polaroid escorregou de dentro dele, meu reflexo agiu rápido, consegui impedir que a foto fosse parar no chão. Paralisei ao ver a imagem de Luca e Sienna em close. Bochechas grudadas, sorrisos ampliados. O ângulo sugeria uma foto tirada por eles mesmos. Na parte da moldura branca, estava escrito: um dia feliz, com a caligrafia redonda da minha cunhada.

Havia muita coisa escondida sob todo aquele charme, as palavras ditas por ela no café da manhã se infiltraram em minha mente. Será que a dona esnobe tinha uma queda por ele? Não. Sienna estava com meu irmão em 1984. Ela e o Luca andavam na mesma turma desde crianças. No entanto; se eram amigos, por que a

implicância com ele? *Luca não foi esse garoto bonzinho que você imaginava*, Sienna comentara. Interrompi os pensamentos maliciosos que insistiam em se formar. Não era o momento de devaneios, as paredes me aguardavam. Guardei a fotografia na gaveta da cômoda, o caderno dentro da caixa e voltei para a sala.

Joel me entregou uma lixa, uma máscara e um par de luvas de Neoprene. Comecei o trabalho e, durante as horas seguintes, não pensei em Luca, no caderno e em nada mais.



Terminamos o trabalho cobertos de pó branco. Combinei de passar no armazém para escolher a cor da tinta na segunda-feira, precisava aproveitar os dias quentes e sem chuva, propícios para a pintura. O sol se punha, quando Joel foi embora, mas não antes de guardar as lonas e deixar a sala limpíssima conforme o prometido. Acenei da varanda, enquanto ele subia em sua motocicleta barulhenta e corri para dentro. Precisava de um banho, me sentia imunda com tanto pó e suor. Bocejei, mesmo que o relógio marcasse apenas cinco horas da tarde. O dia tinha sido cheio, mas estava longe de terminar, porque eu ainda tinha um compromisso me aguardando: meu encontro com Luca.

CAPÍTULO 13

UM LONGO BANHO RENOVOU minhas energias. Vesti um short cargo verde musgo, uma regada branca de alças finas e me joguei na cama a fim de relaxar o corpo e a mente antes da chegada do Enrico. A caixa de papelão em cima do gaveteiro continuava a exercer seu magnetismo sobre mim. Esperei uns minutinhos antes de enfrentar o turbilhão emocional que os pertences de Luca me trariam.

Voltei para a cama com o caderno preto em mãos, ele era o mais próximo que eu tinha de acesso aos pensamentos do Luca de 1984. Perguntei-me se encontraria ali uma explicação para o seu desentendimento com a Sienna. A imagem dos dois juntinhos ainda rodopiava na minha cabeça. Conseguia imaginar o Luca atraído por ela, a garota mais cobiçada de Vila Allegro. Aquela que fazia homens de todas as idades torcerem o pescoço. Será que Sienna era uma das mulheres comprometidas que ele seduzira? Droga. Eu estava com ciúmes ou aquilo era relevante para a investigação? Fitei o caderno fechado em cima do colchão e hesitei. Teria o direito de invadir a privacidade do Luca? Nem seu próprio pai fez isso. Contudo, não dava para perder a chance de encontrar alguma pista sobre o possível assassino.

Dessa vez, abri na primeira página.

Bem-vindo, 1984.

“Nada começa, tudo continua.

Ainda vago pelas sepulturas do passado.

Mas quero o novo. Fazer diferente, fazer diferença.

Apenas preciso acreditar que consigo.”

Segui folheando. Havia textos bem menos profundos sobre sabores de sorvetes, estreias de filmes, passeios ao fliperama, mergulhos na piscina e primeiros dias de aula. O colorido nas páginas indicava que Luca tinha usado uma Bic quatro cores, tão comum nos anos oitenta. Também encontrei diversas cifras de músicas. Naquele ano, Luca resolvera aprender a tocar violão.

Um pouco mais adiante, uma frase curta escrita em letras garrafais me saltou à vista: FIZ MERDA!

Era só o prenúncio do que estava por vir. Segui com a leitura.

Eu não devia ter te beijado. Sou a bosta de um traidor, estraguei tudo. A velha dificuldade de pensar com a cabeça de cima. Eu me desculpei contigo na mesma hora. Mas aí VOCÊ me beijou. Sua boca é inebriante, sua língua quente. Nem sei como minha mão deslizou tão depressa para dentro da sua camiseta, acariciei seu peito por cima do sutiã, te ouvi gemer baixinho. Então recuei. Vi a decepção refletida nos seus olhos, sua respiração ofegante. Estávamos indo longe demais. Conversamos. Prometemos que não aconteceria de novo, nada mudaria entre a gente. Podia confiar em você? Podia confiar em mim?

— Ca-ra-ca! — Meu coração acelerou.

Tudo levava a crer que me depararia com o nome “Sienna” nos próximos capítulos. Meu corpo inteiro tremia de nervoso. Foi quando meus olhos pararam involuntariamente em uma página, tinha um nome escrito nela.

E não era o da minha cunhada.

11 de julho

Aniversário da Pietra

Hoje você completa quatorze anos. É férias, muita gente foi viajar. A gente tem isso em comum, seu aniversário cai nas férias de inverno, o meu, nas de verão. Meio que somos esquecidos. Eu prefiro assim, odeio meu aniversário. Você também não liga para festas, prefere comemorar em família jogando Uno e Banco Imobiliário. Será que é porque sempre ganha? Curti que me convidou esse ano, espere um adversário à altura, não penso em te dar moleza, Fofote. O Fabrizio me disse que será uma noite de lareira e *marshmallow*. Ele tá cabreiro! O Marco fica falando que você se apaixonou por mim. É criança demais para entender de amor! A gente tem afinidades. No fundo, essa sua paixonite é tipo uma admiração. Mas sei lá, eu até gosto. Queria me enxergar da maneira que você me enxerga, como um cara especial, único. Por azar, nenhum encanto dura para sempre. Logo vai descobrir que eu sou a confusão personalizada. E quando você, Pietra Barone, conseguir enxergar a si mesma, entenderá que é, na verdade, especial.

Talvez eu leve o violão. Em sua homenagem, já consegui tirar *Desculpe o Auê* da Rita Lee, além de duas músicas do Kid Abelha e Os Abóboras Selvagens, você tem um quê da vocalista dessa banda. Pretendo tentar algo novo para te surpreender. Esses dias, escutei no rádio a música nova do Lulu Santos. O refrão dizia algo assim:

“E ela me faz tão bem, e ela me faz tão bem, que eu também quero fazer isso por ela.”

Preciso achar a cifra a tempo.

Lágrimas nublaram minha vista. O Luca cantou tantas músicas naquela noite, nem imaginei que essas fossem para mim.

Ele me achava especial. E não no sentido de eu ser diferente dos outros por causa das minhas premonições.

No melhor dos sentidos.

Um barulho de motor soou perto, provavelmente o Enrico estava embicando a caminhonete em frente à minha casa. Procurei me recompor em tempo recorde, devolvi o caderno para a caixa e calcei meu All Star.



— *Un regalo.* — O vizinho me entregou uma garrafa de vinho tinto, assim que abri a porta. — Demorei mais tempo do que imaginava com as entregas, mas guardei esse para você.

— É o mesmo vinho que provei no restaurante da Maria? — Estudei a garrafa.

— Um Malbec orgânico. Você tinha gostado.

Tive a impressão de que sua vista baixou para as minhas pernas. Algo rápido, uma centelha.

— *Grazie* — agradezi, sem graça. — Só não sei se tenho condições de beber hoje. — Ri.

Embora esteja precisando. Muito.

— Não disse que era para hoje. — Ele riu de volta. — Meu avô me ensinou que é de bom tom levar *un regalo* quando visitamos alguém pela primeira vez. — Piscou.

O bom humor de Enrico, somado ao seu sorriso amável, contradiziam minhas certezas sobre ele. Existia uma pequena chance de o cara não ser um completo *stronzo*.

— O senhor Nicola sabia das coisas — respondi. — Por favor, entre.

Os olhos do vizinho vagueavam pela sala. Ele se aproximou da prateleira, interessado nos porta-retratos, depois, apertou os olhos analisando as paredes recém-lixadas. Então, sem cerimônia, se sentou em uma cadeira da mesa de jantar. Eu guardei o vinho no armário de vidro e me sentei também. De início, nosso papo abordou assuntos triviais como o bom trabalho de Joel, o calor dos últimos dias,

sua vinícola, o crescimento do vilarejo, a cor que eu planejava pintar as paredes e algumas ideias a respeito da festa da virada do milênio.

— Eu não me preocuparia tanto com o Réveillon desse ano, dizem que o mundo vai acabar. — Ele deu de ombros, irônico.

— Hum. — Contraí o cenho e passei os dedos nos meus cabelos ainda úmidos. — Então você é desses que acredita na ladainha do *bug* do milênio?

— É uma possibilidade. Mas, me diga você, a garota com o dom de prever mortes.

— Não funciona assim — respondi, ríspida.

— *Va bene*. — Ele limpou a garganta. — Fui infeliz no comentário. Entendo que seja difícil falar disso, porém, se vou te ajudar, preciso saber mais sobre a morte do seu amigo.

— Te contei ontem na casa do meu irmão.

— Sim, você me disse que o encontrou no lago. — Enrico fez uma pequena pausa. — Imagino que tenha evitado pensar nos detalhes da tragédia durante esses anos, mas agora a situação é diferente, estamos falando de assassinato. Talvez, se forçar a memória, possa se lembrar de algo suspeito.

— Eu já tentei. Minhas lembranças daquela noite são apenas fragmentos soltos. Como um pesadelo em que a gente esquece quase tudo, no instante que acorda. Amnésia dissociativa, os médicos disseram.

— Faz sentido. Quando coisas ruins acontecem, nosso cérebro não processa as memórias de forma correta. Acho que bloqueamos aquilo que não conseguimos lidar.

Um silêncio se instalou entre nós, o clima ficou esquisito. Tive a impressão de que uma nuvem de tristeza cruzou pelos olhos escuros dele.

— Precisamos é descobrir a motivação do assassino — voltei a falar. — Estive conversando com algumas pessoas.

— Sou todo ouvidos, *Agatha Christie*. — Ele inclinou o corpo para frente.

Resumi as conversas com a Grazi, o Marco, a Sienna, o professor Lorenzo e contei sobre as informações que consegui tirar de cada um deles com minhas recém-adquiridas habilidades de detetive.

Entretanto, Enrico estava particularmente interessado no conteúdo da caixa de papelão.

Fui ao meu quarto e, momentos depois, voltei carregando-a.

— Aqui está. — Coloquei a caixa em cima da mesa de jantar.

— Por que o pai do seu amigo te deu essas coisas?

— Sei lá, uma recordação. Achou que eu pudesse gostar. — Enquanto eu falava, ia retirando os objetos. — Uma fita de vídeo, vários LPs...

— Que bela coleção de discos dos anos oitenta. Veja só o que temos aqui — Enrico segurou um deles —, alguém curtia *Queen*. O gosto musical diz muito sobre as pessoas. — Ele me lançou um sorriso enviesado.

Não entendia por que seus sorrisos me causavam frio na barriga.

— O Luca era fã do Freddie Mercury, sonhava assistir o Queen no Rock in Rio antes de se mudar para Roma. Não deu... tempo. — Suspirei.

— *Love of my live don't live me* — o vizinho cantarolou baixinho um dos clássicos da banda. Sua voz rouca e incrivelmente afinada. — Ninguém deveria morrer jovem — ele soltou com pesar.

Na mesma hora, ergui meus olhos da caixa. Enrico desviou os dele.

— Você tem aparelho de vídeo? Podemos assistir a essa fita.

— A sessão pipoca pode esperar. — Retirei o caderno da caixa. — Vamos começar por aqui. O Luca andava com ele embaixo do braço para onde quer que fosse.

— É um caderno grosso. — Enrico encarava minhas mãos. — Seu amigo escrevia? — questionou, ajeitando os óculos que escorregavam do nariz.

— Era meio que um hábito do Luca escrever.

— Sobre o quê?

— Um pouco de tudo. — Coloquei o caderno na mesa junto aos demais itens. — Eu espiei umas páginas antes de você chegar. Vi anotações da escola, poemas, cifras de música e várias reflexões. *Incluindo uma sobre mim*. Por incrível que pareça, o professor Lorenzo não chegou a ler na íntegra. Talvez haja alguma pista importante nele.

— Esses textos reflexivos podem, inclusive, servir como gancho para acender lembranças no próprio Luca. — Enrico puxou o caderno para si, animado.

— Melhor ficar comigo. — Eu o puxei de volta. *Porque vai rolar censura*.

O vizinho me observou com uma expressão de menino contrariado, mas não protestou. Apenas espichava a vista, curioso. Abri o caderno pela terceira vez e li o texto inicial em voz alta.

— Vago pelas sepulturas do passado — ele repetiu a frase. — Há tanta dor nisso. Mas o que vem na sequência mostra que seu amigo estava disposto a superar.

Para situar o Enrico, narrei uma versão resumida sobre a morte de Dora devido a complicações no parto do Luca.

— É horrível, ele se sentia culpado — o vizinho balbuciou, novamente perdido em pensamentos. A expressão entristecida.

Nada é pior que a culpa.

Fui passando rápido pelo que já tinha visto. Não queria que o vizinho lesse o texto do meu aniversário e muito menos sobre o suposto beijo entre Luca e Sienna. Depois de alguns minutos, Enrico comentou:

— É caótico. — Ergueu as mãos em um gesto de indignação. — *Un misto di informazioni*. Cifras e letras de músicas junto com lista de supermercado, tarefas escolares, desenhos, devaneios, poemas...

Prendi o riso. Ao contrário do Luca, o vizinho me parecia metódico e organizado.

— Viu? Eu te disse. Um pouco de tudo. O pior é não fazer ideia do que estamos procurando.

— *Vai ala fine* — Enrico sugeriu.

— Para o final? — Frisei a testa. — Não chegamos nem na metade.

— Se essa bagunça tiver uma ordem cronológica, as anotações finais serão as mais próximas do dia da... morte. O clímax das histórias sempre está no fim.

— Pois é, nos livros de ficção. — Revirei os olhos. — Mesmo assim, atendi ao pedido dele, pulei para as últimas páginas.

— Matemática? — O vizinho apontou o dedo indicador para uma folha cheia de contas.

Meu olhar se deteve em um número circulado em vermelho.

— Não exatamente. — Apontei para anotação em verde bem ao lado do círculo onde se lia: Armazém/economias/viagem de Roma. — Naquele ano, o Luca trabalhou no armazém, queria juntar dinheiro — expliquei.

— É uma boa quantia para um funcionário adolescente — salientou Enrico.

Eu emudeci. Atônita, conferia todas as contas com atenção. Eram referentes aos nove meses que Luca trabalhou no armazém da dona Patrícia, um valor mensal pequeno. No segundo semestre, fez alguns extras e me lembrei dele se gabando para o meu irmão sobre as gorjetas recebidas dos clientes. Na última semana de novembro, quando entramos de férias, ele passou a trabalhar dois turnos. Também havia um valor razoável referente à sua ajuda na reforma da casa do diretor da nossa escola. Fui passando para frente. Estava tudo discriminado ali, tim-tim por tim-tim. E a conta não fechava.

— Impossível o Luca ter conseguido toda essa grana em um ano — afirmei.

— O pai dele pode ter ajudado.

— Verdade, mas o salário de um professor de escola não é lá grande coisa.

— Seu amigo tinha acesso ao caixa do armazém? — Enrico me observava.

— Você está insinuando que ele *roubou* esse dinheiro? — Minha voz saiu apertada.

— Do armazém, de pessoas próximas... quem sabe. Ele pode ter sido descoberto. Eis a motivação do assassino. Não é de hoje que pessoas matam por dinheiro.

— Porra nenhuma! Você não conhecia o Luca. — Senti meu rosto ferver.

— E você, conhecia? — Devolveu a pergunta em um tom tão alterado quanto o meu. — Sua madrinha e sua cunhada afirmaram que ele não era nenhum santo,

certo? E se tivesse um segredo? Todos escondem algo, Pietra.

— Luca pode até não ter sido um santo. Mas ladrão? Jamais. Ele era um garoto sensível.

— Uma coisa não impede a outra — Enrico desdenhou.

Bufei, odiando a possibilidade de o *stronzo* ter razão.

— Quer saber? Foi um erro te convidar para entrar.

Meu Deus, ele é tão irritante.

Um vento frio invadiu a sala finalizando nossa discussão acalorada. O caderno caiu no meu colo. Nós nos entreolhamos, alarmados. O Genius, largado em um canto próximo ao sofá, passou a emitir diversos sons, as luzes piscavam freneticamente. Enrico se levantou num rompante, a cadeira desabou no piso em um baque surdo. Seu rosto bronzeado, de repente, perdeu a cor. Os ombros rígidos, os olhos fixos no nada.

— Ele está aqui. — Engoliu em seco. — E sabe que consigo vê-lo.

CAPÍTULO 14

EU PRATICAMENTE NÃO DORMI. Aquele não era o Luca que conhecia. *Descontrolado, agressivo.* Querendo nos atingir, derrubando objetos tão próximos. Por pouco, um dos quadros não acertou a cabeça do Enrico. E, quanto mais o vizinho berrava, mais o Luca se enfurecia. Foi uma péssima ideia querer usar o Enrico como um mediador, eu não gostava do seu temperamento, das suas mudanças de humor inesperadas. E, acusar o Luca daquela maneira, sem provas, mostrava uma total falta de empatia. O melhor que fiz foi mandar o *stronzo* embora. Depois dessa, ele não olhará mais na minha cara. Que se dane. Sem a presença dele, as coisas imediatamente se acalmaram. Até demais. Esperei duas longas horas por um pedido de desculpas do Luca por meio do jogo Genius. Silêncio.

Cadê o garoto encantador que escrevia coisas fofas a meu respeito? Eu tinha saudades dele.

Fui para o quarto. Encarei as estrelas fosforescentes grudadas no teto por um tempo, tentei relaxar. Só que cada ruído do lado de fora me colocava em sobressalto. Seria apenas um inseto noturno ou uma prévia do seu próximo ataque de fúria? E se ele se voltasse contra mim? Finalmente, às cinco e quarenta, me levantei. Enfie-me em um vestido floral soltinho, porque era a opção mais prática, e calcei meus tênis. Na mochila, joguei minha carteira, o celular guardado na gaveta da cômoda, uma muda de roupas, escova de cabelo, de dente e o caderno de capa preta. Eu o estudaria com calma, longe do sítio. Não dava para prosseguir em um ambiente tão arriscado.

Saí sem tomar café. O sol apontando no horizonte anunciava mais um dia de calor. Tentando ignorar a sensação de cansaço em meu corpo, dei partida no Jeep e abri a janela, o vento chicoteando meu rosto iria me manter desperta. Poucos minutos depois, já na via principal, cruzei por uma placa indicando uma saída para São Paulo. Uma vontade irresistível de girar o volante me dominou. Pelos meus

cálculos, em no máximo uma hora e meia, estaria em casa. Mas que casa? Eu tinha vendido meu apartamento e ficar nos meus pais me obrigaria a dar explicações.

Está em um beco sem saída, disse minha voz interna.

A dura conclusão me causou uma tontura imediata, um dos sintomas típicos das minhas crises de ansiedade. Em uma reação instintiva, joguei o carro para o acostamento. Puxei e soltei o ar lentamente conforme aprendi com inúmeros psicólogos. Meu peito subindo e descendo com a respiração ofegante. *Mantenha o autocontrole*, ordenei ao meu cérebro. Precisava agir como uma mulher madura se quisesse ser tratada como uma, ir embora fugida não era uma opção. No entanto, em nome da minha saúde mental, tinha que me afastar do sítio. *Manter distância do Luca*. A única alternativa aceitável seria me hospedar com meu irmão, aguentar a Sienna àquela altura do campeonato era o menor dos meus problemas. E, talvez, estar próxima do Fabrizio fosse até uma boa ideia. Pelo menos, diminuiria a chance de ele se esquivar das nossas conversas. Se estávamos no mesmo barco, eu tinha o direito de saber sobre o tal investidor misterioso e dar meus pitacos de como usar o *nosso* dinheiro.

Com a estrada vazia, em menos de vinte minutos, cheguei à cidade. Considerando o horário, não podia ir para a casa de Fabrizio. Deus me livre acordar a dona esnobe. *Não existo antes das dez da manhã*, era uma espécie de *slogan* da minha cunhada. Fiquei rodando sem destino pelas pacatas ruas de Vila Allegro, o comércio ainda fechado. Passei na frente da chamativa igreja cor azul-calcinha, contornei a praça onde, nos anos oitenta, os adolescentes iam para dar uns amassos perto do coreto e, sedenta por uma dose de cafeína, segui rumo à padaria, cortando caminho por uma ruela de paralelepípedo.

A única alma viva ali era uma mulher trancando a porta de uma casa amarela. Vestia short ciclista, camiseta *dry fit* lilás e tênis de corrida. Havia algo de familiar nos seus movimentos, diminuí a velocidade. Uma rajada de vento jogou os cabelos crespos e volumosos dela sobre o rosto. A moça pegou o elástico frufu do punho e os prendeu em um rabo alto, deixando à mostra seus traços fortes.

Minha ficha caiu. Aquela rua, aquela casa...

— Maria! — gritei, acelerando o Jeep.

A mestre-cuca deu uma olhadela para trás.

— Acordada a essa hora? — Parei o Jeep ao seu lado.

— Pietra? — Ela arregalou os olhos cor de mel e, em seguida, fitou seu relógio de pulseira emborrachada. — Eu poderia te perguntar o mesmo.

A letra “s” da última palavra soou como um “x” ganhando mais força e extensão. Eu gostava do sotaque carioca dela.

— Nossa, Maria, acabo de lembrar da gente brincando de queimada aqui — comentei. — É a casa da sua avó, né?

— A própria, só pintei a fachada. — Ela deu um bocejo.
— O restaurante, a casa da sua avó. Isso é que eu chamo de fixação por amarelo.
— Amarelo é a cor da alegria. Minha vó estava mergulhada em uma tristeza sem fim quando me mudei para cá. Espera aí — Maria massageou as têmporas —, não veio me procurar sete e meia da madrugada para falar sobre minha cor favorita. — Ela coçou a cabeça. — Tem a ver com a festa de Ano-Novo? O Fabrizio pediu para que eu orçasse o buffet.
— Foi uma sugestão minha — relatei. — Sendo sincera, não vim te procurar, passava por aqui. Foi pura coincidência.
— Hum — Maria levantou uma sobrancelha —, sabe o que eu penso sobre as coincidências. — Piscou.
— Estou *quase* acreditando em destino. — Pigarreei. — Tem um tempinho?
— Amiga, reparou no meu figurino? — Ela alisou a própria camiseta.
Assenti com um movimento de cabeça, estranhando a pergunta aleatória.
— Pois bem, como segunda-feira é o *dia oficial* dos novos projetos, essa é minha versão atleta. — Riu. — Planejava correr.
— Ah, excelente. Sem problemas — respondi, decepcionada.
Maria apertou os lábios bem delineados com uma expressão pensativa.
— Por outro lado — ela prosseguiu, as sobrancelhas se contraíram —, você perdida por essas bandas só pode ser um sinal divino. Se eu insistir com meu *plano fitness*, algo muito ruim pode vir a me acontecer. — Engrossou a voz. — Melhor ouvir o desígnio do destino. Além do que, sua cara está péssima, acho que a corrida pode esperar.



O cheirinho de pão perfumava a padaria que levava o mesmo nome do vilarejo. Conhecida nacionalmente por sua *Torta della Nonna*, uma massa recheada de leite condensado e polvilhada por pinole, o local era ponto turístico obrigatório em Vila Allegro.

Eu me sentei em um *booth* vinyl cor de cereja um tanto puído, vim a aprender esse nome na faculdade, passei minha infância chamando o pobre *booth* de sofazinho. Minha amiga puxou a cadeira sentando-se na frente.

— Esse lugar é uma perdição. — Maria abriu o cardápio sobre a mesa de madeira. Percebi que cutucava as cutículas das unhas.

— *Buongiorno*. — Uma mulher esbelta de cabelos cor de fogo e sardas castanhas salpicadas no nariz se materializou ao meu lado. — O que vão querer

hoje, meninas? — emendou.

Maria ergueu o queixo, suas bochechas instantaneamente ganharam um leve tom pêssego.

— Bom dia, Kiara. — Ela sorriu para a garçonete puxando um cacho do cabelo preso.

— Ainda fazem aquele *croissant* delicioso por aqui? — eu me adiantei. Meu estômago roncava.

— Lógico que sim. O combo *croissant* e *cappuccino* é nosso carro chefe pelas manhãs — Kiara respondeu.

— Ótimo. O combo é um suco de laranja, por favor.

— Então já conhecia a padaria? — Kiara me perguntou, enquanto tomava nota do pedido em seu bloquinho.

— A Pietra nasceu aqui, é irmã do Fabrizio Barone. Mora em São Paulo, veio passar uma temporada em Vila Allegro para reformar o sítio deles — Maria recopilou minha história sem dar um respiro. — E a Kiara — ela se voltou para mim — é sobrinha da dona Sonia, assumiu o negócio da família ano passado.

— Puxa — estreitei a vista —, então você é a garotinha que vinha passar férias com a tia e adorava fazer pão.

— A própria. — Deu uma piscadela.

— A dona Sonia está... viva? — questionei, me arrependendo na sequência. Era uma pergunta delicada. A Kiara podia achar ruim.

— *Si, si.* — Gesticulou com as mãos mantendo o tom alegre. — Aos oitenta e sete anos, minha tia tem mais energia do que eu com vinte e quatro — brincou. — Só que seu coração anda frágil, o médico mandou não abusar.

— Eu me decidi. — Maria fechou o cardápio. — Também vou de combo, o meu *croissant* quero recheado com chocolate, Kiara. E lá se vai minha dieta. — Encolheu os ombros.

— Pode parar — Kiara abriu um sorriso cativante —, você está ótima.

— Quanta gentileza. — Maria entrelaçou os dedos e endireitou a postura. — Olha que vou acreditar.

— É a pura verdade. Volto em seguida, meninas.

— Gostei dela — eu disse quando Kiara se afastou. — Vocês são próximas?

— Bem — Maria desviou o olhar —, eu não diria próximas. Temos algumas afinidades, como o amor pela culinária e assuntos místicos, por exemplo. A Kiara frequentava o Lótus com o namorado. Há uns três meses, o cretino terminou com ela em pleno jantar romântico. Deixou a garota sozinha na mesa, todo mundo olhando. Eu quis consolá-la e abri um jogo de Tarô.

— Madame Maria; se continuar assim, seu restaurante vai ficar em segundo plano. — Ri.

Ela jogou a cabeça para trás soltando uma gargalhada escandalosa exatamente como fazia na infância.

— Falando nisso — Maria apoiou os cotovelos na mesa —, algo me diz que essas suas olheiras têm a ver com um *certo hóspede*. Descobriu o assunto mal resolvido do seu amigo? — Baixou o tom de voz.

— Descobri. — Minha resposta saiu como um sussurro.

Engoli em seco, me enchi de coragem e contei tudo, inclusive ter previsto a morte de Luca na adolescência. Levando em conta sua adoração pelo oculto, essa parte não iria surpreendê-la. Apenas evitei citar o Enrico, não era justo expor a mediunidade dele sem permissão.

— Assassinado? Cacete. Isso é grave. — Maria levou a mão à boca. — Cara, não dá para sair por aí bancando a detetive. Imagina a reação do assassino se souber da sua investigação?

— O que quer que eu faça? Preciso ajudá-lo e procurar a polícia sem provas não é uma alternativa. Com o meu histórico, serei taxada como louca, capaz de me internarem em um hospital psiquiátrico. E, para piorar, o Luca não colabora, está irreconhecível. Nunca imaginei que fosse sentir *medo* dele.

— Quanto a isso — ela tocou no meu braço gentilmente —, entenda o lado do seu amigo. Ficar preso entre dois mundos é enlouquecedor, ele de fato perdeu parte da identidade.

— Como assim? — indaguei.

— Quando uma pessoa morre, o natural é que as memórias de sua vida se enfraqueçam. Em teoria, nossas tristezas são curadas e restauradas. No caso de uma morte abrupta, é diferente. A raiva ficou impregnada na alma dele. Pode não ser capaz de lembrar dos detalhes daquela noite, porém, a sensação de dor, angústia e revolta seguem vivas como se não houvesse passado um dia sequer. Em compensação, suas outras memórias provavelmente se enfraqueceram ao longo do tempo. E descobrir em um caderno velho uma *suposta* falha de caráter — ela fez um sinal de aspas com os dedos no ar — é algo difícil.

— Eu não consigo acreditar que o Luca tenha roubado, juro. Mas de onde veio tanto dinheiro?

— Pietra, ainda que ele tenha culpa do cartório, quem nunca errou? — Maria me fitou, séria. — Não é hora de julgamentos, há coisas mais importantes em jogo. Use sua mediunidade. Ele confia em você.

Droga, ela está certa, ponderei.

Kiara chegou equilibrando uma bandeja e tivemos que parar a conversa.

— Pedidos e comandas. — Acomodou tudo na mesa. — Podem acertar direto no caixa, ok? *Buon appetito!* Volte mais vezes, Pietra.

— Conte com isso. — Beberiquei meu *cappuccino*. — Manda um beijo meu para a dona Sonia — adicionei.

— Ela vai adorar ter notícias suas. Bem — Kiara ajeitou o avental —, a gente se vê, Maria.

Maria, sempre tão falante, apenas concordou balançando a cabeça. A troca de olhares entre as duas durou uma fração de segundos, o suficiente para que eu flagrasse os olhos da minha amiga cintilando.

Comemos nossos *croissants* em silêncio. Eu começava a desconfiar que a frase “Esse lugar é uma perdição” tinha duplo sentido.



Maria pediu que eu a deixasse no Lótus. De lá, eu iria para a casa do Fabrizio e, pela tarde, passaria no armazém para escolher a cor da tinta da sala e bater um papo com a proprietária.

— Me promete que vai ter cuidado com o que pergunta? — Maria fez uma careta. — O marido da dona Patrícia é ranzinza e desconfiado.

— Conheço a figura de outros carnavais, serei discreta.

Estacionei o carro atrás de um pequeno caminhão. Um homem descarregava caixotes de madeira.

— Ai, como sou avoada, marquei a entrega do hortifrúti para as dez horas e nem lembrava. — Maria saltou do Jeep afobada. — Um minuto, vou abrir — berrou para o rapaz. — Preciso ir, amiga. Me passa seus números de telefone e salva os meus. Quero que me mantenha informada.

— Sim, senhora. — Bati continência.

— É sério, viu? — Maria franziu o nariz e tirou o celular da pochete. — Estou preocupada contigo.

Você não sabe da missa a metade.

Era mais fácil falar com ela sobre fantasma e assassinato do que sobre a delicada situação financeira da minha família. Pesquei meu celular de dentro da mochila e apertei a tecla “ligar.”

— Aleluia, finalmente algum sinal. — Encarei o aparelho, surpresa. — E um monte de chamadas perdidas para retornar.

— É melhor avisar aos seus amigos que se mudou para a roça — Maria rebateu.

Gravamos os números telefônicos uma da outra em nossos respectivos celulares e deixamos um jantar pré-combinado para o dia seguinte. Eu ia dando a partida no

Jeep quando meu celular vibrou no banco do passageiro. Estiquei o braço e abri o aparelho.

Então, quatro palavras em letras maiúsculas fizeram meu coração parar na garganta: SEU IRMÃO ESTÁ MORTO.

CAPÍTULO 15

SÓ PODIA SER UMA BRINCADEIRA de mau gosto da Sienna, uma metáfora. Sim, era isso. Aqueles dois brigaram e a dramática da minha cunhada quis dizer que o Fabrizio estava morto *para ela*.

Entretanto, quando virei a esquina da rua deles, um calafrio subiu pela minha espinha. Tinha um homem estirado entre o meio-fio e a calçada justo em frente à casa do meu irmão. De cócoras, perto do corpo inerte, uma mulher de cabelos escuros e roupão branco. Ao lado dela, um policial. Sem conseguir raciocinar com clareza, paralisei diante da cena. *Não é real, não pode ser real*. Então a crise de ansiedade iminente se instalou sem piedade: falta de ar, tontura. Minhas pernas perderam a força. Tudo virou escuridão.

— Olá, Pietra. — Um rosto conhecido entrou em foco.

— Carlo? — Ainda tonta, espiei meu entorno. Eu estava deitada no sofá da sala do Fabrizio.

Que diabos eu faço aqui?

— Você apagou, Pietra. Eu estava estacionando e te vi despencar na rua em câmera lenta — meu padrinho explicou.

— Ca-ca-dê meu irmão? — Olhei para meu braço ralado.

— Dormindo. Tomou um sedativo. — Anna surgiu no meu campo de visão —, Fabrizio apanhou bastante, minha querida. Eu limpei as feridas com soro fisiológico para evitar infecções. A Sienna e a Graziela estão lá em cima com ele.

— Apanhou — repeti. — Eu achei... Eu vi meu irmão estirado na calçada.

— Desmaiado, como você — completou Carlo. — Fica tranquila, eu o examinei. Os ferimentos são feios, mas superficiais. De toda maneira, agendei uma ressonância magnética craniana no hospital para ele.

— O que aconteceu?

— Não sabemos direito, o Fabrizio falou sobre uma tentativa de assalto, estava confuso — respondeu Carlo. — A polícia encontrou o carro dele na frente de um

boteco. Pelo estado do seu irmão, desconfio que deve ter exagerado na pinga e se metido em uma briga.

Não fazia sentido. Fabrizio nunca foi de briga. Na adolescência, teve lá seus momentos rebeldes, o próprio cigarro era um resquício daqueles tempos. Além disso, tinha um gosto refinado para bebidas. Não conseguia imaginá-lo tomando pinga em um boteco.

— Quero vê-lo. — Ergui meu tronco e me apoiei no braço do sofá em um esforço para ficar de pé.

— Eu te acompanho, querida. — Anna me ajudou a levantar e subiu comigo até o quarto do casal.

Fabrizio dormia. Corri para junto dele e me ajoelhei ao pé da cama. Fiz uma prece silenciosa, agradecendo por meu irmão estar respirando. Seu rosto tinha vários hematomas roxos, um dos cotovelos enfaixado e a boca inchada.

— O que fizeram com você? — As lágrimas escorriam embaçando minha vista.

— Ele saiu ontem de noite dizendo que ia te encontrar. — A voz áspera de Sienna soou nas minhas costas. — Essa manhã, acordei para ir ao banheiro e percebi que o Fabrizio não dormiu em casa.

— O Fabrizio não esteve comigo. — Franzi a testa e me levantei.

— Porra! — ela rosnou entredentes. — Custava atender a bosta do telefone, Pietra? Te liguei mil vezes. No sítio, no seu celular. Desde às sete da manhã!

— E para se vingar, me mandou uma mensagem de texto dizendo que meu irmão morreu? — Ergui o queixo.

— Isso não é sobre *você*. — Sienna deu um passo à frente. — Eu *achei* que ele estivesse morto — rebateu.

— Parem com isso. As duas — Graziela interveio, nos empurrando para fora do quarto. — O importante é que o Fabrizio está bem.

— E me escondendo alguma coisa. Abre o jogo, Pietra. O que sabe? — Ela me lançou um olhar desafiador. — Por que alguém largaria o Fabrizio na calçada em frente de casa sem me dar uma satisfação? — Sienna girava a aliança de brilhantes em seu dedo anelar deixando clara sua impaciência.

— A Pietra acaba de ter uma crise de ansiedade, passou uma hora desacordada — Anna explicou. — É obvio que está tão assustada como qualquer um de nós. Para de procurar fio de cabelo em ovo, Sienna, seu marido nos disse que uns moleques tentaram roubar o carro e ele reagiu.

— Ele só não contou que raios fazia bebendo naquele boteco de última categoria tarde da noite. — Sienna saiu batendo os pés.

— Desculpa, Pietra. Minha filha encafifou que o Fabrizio esconde algum segredo cabeludo. — Graziela saiu atrás dela.

— Mal-agradecida. — Anna apertou o crucifixo de ouro pendurado no seu pescoço enquanto voltávamos para o quarto. — Sienna deveria ser grata por alguém se dar o trabalho de trazer o Fabrizio para casa.

— Oi, pir-ralha — murmurou uma voz masculina.

Ambas olhamos para a cama.

— Veja quem acordou com esse escarcéu. — Anna sorriu para meu irmão ajeitando seu coque já perfeito. — Vou descer para preparar um cafezinho e dar privacidade a vocês.

— Graças a Deus, o pior não aconteceu. — Suspirei aliviada, enxugando as lágrimas com as mãos.

— Estou bem — assegurou, tentando se sentar. — Só dói demais, pirralha.

— Vai com calma, você está todo ferrado. — Cheguei mais perto, acomodando dois travesseiros nas costas dele e me sentei na beirada da cama. — Mas o Carlo garantiu que não quebrou nada. Sabe como é, vaso ruim. — Dei uma piscadela para amenizar o clima tenso.

Meu irmão esboçou um sorriso.

— A polícia vai achar os covardes que fizeram isso com você — salientei.

— Sem polícia, por favor — ele murmurou outra vez.

— Como assim? — Eu o encarei.

— Preciso... te contar a verdade. — Fabrizio tomou fôlego. — Há uns seis meses, depois que meus investimentos não saíram como eu esperava, fiquei sem dinheiro para pagar os funcionários da empresa, os parceiros e minhas contas pessoais. Sondei o gerente do banco, queria pedir um empréstimo. Mas a quantia era alta e o pai ia ter que assinar. Aí me lembrei que um cara que joga tênis comigo no clube, uma vez, comentou sobre um conhecido dele que empresta dinheiro para as pessoas. Pedi para que nos apresentasse.

— Você quer dizer um agiota? Pirou, Fabrizio?

— Eu estava desesperado, sem saída. Fizemos um acordo e isso me deu algum fôlego. Só que — Fabrizio tossiu e gemeu de dor — do dia para a noite, meu parceiro de tênis desapareceu do mapa. No clube, diziam que o cara frequentava um cassino clandestino e perdeu tudo, não honrou suas dívidas. Ao que parece, *alguém* deu o fim nele, Pietra.

A história era tão surreal que parecia a premissa de um filme de gangster.

— Não estou acreditando, você sequer pensou nas consequências? — perguntei, indignada. — Agora esse maldito se sente no direito de te chamar para um boteco isolado e mandar os capangas te encherem de porrada.

— As coisas iam bem nas vendas dos vinhos, estava conseguindo acertar com o agiota mensalmente, faltava pouco para quitar a dívida. Eu me enrolei esse mês.

Ele só quis me assustar. Mostrar do que é capaz se eu não cumprir com o combinado.

— Filho da puta! Me Deixa falar com nosso empresário investidor — propus. — Sou a arquiteta responsável pela reforma, posso conseguir um adiantamento maior para acalmar os ânimos desse agiota escroto.

— Pietra — Fabrizio me fitou, seus olhos azuis, do mesmo tom dos meus, cheios de água —, me perdoa. Não existe nenhum empresário investidor — confessou em um fiapo de voz. — Precisei pegar mais dinheiro emprestado para quitar o plano de saúde do pai e fazer a reforma do sítio. Com o agiota escroto.

A declaração de Fabrizio foi um soco no meu estômago.

— Nunca houve um investidor. — Eu tentava digerir. — Como pôde mentir para mim? Sou uma idiota de confiar na sua conversa fiada. — Minhas entranhas se contorciam com a cólera.

— Por favor, não fica puta — sibilou baixinho, os músculos do seu rosto anguloso tencionados. — Eu disse a verdade. No início. O empresário se comprometeu comigo, mas deu para trás. É um merdinha, um moleque imaturo.

— E não te ocorreu me atualizar desse *pequeno* detalhe?

— Tive medo da sua... reação — defendeu-se. — Eu garanto, Pietra, nada mudou. A festa da virada vai resolver nossos problemas, tenho a situação sob controle. Os fornecedores toparam receber no próximo mês, terei que adiantar o mínimo. Fiz os cálculos considerando nossos gastos. Inclusive o de cobrir a piscina para transformá-la em uma pista de dança como sugeri. Cobraremos caro pelo convite, a grana será suficiente para pagar o que devo.

— E se não for? E se der qualquer coisa errada, o sujeito vai te matar como fez com seu colega do tênis? — Uma corrente elétrica percorreu meu corpo assim que as palavras deixaram meus lábios. Soltei o ar dos pulmões me controlando para não subir o tom de voz. — Tudo mudou, Fabrizio. Esse cara é violento.

— Não foi gratuito. Ele viu uma foto do coquetel da Sienna, saiu no jornal. Ficou furioso achando que eu estava torrando dinheiro e daria o calote. Quis deixar claro que está de olho em mim. Não vai acontecer de novo. E, com a sua ajuda, não tem como essa festa dar errado — acrescentou.

De repente, tive a sensação de carregar o peso do mundo nas minhas costas.

— O agiota sa-sa-be de mim?

Fabrizio se remexeu na cama com dificuldade e passou os dedos entre os cabelos alourados.

— Fica tranquila, ele vai te deixar trabalhar em paz. Mas é prudente dormir aqui em casa, nunca gostei de você sozinha no sítio.

Sem entrar em detalhes, disse ao meu irmão que tinha me programado para passar uns dias na casa deles. Contudo, depois da revelação bombástica não existia

a menor chance de isso acontecer. Em primeiro lugar, não sou uma boa mentirosa e com a Sienna no meu pé, daria com a língua nos dentes. Fora isso, mais que nunca, eu tinha que correr com a reforma, focar no planejamento da festa para que Fabrizio pudesse começar a vender o quanto antes os convites. Não podia perder meu precioso tempo nesse vaivém.

— Fabrizio, meu anjo — a cabeça de Anna surgiu na fresta da porta entreaberta —, vim avisar que o Carlo marcou uma ressonância para daqui a meia hora.

— Preciso mesmo ir? — choramingou.

— Precisa — ela respondeu, firme. — Melhor prevenir do que remediar. A Sienna está terminando o banho, ela e a Graziela irão te levar ao hospital. Pietra, ajude seu irmão a trocar de camiseta e ligue para seus pais antes que saibam do acontecido por fofocas.

CAPÍTULO 16

ENQUANTO MEU IRMÃO ESTAVA NO HOSPITAL, decidi ignorar os conselhos de meu padrinho sobre fazer repouso e parti para o armazém. Nada melhor do que ocupar a cabeça para me distrair de minha preocupação com Fabrizio e da tristeza com que minha mãe tinha recebido a notícia do “acidente” de seu filho querido.

O estabelecimento seguia no mesmo lugar, entretanto dobrara de tamanho. Notei que o conhecido letreiro luminoso dos anos oitenta com o sobrenome dos proprietários tinha sido substituído por um novo que dizia “O mundo da reforma”. Quando entrei, vi Joel sozinho atrás do balcão com seu Walkman nos ouvidos. Assoviava *Come as you are*, do Nirvana.

— Opa, boa tarde, dona Pietra. — Ele baixou os fones e me deu um sorriso educado. — Veio escolher a cor da tinta?

— Acertou. — Meu olhar estudava o ambiente. — O armazém cresceu, hein? Resolveram vender itens de decoração?

— Tem uns meses. Vendemos almofadas, tapetes, vasos, cerâmicas, quadros, toalhas bordadas. Um monte de coisas. Tudo produzido por artesões locais. A dona Patrícia acertou em cheio, os preços são ótimos e aumentou a freguesia.

— Maravilha. — *Porque se eu posso comprar fiado aqui, resolvo boa parte dos meus problemas.* — E onde ela está?

— Não se sentia bem, acho que tem trabalhado muito. Assim que cheguei, o patrão falou que ia levar a esposa para casa.

— Um marido... cuidadoso. — Fitei o Joel.

— Cuidadoso até demais — cochichou. — Ele foi é *escoltar* a dona Patrícia, sacou? — O garoto soltou uma risada espontânea.

— Deixa de ser exagerado. — Ri junto.

— É sério. — Assoprou a franja escorrida que cobria um dos seus olhos e disfarçava as marcas das espinhas. — O patrão tem quase setenta anos e sofre de hérnia de disco. Não consegue carregar peso. Eu ajudo como posso, só que trabalho meio expediente. Cansei de falar que estamos sobrecarregados, dona

Pietra. O cabeça dura não contrata ninguém porque não quer nenhum homem enfurnado aqui, perto da mulher *dele* — adicionou.

— Acha que ele tem motivos para tantos ciúmes?

— Vai saber. A dona Patrícia é uma santa mulher, mas o povo daqui é fofoqueiro. Há quem diga que nem sempre foi assim. Na dúvida, nada de ajudantes.

— E você? — Ergui uma sobrancelha.

— Ele não me considera um risco. — O garoto deu de ombros.

— Não se subestime, Joel.

Joel levantou as mangas da camiseta preta entrando na brincadeira.

— Tenho meu valor, só não faço o tipo atlético. — Piscou. — Vou lá dentro buscar o catálogo das cores de tintas. — Joel abriu uma porta atrás de si e desapareceu.

Eu apoiei meus cotovelos no balcão, pensativa. Desde menina, estranhava a dona Patrícia ser casada com um homem tão mais velho. Segundo minha lembrança, ela era uma mulher bonita de longos cabelos castanhos ondulados. Uma vez, escutei meu irmão dizer para o Luca: Vai trabalhar para aquela gostosa? Fiz um rápido cálculo. Em 1984, a proprietária do armazém tinha quase trinta anos. Então, teria, no máximo, quarenta e cinco hoje em dia. *Havia boatos de que Luca seduzia mulheres comprometidas*, novamente a voz da Sienna entoou em minha mente.

As peças do confuso quebra-cabeças iam se encaixando. O dinheiro, o marido ciumento. O que eu tinha lido no caderno de Luca podia não ser sobre minha cunhada. E se a própria dona Patrícia tivesse pegado a grana no caixa do armazém para o amante? Certamente, seu marido controlador teria notado, ainda mais se estivesse desconfiado dos dois. *Um crime passionai*. Meu coração disparou.

— Olha, eu posso ajudar com a pintura na minha próxima folga. — Joel largou o catálogo ao meu lado.

Tive um sobressalto, levantei a vista. Meus olhos arregalados devem ter denunciado meu choque.

— Foi mal, te assustei — disse ele, sem graça.

— Eu que estava distraída — tossi, abrindo o catálogo. — Quanto aos seus serviços, vou ter que me virar sozinha. Tenho um prazo bem apertado.

E um agiota escroto administrando nosso dinheiro.

CAPÍTULO 17

— MARCO? — FRANZI O CENHO ao vê-lo abrir a porta da casa do meu irmão.

— *Ciao, Bella Pietra.* — Ele curvou as costas em uma reverência exagerada, os olhos azuis-acinzentados cravados nas minhas coxas à mostra.

— O que está fazendo aqui? — Minha voz saiu alta demais.

— Vim visitar meu melhor amigo, ora essa. — Seu olhar foi subindo e se deteve no meu braço ralado. — E você, não deveria estar na cama? Soube da sua crise. — Ele deu um passo atrás me dando passagem.

— Estou bem. — Entrei sem a menor vontade de dar satisfações.

— Calminha aí. — Ele segurou meu ombro, me obrigando a girar o corpo e encará-lo. — Onde a senhorita pensa que vai?

Ergui o pescoço. Embora meus pés estivessem no segundo degrau da escada, eu me sentia minúscula perto dele.

— Falar com o Fabrizio, vi o carro da Sienna estacionado.

— Seu irmão chegou bem enjoado, efeito do contraste que tomou na ressonância. Meu pai está no quarto com ele, pediu para que o deixássemos descansar.

— Sabe se saiu o resultado? — questionei, ansiosa.

— Falta o laudo oficial, porém, o radiologista disse que não há com o que nos preocuparmos. Logo o Fabrizio estará zero bala. — Marco sorriu.

— Que bom. Cadê o resto do pessoal?

— Minha mãe me deixou aqui e foi para a igreja rezar pelo seu irmão. Minha tia e a Sienna estão na cozinha improvisando algo de comer, justo hoje, a empregada não apareceu. Você vai ficar?

— Não vou a lugar nenhum antes de ver meu irmão. — Dei meia-volta escapando dele. Acomodei-me em um dos sofás de camurça da sala com minha mochila grudada ao meu lado, deixando clara a mensagem: não invada meu espaço.

Ele pareceu ter entendido. Recostou-se na *chemise* caramelo da frente, em silêncio. No entanto, me comia com os olhos sem disfarçar.

— Pietra, aproveitando que estamos sozinhos — a voz sexy — tenho uma confissão a fazer. — Limpou a garganta. — Desde que te reencontrei, não paro de pensar em você. Na gente.

— Não tem *a gente*, Marco. — Cruzei as pernas. *Eu mereço*.

— Hum, você não estava tão arredia na outra noite. Senti que rolou um clima especial, um interesse mútuo. — Seu sorriso oscilou, uma ruga surgiu entre as suas sobrancelhas. — Ou será que prefere a companhia de um certo produtor de vinho orgânico?

Engoli em seco. Seu comentário comprovava que ele também esteve atento aos meus movimentos no coquetel.

Pode ter sido o Marco quem escutou minha conversa com Enrico.

— Eu jamais me interessaria por aquele sujeitinho. — Torci a boca. A simples menção do vizinho me irritava. De um jeito ou de outro, nossos encontros sempre acabavam em desastre. A noite passada me voltou à cabeça. Graças a total falta de tato dele com o Luca, minha investigação continuava estagnada.

— Bom, se não é isso... — Marco se inclinou apoiando os cotovelos nos joelhos. — Que tal sair comigo mais tarde?

— Pretendo voltar para o sítio. Além do que, estou cansada e sem cabeça para sair — respondi da maneira mais *doce* que pude.

Droga, precisava ser amável se quisesse tirar mais informações dele. Eu sentia que, por baixo daquela simpatia, havia algo sóbrio. Mas, sem o efeito do álcool, não tinha forças para sorrir.

— Claro, sou um insensível. Com o seu irmão nesse estado e depois do que você passou hoje... — Ele se inclinou mais, pondo uma mecha do meu cabelo atrás da minha orelha. — Sei esperar, baixinha. Vai valer a pena. — Acariciou minha bochecha com o dedo.

Meu pescoço endureceu. Eu queria gritar: tire essa sua mão de mim! Em vez disso, apenas me levantei.

— Vou buscar um suco e checar se a dupla dinâmica precisa de ajuda. Quer alguma coisa?

— Aceito uma Coca-Cola gelada. — Marco entrelaçou as mãos atrás do pescoço e esticou as longas pernas sobre um pufe que fazia jogo com a *chemise*.



Um cheiro convidativo vinha da cozinha.

— Sienna, pode ir preparando aquela salada que seu marido gosta? O Panini fica pronto em cinco minutos. — A voz de Graziela flutuava com o eco chegando no corredor.

— O Fabrizio que se dane — a outra rebateu, amarga.

— Deixa de ser pirracenta — Graziela bravejou. — Qual o seu problema?

— Cansei de representar o papel de esposa perfeita, mãe. Você não enxerga? Ele está mentindo na cara dura.

Meu cérebro emitiu um sinal de alerta, parei na hora. Se elas escutassem meus passos, interromperiam a discussão e eu queria descobrir aonde ela chegaria. Por isso, avancei de mansinho, me posicionando atrás da porta. Consegui ver, pela fresta, as duas sentadas ao redor da mesa de metal. Sienna baixou o tom e prosseguiu:

— Ele insiste que foi encontrar o investidor. Isso é ridículo. — Tamborilava as unhas na mesa. — Um cara rico não marcaria um encontro em um boteco afastado. O Fabrizio tem uma amante, aposto.

— Sienna, Sienna. Seu marido te ama. Se tiver pulado a cerca, é coisa de homem; não precisa se preocupar.

— Uma ova, mãe. E se ele me trocar por uma mulher fértil? Nenhum homem pode ser feliz com uma esposa que não consegue nem ter um filho.

— A inseminação deu errado de novo?

Sienna anuiu.

Senti um aperto no peito, por mais que não fosse fã da minha cunhada, sabia como era importante para eles terem um filho.

— Então é sobre isso — falou minha madrinha. — Você é perfeitamente capaz de engravidar, Sienna.

— Fui. Quem garante que ainda sou? Parece um castigo divino.

— Pare de falar bobagens. Castigo seria ter virado mãe solteira. Ou acha que Fabrizio não notaria um bebê negro?

— Percebe que suas palavras só fazem me sentir pior? — A voz de Sienna saiu embargada.

— O que está feito, está feito. Agora trate de preparar o molho da salada para agradar seu maridinho.

Meu cérebro levou um instante para processar a informação. Sienna engravidou de Luca e... tirou o bebê? Fui invadida por uma onda repentina de náuseas. Eu queria sumir daquela casa, me preparei para correr, mas acabei tropeçando de tão nervosa. O ruído chamou a atenção de Sienna, ela olhou para a porta.

— Quem está aí?

Put a merda. Era tarde demais para fugir. Com receio de ser pega em fragrante, entrei na cozinha fingindo ter acabado de chegar.

— Oi, gente. O cheiro está delicioso. Vim buscar bebidas e saber se posso ajudar com algo — eu disse, com minha melhor cara de paisagem. O suor se acumulando nas minhas costas.

— Oi, Pietra. Chegou na hora certa. — O semblante da minha madrinha se suavizou enquanto arrumava a alface em uma tigela. — Seria ótimo se levasse os jogos americanos, copos e talheres para a mesa da sala. Não é, filha?

As duas se entreolharam, era quase uma conversa telepática.

— Sim, ajudaria bastante, me atrasei aqui. Falta preparar aquela salada de palmito com molho de mostarda que seu irmão adora. — Abriu um sorrisinho, a velha animação forçada. — Desculpe ter estourado com você mais cedo, Pietra. Fiquei fora de mim com o que aconteceu.

É claro que ficou. Minha cunhada voltara a representar.

Assim como eu e a Graziela. Cada qual o seu papel.

Foi difícil comer. A foto de Sienna e Luca de rostos colados se infiltrara em meus pensamentos. *Eles teriam um filho.* Preferi falar o mínimo possível para garantir que minha voz não revelasse meu estado de espírito. Carlo se uniu a nós e me tranquilizou sobre a saúde do meu irmão. Sienna levou a comida de Fabrizio no quarto. Esperei ela descer e subi para me despedir dele.

— Você continua brava comigo? — Meu irmão perguntou cabisbaixo ao me ver séria no pé da cama.

— Nem tenho tempo para isso. — Dei de ombros. — Passei no armazém para escolher as tintas, coloquei na conta. Começo a pintar a sala amanhã — respondi no tom mais amável que pude. Eu continuava brava, fato. No entanto, o sentimento de pena era maior. Nada se comparava com o que acabara de ouvir na cozinha.

— Eu tenho a melhor irmã do mundo. — Ele sorriu e tocou minha mão, sem ter ideia do porquê da minha mudança de atitude. — Vou para o sítio te dar uma força.

— Aham. Você vai ser muito útil nessas condições — devolvi, sem conter o sarcasmo. — Fabrizio, só me promete não se meter em confusão. Daqui para frente, quero saber toda a verdade, por pior que seja.

— Eu juro, pirralha. Obrigado por entender e por guardar meu segredo. A Sienna está mais calma. Caramba, nem imagino a reação dela se descobrisse.

Você não é o único com segredos cabeludos, pensei.

Mas não tive coragem de falar. O pobre jamais se recuperaria do baque.



Antes de pegar a estrada, apanhei meu celular no bolso da mochila e fui para o terraço ligar para a Maria para contar sobre meu irmão e desmarcar nosso jantar no dia seguinte.

— Vai voltar para o sítio? E o medo de ficar sozinha com seu amigo fantasma?

— Digamos que uma amiga sábia me fez mudar de ideia. Eu vim para reformar o sítio, e é o que farei. — Enchi o peito, tentando convencer a mim mesma. — Já providenciei as tintas. E adivinha? — Alonguei a respiração para criar suspense.

— O quê?

— Vou pintar uma das paredes de amarelo.

Maria riu alto do outro lado da linha.

— Adorei! Então esteve com a ilustre proprietária do “Mundo da reforma”, detetive?

— A dona Patrícia não estava no armazém. — Abaixei a voz. — Mas descobri uma coisa interessante sobre o marido dela. Ele é um homem extremamente possessivo e ciumento.

— Quanto a isso, nenhuma novidade. O vilarejo inteiro sabe.

— Por acaso, já escutou alguma fofoca sobre o passado dela?

— Hum, uma vez ela foi com o marido jantar no restaurante e escutei o metre conversando com um dos garçons. Falava que a dona Patrícia tinha sido uma mulher fogosa na juventude e o coroa não dava conta. Bom, o povo fala demais.

— Onde há fumaça, há fogo.

— Está insinuando que ele pode ser o nosso assassino?

— Estou dizendo que alguém cego de ciúmes é capaz de qualquer coisa. Inclusive matar. Eu desconfio que a dona Patrícia se envolveu sentimentalmente com o Luca — desabafei. *E não foi a única.*

— E o marido descobriu sobre os dois — ela completou. — Isso está virando novela mexicana. Nunca gostei daquele homem carrancudo, tenho a sensação de que carrega a escuridão. Pietra, ele pode ser perigoso. Melhor redobrar seu cuidado.

— Paranoia sua. Como alguém vai desconfiar que sei sobre o assassinato do Luca?

— Amiga, desenterrar mortos pode ser complicado. — Houve uma pausa, seguida por um suspiro. — Eu abri um jogo de tarô — Maria confessou.

— O que as cartas falaram? — perguntei, ansiosa.

— Nada muito claro. Apenas que os segredos submersos podem se revelar como verdades terríveis.

Eu já estou lidando com elas.

— Admiro sua determinação — Maria continuou. — Como arquiteta, seu papel é concertar as coisas. Só que na vida... é diferente.

— Entendo o que você quer dizer, Maria. Mas já vim longe demais para recuar. Eu vou descobrir quem é o assassino do Luca, não importa o que aconteça.



Depois de nos despedirmos, verifiquei as chamadas perdidas. Nada novo. Apenas ligações dos meus pais, da academia de ginástica que larguei sem avisar e as trocentas da minha cunhada. Havia algo mais. Uma mensagem de texto de um número desconhecido. Franzi as sobrancelhas, nem sabia que o vizinho ogro tinha meu número. Mas logo imaginei que meu irmão poderia ter passado meu contato ao vizinho para que ele “tomasse conta” de mim. Como se eu precisasse de um cão de guarda. A mensagem dizia:

“Mi dispiace, ero uno stronzo. Di nuovo — e a explicação para o auto xingamento vinha em bom português. — Eu me alterei. Jamais deveria ter acusado seu amigo daquela forma, sei como as almas perdidas sofrem. Em compensação, você não deveria ter me enxotado da sua casa. Estamos quites? Ainda estou disposto a ajudar. Afinal, o cara é fã do Freddie Mercury. Me procure.”

Tive um ataque de riso.

— É bom vê-la feliz, querida.

Fechei o aparelho e me virei na direção da voz. Dona Anna estava apoiada no batente da porta de vidro. Os braços cruzados sobre a blusa de gola rolê. A pele branca feito cera.

— A senhora... não estava na igreja? — Caminhei até ela. *Merda. Será que escutou minha conversa?*

— Acabo de chegar. Assisti à missa e agradei ao altíssimo por seu irmão estar bem. — Fez o sinal de cruz no coração. — Sabe, não era da vontade de Deus levar o Fabrizio para o reino dos céus. Porque cada um tem sua hora e, quando ela chega, ah minha querida, não cabe a nós, meros mortais, questionarmos. Não acha? — Dona Anna me lançou uma mirada profunda, suas pupilas pareciam dilatadas. A boca fechada se curvou lentamente para cima. Tinha algo de assustador na expressão dela. De súbito, detectei o que era. Seu sorriso me fazia lembrar o vilão de um dos filmes de terror que Fabrizio assistia na adolescência, um homem que escondia um assassino sádico sob a aparência bondosa.

NOITE DA FESTA

31 de dezembro de 1984

Marco

MARCO ESTAVA INQUIETO. Embora se esforçasse para esconder sua raiva atrás de um sorriso ensaiado, era difícil assistir à atenção que Luca recebia desde que ganhou a bolsa da faculdade de cinema. Era ainda mais difícil suportar os olhares carregados de pena e as frases de consolo que pareciam ter sido tiradas de algum livro de autoajuda. *Deveria se orgulhar, você deu seu melhor, segundo lugar é ótimo.* Hipócritas. Ninguém admirava os perdedores. Marco já passara por isso antes. Maldito dia em que escutou sua mãe:

— Precisamos ajudar os menos afortunados, meu querido. Luca é seu amigo e tem boas ideias, existe espaço para vocês dois.

Por conta disso, dona Anna convenceu o marido a emprestar sua câmera Super Oito não só para o filho, mas para Luca também.

— Parabéns! Um trabalho repleto de sensibilidade. Você é um talento nato, Luca — proclamou o diretor, lhe entregando um troféu que imitava o do Oscar pelo seu documentário sobre a colonização italiana em Vila Allegro.

Agora, dois anos depois, a história se repetia. A diferença era que não se tratava de um troféu estúpido. Luca roubara seu sonho, a única vaga disponível para estrangeiros na melhor faculdade de Roma. Tudo bem, Marco ainda estudaria cinema, tinha passado no vestibular de duas boas faculdades na capital. Ao contrário do pai de Luca, o seu podia bancá-lo. Mas São Paulo não era Roma.

— Ei, Marco. Sabe onde está o Fabrizio?

Ele reconheceu a voz grave de seu Raul e espiou sobre os ombros.

— Foi pela quinta vez checar se a Sienna chegou — respondeu, com uma clara falta de entusiasmo.

— Ah, esse meu filho apaixonado. Quando encontrá-lo, diga que quero falar com ele. Fabrizio ficou de me ajudar. — Seu Raul abaixou a vista para a câmera de vídeo nas mãos de Marco. — E você, capricha nas gravações, garoto. Seu pai

comentou que gastou uma nota nesse equipamento. Vai ser ótimo ter a festa de hoje eternizada — disse, antes de deixar o salão.

Marco concordou com um anuir de cabeça. De repente, um pensamento lhe ocorreu: de nada adiantava ter a câmera VHS de última geração, ninguém em Vila Allegro o levaria a sério como cineasta. Para eles, Marco seria sempre o garoto gravando festas como aquela. *Segundo lugar, segundo lugar*, sua voz interna ressoava. A respiração dele foi ficando entrecortada, o salão parecia ter encolhido. Marco guardou a câmera no estojo o mais rápido que pôde, pendurou a alça ao redor do pescoço e correu dali.

Fabrizio vinha caminhando pelo corredor na direção contrária. Os dedos entrelaçados aos de Sienna.

— Ei, cara, para que tanta pressa? — ele questionou.

— Esse calor está insuportável — Marco diminui o passo. — Vou tomar um ar.

— Vai parar com as gravações, primo? Poxa, acabo de chegar. — Sienna passou a mão livre, arrumando a faixa que prendia seu cabelo e jogando charme.

— Só vou dar um tempo, Sienna, isso aqui pesa. — Marco bufou, ajeitando a alça do estojo, estava sem a menor paciência para o narcisismo da prima. Mesmo assim, precisava admitir, ela estava bem gata com aquela regata justa e um batom melado que ressaltava o contorno dos seus lábios. Forçou-se a desviar o olhar de sua boca. — Ué, pensei que a rainha do baile não viesse mais — provocou.

— Culpe minha mãe, deve ter trocado umas dez vezes de roupa. — Sienna piscou os longos cílios. — Vamos nessa, Fabrizio, estou louca para ver como ficou o salão. — Foi puxando o namorado.

— Cara, sem querer cortar sua onda, mas seu pai está querendo falar com você, pediu que eu te avisasse.

— Droga — Fabrizio se deteve e bateu o pé no chão. — O velho vai me matar, esqueci dele.

Grande novidade. Ele vive em um universo alternativo ultimamente, como se seu mundo se resumisse à Sienna, refletiu Marco.

— Gatinha, desculpa, não demoro, juro. Marco — Fabrizio voltou-se para o amigo —, acompanha a Sienna até o salão?

— Zero necessidade, Marco, eu conheço o caminho. — Sienna salpicou um beijo na boca de Fabrizio.

Marco agradeceu Sienna com o olhar, estava ávido para respirar ar puro.

Cada um seguiu para uma direção diferente.



Na área externa, Marco se sentia menos sufocado. Decidiu buscar um espumante bem gelado. Embora, no fundo, soubesse que sua vontade de beber pouco tinha a ver com o clima quente. Ele girou o rosto passeando os olhos ao redor e logo identificou dois garçons circulando entre os convidados. Usavam uniforme branco com o logo da vinícola Barone, um cacho de uvas estilizado, bordado nas costas. No entanto, preferiu dirigir-se ao bar montado em um dos cantos do jardim. O mais longe possível da sua mãe e seus sermões.

— Vinho branco ou espumante? — perguntou a simpática *bartender*. Os cabelos avermelhados presos em um coque e o uniforme a deixavam com um ar sério, mas a tatuagem tribal no braço direito sugeria ao contrário. *Ela é atraente*.

— Espumante. — Ele a encarou, a garota o encarou de volta. A noite começava a ficar interessante.

A *bartender* abriu uma nova garrafa. A rolha voou longe, a espuma escorria pelo gargalo. Ela entregou a Marco uma taça cheia. A primeira de várias.

Meia hora depois, Marco se sentia muito mais relaxado.

— É uma câmera de vídeo? — A *bartender* cravou o olhar no estojo.

— A mais moderna do mercado. — Marco deu uma piscadela.

— Será que eu posso ver. — Ela se debruçou no balcão. Sabe, quero ser atriz, de preferência a protagonista de um longa-metragem. — Suspirou, sonhadora. — Semana passada, fiz um teste para um comercial de creme dental em São Paulo. — Ela abriu um sorriso de orelha a orelha mostrando seus dentes bem alinhados. — Não é minha praia — deu de ombros —, mas preciso começar de algum jeito, até descobrirem meu talento.

Marco riu. Teve inveja da autoestima elevada dela e torceu para ser contagioso porque a dele estava no chão.

— Vou ser diretor de cinema. — Dizer a frase em voz alta de certa forma o ajudou. — E todo cineasta precisa de uma musa inspiradora. — Apoiou o estojo com cuidado em cima do balcão retirando a câmera VHS. — Vamos ver se continua tão cheia de si agora. — Focalizou o rosto da *bartender*. Seus olhos, de um tom meio amarelado, cintilaram. A garota era extremamente fotogênica. Mas, pela experiência de Marco, a maioria das pessoas se sentiam intimidadas assim que ele apertava o *play*.

Ela limpou a garganta e inspirou fundo.

— Eu não sou má, sou apenas necessária — soltou, a voz impostada.

O coração de Marco disparou. Ela acabara de imitar a atriz Tippi Hedren, em Os Pássaros, de Alfred Hitchcock, seu diretor favorito.

Infelizmente a performance acabou por aí. Um grupo de amigos dos seus pais aproximou-se falando alto e clamando por bebidas. Seu *bar secreto* havia sido descoberto e a *bartender* gostosa saiu da personagem.

— Preciso trabalhar, *diretor* — ela cochichou e passou a ignorá-lo.

Marco ficou chateado, mas preferiu fingir indiferença. Finalizou sua taça de espumante, avançou alguns passos e, sem maiores pretensões, começou a gravar o vaivém das pessoas. A luz das tochas fazia um efeito bonito, o tipo de imagem que funcionaria bem na edição. Alguns minutos mais tarde, resolveu deixar sua câmera no quarto do Fabrizio. Então, um movimento no extremo oposto, captou sua atenção, alguém se levantou cambaleando de uma das namoradeiras espalhadas pelo jardim. Os braços se esticaram acima da cabeça, como se tivesse acordado naquele instante. Marco deu um *zoom* e o perfil de Luca entrou em foco.

Um garçom passava por ele, o colega fez sinal para que parasse, apanhou uma taça de vinho, virou a bebida e devolveu a taça vazia para a bandeja.

E lá está o garoto prodígio enchendo a cara como se não houvesse amanhã. Não era difícil deduzir o que o afligia. Luca ficava mexido nessa época do ano. O velho drama do aniversário da morte da mãe. Tanto sofrimento por alguém que nem conheceu.

Porra, o cuzão devia era estar feliz, agradecido pela chance de estudar em Roma.

Dominado pela raiva crescente e encorajado pelo álcool, Marco voltou a guardar a câmera no estojo e andou em direção a Luca.

Já era hora de ele escutar algumas verdades.



Marco chegou junto. O peito estufado em uma postura desafiadora, o fato de ser, ao menos, um palmo mais alto que o outro lhe dava segurança. A luz de uma tocha incidia sobre metade do rosto do colega. Havia algo de muito estranho na expressão dele. Marco não soube identificar o quê.

— Você pode até enganar o povinho desse vilarejo, mas não me engana — alfinetou.

Luca bocejou, esfregando os olhos.

— Cai fora. Você é a última pessoa com quem quero falar hoje — devolveu o colega.

— Eu sei do seu segredinho sujo. — A voz de Marco, carregada de ódio, subiu várias oitavas para competir com a música. — Tinha tudo programado, né? Por isso se afastou. Nem consegue me encarar.

Alguns rostos curiosos se viraram em direção aos dois.

— Do que tá falando, babaca? — Luca ergueu o queixo.

— Vai me dizer que é mera coincidência seu pai ter acesso às provas e você tirar a nota máxima para a universidade de cinema em Roma? Não sou idiota — Marco emendou.

— É isso? — Luca riu. — Não viaja na maionese, cara. Meu pai nunca infringiria uma regra. Aceita que dói menos, minhas notas sempre foram mais altas do que as suas — disse com desdém. — Agora, vaza daqui, me deixa sozinho.

— Porra! Você nem gosta tanto de cinema — o outro explodiu, ignorando o pedido do colega —, só te interessa morar em Roma.

— E se for? — Luca devolveu, a voz arrastada. — O que tem de errado em querer sair desse fim de mundo?

Marco deu uma gargalhada nervosa. A essa altura, mais convidados acompanhavam a discussão.

— É Roma, Luca, a capital da Itália. Eu-ro-pa — silabou. — Seu pai pode ser italiano, mas *you* nunca irá se encaixar. Olha sua cor! — As palavras escaparam de seus lábios. Marco jamais havia dito aquilo em voz alta. Mas estava feito, não dava para desdizer. *Foda-se*.

— Quem é você para falar assim comigo, seu racista pervertido? — Luca rebateu. — Quer mesmo jogar merda no ventilador? Segredos sujos não faltam em Vila Allegro, todos têm algo a esconder — uma veia pulsante saltou em sua testa —, inclusive você, certo? — Luca fez uma pausa, fitando Marco com seus olhos verdes afiados. — Eu encontrei as fotos dela, estão comigo. Vou levar na polícia amanhã mesmo.

Marco uniu as sobrancelhas sem entender o que ele estava falando. Era óbvio que Luca só queria deixá-lo confuso.

A melhor defesa é o ataque.

— Fim do showzinho, rapazes — Carlo interveio, se colocando no meio dos dois.

Marco sentiu um frio no estômago diante da presença inesperada do pai.

— Foram me avisar da briga. Andaram bebendo? — Carlo bradou. Seu rosto estava vermelho feito um tomate.

Luca o fitou com desprezo e nem se deu ao trabalho de responder, saiu andando. Marco teve vontade de voar no pescoço do colega, acabar de uma vez por todas com a pose arrogante do filho do professor. Porém, o pai colocou a mão em seu ombro.

— Se pensa que vai estragar a festa dos meus amigos, está muito enganado. — Torceu os lábios. — Precisa entender que tudo tem seu momento certo. Fui claro? — adicionou com voz ríspida.

— Sim, pai — Marco balbuciou enquanto acompanhava com o olhar Luca desaparecer do seu campo de visão.

Sua hora vai chegar, otário, tudo ao seu tempo.

CAPÍTULO 18

MINHAS MÃOS SUAVAM enquanto a espera se alongava. Depois de apertar a campainha, comecei a me perguntar se devia mesmo estar ali. Se devia perdoá-lo tão facilmente. Já anoitecia e eu sequer tinha passado em casa, as tintas seguiam no porta-malas do Jeep. *Droga. Por que tanta ansiedade?* Uma luz se acendeu. Dava para escutar Nina latindo ao fundo e passos cada vez mais próximos. Então, o barulho da porta sendo destrancada.

— Pietra? — Enrico arqueou suas sobrancelhas expressivas. Usava um moletom e uma camiseta da seleção italiana, os cabelos revoltos. Nas mãos, uma taça de vinho branco. — Espero que não tenha esperado demais. Eu estava terminando de assistir a um filme no meu quarto, demorei para perceber a campainha.

— Se é um mau momento, posso voltar outra hora. — Uma lufada de vento levantou de leve meu vestido, segurei a barra sem jeito, arrependida de estar ali. *Vinho, filme no quarto. O vizinho está acompanhado.* Na frente da casa, apenas a caminhonete dele, mas Enrico poderia muito bem ter ido buscar a dita cuja, certo?

— Mau momento? Vejamos — ele deu um meio-sorriso observando a mochila pendurada no meu ombro —, isso depende. Traz alguma bomba escondida ou veio em missão de paz? — Mexeu nos óculos.

— Eu recebi a mensagem, seu *novo* pedido de desculpas, vim em missão de paz.

— Que bom. No fundo, somos parecidos, Pietra. Dois geniosos.

— Vou ser franca, você me irritou muito. — Fiz uma careta. — Mas, hoje, meu dia foi uma montanha-russa de emoções. Digamos que relevei coisas bem mais difíceis. Além disso, com a reforma e a festa, não posso lidar sozinha com a investigação.

— Não precisa. — Ele bebericou seu vinho, os olhos gentis.

— É o seguinte: se está disposto a ser o mediador, ganhe a confiança do Luca primeiro, outro genioso. — Levantei a cabeça, encarando Enrico de forma acusatória. — Será que consegue ser menos *stronzo* para variar? — Eu quis soar séria, porém meu sorriso me traiu.

— Prometo me esforçar ao máximo. — Ele abafou a risada. — Amanhã me desculparei com seu amigo, *va bene*?

— *Va bene*. Nos vemos amanhã. — Girei nos calcanhares.

Meu semacol falou mais alto. A acompanhante dele devia estar impaciente.

— Pietra, por que não entra? Uma taça de vinho te fará bem. Logo mais, vou preparar um risoto com trufa negra, receita de família. Ingredientes frescos. Imperdível — anunciou, solene.

Olhei sobre os ombros ponderando o convite inesperado. A oferta era bastante tentadora, meu estômago se manifestou só de imaginar uma refeição decente. Eu mal havia comido na casa do Fabrizio e, conhecendo meus dotes culinários, meu jantar se resumiria a um espaguete instantâneo com algum molho enlatado.

— Não quero segurar vela. — A frase saiu sem que eu pensasse.

— Segurar o quê? — Enrico franziu a testa.

— É uma expressão — expliquei. — Eu não pretendo atrapalhar seu encontro.

— Hum, entendi. — Ele me observava de maneira intensa. — Tem razão, estou muito bem acompanhado. — Deu um passo à frente. — O problema é que *minha menina* não aguentou assistir pela décima vez o DVD de “*La vita è Bella*”, latiu em protesto e foi brincar no quintal. — Enrico piscou.

Eu me sentia uma completa idiota e, ao mesmo tempo, estranhamente aliviada.



A casa aflorou minha nostalgia. Enrico havia mudado grande parte da decoração, toda a mobília tinha aparência moderna. Os quadros novos — algumas pinturas abstratas, outras de paisagens estilizadas da Toscana — acrescentavam leveza ao ambiente. Da decoração original, sobrara uma prateleira de carvalho. Ainda assim, o cheiro reconfortante de alecrim, tão típico da casa do senhor Nicola, seguia ali, impregnando as paredes de tijolos, trazendo à tona recordações felizes da minha infância.

Eu me sentei na beirada do sofá em L revestido por um tecido marrom, tomando cuidado para não desarrumar o trio de almofadas beges enfileiradas à perfeição. Ao meu redor, nenhum sinal de bagunça, nada fora do lugar.

— Para você — Enrico surgiu com uma segunda taça nas mãos. A postura, outrora rígida, ficou relaxada. — Escolhi o Chardonnay por harmonizar melhor com o risoto.

— Valeu. — Estiquei a mão. Dei um longo gole no vinho branco gelado.

Beber um pouco vai me ajudar a dormir.

— Refrescante como um mergulho de piscina em um dia quente de verão? — ele repetiu o que citei no coquetel da Sienna. Palavra por palavra.

— Boa memória, Enrico Savoia.

— Daria um ótimo *slogan*. Gosto de como fala dos vinhos, Pietra. Também acredito que eles nos remetam a situações, lugares. Você soube captar isso e traduzir em palavras.

— Nesse caso, se nada der certo, vou tentar a carreira de publicitária. — Fiz uma pausa, bebi outro gole. — A casa ainda tem o cheiro do senhor Nicola — soltei de súbito. — Me deu... saudades.

— Essa era a palavra favorita dele na língua portuguesa. — O vizinho suspirou. — Eu sei, essa casa cheira a alecrim. Não me pergunte como, mas é bom conviver com a lembrança do meu avô. Ele dizia que, quando morremos, não deixamos de existir, isso só acontece se somos esquecidos. A saudade eterniza as pessoas dentro de nós.

— Profundo — refleti. *Bem, senhor Nicola.*

— Falando em... morte. — Enrico se sentou ao meu lado, os lábios contraídos. — Voltou a espiar o caderno?

— Não tive tempo, mas ele está aqui comigo. — Fui abrindo a mochila acomodada sobre minhas coxas.



Três taças de vinho depois, e sem encontrar nada relevante, eu relia em voz alta o texto que nomeei: “Beijo proibido”.

— A Sienna me disse que o Luca se envolvia com mulheres comprometidas e esse texto é sobre isso — contei.

— Alguma ideia de quem seja a tal mulher?

— Bom, ele trabalhou no armazém em 1984, estive lá essa tarde, conversei com o Joel. Acredita que o proprietário não contrata mão de obra extra por puro ciúme da esposa?

— Espera, acha que a dona Patrícia e seu amigo eram amantes? — Enrico arregalou os olhos. — Esse texto é sobre eles?

— É uma possibilidade. Mas, — tossi — a Sienna falou mulheres, no plural. — Tomei um gole longo. — Não te falei, tinha uma foto dela com o Luca no caderno, eu a guardei na gaveta da minha cômoda. — Foi o máximo que consegui dizer, não poderia expor a gravidez da minha cunhada. Aguardei a reação dele.

— Pietra — o vizinho riu —, uma mulher? A Sienna era uma adolescente em 1984. E, até onde sei, namorava seu irmão.

— Sei lá, na foto, ela e o Luca estão com os rostos colados. Talvez estivessem apaixonados. — *Sienna era mulher suficiente para engravidar.*

— Supondo que sua teoria faça sentido, nesse caso, Fabrizio estaria na mesma situação do dono do armazém, se tornaria um suspeito.

— Ficou maluco? Ele nunca matou nem uma mosca — defendi meu irmão, sem pestanejar. E é lógico que ele não sabia. *Ou sabia?*

— Exato, conheço bem o Fabrizio, um cara da paz. Quanto ao marido da dona Patrícia — ele ficou pensativo —, até concordo. O coroa é esquisito e, claramente, inseguro por estar casado com uma mulher mais jovem e bonita. Agora, violento? — Frisou o cenho. — Não creio. Por ora, você tem palpites e nenhuma prova contundente. Aprenda a lição: sem deduções precipitadas. — Ele me serviu mais vinho.

Bebemos a garrafa de Chardonnay como se fosse água mineral.

— Vou providenciar nosso jantar, vinho branco engana. — Apoiando-se nos braços do sofá, ele se ergueu.

— Sou péssima cozinheira, posso colaborar picando a cebola. — Fiz menção de segui-lo, sentia as pernas amolecidas.

— Nem pense nisso — gesticulou. — Continue fuçando as anotações e deixe a cozinha comigo. — O vizinho apanhou a garrafa vazia em cima da mesa baixa de centro, me deu as costas e deslizou a porta de correr de vidro jateado, outra novidade na casa repaginada.



Lá pela metade do caderno, encontrei algo que fisgou minha atenção.

Equipe de plantão 26/12/1966 - 23:20

- Adriana Ribeiro - anestesista (aposentada) - endereço?
- Marcelo Aguiar – obstetra (fora do país)
- Katia Silva – enfermeira (segue no hospital) – O que ela sabe?

Causas das mortes:

- Aparecida Santos – trabalho de parto (março/66) – plano básico
- Daniela Dias – bebê natimorto (julho/66) – plano básico
- Pedro Vieira – 8 anos. Atropelado. Morte no hospital. Negligência?

Família processou o hospital – falta de provas – processo arquivado (setembro/66)

Abaixei a vista para um texto curto escrito em vermelho:
Queima de arquivo? Ele guarda os documentos em casa?
Culpado ou inocente?

A última frase sublinhada várias vezes. Todas aquelas informações se enroscavam feito um carretel na minha mente. Concentrei-me nos fatos. 26/12/1966 era a data de nascimento do Luca. E da morte de Dora. Em 1984, dezoito anos depois, influenciado pelo pai que não se cansava de acusar meu padrinho por negligência médica, Luca resolveu investigar a morte da mãe por conta própria. De alguma maneira, descobriu outros casos de morte no hospital no mesmo ano de seu nascimento, Luca se revoltou. Isso se encaixava com o que o Marco havia dito no coquetel da Sienna: “Ele mudou comigo de uma hora para a outra. A última vez que foi em casa, saiu sem se despedir, meu pai encontrou as coisas do nosso escritório fora do lugar”.

O que Luca encontrou naquele dia para sair da casa do Marco transtornado? Uma prova concreta contra meu padrinho? Eu me recusava a acreditar que Carlo tivesse culpa no cartório. Um médico competente, renomado. Atencioso. Fez questão de cuidar da saúde da minha mãe durante sua complicada gestação e, literalmente, me trouxe à vida.

A diferença é que meus pais sempre tiveram plano de saúde familiar categoria Premium, minha voz interna se encarregou de esclarecer.

Nina chegou na sala latindo e pulou no meu colo se aconchegando em cima do caderno.

— Entendi a mensagem — acariciei a cachorra —, chega de investigações por hoje. — Minhas pálpebras tremiam de exaustão.

— Nina, *venite aqui* — Enrico apareceu na porta da cozinha —, não perturbe nossa convidada. — A cachorra correu para junto do dono com o rabo entre as pernas. — Pietra, que cara é essa, ela te sujou?

— Não tem nada a ver com a Nina, ela é uma fofa. Só está difícil, Enrico. — Soltei o ar. — Quase não dormi com medo da reação de um fantasma, descobri que meu irmão mentiu para mim, voltei a ter crises de ansiedade. E, graças às informações desse caderno — eu o levantei na altura do meu queixo —, acabo de descobrir que meu padrinho pode ser um grande filho da puta sem escrúpulos.

— Devagar, Pietra. — Ele arregalou os olhos, confuso.

— Quer saber? Eu venho buscando respostas e nem sei se estou preparada para a verdade. — Guardei o caderno na mochila. — Melhor ir embora, sou uma péssima

companhia no momento. — Tentei manter a calma, mesmo que por dentro estivesse surtando.

Merda. O que me deu? Desabafando com ele? Talvez fosse o reconfortante cheiro de alecrim invadindo minhas narinas ou, quem sabe, a onda de desespero potencializada pelo álcool. O caso era, minha cota diária de autocontrole havia se esgotado.

Após uma pausa incômoda, Enrico limpou a garganta e disse num tom acolhedor:

— O risoto sai em alguns minutos, vou providenciar outra garrafa de vinho para a gente. Se tiver vontade de me contar seus problemas, vou te escutar, se preferir conversar amenidades, tudo certo, se quiser jantar em silêncio é isso que faremos. Fique. Estou feliz por te ter aqui.

Balancei a cabeça afirmativamente, surpresa com a empatia do vizinho e odiando o fato de me sentir tão atraída por ele.

Era mais fácil lidar com sua versão ogro.



— *Andiamo a mangiare.* — Enrico trazia dois pratos e os acomodou na mesa posta, depois, diminuiu a intensidade das luzes da sala e acendeu o castiçal com uma vela.

Nós nos sentamos. Nina se espichou sobre o tapete felpudo ao lado.

— Essa *menina* ganhou um monte de petiscos e prometeu não atrapalhar nosso jantar.

— A Nina tem sorte — baixei o olhar para a comida — e não é a única. Nossa, que capricho. — Admirei o risoto cremoso decorado com lascas de trufas negras e queijo parmesão. — Digno de um restaurante refinado, ainda mais à luz de velas — adicionei.

— Na culinária, a apresentação é essencial — ele falou feito um especialista.

— Com certeza, mas, preparar uma refeição elaborada exige uma dose de paciência que eu não tenho.

— Pode ser terapêutico, Pietra.

— Ah, duvido muito. — Dei a primeira garfada.

— Que tal? — Enrico enchia nossas taças.

— Hum — semicerrei os olhos em êxtase —, maravilhoso. Você é um forte concorrente para a Maria — brinquei, descontraída. *Desde quando me sentia à vontade com ele?*

— *Grazie, buon appetito*. Escuta — começou cauteloso, percebi que ele observava o arranhado do meu braço —, sobre suas crises, é normal ter recaídas, mudanças geram ansiedade. Isso sem contar o fato de estar sobrecarregada e ter descoberto que seu amigo de infância foi assassinado. É demais para qualquer um. Se quiser se abrir, sou todo ouvidos — Enrico arriscou.

Entreabri os lábios. Estive a ponto de contar sobre a surra que meu irmão levou do agiota e o meu desmaio no meio da rua, entretanto, ponderei. Em vez disso, falei:

— Dá para fingir que meus problemas não existem? — Dei um gole grande no vinho. — Pelo menos essa noite?

— Opção “amenidades” ativada. — Ele se inclinou, abrindo um dos seus sorrisos de modelo.

Enrico passava a impressão de ser um homem mal-humorado. O semblante sério, aqueles óculos pesados. Porém, eu já tinha visto lampejos do homem sagaz e divertido que ele fazia questão de esconder.

Jogamos conversa fora por, pelo menos, duas horas. O papo fluía com a mesma facilidade que nossas taças se esvaziavam. Sob a magia do vinho, Enrico se tornara um homem falante. Fiquei sabendo que, assim como eu, ele adorava música. Cresceu com um Walkman nos ouvidos e considerava, até hoje, as músicas oitentistas as melhores de todos os tempos. Deixamos de fora o tópico: aptidões peculiares. Apenas rolou um breve comentário sobre a sensação de não se encaixar. Com a voz embargada em certos momentos, Enrico contou que foi um adolescente *nerd*, o que o fez pensar em se tornar cientista ou médico. Mas, no fim, foi o mundo dos vinhos que roubou seu coração depois de uma visita a uma famosa vinícola. O pai franziu o nariz para a ideia de ele trabalhar nesse ramo, provavelmente o jovem Enrico tivesse desistido de seu sonho se não fosse pelo apoio do avô.

— O senhor Nicola estaria orgulhoso. Montar sua própria vinícola do zero em outro país.

— O Fabrizio disse que o pai de vocês veio de Florença e fez o mesmo. Bem, a minha é pequena comparada com a Vinícola Barone. Mas investi nos melhores equipamentos. O mais difícil foi reformar o velho galpão para armazenar a maquinaria. Enfim, valeu a pena. Gosto de pensar que sou o primeiro a ter uma plantação 100% de uvas orgânicas na região, estudei muito para me tornar um *expert* no cultivo delas — disse sem falsa modéstia.

— Adoraria conhecer, o Fabrizio faz a maior propaganda. — Eu me levantei, animada. Fui até a janela lateral e afastei as cortinas com vista para a vasta plantação de videiras. O céu estava límpido, salpicado de estrelas.

— Amanhã, com a luz do sol, você conhece. — Enrico veio atrás de mim. — Melhor te acompanhar até sua casa.

Eu me virei de repente, meus joelhos perderam a firmeza. Enrico me segurou evitando minha queda. Seu toque quente fez com que meus braços formigassem.

— Vai me expulsar? — Enrolei a língua.

— Imagine, Pietra. Achei que estivesse cansada. — Seus olhos, dois cálidos círculos negros, me atravessaram.

— Você se enganou. Não estou a fim de dormir, quero escutar música.



— Laura Pausini? — Meu tom subiu várias oitavas ao me deparar com o CD da cantora pop italiana ao lado de clássicos como: Van Halen, Kiss, Talking Heads, Devo e, lógico, Queen.

— Puxa, descobriu meu grande segredo — Enrico cobriu o rosto —, Laura é minha paixão platônica. — Soltou um risinho e tomou o CD intitulado “The Greatest Hits” da minha mão. — Preparada para conhecer minha canção favorita?

Ele colocou o CD no aparelho de som e escolheu a faixa seis. Um acorde familiar soou.

— Caraca, adoro essa. *Inesquecível*, né?

— *Incancellabile* é a versão italiana, a original. Dança comigo.

Ele se aproximou. Suas mãos se acomodaram na minha cintura deixando claro que aquilo não era uma pergunta.

O vizinho cantava a música com seu italiano perfeito e uma afinação impressionante. No fim das contas, seria Enrico Savoia um romântico?

— Não precisamos do sol, temos outras várias estrelas para nos iluminar — murmurei. — Quero conhecer a plantação.

Antes do Enrico ter a chance de responder, eu já tinha cruzado a porta. Restou a ele me acompanhar.

O vasto terreno era o dobro do nosso sítio, porém menor que o da nossa vinícola. O vento morno balançava as videiras carregadas.

— Uau, que beleza! Meu irmão não exagerou nos elogios, fez um milagre aqui. As vinas costumam demorar anos para ficarem fartas assim. — Estreitei a vista.

— Tem razão, sabichona. Posso dizer que minha dedicação e o adubo orgânico fizeram a diferença. — Ele puxou um cacho carregado e comeu uma uva. — Estão bem maduras. Quer provar?

— Aceito. — Eu me aproximei esticando o braço, porém ele se adiantou colocando uma uva na minha boca.

— Aprovada? — perguntou de um jeito sensual.

— É deliciosa. — *Como você.*

Enrico sorriu como se tivesse lido minha mente, deu um passo à frente, baixou a cabeça e trouxe os lábios nos meus ouvidos.

— Vou te revelar outro segredo, estou doido para te beijar — sussurrou.

Os pelos do meu braço se arrepiam.

— Está?

Observei de soslaio aquele cenário incrível iluminado pelo brilho das estrelas. Tudo ao meu redor era digno de um sonho. E, pela primeira vez em muitos anos, decidi que me permitiria sonhar.

Fiquei na ponta dos pés, lançando as mãos em volta do pescoço dele. Mais que depressa, sua boca macia cobriu a minha. Foi um primeiro beijo profundo, com gosto de álcool e uva. Muitos vieram depois.

Suas mãos ágeis desceram rumo às minhas coxas e entram pelo meu vestido, incendiando minha pele. Todo meu corpo tremeu quando um de seus dedos me tocou por cima da calcinha. Arfando, ergui o pescoço para recuperar o ar e acabei batendo com a testa nos óculos dele. O vizinho interrompeu o que estava fazendo.

— Te machuquei?

— Tudo bem, os óculos atrapalham mesmo — respondeu, com a respiração entrecortada. — Vou me livrar deles. Só que antes — limpou as lentes embaçadas na barra da camiseta — quero te ver — disse com malícia.

Meu coração disparou. Esperei que recolocasse os óculos e num gesto ousado, tirei meu vestido pela cabeça. Seu olhar passeou vagaroso pelo meu abdômen, cravando nos meus seios. O desejo dele aumentava ainda mais o meu, abri o fecho do sutiã.

— *Mamma mia, sei bellissima.* — Sua voz saiu rouca.

— Eu também... quero te ver — balbuciei.

— Justo. — Enrico tirou a camiseta da seleção italiana simulando um *strip-tease* divertido.

Contive o riso, hipnotizada por seu peitoral bem definido. Ele embrulhou cuidadoso os óculos na camiseta e acomodou sobre a grama.

— Onde paramos? — Enrico me puxou para si.

Em poucos segundos, estávamos deitados nus entre as videiras, nos deixando levar pelo impulso e sem dar a mínima para a falta de conforto. O som suave dos grilos era nossa trilha sonora. Ele abocanhou meus seios, sua língua passeando pelos meus mamilos em movimentos circulares. Mordi os lábios com força, sem me lembrar da última vez que fiquei tão excitada. Ansiava por mais. Minha mão

escorregou para dentro da calça de moletom dele. Enrico gemeu, apertando os olhos. Com a ajuda das pernas, livrou-se do seu moletom, em seguida da minha calcinha.

Uma onda de calor indizível me percorreu quando ele deslizou para dentro de mim. Nossos corpos se encaixavam com naturalidade, como se fossem velhos conhecidos. Os movimentos começaram lentos e gradualmente foram ganhando ritmo. Entramos em uma espécie de frenesi, mexendo os quadris sem parar. Eu acariciava suas costas largas, ele segurava meus ombros com a respiração sibilando entre os dentes. Num dado momento, percebi que o italiano estava no seu limite.

— Ah, Pietra. — Enrico soltou um grunhido alto e prolongado. O cabelo revoltado grudado na testa pelo suor.

Cravei minhas unhas em sua nuca atingindo o ápice do meu prazer.

CAPÍTULO 19

AO ABRIR OS OLHOS, percebi, de imediato, que aquele não era o meu quarto. Mordi o lábio inferior. Eu não só transei com Enrico, dormi com ele. *E isso é ainda mais íntimo*. Meio em choque, pisquei algumas vezes, sentia o rastro da colônia cítrica dele nos lençóis. Contudo, naquela confortável cama *king size*, os travesseiros eram minha única companhia. Será que ele se arrependeu de ontem quando acordou sóbrio? Eis que escutei uma falação no andar de baixo. Apanhei minha mochila jogada na poltrona, vesti correndo uma camiseta, um macacão jeans curto estilo jardineira e me posicionei no pé da escada, atrás da parede para não ser vista. Consegui enxergá-lo conversando com três homens. Reconheci dois deles, os mesmos que trouxeram os sacos de adubo no outro dia.

— Pode ir sossegado resolver seus assuntos, senhor Enrico, a gente dá conta — disse o rapaz mais baixinho.

— Eu sei que sim. — enfatizou. — Passo mais tarde para ver como estão se saindo.

Nina soltou um latido agudo concordando com o dono.

— Por que não me acordou?

Saí do meu esconderijo quando os homens se foram, me debrucei no corrimão.

Não sabia como agir no *dia seguinte*. Nunca soube. Eu tinha mostrado a ele minha versão mais intensa. Entretanto, agora, sem o efeito do vinho e em plena luz do dia, a situação toda era esquisita.

— *Buongiorno*, Pietra. Ainda são nove da manhã, quis te deixar descansar. Fomos dormir... tarde — disse com um toque de malícia.

Minhas bochechas pegaram fogo.

— Você tem seus compromissos. — Passei os dedos organizando meus cabelos revoltos. — Eu preciso voltar para casa. Quero começar a pintura da sala o quanto antes. — Fingi indiferença.

— Eu sei, dormiu falando nisso. Esse é meu compromisso também.

— Oi?

— Hoje serei *seu* ajudante. Por que o espanto? — Levou as mãos à cintura. — Sou um excelente pintor.

— Posso apostar. — *No que ele não é ótimo?* — Só não quero atrapalhar seus planos.

— Sinceramente, acho que teria dificuldades de voltar para o vinhedo e manter a concentração nas uvas depois de ontem. Se é que me entende.

Afundei as unhas nas palmas das mãos. *Eu entendia bem.*

— Estamos em época da vindima, mas os rapazes se encarregarão do serviço. Trabalham comigo desde o início, estão acostumados.

Fui descendo ao encontro dele, pensando em como a vinícola Barone costumava ser animada em época da vindima.

— Quando morávamos aqui, meu pai tinha o hábito de abrir a propriedade para receber turistas, acredita? Eles curtiam assistir à colheita e à tradicional pisa na uva. — Abri um sorriso com a recordação. — Me deu saudades.

— Seu pai foi um visionário. Virou tendência. No Sul, é uma prática comum há um bom tempo. Por aqui, há vinicultores oferecendo até piqueniques debaixo das videiras desde que Vila Allegro entrou para a rota do vinho.

— A experiência imersiva incentiva a compra.

— *È vero.* Seu irmão acha que seria um *marketing* e tanto para a vinícola Savoia. No caso de vocês é mais fácil, a vinícola Barone fica em um terreno independente. Eu preciso me estruturar primeiro e, sei lá, me acostumar com a ideia de abrir minha casa para estranhos. Não sou o cara mais sociável do mundo.

— Deu de ombros.

— Nem de longe.

— Pera aí, concorda? — Enrico crispou os lábios se aproximando devagar, emanava magnetismo. Suas mãos deslizaram pelo meu braço. — Olha quem fala.

— Deu um dos seus sorrisinhos enviesados e me observou por mais tempo do que o considerado normal.

Por um ínfimo momento, pensei que fosse me beijar. Meu coração se agitou, o frio rodopiando por minha barriga.

— Se quiser arrumar forças para o trabalho braçal, senhorita pintora, recomendo começar o dia com um café forte e uma omelete.

— Sugestão aceita. — Eu me esforçava para manter a respiração sob controle.

Será que ele tem ideia de todo seu sex appeal?

— Pretendo cuidar bem da minha convidada. Para ela voltar — sussurrou em meu ouvido.

E o que restava da minha resistência se derreteu.



A cozinha era moderna, minuciosamente organizada e recebia muita luz natural.

— Café fresco. — Ele apanhou a cafeteira italiana de aço inox e me serviu.

Sentada na banquetta de alumínio, olhei através do janelão enquanto ele picava tomates e queijo.

— Vista privilegiada — ironizei.

Dava para ver direitinho a entrada da minha casa e um pouco da sala.

Enrico apanhou uma caixa de ovos marrons, usando o cotovelo para fechar a geladeira.

— Preciso te confessar, fiquei com a pulga atrás da orelha quando não vi seu Jeep estacionado ontem de manhã. — Ele soava constrangido. — Pulei a cerca, entrei pelo seu jardim.

— Invasão de propriedade é crime.

— Pietra, eram sete da manhã, não sabia o que pensar. Esperei que voltasse sabe-se lá de onde para a gente conversar e nada. Também não cruzei com seu amigo fantasma. Até no lago, eu fui. Liguei para o Fabrizio, caiu na caixa postal. Então liguei para a Maria, ela me disse que vocês tinham estado juntas e que passaria uns dias hospedada no seu irmão. Me senti mal, considerando minha atitude. — Abaixou a cabeça.

— Fui comprar as tintas no armazém e cogitei mesmo me afastar do sítio... um pouco. — *Isso foi antes de descobrir sobre o agiota e a dimensão dos nossos problemas.* Bebi um gole do café. — Mas não podia deixar os contratemplos atrapalharem meu trabalho. Não viu o Luca desde a confusão? — Tratei de mudar o rumo da conversa.

Enrico quebrou os ovos em uma tigela e começou a batê-los com um garfo.

— Desapareceu. Ou não quer ser visto. Os *poderes* dele são limitados, não irá longe. A essa altura, existe uma grande chance de ter voltado para sua casa.

— Tenho minhas dúvidas. Ele ficou com muita raiva.

— Prometo reverter isso. — Enrico me serviu uma deliciosa omelete. — Estive pensando. Mês passado, fui ao seu sítio várias vezes, precisei arrumar a cerca velha que divide nossas propriedades. O Luca não deu as caras, tenho certeza disso, não o tinha visto antes da sua chegada.

— Pode depender da vontade dele. Ser uma escolha. — Fiquei sem graça. — Sou alguém do seu passado, um rosto familiar.

— Se fosse assim, o Fabrizio passa por aqui todo o mês, os dois eram amigos, certo? E zero aparições fantasmagóricas. — Coçou o queixo. — Não sou nenhuma autoridade no assunto, mas, pelo que li, os espíritos vibram em uma frequência

diferente da nossa e para se comunicar com os vivos, precisam de uma quantidade extra de energia. Depois de todos esses anos vagando por aqui, a do Luca devia estar bem fraca e, de alguma forma, te reencontrar a fortaleceu. Também foi a *sua* presença que reativou as memórias dele. A conexão entre vocês é forte.



Depois de comermos, subi para escovar meus dentes e buscar minha mochila. De volta à sala, encontrei o vizinho encostado na lateral da prateleira. Ombros encolhidos, rosto rígido.

— Tudo bem? — Parei ao seu lado.

Ele não me notou. O olhar perdido, anuviado. Triste.

— Pode desistir se quiser, Enrico, eu me viro com a pintura numa boa. — Aumentei a voz para chamar sua atenção.

— Ah... Como é? De jeito nenhum. — Sorriu e entrelaçou suas mãos nas minhas. — Ao trabalho.

— Tem uma coisa. Melhor evitarmos intimidade na minha casa. Digo, por causa do Luca.

— Sem intimidades — ele repetiu, me fitando com aquelas íris escuras. Então me puxou pela alça do macacão. Fiquei na ponta dos pés, os braços em seu pescoço. Por fim, seus lábios cobriram os meus. — Vai ser difícil manter a distância, Pietra Barone — completou a frase, ofegante.

O beijo ativou *flashes* na minha memória. A fragrância doce das uvas, as mãos quentes dele incendiando meu corpo, o chiado da brisa, a urgência dos nossos beijos. O desejo, o prazer. Um lado meu ansiava por mais, queria me deixar arrastar pela torrente, repetir a dose. Porém, as familiares luzes de alerta piscando no meu cérebro fizeram a lógica entrar em ação. Minha vida estava complicada o suficiente, tinha que me dedicar à reforma, ao planejamento da festa e bancar a detetive. Não sobrava espaço para sentimentalismos. *Eu não posso me apaixonar.*

CAPÍTULO 20

ANTES DE COMEÇARMOS O TRABALHO de pintura, Enrico deu uma geral na casa à procura de Luca, sem sucesso. Sua ausência me causou um aperto no peito. Mesmo que ele tivesse partido tantos anos antes, eu ainda não estava pronta para me despedir do meu amigo.

Posicionados em paredes opostas, mantivemos o diálogo na primeira hora. Depois, fiquei imersa com a pintura respondendo às perguntas dele com sonoros “A-hans”. De repente, “*Borderline*” da Madonna ecoou na sala. Virei o pescoço intrigada e encontrei Enrico postado ao lado do aparelho de som arcaico.

— Hora do intervalo. — Abaixou sua máscara para o queixo. Os óculos embaçados. — Você foi abduzida para outra dimensão, preciso de um pouco de música para espantar a monotonia. Não encontrei discos do Luca, mas estou ansioso para conhecer “Os sucessos internacionais 1984.” Garanto que seu irmão não tinha uma caneta roxa de glitter. — Apontou para a velha fita que rodava dentro do aparelho. — Madonna, hein?

— Falou o cara apaixonado pela Laura Pausini. Nem ouse falar mal da rainha do Pop.

— Longe de mim.

Durante a meia hora seguinte, pintamos ao ritmo de músicas que iam desde Culture Club, passando por Duran Duran, Prince, INXS, The Pretenders, Scorpions, Billy Idol e Cyndi Lauper. A fita acabou, o vizinho se ofereceu para trocar de lado. As mangas da camiseta dele estavam arregaçadas e minúsculas gotas de suor escorriam por sua testa.

— Foi mal, nem te ofereci uma bebida. Vai um refrigerante?

— Prefiro um copo de água bem gelada. — Limpou o suor com o braço.

Caminhei pelo corredor cantarolando “*Head Over Heels*” da banda The Go-Go’s. Segundo minha memória, a única música animada do lado B da fita — dedicado às baladas românticas. Dito e feito, “*Almost Paradise*” veio em seguida.

Poderia passar uma eternidade, mas ouvir aquela canção sempre me emocionaria. Ao longo dos anos, ela me perseguiu em salas de espera, supermercados, restaurantes e festas. Era uma recordação feliz: minha única dança com o Luca. *Onde ele teria se metido?* Abri a geladeira, tomei metade de uma lata de Coca-Cola e voltei para a sala levando comigo a garrafa de água e o copo.

Um cheiro amadeirado me atingiu. Percebi o ambiente mais fresco. Para completar, Enrico falava sozinho, gesticulando.

Coincidências não existem.

— Oi, Luca — balbuciei para a mesma direção do olhar do vizinho. — Por favor, mantenha a calma. — Andei vacilantemente ao encontro deles.

— Relaxa, Pietra. Estamos nos entendendo. — Enrico me observou de relance. — Me desculpei por julgá-lo, expliquei que sou neto do senhor Nicola e que quero ajudar. Com a pintura e como mediador. Quer que eu diga o quê para ela, cara? — O vizinho franziu o cenho.

— Ele... tem uma mensagem para mim? — Deixei a garrafa e o copo sobre a mesa e me empertiguei na expectativa.

— O Luca perguntou se aprendeu a dançar, disse que você pisou no pé dele nesse dia.

E, pela primeira vez, reconheci meu amigo no comentário engraçadinho.

— Que mentiroso. — Sorri. — Sabe o quê? Estou achando que sua memória é seletiva, Luca.

— Espera aí, essa é a música daquele filme Footloose? — Enrico fez um ar pensativo. — Bem que achei familiar, cara. Acredita que ela mantém o pôster do Kevin Bacon no quarto?

— Oi? — Estalei meus dedos. — Não falem de mim como se eu não estivesse presente.

O vizinho maneou a cabeça na direção do Luca.

— Me conta, Enrico, o que ele disse.

— Seu amigo está falando que não se pode confiar em alguém fã de um cara que salvou uma cidade dançando. — Ele apertou os lábios na tentativa de conter o riso.

O vinco da minha testa se desfez e eu caí na risada. Uma saudade gostosa encheu meu peito. Luca estava mais aberto. Aparentemente, aceitando bem o papel de Enrico como um facilitador na nossa comunicação. Era hora de tocar em um assunto sério. Pisando em ovos, contei sobre a caixa de pertences que o pai dele me entregou e sobre o caderno preto. Esclareci que não era nossa intenção invadir sua privacidade, queríamos procurar pistas. Enrico sugeriu que eu mostrasse minha mais recente descoberta. Fui buscar o caderno.

A atmosfera mudou. O tópico morte da mãe e plano de saúde eram assuntos delicados. Porém, diferentemente do outro dia, Luca se conteve. À medida que

meu amigo entrava em contato com suas anotações de tantos anos atrás, informações chegavam por meio do vizinho. Ele admitiu sua desconfiança a respeito do meu padrinho, lembrou-se das visitas escondidas ao hospital, de ter abordado enfermeiras e de sua tentativa frustrada de encontrar o médico que realizou seu parto. Por outro lado, as lembranças de como descobriu os casos similares relacionados à negligência hospitalar no ano de seu nascimento eram bastante vagas.

Eu apostaria que alguma funcionária não resistiu aos seus encantos e abriu o bico.

— Beleza. Vamos imaginar que as histórias de negligência sejam verdadeiras. O fato é: ninguém ganhou uma única causa contra o hospital. Você ter tido acesso a processos antigos não seria motivo suficiente para o Carlo te empurrar de um penhasco, Luca — ponderei. — Se fosse assim, meu padrinho teria feito algo contra seu pai que o acusou durante anos.

— A nossa Agatha Christie — Enrico colocou a mão sobre o meu ombro — está em busca da *motivação* do assassino — explicou.

Era estranho ver o vizinho dialogando com um *Luca invisível* de forma íntima.

— Boa! — Estalei os dedos. — Vamos escrever os nomes dos suspeitos e listar seus possíveis motivos.

Corri para o meu quarto e voltei com uma enorme lousa sob o braço.

— Quer usar isso como aqueles quadros que vemos nos filmes policiais?

— Exato. — Eu me sentei de pernas cruzadas no chão.

Enrico sentou-se à minha frente, disse que Luca se posicionaria à sua direita.

— Por favor, me ajude a te ajudar — pedi ao meu amigo. — Preciso que se transporte para *aquela* noite.

Demorou por volta de dois minutos para que Enrico começasse a falar.

— Ele pediu para eu fechar os olhos — Enrico me disse, depois virou-se para Luca. — Estou confiando em você, cara. Vamos lá.

O vizinho atendeu ao pedido do meu amigo fantasma. O silêncio se instalou na sala enquanto aguardávamos Luca se pronunciar. Por longos minutos, nada aconteceu. O tempo se arrastava na mesma medida em que minha ansiedade crescia. Era como se Luca tivesse nos abandonado.

De repente, Enrico estremeceu. Sob suas pálpebras cerradas, os olhos se agitaram.

— Frio, é muito frio aqui. — Sua voz estava mudada, estranhamente mais jovem. — As mãos nas minhas costas. Alguém me empurrou! — O grito escapou de sua boca.

Sem saber como reagir, eu observava Enrico, que agora arfava como se estivesse imerso nas águas gélidas do lago.

— É escuro demais aqui, eu não aguento mais ficar sozinho — ele continuou. — Quero ir embora... me ajuda a sair, Pietra.

Todos os pelos de meu corpo se arrepiaram, eu passei minha vida inteira assombrada pela dor, mas era a primeira vez que tinha contato com o sofrimento de Luca.

— Desculpa por não ter chegado a tempo. — Eu me aproximei e segurei as mãos de Enrico esperando que Luca sentisse meu toque.

— Nunca te culpei, Fofote. Fez o que pôde e ainda faz.

Subitamente, era como se o peso de uma vida fosse tirado dos meus ombros. Mas, escutar essas palavras do Luca não fazia com que tudo ficasse bem. Pelo contrário, apenas reforçava em meu peito a necessidade de descobrir o assassino.

— Me fala, por favor, Luca. Quem te empurrou? Eu também *preciso* descobrir o culpado, quero que o assassino apodreça na cadeia. Você merece descansar, encontrar a paz. — Tentei não pensar no nosso adeus iminente.

— Eu não... — sua voz falhou — não consigo ver.

— Certo. Então me conte qualquer coisa que você se lembre daquela noite. Precisamos encontrar alguma pista nas suas memórias.

Enrico oscilou para frente e para trás, as lágrimas escapavam em profusão de seus olhos fechados.

— Eu tava mal. A morte da minha mãe sempre me deixava mal. Briguei com meu pai, com a Sienna, xinguei a dona Anna e quase bati no Marco — ele fez uma pausa, arfando intensamente — eu não lembro, eu não lembro o porquê. A Graziela tava puta comigo, Patrícia também e o Fabrizio ia ficar. — Enrico inclinou o corpo para trás, meu amigo estava deixando seu corpo.

Um bolo se formou em minha garganta. Luca não podia partir agora, eu ainda precisava de respostas. Havia tanto a perguntar. Apertei sua mão tentando chamar sua atenção, mas foi em vão.

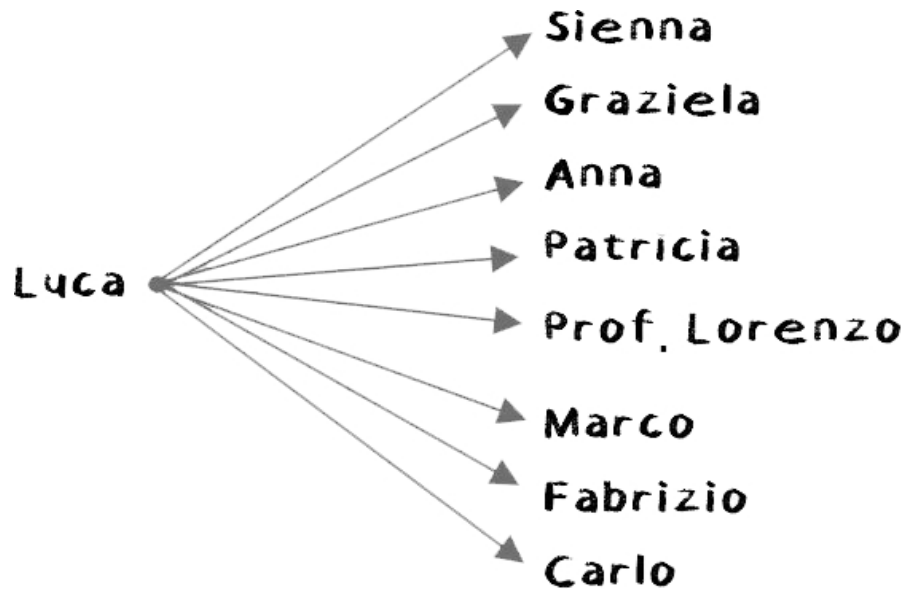
Enrico seguiu inclinando o corpo até tocar o chão. E, quando abriu os olhos, meu amigo não estava mais lá. Luca havia partido.



Enrico despertou desnortado do transe, possessão, ou o que quer que tenha acontecido. Preparei um chá de camomila para acalmá-lo e bebi junto. Eu também estava uma pilha de nervos. Levou uns bons vinte minutos para que voltasse a se sentir ele mesmo. Embora não se lembrasse de nada, sua última memória era de Luca lhe pedindo para fechar os olhos.

Contei tudo o que meu amigo me disse e começamos o trabalho de detetives.

Escrevi o nome de Luca no centro da lousa puxando setas para as pessoas com quem ele havia se desentendido.



Observamos em silêncio os nomes desenhados. Seria muito mais fácil se Luca se lembrasse do motivo das brigas.

— Bem, seu amigo se lembrou de ter brigado com o pai — Enrico disse, circulando o nome de Lorenzo, Marco e Fabrizio com o giz amarelo.

— Isso é absurdo, o professor Lorenzo está fora de questão — afirmei. — E o Fabrizio? Nem pensar! Eram melhores amigos. — Engoli em seco.

Enrico levantou o olhar da lousa me encarando. Amaldiçoei minha boca grande. Por que fui tocar no assunto Luca e Sienna? Sem aviso, uma lembrança. Naquela noite, encontrei o Luca no lago porque fui procurar meu irmão que tinha sumido. *A Graziela estava puta comigo, Patrícia também e o Fabrizio ia ficar. Não consigo ver. Eu senti mãos nas minhas costas.* E se o Luca chegou a contar a verdade para o meu irmão, e se...

— Pietra? — O vizinho me chamou.

— Por que acha que foi um homem? — puxei o ar, mudando de assunto.

— Pela força física. Seria mais difícil de reagir.

— Ora, mulheres podem ser fortes, viu? Além disso, o álcool comprometeu os reflexos dele, Enrico. Tudo indica que foi pego desprevenido.

— Bom ponto. Voltamos a analisar o motivo para essa pessoa ter feito o que fez.

— Olha, me custa crer que qualquer um deles seja suspeito de homicídio. No entanto, o Marco — sublinhei o nome dele escrito em giz azul — esse tinha uma razão para querer ver o Luca morto, foi beneficiado. Soube que se mudou para Itália dois meses depois da tragédia e se formou em cinema no *lugar dele*. Tem mais, me falou que o Luca esteve em sua casa e deixou o escritório revirado. A

amizade dos dois esfriou depois disso. E se o Marco escondia um segredo e o Luca descobriu?

Minha teoria fazia total sentido e me ajudava a tirar o foco do meu irmão.

— Certo. O Marco é nosso principal suspeito? — Enrico questionou.

— Talvez. O Carlo segue na lista pelo tema do plano de saúde, o motivo é fraco, mas pode estar encobertando o filho.

— A dona Anna também. Não. — Ele sacudiu a cabeça. — A mulher é uma santa.

— Bom, tem o dono do armazém. O marido ciumento, vamos incluí-lo. Nada me tira da cabeça que andava desconfiado do Luca. Seria perfeito se ele conseguisse nos contar da relação que tinha com dona Patrícia.

Enrico abanou a cabeça.

— Seu amigo não está mais aqui, Pietra. Deve ter sido exaustivo para ele. Recuperar memórias é um processo doloroso.

— Tudo bem. Mas é, no mínimo, estranho que o Luca e a dona Patrícia tenham discutido em plena festa de Réveillon. Ele nem trabalhava mais para ela na ocasião. Supondo que a discussão fosse sobre o relacionamento deles, o marido pode ter escutado e planejado a vingança.

— Por que não a própria dona Patrícia? Eu não descartaria um amor não correspondido, mulheres podem ser bem vingativas. — Coçou o queixo quadrado.

A Sienna se encaixa nessa teoria, apenas pensei.

Ficamos calados por alguns instantes. Minha cabeça explodindo.

— Esperando alguém, Pietra? — Enrico cortou o silêncio.

Dava para ouvir um barulho de motor. Eu me levantei e fui olhar pela janela.

— Tem um carro esportivo chegando, parece o do Batman — apertei os olhos — só que branco.

— Um Eclipse, é importado. Vi o carro rodando pelo centro esses dias.

— De quem será? — Cruzei meus braços.

O carro diminuiu a velocidade estacionando no meu terreno.

Merda. Esse é o tipo de carro que um playboy metido a descolado teria.

— Falando no diabo. — Enrico se posicionou atrás de mim

— Tá legal. Juro que não convidei o Marco. — Bufe. — Mas pode ser bom para a investigação se tivermos sangue frio.

Pedi para o vizinho esconder a lousa. Desengatei a corrente e entreabri a porta.

— *Bella*, Pietra. São e salva — Marco falou, irônico. Usava bermuda preta e uma camiseta branca com um desenho de claquete de cinema. — Meu pai te ligou feito louco ontem. Podia ter dado notícias.

— O celular pega mal por aqui.

— Ele ligou no fixo — frisou. — Até tarde da noite. Saiu de casa? — Marco estudava minha expressão, desconfiado.

— Caí no sono — menti.

— Vou tranquilizar o coroa. Ele se culpou por não termos te acompanhado na estrada, você passou por um estresse enorme. Eu vim insistir que se hospede com a gente.

— Agradeço a preocupação e o convite. — Limitei-me em sorrir. — Estou com o meu cronograma apertado. Ficar no sítio facilita o trabalho, expliquei para os seus pais. Inclusive, me pegou no meio da pintura da sala.

— Poxa — fez um beicinho —, nem vai nem me convidar para entrar? — Ele torceu o pescoço espiando para dentro. — O que o Enrico faz na sua casa? — Uma sombra se formou em seu rosto.

Fiz menção de responder, mas Marco já tinha entrado com passos apressados.

— Virou pintor, italiano? — Parou na frente de Enrico que segurava um rolo sujo de amarelo. Tinham quase a mesma altura, Marco uns centímetros mais alto.

— Nas horas vagas — desdenhou o outro. — Vizinhos se ajudam, certo?

— Gostou da cor da parede, Marco? — intercedi, na tentativa de amenizar a tensão.

Ele voltou-se para mim.

— Ficou bom. — Seu tom estava mais tranquilo agora. — A casa está bem-cuidada, Pietra, dispensa maiores reformas. Deveria considerar se hospedar na cidade. É perigoso ficar isolada.

— Não estou isolada, o Enrico mora na casa ao lado. — Limpei a garanta. — Para seu governo, pequenas mudanças também dão trabalho. E tem a festa, vou receber fornecedores essa semana.

— Isso me interessa. O Fabrizio contou que será um festão — ele soou animado. — Acho ótimo para enterrarmos de uma vez as lembranças sombrias *daquele* Réveillon.

No mesmo instante, a luz começou a piscar. Luca estava de volta.

— Veja essa sua eletricidade. — Marco levantou o olhar para o lustre.

— É mau contato — Enrico se apressou em esclarecer.

— Podemos conversar lá fora, Pietra? Tenho um assunto *importante* para tratar contigo. — Marco parecia desconfortável com a presença do vizinho.

— Não quero atrapalhar. — Enrico acomodou o rolo na lona do chão. — Pietra, estarei na vinícola, ok? — A mandíbula travada. Identifiquei em seu olhar o que imaginei ser ciúmes, e gostei.

Marco o aguardou sair e pegou minhas mãos. Puxei o braço. Detestava sua mania de conversar me tocando.

— Qual é o assunto?

— Seu jantar comigo, fiz uma reserva. Te busco às oito.

Era de se esperar. Nada além das suas cantadas baratas.

— Isso vai longe. — Apontei para uma parede inacabada. — Duvido ter ânimo para sair.

— É esse italiano, né? Está dando em cima de você? Cuidado, ele é o famoso come quieto. Dizem que teve um caso com a gerente gostosa do supermercado — cuspiu as palavras. — Não pode me trocar assim, escutou? — Marco abaixou-se, ficando na minha altura, segurou meu queixo e tentou enfiar a língua na minha boca. Tudo aconteceu rápido, fui pega de surpresa. Ignorando meu próprio conselho de manter o sangue frio, o empurrei com força.

— Fica longe de mim — berrei.

— Adoro esse seu joguinho de mulher difícil, me excita. — Vinha em minha direção, o olhar de predador.

Em uma sincronia perfeita, um vento forte levantou os cabelos dele e o copo de vidro sobre a mesa se espatifou. Marco se deteve na hora. O sorriso besta desapareceu, girava o pescoço buscando por algo. Ou alguém.

— Já chega, seu babaca. — Aproveitei que a ação de Luca o tinha desestabilizado. — Sai da minha casa.

— E-eu... achei que também quisesse — balbuciou.

— Sério? Porque mandei você parar. — Contive a vontade de esbofeteá-lo.

— Foi mal, não sei o que deu em mim, Pietra. Perdi a cabeça. — A voz fraquejava. — Melhor te deixar pintar. Digo aos meus pais que fará uma visita?

Meneei a cabeça e abri a porta, a cara amarrada.

— Estamos numa boa? — ele gritou antes de entrar no Batmóvel.

E ficou sem sua resposta.

CAPÍTULO 21

CHEGUEI OFEGANTE AO VINHEDO. Nina me viu primeiro, correu pelo vale verde ao meu encontro, Enrico vinha logo atrás.

— Alguma novidade?

— O de sempre. — Bufe. — Marco continua sendo um grande babaca narcisista. Acredita que ele tentou me agarrar à força?

— *Maledetto!* — A voz do vizinho saiu alta. — Eu deveria ter ficado por perto. — Fechou os punhos.

Um funcionário que segurava uma tesoura virou-se para nós com as sobrancelhas erguidas, eu acenei e sorri sem jeito.

— Enrico, está tudo bem, sei me defender — toquei seu braço — e tive uma ajudinha — cochichei.

— Não vai me dizer que o Luca teve um novo acesso de raiva?

— Não exatamente. — Puxei o vizinho para longe dos olhares curiosos. — Dessa vez foi na medida certa. Tinha que ver a cara do cretino quando o copo quebrou do nada. Impagável. Um minuto depois, ele já estava longe.

Enrico riu, relaxando os ombros tensos.

— Estou começando a gostar do seu amigo. — Ele tirou os óculos retrô e os limpou na barra da camiseta. — Escuta, Pietra. Não comentei na hora, mas foi a primeira vez que um espírito literalmente me *usou* para se comunicar. Meu corpo ainda está formigando. — Bocejou.

— Nossa, Enrico. Eu fiquei tão preocupada com o Luca que nem imaginei as consequências que isso traria para você. — Engoli em seco. — Chega por hoje, ok? Até porque o Luca foi embora de novo, não sinto mais a presença dele na minha casa.

— *Va bene* — ponderou, recolocando os óculos —, ambos precisamos descansar. Seu amigo acaba de fazer um esforço extra para te proteger. Na minha opinião, foi o Marco quem o empurrou daquele penhasco.

— Por hora, as evidências nos levam a crer que sim. Os dois tiveram uma briga feia na festa e revê-lo deixou o Luca bem irritado. O Marco é o tipo de pessoa que não mede esforços para conseguir o que quer, suas atitudes falam por si só. — Fiz uma pausa e o encarei. — Preciso relevar o que acaba de acontecer e voltar a me aproximar dele, fazê-lo falar.

Depois de um silêncio de desaprovação, Enrico disse:

— Se entendi direito, seu plano é flertar com esse sujeito para conseguir informações. Está se escutando? — resmungou um palavrão em italiano.

— Os fins justificam os meios — devolvi.

O vizinho fez menção de retrucar, no entanto, foi interrompido por Nina latindo feito doida. Ele girou o pescoço.

— Ei, deixe as galinhas em paz — gritou para a cachorra.

— Galinhas? — Prendi o riso ao ver um grupo delas passando por mim às pressas, batiam suas asas sem conseguir levantar voo.

— Sim, tenho cinco. Produzem adubo natural e garantem ovos fresquinhos. É o segredo da minha omelete. — Ele piscou, um pouco menos estressado.

— Seu Enrico, dá licença — o funcionário baixinho caminhava em nossa direção, usava chapéu e botina —, vamos parar para almoçar e guardar as caixas com as uvas, esse calorzão não é bom para elas.

— Bem pensado, Juvenal, o sol está forte, continuamos amanhã. — Enrico checou as horas no relógio de pulso. — Além do que, já passou de meio-dia, não quero ninguém desmaiando por aqui. — Enrico se voltou para mim. — Isso vale para nós, viu?

— Pretendo finalizar a pintura da sala. Mas minha mãe sempre diz: saco vazio não para em pé e nunca recuso comida — brinquei.

— Ah, Juvenal, lembra da Pietra? Ela é...

— A vizinha mal-educada — completei a frase. — Me desculpe pelo outro dia, pela minha impaciência.

— Imagine, senhorita. — o rapaz tirou o chapéu fazendo uma reverência respeitosa. — Todos temos nossos dias ruins.

Eram oito funcionários no total. Tinham levado suas marmitas. Enrico fez questão de servir suco de laranja natural batido com gelo e improvisou um espaguete ao sugo para nós dois. Comemos na mesa da ampla varanda junto à jardineiras cheias de begônias e jasmims. Isso rendeu um inusitado papo sobre o tema, contei a ele que dona Telma Barone era uma jardineira nata.

— E qual sua flor favorita? — Enrico perguntou.

— Girassol — respondi sem pestanejar.

— Estava esperando ouvir rosas vermelhas. — Ele riu.

— Me acha tão clichê assim?

— Por que girassol? — Ele evitou minha pergunta, respondendo-a com outra.

— Pelo significado. — Bebi um gole do suco. — É uma flor que se movimenta, gira seu caule acompanhando a trajetória do sol, para o positivo. Minha mãe dizia que é a flor da felicidade.

— A flor da felicidade, interessante. Gostei de saber.

Ao terminarmos, Enrico declarou se sentir revigorado e queria me ajudar com a pintura. Voltamos para minha casa.

Abri as janelas da sala e resolvi buscar uma nova garrafa de água para deixar à mão. Porém, antes mesmo de entrar na cozinha, minhas pernas estremeceram.

Eu pressentia algo errado. Infelizmente estava certa.



Enrico me encontrou imóvel, sentada no piso de azulejos brancos com as costas apoiadas na parede.

— Pietra, que grito foi esse? — Ele observou a janela e os cacos de vidro espalhados pelo chão, em seguida, se agachou na minha frente. Seus olhos intensos se cravaram nos meus. — Me diga, o que houve aqui?

Estendi minhas mãos, trêmulas. Em uma, segurava uma pedra, na outra um bilhete escrito com uma caligrafia bonita onde se lia:

“Para de se meter onde não deve.”

— Alguém amarrou o papel com um barbante na pedra. — Minha voz vacilou no meio da frase, tomei ar antes de prosseguir. — Quem escreveu o bilhete sabe da investigação, Enrico.

— Foi aquele desgraçado do Marco, lógico. — O vizinho fez um gesto exasperado.

— Essa é a questão, eu vi o Marco indo embora. Não acho que tenha sido ele.

— Pode ter voltado quando estávamos almoçando. — Crispou os lábios. — Fica calma, ele está puto, só quis se vingar, te meter medo.

— Consegui — balbuciei. — Mas a letra — larguei a pedra e apontei para o pedaço de papel —, duvido que essa letra bonita seja do Marco, não combina com ele.

Enrico pegou o bilhete e o analisou.

— Muito fácil disfarçar — disse sem muita convicção.

— É, faz sentido. Mesmo assim, não acho que tenha sido o Marco. — Minha sensação de pavor foi crescendo. — Eu desconfio... de alguém. — Minha voz se

negava a sair. Porque essa possibilidade era ainda pior. Apoiei a cabeça nas mãos, um soluço escapou do meu peito.

— Pietra, estamos juntos nessa, seja o que for, pode confiar em mim. — Ele afastou meus cabelos molhados pelas lágrimas.

— Então me promete duas coisas. — Tomei fôlego e o encarei, séria.

— Manda.

— Não vai romper a parceria com nossa vinícola.

— Por que eu faria isso? Seu irmão tem me ajudado pacas.

— Me promete — repeti.

— Tem a minha palavra. Qual a segunda coisa?

— Não pode contar o que eu vou te dizer para ninguém.

— Nem tinha que pedir, sou um túmulo.

Eu inspirei uma grande quantidade de ar, me enchi de coragem. Então, entre lágrimas de vergonha, contei sobre o agiota e sobre o que ele tinha feito com Fabrizio. O bilhete podia ser sua maneira de dizer: estou de olho, fique na sua.

— Tá, sem envolver a polícia — Enrico concordou, relutante, sua expressão era um misto de choque e preocupação. — Muito bem, mas não vamos nos deixar intimidar. Se esse agiota tem um acordo com seu irmão, vai receber a grana e desaparecer. — Tocou meu rosto com carinho. — Você é a mulher mais determinada que conheço, a festa será um sucesso, posso te ajudar no que for preciso. — Enrico se colocou de pé e me puxou para junto de si.

— Obrigada. — Eu o abracei, desejando que o contato entre nossos corpos durasse para sempre.

— A situação exige que sejamos racionais. — Ele se afastou. — O vidro não pode ficar assim. — Apontou para a janela. — Lave o rosto, o armazém fecha às cinco.

Um momento depois, eu estava no banco do carona da caminhonete do vizinho rumo ao vilarejo. No som, Roy Orbison cantava: *“Anything you want you got. Anything you need you got it...”*

Eu soube que a música de mensagem positiva não tinha sido uma escolha aleatória, como também soube o quanto Enrico começava a significar para mim.

CAPÍTULO 22

— PIETRA BARONE, BEM-VINDA. O Joel me falou que esteve aqui comprando tintas, nos desencontramos. — Dona Patrícia saiu de trás do balcão e me cumprimentou com um beijo na bochecha. — Olha só você. — Deu um passo para trás me medindo da cabeça aos pés. — Aonde foi parar aquela garotinha que conheci? Confesso que estou me sentindo uma idosa.

Dona Patrícia não tinha do que se queixar, o tempo havia sido gentil com ela. Apesar das linhas de expressão na testa e ao redor dos olhos, seguia sendo uma mulher de parar o trânsito com seus cabelos cacheados, agora mais claros e na altura dos ombros, e sua boca de Angelina Jolie. De repente, ficou claro o porquê do ciúme excessivo do marido. A atenção dela voltou-se para o vizinho.

— Oi, Enrico. Vocês estão juntos?

— Não — eu me adiantei. — Quero dizer, sim. Ele... me deu carona. — Corei.

— Sei, um vizinho prestativo. — A julgar pelo sorriso que ela abriu, tinha entendido.

— Boa tarde, dona Patrícia — Enrico ignorou a gracinha e foi logo falando. — A Pietra quebrou um dos vidros da janela da cozinha e viemos comprar outro. Tirei a medida. — Ele entregou uma folha com a anotação.

— Vejamos — a mulher analisou o papel —, é um tamanho padrão. O Joel foi embora mais cedo, aguardem um minutinho, vou buscar no estoque. — Ela nos deu as costas.

— Enrico, a dona Patrícia está sozinha — murmurei. — É a minha chance de descobrir mais sobre a relação dela com o Luca.

— *Va bene*. Vou dar uma circulada pela loja e deixar vocês a sós, detetive.

Em menos de cinco minutos, a proprietária regressava trazendo o vidro.

— Pronto, Pietra. Anotei na sua conta. Vou embrulhar em um papel bolha. — Ela o acomodou em cima do balcão.

— Esse lugar me enche de saudades — comecei. — Estava aqui lembrando de quando vinha visitar o Luca.

Ela parou no mesmo instante e ergueu o queixo.

— Eu lembro — continuei — que ele estava feliz com o trabalho, empenhado em guardar dinheiro para a faculdade, até fazia hora extra. Por quanto tempo ele trabalhou aqui mesmo?

— Uns sete meses, acho. — Ela passou as mãos no cabelo.

— O que ele fazia?

— Trabalho braçal. Ajudava a descarregar as caixas com as mercadorias e arrumava as prateleiras, às vezes atendia algum cliente. — Seus movimentos tornaram-se mais rápidos, como se quisesse terminar depressa a conversa e se livrar de mim.

— O Luca era ótimo em matemática, chegou a ajudar a senhora no caixa?

Ela balançou a cabeça negativamente, desviando o olhar.

— Dona Patrícia, por que ele foi despedido?

— E por que quer saber? — Seu tom educado desapareceu por completo.

— Curiosidade. Foi o único emprego que meu amigo teve na vida. — Nem precisei fingir, meus olhos se encheram de água. — O que o Luca fez de errado? — insisti.

— Prefiro não falar nesse moleque — explodiu.

— Falar em que moleque, Patrícia? — Um homem corpulento, na casa dos setenta anos, adentrava o armazém.

— Ah... no Joel — dona Patrícia disfarçou, o medo estava estampado em seu rosto quando ela me olhou implorando em silêncio que eu não a desmentisse. — Os atrasos dele têm me deixado louca. Se lembra da Pietra, querido? — emendou.

O senhor tencionou a mandíbula em uma careta medonha, em seguida me ofereceu um sorriso amarelo.

— Claro, a filha do Raul Barone — ele me cumprimentou com um aperto de mão e suavizou o tom ao perceber quem eu era. O sobrenome Barone tinha esse efeito em Vila Allegro. — Como anda a reforma e a organização da festa de Ano-Novo?

Ao notar minha surpresa, ele adicionou:

— Em um vilarejo pequeno, sabemos tudo o que as pessoas fazem e falam. — Tive a nítida impressão de que alongou a última palavra.

— Tenho trabalhado bastante — respondi.

Passos ressoaram às minhas costas, Enrico se aproximava.

— Boa tarde — ele cumprimentou o proprietário e parou ao meu lado.

— Não tinha te visto, rapaz. Vai comprar? Porque fecho a loja em dez minutos — o proprietário informou, impaciente. Percebi sua mudança de humor repentina.

— O Enrico veio só acompanhar a Pietra — dona Patrícia interveio.

— Já pode ir, eu finalizo aqui — o marido falou, ríspido.

Dona Patrícia apanhou a bolsa e se despediu, constrangida.

— A senhorita está trocando os vidros de casa? — O homem questionou me entregando o embrulho.

— Apenas o de uma das janelas da cozinha, quebrou. Acidente de reforma — expliquei, sem me estender no assunto.

— Fez bem em ter vindo imediatamente. — Ele estalou a língua. — Não é seguro ficar com um vidro quebrado, ainda mais estando isolada.

Imediatamente? Senti um nó no estômago, a loja parecia oscilar à minha volta.

Eu não disse que acabara de acontecer. Tinha certeza disso.

NOITE DA FESTA

31 de dezembro de 1984

Patrícia

ALHEIA À CONVERSA da roda de convidados, Patrícia observava as estrelas. *Um ano novo vai chegar. O que 1985 reserva para mim?* Passar a virada naquele sítio luxuoso era, no mínimo, um começo diferente. Ela tinha estado na propriedade uma única vez acompanhando o marido em uma entrega especial. Três latas de tinta num tom bege acinzentado, a cor tendência do ano, vindas diretamente da capital apenas para agradar à influente Telma Barone. Patrícia jamais imaginaria que aquelas latas de tinta garantiriam seus nomes na seleta lista da festa mais comentada dos últimos meses. Uma jogada de mestre do marido.

— Está calada a noite toda, pensando na morte da bezerra. Pode tentar ser agradável? — O marido se aproximou dela rosnando entredentes. As sobrancelhas peludas unidas.

Patrícia cravou as unhas nas palmas das mãos, se controlando para não revirar os olhos. Deveria ao menos fingir animação, esse era o acordo. Mas, sentia-se deslocada. Os braços cruzados sobre o peito para esconder um pedacinho do seu vestido de uma loja de departamento que havia descosturado. E, no momento em que as mulheres começaram a trocar figurinhas de onde compraram suas roupas e de como a nova coleção da loja onde Grazi era gerente estava deslumbrante, sua única alternativa foi se afastar para evitar o vexame.

Relacionamento com os clientes é a base do nosso negócio, a frase repetida pelo cônjuge, diariamente, ressoou em sua cabeça como uma espécie de lembrete. Depois de dez anos casada, aquelas palavras também haviam virado seu mantra. No entanto, Patrícia não possuía a desenvoltura para socializar que ele esperava dela. Tampouco estava com cabeça para participar de conversas sobre permanente de cabelo, cremes importados ou filhos, sequer era mãe. Além disso, tinha um assunto realmente importante para resolver.

— Está muito quente aqui. Vou buscar um copo de água — informou ao marido, forçando um sorriso.

— Avise ao garçom que meu vinho acabou — ele respondeu de forma seca sem desviar o olhar do homem distinto com quem acabara de iniciar um papo.

Patrícia se abanou com as mãos, sua nuca suave. Mas aquela onda de calor repentina não era culpa do clima abafado. Era raiva. Como todo mundo, tinha arrependimentos, porém nada tão grande quanto o dia em que se entregou aos beijos molhados de um garoto de dezessete anos. *Fui uma idiota confiando nele. Meu descuido pode ter graves consequências*, suspirou. Determinada a colocar os pingos nos is de uma vez por todas, marchou em direção à casa dos anfitriões.

A imponente residência de pé-direito alto era ainda mais linda por dentro. Os móveis de *design* italiano a fizeram lembrar das revistas que folheava nas tardes solitárias do armazém. Ela continuou caminhando até o salão principal. O globo girando no teto lançava luzes que coloriam o ambiente de rosa-choque, verde-néon, azul turquesa, amarelo-fluorescentes e magenta. Os jovens pulavam entusiasmados ao som da música tema do filme *Footloose*, estava difícil distinguir rostos. Patrícia ajeitou com os dedos seus cabelos castanhos naturalmente ondulados e se recostou em uma das paredes, inspecionando a pista improvisada. Um bocejo escapuliu de sua boca. Pudera. Ela mal conseguia pregar os olhos desde o último encontro com Luca. Tinha disfarçado as olheiras à custa de muito corretivo, mas sentia-se exausta.

— Maldito moleque — resmungou.

De repente, teve a súbita sensação de que todos falavam dela. Percebeu o olhar de um dos adolescentes recair sobre seus peitos esmagados pelo vestido justo demais. Voltou a cruzar os braços, envergonhada. Talvez estivesse ficando paranoica. A simples ideia de que alguém soubesse seu segredo obscuro a apavorava.

Patrícia retornou ao jardim. Os minutos passavam e nada de Luca. Começava a imaginar que ele tinha ido embora quando viu um garoto de ombros largos caminhando em direção ao que parecia ser uma trilha. Luca estava se afastando da festa, saindo da vista das pessoas. Era o momento ideal para falar com ele. Patrícia precisava agir. Correu pelo trecho pouco iluminado. Seu salto fino afundando na grama.

— Inferno. — Solto um grunhido mais alto do que esperava.

Luca virou-se num ímpeto, franziu o cenho.

— O que você está fazendo aqui?

— Preciso falar com você. — Ela o alcançou mancando, havia torcido o pé. — Não tenho como pegar mais dinheiro no caixa, meu marido vai perceber — foi dizendo sem rodeios.

— Não se subestime. Você é muito mais esperta do que ele. Vai pegando aos poucos. Pode dizer que o preço de algum produto aumentou — sugeriu. — Tem um mês para dar seu jeito, eu preciso de dinheiro no bolso para minha viagem. — Tropeçou para trás.

— Você é muito cara de pau, moleque. — Bufou. — Não somos ricos.

— Vamos lá, nem é tanto assim, e a causa é nobre. Ajudar um futuro diretor de cinema a pagar suas despesas em Roma. — Bateu no peito orgulhoso. — Olha, fiz dezoito anos, vou receber a grana da herança da minha mãe. Considere um empréstimo, um dia eu te devolvo. Bem, se depender da justiça brasileira é melhor esperar sentada. — Ele riu da própria piada se achando muito engraçado.

— Não tenho nada a ver com seus problemas financeiros — ela declarou, furiosa.

— Tem, sim. Se o seu marido não tivesse desconfiado de nós, eu teria trabalhado mais tempo no armazém e não precisaria desse pequeno favor. — Luca enrolava a língua.

— Está podre de bêbado. E sabe muito bem que o valor que está pedindo, você não ganharia nem se trabalhasse por um ano inteiro. — Ela abanou a cabeça e bufou. — Esquece. Foi burrice minha tentar falar com você nesse estado. — Fez menção de partir.

— Burrice vai ser não me ajudar, gostosa. — Luca segurou seu punho e avançou, diminuindo a distância entre eles.

— Para com isso, seu inconsequente — Patrícia sussurrou.

Ele não deu bola. Seu dedo indicador contornou os lábios carnudos dela. Patrícia semicerrou os olhos sentindo todos seus pelos se arrepiarem. Odiava o fato de não ser imune a ele.

— Você não seria capaz de contar, seria?

— Vai arriscar? — Luca afastou-se e fez um gesto de desdém com a mão. — Estou cansado de tantos segredos. Talvez eu te faça até um favor. O baba-ovo do seu marido nem se importa com você. Gosta de ficar por aí se gabando por ter se casado com uma mulher bem mais nova que ele. A esposa troféu.

Patrícia engoliu em seco. Quem aquele garoto pensava que era para falar com ela daquele jeito? Inspirou fundo, pedir e implorar não estava surtindo efeito algum. Talvez fosse a hora de mudar de estratégia.

— Pois bem. Pode contar. — Ela cruzou os braços, ergueu o queixo tentando parecer mais confiante. — Ele não vai acreditar em você. Vai ser a sua palavra contra a minha.

Luca soltou um riso debochado.

— É mesmo? Então me diz: como o seu marido vai reagir quando eu mostrar para ele as fotos?

Ela deu um passo atrás.

— Do que você está falando?

— Ah, dona Patrícia. Uma senhora tão respeitável e inocente. — Ele passou a língua nos lábios com malícia. — Depois daquela tarde no armazém, lembra? De quando a gente ficou preso por causa do temporal? Você estava tão cansada que dormiu nos meus braços.

Patrícia sentiu o sangue se esvair do rosto. Ela se lembrava de ter apagado no sofá do escritório depois de transar com o garoto. Mas não imaginava que ele seria capaz de fotografá-la.

— Aproveitei para tirar umas fotos suas. Queria guardar a lembrança. Mas agora nada me impede de entregar as fotografias para o imbecil do seu marido.

— Por favor, Luca, e-eu imploro. Não faz isso. É meu casamento e minha reputação que estão em jogo. — O choro preso na garganta.

— Sinceramente? Eu tenho coisas bem mais importantes para me preocupar, dona Patrícia. Arruma o dinheiro e ponto-final.

Ele virou as costas e seguiu seu caminho sem se importar com o efeito de suas palavras.

A adrenalina corria pelas veias dela, as lágrimas borrando sua maquiagem. E de pensar que seu marido resolveu despedir o Luca por acreditar que o garoto tinha se apaixonado por ela. Mero engano, Luca era um insensível, sem coração. *Desgraçado, chantagista de merda.*

Patrícia ajeitou a postura, voltaria ao grupo de mulheres fúteis para não dar bandeira, mas, antes disso, espiou sobre os ombros. Luca não estava mais por perto, tinha desaparecido na escuridão.

E ela desejou que ele desaparecesse para sempre.

CAPÍTULO 23

UM FACHO DE LUZ ATINGIU MEUS OLHOS. Fiz uma careta involuntária.

— Você sempre cai da cama?

A silhueta de Enrico destacando-se no contraluz.

— *Buongiorno*. — Ele abria a janela do quarto. — Na verdade, são quase onze horas.

— Hein? — Apoiei as palmas das mãos no colchão e me sentei. — Mania essa sua de não me acordar.

— O dia de ontem foi traumático demais. A senhorita merecia um sono reparador.

Enrico estava certo, cheguei do armazém uma pilha de nervos. Mesmo sem querer admitir meu medo, minhas mãos trêmulas me entregaram. Fui incapaz de instalar o vidro recém-comprado sozinha. Além de me ajudar, o vizinho insistiu para que eu dormisse na casa dele.

— Tudo bem. Valeu pela preocupação, me sinto revigorada. — Bocejei. — Mas preciso voltar para o sítio.

— Nada disso. Temos outros planos para hoje.

— Temos? Estou cheia de trabalho, esqueceu?

Ele se ajoelhou na cama, aproximando-se de mim entre a confusão de edredons.

— Pedi para um dos meus funcionários terminar a pintura da sala. Você não tem mais desculpas. — Enrico me beijou com carinho. — Sem contar que o dia está mais fresco. Perfeito.

— Perfeito para quê?

— É surpresa. — Ele deu uma piscadela.

— Nossa, quanto mistério. Conta logo, vai.

— Não vou contar para não estragar a surpresa.

Encarei meu vizinho. Por mais que desejasse passar todos os minutos do meu dia ao seu lado e não precisasse mais pintar a sala graças à sua ajuda, eu não cederia

assim tão facilmente. Enrico não demorou para perceber o que se passava em minha cabeça.

— *Dio mio*, Pietra. Você precisa relaxar um pouco, confiar que o desconhecido pode trazer coisas incríveis. Vou te levar para matar saudades. E olhar as coisas de outra perspectiva — acrescentou com um sorriso.



Enrico pegou a estrada no sentido contrário ao do vilarejo. Não demorei para reconhecer o trajeto. Íamos em direção à vinícola Barone. Desde minha chegada em Vila Allegro, planejava passar por lá. Contudo, a correria com a reforma me impediu. Sorri confiante. *Matei a charada*.

Então, o vizinho virou em uma paralela. À nossa frente, uma paisagem bucólica se desdobrava com colinas verdes e muitas árvores.

— Acho que confundiu o caminho.

— Será mesmo?

De repente, entre as copas das árvores, vislumbrei cores vibrantes.

— Chegamos. Espero que não tenha medo de altura, Pietra Barone.

Levantei as sobrancelhas incrédula diante da enorme bolha flutuante com três faixas verticais nas cores: vermelho, azul e amarelo. A cesta de vime, presa por cordas em um tronco robusto, balançava de maneira suave. Meu coração disparou. Nunca ninguém tinha feito algo tão grandioso por mim antes.

Ele vai me levar para voar. Literalmente.

— Caramba, Enrico. De onde isso veio?

O vizinho estacionou a caminhonete, abriu minha porta e apanhou uma sacola térmica no banco de trás.

— Objetivo alcançado com sucesso. — Ele riu. — Acordei com vontade de te surpreender. — a voz rouca. — O balão veio da cidade vizinha, é de um cliente meu que está montando uma empresa de aluguel. Tive a sorte do piloto estar disponível e topar. Os passeios costumam ser bem cedo.

Um homem uniformizado de semblante gentil veio até nós.

— Boa tarde, senhores. Preparados para a aventura?

Ele nos ajudou a subir na cesta e afrouxou os nós das cordas, entrando em seguida. O balão ergueu-se devagar rumo ao céu. Com um toque no botão, o piloto liberou os cabos de sustentação. As chamas do queimador projetaram uma calorosa luz alaranjada que iluminava o rosto do Enrico. Meu corpo se contraiu em uma mistura de nervosismo e empolgação.

— É um passeio tranquilo, Pietra, prometo. Apesar do horário, os ventos estão amenos hoje.

Assenti.

O piloto controlava a velocidade ajustando a intensidade do fogo no queimador. O balão foi ganhando altura. Minutos depois, flutuávamos pelas correntes de ar. As nuvens me lembraram algodão doce e cobriam parcialmente o sol.

— Incrível. — Inspirei o ar fresco, curtindo a sensação da brisa suave no meu rosto.

O piloto informou que sobrevoaríamos a vinícola Barone.

Com as mãos firmes na cesta, baixei a cabeça, animada. Avistei um mosaico de verdes, salpicado de manchas coloridas das uvas maduras.

— Parece uma pintura — exclamou Enrico.

— Deslumbrante... e tão diferente observando daqui. — Acompanhei com o olhar os trabalhadores colhendo as uvas, apenas pequenas figuras se movimentando.

— É sobre isso. Tudo muda quando encaramos as coisas de um novo ângulo.

Eu me calei por alguns instantes, digerindo as palavras dele. Meus pensamentos se entrelaçavam com os nós de preocupação e desafios que me aguardavam em terra firme. Porém, lá de cima, sentia-me livre: a dona do mundo. Minhas preocupações diminuía de tamanho, dissipavam-se no ar. Meu labirinto de problemas agora se revelava uma paisagem vasta e cheia de possibilidades.

Um estouro interrompeu o silêncio. Enrico tinha levado uma garrafa de espumante.

Soltei uma das mãos da cesta e peguei uma taça com ele.

— Você é maluco, Enrico Savoia. — Sorri. — Ao que brindaremos?

— A nós, lógico. E aos sonhos realizados. — Piscou.

— Obrigada... por tudo — murmurei.

Naquele momento, me permiti sonhar alto.



Depois dos últimos acontecimentos, evitei aparecer no vilarejo. Em parte, pelo excesso de trabalho. Pelas manhãs, me ocupava com a pintura e pequenas reformas, pelas tardes, recebia fornecedores. Por fim, havia decidido o conceito da festa de Réveillon: “sonho”. O passeio de balão tinha me inspirado. Eu queria passar a esperança de que, em um novo século, tudo é possível.

Optei por uma decoração lúdica, branca e azul-claro. Encomendei flores, bexigas, luzes de estrelinhas e uma máquina de gelo-seco, o efeito de névoa sob os pés daria a sensação de caminhar nas nuvens. A piscina seria coberta por um piso transparente e rodeada por uma estrutura de alumínio com canhões de luz, ali ficaria a pista de dança. Também esbocei um convite, finalizado com sucesso por uma gráfica local. Fabrizio ficou encarregado pelas vendas, bebidas e a escolha do DJ. A meu pedido, Maria foi contratada para cuidar do buffet e dos garçons. No seu dia de folga, Joel chegou cedo, trouxe a nova grama, deu um tapa no jardim e passou verniz nas namoradeiras. O garoto era bom, fez um trabalho fantástico. Mal podia acreditar, eu estava cumprindo o cronograma apesar das circunstâncias. A verdade era que, desde a falência da minha empresa, não me sentia tão produtiva. E feliz. Como ignorar? Enrico me inspirava.

Havíamos desenvolvido uma espécie de rotina, na qual as noites eram sempre nossas. Às vezes, ele vinha na minha casa, outras, eu ia à dele. Embora meu vizinho ainda me irritasse com sua teoria do *bug* do milênio, ele parecia outra pessoa, mais à vontade, divertido. Era como se antes eu estivesse convivendo com sua sombra. Luca não sabia que estávamos juntos, procurávamos ser discretos. Não houve mais episódios de possessão. Tentamos conseguir mais pistas por meio das anotações do caderno preto. Em vão. Minha esperança era que as imagens da fita VHS emprestada pelo professor Lorenzo pudessem invocar as lembranças de Luca. Só tinha um problema, meu velho aparelho de vídeo se recusava a funcionar. Enrico, sempre prestativo, o levou para o conserto.

Deixei a lousa de suspeitos pendurada no meu quarto. Antes de dormir, eu fitava aqueles nomes esperando que respostas surgissem milagrosamente, o que é óbvio, não acontecia. Marco e o dono do armazém eram minhas apostas, contudo, ninguém seria descartado. Estava na hora de agir. Meu padrinho telefonou, insistindo em me ver, começaria por ele. Marcamos um almoço no Lótus.



O restaurante exibia uma bela decoração natalina. Observei os enfeites pendendo do teto, andava tão assoberbada com a reforma do sítio e o trabalho de detetive

amadora de fantasmas, que nem me dei conta da proximidade no Natal.

Mesmo sendo um dia de semana e horário de almoço, o restaurante estava cheio. Encontrei Maria na entrada.

— Oi Pietra. — Ela analisou a lista de reservas. — O Carlo me pediu uma mesa perto da janela, vamos — disse, esbaforida e me acompanhou.

— Respira, mulher. — Puxei uma cadeira. — Por que não se senta um pouco e me faz companhia?

— Difícil, amiga. O movimento está atípico, estou desfalcada de garçons. Hoje é folga de dois deles e a Bia não aparece há dias. — Revirou os olhos.

— Bia, a sócia da Sienna? — brinquei.

Maria soltou uma de suas gargalhadas.

— Percebeu a semelhança, né? E te digo, vai além da aparência, a Bia sonha alto, quer trabalhar com moda igual à sua cunhada e fez até um *Book* fotográfico para tentar a sorte como modelo. O restaurante é temporário, para conseguir o dinheiro da faculdade.

— Se é assim, deveria valorizar o emprego — repliquei.

— Ela é responsável. — Maria franziu o cenho. — Tem alguma coisa acontecendo. Bem, seu padrinho chegou. — Ela olhou para a porta. — Nos falamos mais tarde?

— Combinado.

— Não pode desaparecer desse jeito, Pietra Barone — Carlo foi falando antes de se sentar. Vestia calça caqui e camisa social, um homem elegante que cuidava da aparência.

— Até parece, o sítio não é nenhum fim do mundo. — Ri. — Estou finalizando os preparativos da festa, te disse.

— Eu sei, eu sei. — Ele me deu um beijo no rosto. — Que bom te ver tão entusiasmada.

— Esse é o motivo de querer me encontrar pessoalmente? — Ergui uma sobrancelha. — Para ter certeza de que não tive uma recaída?

— Também — admitiu. — Você parou de tomar os remédios, e estar naquele sítio sozinha... — Ele se deteve e colocou suas mãos sobre as minhas. — Enfim, eu vi o estado em que ficou por causa do acidente do Fabrizio.

— Todos nós ficamos abalados. Entendo sua preocupação, mas trabalhar mantém minha cabeça ocupada, me deixa feliz — devolvi.

— Deixa para lá, vamos falar de coisas boas. Quero te contar uma novidade. — A voz de suspense. — Adivinha?

— Carlo, isso não se faz com gente ansiosa.

— Tem razão. — Ele sorriu arrumando os cabelos grisalhos cor de aço. — Estive em São Paulo e visitei seu pai. Ele está muito melhor de saúde, a quimio foi

eficaz.

— Estou sabendo. Meu pai me ligou semana passada, o médico disse que ele está curado. — Sorri. — Mal vejo a hora de estarmos juntos de novo.

— Pois bem, seu desejo será realizado. O Raul sabe que você não pode ir para São Paulo nesse momento, então, para comemorar, ele e sua mãe virão passar o Natal em Vila Allegro e ficarão para sua festa de Réveillon, essa é a novidade — revelou.

— Sério? — Fui assaltada por sentimentos contraditórios. Uma alegria imensa por poder abraçar meu pai e desespero porque não havia acrescentado na minha pauta “planejar Natal em família”, que seria em — fiz um rápido cálculo mental — quatro dias!

— Fique tranquila, a Anna faz questão de cuidar da ceia e seus pais se hospedarão no Fabrizio, nada de se isolar no meio do mato — esclareceu, como se tivesse lido minha mente. — O que me diz?

— É maravilhoso — respondi, sincera. — Podemos convidar o professor Lorenzo? — *Touché*. A isca foi jogada no momento perfeito. O assunto Luca surgiria de forma natural.

— Esquece, o Lorenzo é um bicho do mato, não aceitaria. — Carlo rompeu o contato visual e pegou o cardápio.

— É diferente, meus pais estarão aqui — insisti. — Deve ser triste passar o Natal sozinho, sabe, com tantas recordações.

O único garçom do restaurante se aproximou para anotar nosso pedido.

— Vou de sugestão da chefe: peixe na folha de bananeira e um suco detox — Carlo disse.

— O mesmo para mim. — Queria me livrar do rapaz o quanto antes e continuar o papo.

— O peixe é espetacular, Pietra.

— Estive com o professor Lorenzo — prossegui sem dar margem para ele mudar de assunto. — Soube que na época da tragédia você não deixou vazar a teoria da polícia sobre o suposto suicídio. Foi bem bacana da sua parte usar o prestígio para ajudar alguém que te acusou durante anos de negligência hospitalar.

— Não imaginei que ele fosse te contar — respondeu, surpreso. — Eu fiz o que considerei correto. Como médico, colaborei com a polícia e me coloquei no lugar de Lorenzo também. Que pai quer expor a fraqueza de um filho? Ninguém precisava saber.

— Mas... — fiquei atônita — então é verdade?

— Na minha opinião médica, uma mente perturbada age por impulso.

— O professor também me contou que o Luca estava investigando seu hospital em 1984 — emendei a mentira, aguardando a reação do meu padrinho.

— Estava? — Um vinco se formou em sua testa. — Mais uma maluquice de um jovem perdido na vida. — Carlo endireitou a postura. — Um mal-agradecido, por sinal. Eu acolhi o garoto na minha casa desde criança, até emprestei minha Câmera Super Oito para ele gravar seu primeiro documentário premiado. Por outro lado, eu entendo. Luca se culpava pela morte da mãe e cresceu ouvindo as besteiras do pai que, por sinal, se desculpou comigo. O que não entendo — ele me encarou, sério — é o motivo de *você* trazer esse fantasma de volta à vida. Pare de se torturar, já passou da hora de virar o disco.

Engoli em seco, sem resposta. O garçom voltou, trazendo nossas águas e me salvado da saia justa. Na sequência, um casal de idosos veio cumprimentar meu padrinho e o assunto morreu. Dessa vez, foi um alívio.

Durante o almoço, aproveitamos para falar mais sobre a festa de Natal. Contudo, não tive a companhia de meu padrinho por muito mais tempo. Carlo nem conseguiu ficar para a sobremesa. Seu celular tocava insistentemente.



A movimentação havia diminuído. Enquanto aguardava o Enrico me buscar, resolvi ver a Maria. O garçom informou que minha amiga estava no escritório e me indicou o caminho.

— Toc, toc. — Espiei pela porta entreaberta. — Sou eu.

— Oi, entra Pietra. — Maria estava sentada atrás de uma mesa de madeira abarrotada de papéis, fitando o telefone fixo. Tinha uma expressão difícil de decifrar.

— Que cara é essa? — indaguei.

— Acabo de falar com os pais da Bia.

— Algum problema com ela?

— Eles disseram que a filha foi para a praia com as amigas, acredita? Olha, a Bia tinha férias vencidas, só não entendo por que viajou sem me avisar. — Mordeu os lábios fartos.

— Coisa de jovem. Ela é adolescente, normal ser irresponsável.

— A carinha é de menina, mas vai fazer dezoito anos — Maria respondeu. — Pietra, a Bia não é assim, valoriza o trabalho. Nada me tira da cabeça de que tem carço nesse angu.

— Como Assim? — Eu me sentei à sua frente.

Minha amiga relatou que a Bia andava esquisita. Na semana anterior, Maria foi ao depósito e a viu falando ao telefone, nervosa. Até aquele momento, Maria

sequer sabia que a funcionária tinha um celular. Ela ia se aproximar quando escutou a Bia chorando baixinho, escondeu-se a fim de escutar o teor da conversa. No entanto, a garota apenas respondia as perguntas da pessoa do outro lado da linha de forma monossilábica. Até que seu tom subiu e Maria ouviu: estou de seis semanas.

— Isso foi na quarta passada, Pietra. Quinta era a folga dela, desde então, não apareceu mais.

— Nossa, fácil de adivinhar. Sabe quem é o tal namorado?

— Não faço ideia. Uma única vez a Bia me contou que teria um encontro romântico, eu deduzi que era com um moço da igreja apaixonado por ela. Sendo franca, — Maria suspirou — fui ingênua. A Bia é ambiciosa, não se interessaria por um pé-rapado.

— Claramente, esse namorado misterioso tem recursos para comprar um celular de presente e interromper uma gravidez indesejada.

— Pobrezinha. Que barra. Os pais dela são bastante religiosos, jamais aceitariam um aborto. Estou arrependida. — Maria massageava as têmporas. — Se eu tivesse dito que escutei o telefonema, poderia ter apoiado a Bia de alguma forma.

Por uma cruel ironia do destino, a história se repetia. Bia enfrentava o mesmo problema que Sienna na adolescência. Entendi o acontecimento como um sinal. Não dava mais para fingir que eu não sabia, precisava abrir o jogo com minha cunhada, escutar a versão dela dos fatos. E descartar o maldito pensamento que rondava minha cabeça: que meu irmão pudesse ter feito uma grande merda.



O garçom veio nos avisar que Enrico tinha chegado. Voltamos para o salão principal.

— *Ciao*, Maria. imaginei que estivesse mais tranquila depois do almoço. — Ele carregava três caixas de vinho. — Onde deixo?

— Acertou em cheio, Enrico. Coloca aqui mesmo. — Maria indicou uma mesa. — Eu guardo em seguida.

Ele me observava de soslaio, os cantos da boca curvados para cima. Um facho de luz salpicou seu rosto, realçando o bronzeado dourado que ganhara colhendo uvas na última semana. Eu me perguntei se seria biologicamente possível não o desejar.

— Me diga, Enrico, virou taxi da Pietra? — ela alfinetou.

— Não custa nada dar uma carona, somos vizinhos — ele respondeu, sem graça.

— A mim ninguém engana — Maria sibilou. — Eu reconheço um olhar apaixonado, pombinhos.

Olhar apaixonado? Que... exagero.

— Shhhh, pode parar — protestei. — Não saia por aí espalhando fofocas, conhece o povo desse vilarejo.

— Jamais, amiga. — Ela tampou a boca com uma das mãos. — Eu me alegro por vocês. — Sorriu. — Formam um belo casal. Ah, Pietra, passa com calma para uma sessão de Tarô — sussurrou para mim antes de se despedir com um forte abraço.

Eu fui seguindo Enrico, os dois calados. Educado, ele abriu a porta da caminhonete e fui surpreendida com a visão de um buquê de girassóis no banco do carona.

— Passei em frente à floricultura, não resisti. — Limpou a garganta. — A flor da felicidade, certo? Vai combinar com as paredes da sua sala. — Ele me fitava.

— São lindas. — Apanhei o buquê e levei-o ao nariz, meu coração rufando no peito.

A gente não gostava de rótulos, evitávamos falar dos nossos sentimentos, mas eu podia ver a luminosidade em seu olhar e aquele gesto dizia mais do que mil palavras.

O passeio de balão, o buquê de girassóis. Talvez Maria esteja certa.

Durante o caminho, atualizei Enrico do meu papo com Carlo. Primeiro, falamos sobre o Natal. Enrico se animou com a possibilidade de conhecer meus pais, era um fã de Raul Barone, da sua história de vida, de como montou a própria vinícola sem ser um enólogo.

— Seus pais também vêm para o Natal?

— Meu pai quer que eu vá passar o Natal na Toscana. Vou todo ano. — Soltou o ar.

— É uma época para se estar com a família. — Disfarcei minha frustração.

— Esse ano é diferente, pretendo ficar em Vila Allegro — declarou.

Eu não tinha a menor experiência em relacionamentos, mas intuía que a atitude dele significava sua vontade de oficializar um namoro. Engoli em seco e, sem saber o que responder, emendei outro assunto. Falei do alívio que senti por poder descartar minhas suspeitas a respeito do meu padrinho e da minha frustração por ver a investigação estagnada.

— Paciência, vamos descobrir a verdade. Eu acho que, no fundo, o Luca sabe quem foi, só precisa de mais tempo para assimilar.

— Ele morreu há quinze anos. Não é tempo suficiente? — Juntei as sobrancelhas.

— Deve ser uma experiência bem traumática lembrar do próprio assassinato, né? Mesmo os vivos reprimem memórias dolorosas como um mecanismo de defesa. — Os olhos dele se voltaram para a estrada, notei seu queixo tenso.

— Faz sentido — respondi. *Afinal, aconteceu comigo.* — Mas, escutando a opinião médica do Carlo, me questionei até que ponto podemos confiar nas memórias de um fantasma. O Luca estava bêbado e deprimido. E se ele se jogou daquele penhasco e colocar a culpa em alguém for seu mecanismo de defesa? — Abracei meu buquê de girassóis e suspirei.

— Alguém tirou a vida do seu amigo, Pietra – Enrico rebateu convicto. — Quando o Luca me possuiu, tive acesso ao seu sofrimento. Esse é o motivo de ele ainda estar aqui — salientou. — Quanto à investigação, tenho algo que vai nos ajudar.

O vizinho contou que a loja de eletrônicos tinha ligado avisando que meu videocassete estava consertado, ele passara para buscá-lo.

A notícia inesperada me trouxe novo ânimo.

CAPÍTULO 24

NO FINAL DA TARDE, Enrico me ajudou a instalar o videocassete recém-consertado na televisão da sala. Estávamos ansiosos para fazer uma sessão rumo ao passado, torcendo para que a fita VHS que o professor Lorenzo me deu nos ajudasse a desvendar os segredos de Luca.

Do lado de fora, nuvens escuras cobriam o céu e a chuva começava a cair.

— Você devia trazer logo sua mudança para cá — Enrico disse quando estava terminando de instalar o aparelho. — Imagino que esteja sentindo falta das suas coisas. Posso ir contigo para São Paulo e ajudar.

Fitei seu rosto sem saber o que responder por um instante. Então, eu me dei conta do real significado da frase dele. *Enrico pensa que vou morar aqui*. Eu omiti nossa intenção de vender a propriedade. Dei a entender que o dinheiro da festa seria o suficiente. Talvez fosse. Mas a venda do sítio era importante para que eu e Fabrizio pudéssemos recomeçar. Por mais que eu tivesse evitado o pensamento nos últimos dias, meu conto de fadas com Enrico tinha prazo de validade. Depois da festa de Ano-Novo, tudo mudaria. *Minha vida é em São Paulo*.

Suspirei, conhecendo o caráter do Enrico, ele se ofereceria para me emprestar a grana, mas nunca poderia aceitar. Meu orgulho não deixaria, nem seria justo. O vizinho estava economizando para investir no próprio negócio, construir a tão sonhada adega subterrânea. Além do mais, nunca pretendi voltar a viver em Vila Allegro.

— Por hora estou atarefada e satisfeita com minhas relíquias oitentistas — disfarcei.

O assunto morreu e eu me apressei em colocar a fita VHS. Apertei o *play* e aguardei ansiosa.

Um chinês montado num burrico dourado, fumando cachimbo e carregando um aquário tomou a tela.

— Era o que faltava. Esse é o início de “As 7 Faces do Dr. Lao”. — Soltei uma risada. — Pela qualidade péssima da imagem, foi gravado da televisão, passava

direto na “Sessão da Tarde”, o Luca curtia demais esse filme — adicionei.

— O mundo inteiro é um circo se você souber olhar para ele — Enrico proclamou uma das frases icônicas do filme.

— Enrico Savoia, você é uma caixinha de surpresas.

— Cansei de escutar minha avó imitar o Dr. Lao — explicou. — Acho que não é bem o que a gente esperava. — Ele se levantou.

— Espera, o Luca deve ter gravado por cima. — Fui passando a fita para frente. E lá estavam Fabrizio e Marco, na piscina, acenando para câmera. — Janeiro de 1984. Onze meses antes do assassinato — murmurei.

Um ar frio passou por minha nuca, havia um leve cheiro amadeirado no ambiente.

Enrico girou sobre os calcanhares.

— Temos companhia, Pietra — informou.

Mas eu já sabia disso.



A televisão exibia a imagem de um dia típico de férias de verão. Minha mãe cruzou na frente da câmera carregando uma bandeja com uma jarra de suco de melancia e copos coloridos de plástico.

— Com vocês, senhoras e senhores, a melhor anfitriã: Telma Barone. — A voz rouca de Luca me fez estremecer.

— Desse jeito me sinto uma celebridade. — Ela riu alto. Usava óculos escuros que cobriam parte do seu rosto, maiô preto e uma canga floral amarrada na cintura. — O calor está grande, venham se hidratar. — Acomodou a bandeja em uma mesa com um enorme guarda-sol perto da piscina.

Em dias ensolarados como aquele, meu pai gostava de preparar churrasco no jardim e a gente só entrava em casa depois que anoitecia. A câmera se voltou para outra mesa, um pouco mais afastada, onde estavam sentados dois casais dos quais não me lembro o nome, além de Carlo e Anna. Meio fora de foco, vi meu pai e o professor Lorenzo na churrasqueira.

— Grava isso, Luca — o rosto do meu irmão apareceu em primeiro plano, os cabelos pingando —, minha gatinha vem aí — anunciou. — Olha que coisa mais linda mais cheia de graça... — Cantava desafinado.

A câmera focalizou Sienna desfilando seu biquíni verde-neon modelo asa delta. Um corpo escultural. E, nessa época, nem tinha completado dezesseis anos. Grazi

acompanhava a filha orgulhosa, tipo mãe de miss. Usava um vestidinho de tricô e chapéu de abas enormes.

— Oi, meninos. — Sienna jogou os cabelos pretos que batiam na cintura.

— Chegou tarde — meu irmão comentou.

— Vocês conhecem a minha mãe, não conseguia decidir seu figurino — sussurrou.

— Boa tarde para todos. — Graziela nem parou, foi direto se juntar à minha mãe.

Eu apertei o botão do pause.

— Onde o Luca está? — perguntei para o Enrico.

O vizinho olhou para seu lado direito, eu acompanhei seu olhar.

— Luca, se lembra desse dia? — perguntei.

Enrico prendeu o riso.

— O que ele disse? — quis saber.

— Que a Sienna era... bem bonita — Enrico respondeu sem graça.

— Aposto que usou outra palavra — resmunguei, apertando o botão do *play* novamente.

Continuamos a assistir o vídeo, no entanto, no minuto seguinte, houve um corte brusco na imagem. A próxima cena mostrava o Luca com um suco na mão e as pernas dentro da água, outra pessoa estava filmando.

— Essa loirinha na boia é você? — O vizinho arrumou seus óculos.

Fiz que sim com um movimento de cabeça.

A câmera abriu de modo que conseguíamos ver a imagem toda. Eu e Luca estávamos conversando, meu sorriso ia de orelha a orelha. Ao fundo, meu irmão e Sienna jogavam vôlei.

— Isso é ilegal, meu chapa, a pirralha tem treze anos. — Ouvi a irritante voz de Marco. — Para seu azar, vai ficar gravado. — Gargalhou.

— Não enche o saco. — Os braços de Luca se contraíram, ele fez menção de jogar água no Marco.

— Você não quer estragar a câmera. — Marco focalizou meu rosto. Vi uma espinha no centro da minha testa. Havia pequenas sardas castanhas espalhadas pelo meu nariz, que sempre considerei grande demais. — Me diga, baixinha, o Luca é seu príncipe encantado? — A voz carregada de maldade.

— Idiota. — A Pietra de treze anos mostrou a língua e me arrancou uma risada. Percebi, de canto de olho, Enrico me estudando. Meus ombros endurecem. *Merda, não quero olhar para ele. Muito menos para o Luca.*

— Marco, querido — era a voz de dona Anna —, o Raul está chamando, a linguiça e o pão de alho ficaram prontos.

— Salva pelo gongo, baixinha, tô morto de fome — Marco disse.

De novo, a cena mudou. Víamos todos reunidos ao redor da churrasqueira. Alguns pratos sujos e vazios indicavam uma passagem de tempo. Meu pai, tão mais jovem e saudável, abriu um vinho branco e serviu seus convidados. Em seguida, tomadas artísticas de mãos e taças tilintando. Fiquei na dúvida de quem estaria gravando aquilo. De súbito, a pessoa por trás da câmera passou a caminhar pelo jardim. Reconheci, na imagem imprecisa, Luca e Sienna conversando embaixo de uma árvore. Sienna estava na ponta dos pés, afastando um cacho de cabelo que cobria os olhos do Luca. Ele disse algo que, àquela distância, a câmera não captou. Logo depois, cada um seguiu uma direção diferente, como se não quisessem ser vistos juntos.

Apertei o botão da pausa e me virei para onde imaginava que Luca estaria.

— Vocês tiveram um lance — fui direta. — Consegue se lembrar?

Enrico tinha uma expressão de surpresa.

— O Luca tá falando que eles eram apenas amigos, que a Sienna namorava o Fabrizio.

— Meu irmão e a Sienna só ficaram juntos no segundo semestre de 1984.

Uma longa pausa.

— Ele disse que não se lembra, Pietra.

— Esperem aqui. — Fui para meu quarto e voltei com a foto polaroid e o jogo Genius.

Coloquei ambos em cima de um móvel, ao lado da TV.

— Luca, essa é a *única* foto que encontrei no seu caderno — salientei.

A fotografia tremeu, rodopiou no ar e caiu no tapete. Enrico a apanhou, intrigado.

— Cara, a Pietra tem razão. Um homem não guarda a foto com uma garota se ela não for importante.

— Posso falar a sós com o Luca? — pedi ao vizinho.

Meu plano era conhecer a versão da minha cunhada primeiro, porém, minha intuição dizia que precisava aproveitar o momento.

Enrico observou o Genius e soltou o ar, resignado.

— Estarei na varanda.



— O Luca veio para cá? — Cheguei correndo à varanda.

Enrico observava a chuva que caía copiosamente. O vento balançava os coqueiros e parecia que ia arrancá-los do chão. Respondeu minha pergunta com um

gesto negativo de cabeça sem olhar para mim.

— Um vento quente abriu a porta da sala e passou por mim agorinha mesmo. Deve ter sido ele. Que raios foi toda aquela barulheira com o Genius?

— Luuuca! — berrei sem dar bola para a pergunta do vizinho.

— Pietra, se acalma. — Ele segurou meus ombros. — O que aconteceu?

— Eu achava que uma revelação forte desbloquearia as memórias dele. De certa forma, acertei. — Abaixei o rosto. — O Luca se lembrou e ficou arrasado.

— Então ele e sua cunhada se envolveram mesmo. É tão grave assim?

Meus olhos se encheram de lágrimas. Considerei mencionar a gravidez de Sienna, no entanto o vizinho desatou a falar.

— Seja lá o que for, Luca precisa de espaço. Você se preocupa demais com ele e não é de hoje. — Seu olhar sustentou o meu. — Ah, lógico, estamos falando do seu príncipe encantado — desdenhou.

— Ei, não viaja. — Fiz uma careta.

— O quê? Vai negar sua paixonite?

— Enrico, eu era uma menina boba. O que eu entendia sobre o amor? — revidei.

— Sentimento não tem idade. — O vizinho entrou e se jogou no sofá, a cara fechada.

Fui atrás dele ainda me negando a acreditar naquela cena patética.

— Está com ciúmes de um fantasma?

— E se estiver? — Enrico devolveu.

— Na boa, você está agindo como um *stronzo*. Para variar. Nós dois temos um passado. Não tem direito de me questionar desse jeito — disse, ríspida.

Ele permaneceu calado por um minuto inteiro. O semblante fechado, indicando os sentimentos ruins que fervilhavam em seu interior.

— Desculpa, Pietra — disse, por fim, com o olhar baixo. — É que a ligação entre vocês é forte demais e isso me deixou inseguro.

E lá estava Enrico Savoia vulnerável, além de triste. Eu me arrependi de ter sido tão grossa.

— Está bem — eu disse, ainda sem dar o braço a torcer. — Da próxima vez, controle seus nervos.

— Prometo controlar meu lado *stronzo*. — Ele deu um meio sorriso e eu senti uma onda de calor percorrer meu corpo, nossos momentos na plantação de uvas voltando aos meus pensamentos.

Levada pelo desejo, fui ousada, me sentei no seu colo e o beijei infringindo a regra que eu mesma tinha criado: sem intimidades na minha casa.

Enrico retribuiu o beijo, sedento. Suas mãos ágeis percorriam minhas pernas entrando por debaixo do meu vestido até encontrarem a beirada da minha calcinha. Deixei escapar um gemido. Aparentemente, infringir regras o excitava.

Sem aviso, um baque surdo nos fez ter um sobressalto. Interrompi o beijo, assustada. A cadeira em que a mochila de Enrico estava tombou no chão.

Enrico se levantou num rompante, quase me derrubando. Era óbvio que aquilo não tinha sido ação do vento. A mochila ergueu-se no ar, seu fecho se abriu lentamente. Em um instante, os pertences de Enrico se esparramaram pelo chão da sala: uma agenda, um *case* de óculos escuros, carteira e um livro de lombada desgastada.

— Porra, Luca. — Ele olhou para sua agenda aberta, caída no chão ao pé do sofá. — Qual o seu problema? — Estufou o peito. — O quê? Não. Eu não estou tirando proveito de nenhuma situação — protestou.

Nunca tinha visto Enrico bravo assim. A culpa era toda minha, deveria ter aberto o jogo para o Luca, contado que estávamos juntos. Meu amigo agiu por instinto, me defendendo. Como sempre fez.

— Podem parar, os dois. — Eu me levantei apanhando a agenda de Enrico. Então meu olhar se fixou na foto de uma mulher presa por um clipe na primeira folha. Longos cabelos castanhos, rosto oval, lábios rosados, nariz empinado, olhar penetrante. Linda. E jovem demais para ser a mãe dele. Girando a fotografia pude ler no verso: *Per sempre*, Isabella. Meu coração se contraiu. Tinha que ser mentira.

— Um homem não guarda a foto com uma garota se ela não for importante. Certo, Enrico? — repeti a frase dele levantando a agenda. — Quem é Isabella?

Enrico cruzou os braços, olhou para mim e, outra vez, para onde devia estar o Luca.

— Você fez de propósito — disse entredentes. — Não suportou me ver com a Pietra?

— Quem é ela? — insisti.

O vizinho encarou o próprio pé.

— Ela é a minha... noiva — balbuciou.

Noiva? Ele acabara de usar o tempo no presente? Senti meu mundo desabar, a raiva pulsava pelo meu corpo.

— Eu não queria que soubesse desse jeito. Posso explicar, confia em mim.

— Confiar em um *stronzo* mentiroso? Vai se foder. — Saí pisando duro, peguei minha bolsa pendurada na cadeira, a chave do carro na mesinha próxima da entrada e deixei minha casa no meio da tempestade.

— Pietra, *aspetta*. Aonde você vai? A chuva piorou. E a casa é sua — ele gritou da porta.

Encharcada, corri para o carro. Enrico me seguiu, pedindo que eu o deixasse explicar, mas sua voz foi abafada pelo barulho dos trovões. De qualquer forma, eu não daria ouvidos a ele. A dor era grande demais, eu tinha que desaparecer. Entrei no Jeep e parti, dando um cavalo de pau.

Só quando peguei a estrada principal, me permiti chorar, me sentia patética. Onde estava aquela Pietra que, horas mais cedo, tinha certeza de que seu envolvimento com Enrico tinha prazo de validade? Não acreditava que, depois de todos esses anos de coração fechado, eu tinha me apaixonado.

Liguei o rádio contando com o efeito terapêutico da música. *Linger* da banda The Cranberries tocava. Meu cérebro, imediatamente, traduziu o trecho em questão, mal podia acreditar, ele expressava com perfeição meus pensamentos naquele momento: “É assim que ficamos agora? Você estava mentindo o tempo todo? Isso foi só um jogo para você?”

Acelerei o carro desnorteada. Com a visibilidade distorcida pela chuva e pelas lágrimas, demorei a notar o cachorro cruzando meu caminho. Meu reflexo agiu depressa, afundei o pé no freio. Não funcionou.

A última coisa de que me lembro é ter jogado o Jeep para a esquerda e o barranco se aproximando.

CAPÍTULO 25

ESCUTEI O SOM DE UM BIP RITMADO. Abri os olhos com dificuldade, minhas pálpebras pesavam. Ao meu lado, identifiquei uma máquina e um suporte com uma bolsa. Baixei a vista, havia um acesso na veia do meu braço. Confusa, girei o pescoço. Tudo ao meu redor era branco. Então, um vislumbre de uma pessoa se aproximando.

— Até que enfim, acordou! — disse a voz masculina.

Pisquei. A forma borrada foi ganhando nitidez, reconheci o cabelo alourado do meu irmão.

— Fabrizio. — Senti minha garganta seca.

— Shhh, não se esforce. Você sofreu um acidente, pirralha. Está no hospital.

— A tempestade — sussurrei, franzindo o cenho. — Quanto tempo... estou aqui? — Eu me remexi na cama.

— Dois dias. — Ele tocou meu braço.

— Dois dias desacordada? — As palavras saíam da minha boca com dificuldade.

— Não perdeu a coincidência, só ficou muito grogue. Soltando frases sem nexo.

Uma mulher de meia-idade vestindo jaleco branco e segurando uma prancheta adentrou o quarto.

— Que bom, nossa Bela Adormecida está acordada. Como se sente?

— Zonza. Parece que um caminhão me atropelou. Meu corpo inteiro dói, especialmente minha cabeça. — Tossi.

Fabrizio me ofereceu um copo de água, bebi aos poucos.

— Pietra, o desconforto é normal considerando o que aconteceu, precisamos te sedar. A boa notícia é que o pior já passou — ela disse, tomando meu pulso. Em seguida, começou a me fazer uma série de perguntas simples como: qual era meu nome, quantos anos eu tinha, em que ano estávamos e pediu para que eu contasse sobre o acidente.

Minhas lembranças vinham fragmentadas. Carro, tempestade, estrada molhada, cachorro e escuridão.

— Eu pisei fundo no freio, não funcionou — murmurei, reflexiva. — Doutora, por que minha cabeça dói tanto? — Semicerrei os olhos.

— Por causa da pancada, Pietra.

— Teve muita sorte, pirralha, você rolou por um barranco.

— O barranco — murmurei. — Foi grave? — Tive medo da resposta.

— Fizemos uma tomografia, não há nada com o que se preocupar — ela respondeu num tom suave. — Vou pedir para uma enfermeira te trazer um analgésico — a médica disse antes de se retirar.

— Viu? Não sou o único vaso ruim dessa família. — Meu irmão afastou o cabelo do rosto, ainda tinha um curativo na testa e o olho roxo. — Somos duros na queda.

— Fabrizio, como vim parar aqui? — A briga com o Enrico voltou à minha mente. Será que ele foi atrás de mim no fim das contas?

— Um rapaz viu seu Jeep, chamou a polícia. Eles me ligaram e fui te buscar de ambulância.

Apesar de agradecida, fiquei triste. Enrico não se preocupou o suficiente comigo. *Um desconhecido me encontrou.*

— Quem soube do meu acidente?

— Fora o rapaz e a polícia, eu, a Sienna, seus padrinhos, a Anna, o Marco e o Carlo, lógico. Estamos nos revezando, a Grazi passou essa noite com você. Disse que estava bastante agitada.

Todos que vieram me visitar são suspeitos da morte do Luca. Droga. O que será que eu falei quando estava inconsciente?

— Achei melhor não dizer nada para os nossos pais por telefone. Vou para São Paulo e conto pessoalmente, agora que o susto já passou.

— Fazer o quê em São Paulo? — Apertei o botão da cama, ficando numa posição mais vertical.

— Marquei com o DJ. Aí aproveito para trazer os coroaas. Nosso pai ainda não está em condições para pegar a estrada sozinho.

Uma enfermeira jovem, de rosto redondo e com perfume adocicado nos interrompeu. Ela injetou o analgésico no acesso do meu soro.

Quando a moça se foi, Fabrizio puxou uma cadeira e se sentou bem pertinho da cama. Eu conhecia aquela expressão.

— Vai, desembucha — eu disse.



— O agiota? Tem certeza? — Enrijeci.

— Não. Mas você mesma disse que o freio do Jeep não funcionou. — Fabrizio inspirou fundo antes de continuar. — Na semana passada, quebraram o farol do carro da Sienna. Não bastou o cretino mandar me encherem de porrada, meu prazo está acabando e ele quer me atingir de outras maneiras.

Chocada com a possibilidade de ter sido vítima de uma tentativa de homicídio, contei a ele sobre a pedra com o bilhete amarrado.

— Aquele filho da puta — Fabrizio se exaltou. — Deve pensar que você vai envolver a polícia. Eu falei que você sabe sobre a dívida — admitiu.

— Espera aí — mordi meus lábios —, algo não se encaixa. Uma coisa é quebrar o farol da sua esposa e deixar um bilhete ameaçador para mim. Outra é sabotar o freio do meu carro podendo me matar. Veja, estou produzindo a festa que vai pagar as nossas dívidas. — Massageei as têmporas. — Por que o agita faria isso?

— Ele não raciocina assim, Pietra. Está pouco se lixando de onde vem o dinheiro. No dia que mandou os capangas me darem aquela surra, falou na minha cara que a Sienna é uma gostosa e se eu colocasse ela na roda, conseguiria a grana dele rapidinho.

— Como ele pôde?

— É um homem sem escrúpulos — Fabrizio me cortou. — Bem, deixei seu carro na oficina, está bastante amassado. Mas nem se preocupe, já acionei o seguro e aproveitei para pedir uma revisão minuciosa. Vamos descobrir se seu freio foi mesmo sabotado. O mecânico ficou de me ligar com as notícias.

Eu não estava convencida de que o agiota se daria ao trabalho de sabotar meu freio para atingir meu irmão. Em compensação, o assassino do Luca teria motivos para querer me calar. Senti um conhecido frio percorrer minha espinha.

A porta se abriu de novo. Era Carlo, acompanhado de Anna e Marco.

— Graças a Deus! Corremos para cá logo que recebemos a boa notícia, minha querida. — A voz estridente de Anna tomou o quarto.

— Bom te ver acordada, Pietra. — Carlo sorriu.

— Obrigada, gente. Quando posso ir para o sítio? — Encarei meu padrinho, sem conter a ansiedade.

— A doutora quer que fique sob observação até o final do dia. Se a dor de cabeça melhorar, te liberamos. — ele parou ao meu lado. — Mocinha, você está debilitada, precisa repousar. Por isso, a condição é: sem esforços físicos. Ao menos até o Natal. Estamos entendidos?

Fitei meu irmão com um ar de súplica.

— Nem vem, ordens médicas. Inclusive, pedi para minha funcionária arrumar seu quarto lá em casa. — Fabrizio completou. — Vamos mimá-la.

— Mas falta organizar vários detalhes da festa — reclamei.

— Sem dramas, o Réveillon está planejado. Além do que, restarão cinco dias úteis depois do Natal para os últimos ajustes. Eu passei no sítio ontem, fui pegar algumas roupas para você. Nem acredito no ótimo trabalho que fez em pouco tempo, a casa ficou impecável, adorei o amarelo das paredes. — Ele piscou.

Pelo visto, o Luca não destruiu a casa na minha ausência.

— Boa, cara. — Marco deu um passo vacilante em minha direção. — Sua irmã é uma *workaholic*. Alguém precisa forçar a Pietra a relaxar — brincou. — Baixinha, você deixou todos desesperados. Chega de sustos, irmãos Barone. — Engrossou a voz.

Fabrizio soltou uma risada e concordou com um movimento de cabeça.

Meu olhar sustentou o do Marco, eu buscava por qualquer indício de culpa. No entanto, só enxerguei uma preocupação autêntica. Ele parecia um homem diferente daquele que tentou me agarrar à força. Mas os psicopatas são assim, não são? Dissimulados. Não sentem remorso, conseguem esconder muito bem suas emoções. A ideia me causou um nó no estômago. Engoli a bile.

— Pense em recuperar as energias, querida. Encare como uns dias de folga — Anna insistiu. — Nem se preocupe, do Natal cuido eu.

Ponderei por um instante. Eu precisava mesmo estar cem por cento para a festa da virada. De repente, outro pensamento me ocorreu. No dia do meu acidente, saí transtornada, abandonei o vizinho falando sozinho na minha casa, nem sequer peguei a chave.

— Fabrizio como entrou no sítio?

— Pois é, o Enrico esteve lá em casa e deixou a chave com meu jardineiro. Eu não entendi direito. — Vincou a testa. — Parece que você a esqueceu na fechadura. Como ele ia viajar, achou melhor trancar sua porta.

— Hã? — Engoli em seco. — Ele viajou? — De certo modo, a notícia me pegou de surpresa. Enrico disse que não iria.

— Pare de se preocupar à toa, pirralha. Aquele italiano é super organizado, nunca pisaria na bola, deixou as bebidas da festa com a Maria.

Minha visão periférica detectou o Marco me estudando. Doía-me admitir, ele tinha razão. O vizinho era um come quieto e esses são os piores.

— Claro. Enrico Savoia nunca pisaria na bola. — Consumida pelo ódio, trinqueei a mandíbula e me encolhi na cama. Meu cérebro imaginava-o em seu reencontro ardente com a linda noiva, tomei ar me negando a derramar uma única lágrima pelo *stronzo*.

CAPÍTULO 26

NA MANHÃ SEGUINTE, conforme o programado, Fabrizio saiu bem cedo para São Paulo, dormiria na casa dos nossos pais naquela noite. Meu irmão levava o adiantamento do DJ, com quem teria uma reunião. A grana vinha do primeiro lote dos convites da festa, todos vendidos em um único dia, apenas para convidados *VIPs*. A estratégia do Fabrizio era criar um burburinho e cobrar bem mais caro o próximo lote.

Um gênio do marketing.

Eu tomava meu café da manhã sozinha quando Sienna se sentou à mesa. A funcionária deles tinha ido ao mercado, era a oportunidade perfeita para uma conversa franca com minha cunhada. Sem saber como introduzir o assunto, decidi ir direto ao ponto e pegá-la desprevenida.

— Bom dia, Sienna. Estou curiosa com uma questão. Quanto tempo você e o Luca ficaram juntos? — A pergunta soou natural, como se eu estivesse pedindo um pedaço de bolo.

— Hein? — Suas sobrancelhas se arquearam. — De onde veio essa ideia ridícula? Ainda está sob efeito dos remédios? — ela debochou, tomando um gole de suco de laranja.

— Escutei sua discussão com a Grazi no outro dia na cozinha. Vai negar que engravidou dele? — Eu me inclinei sobre a mesa e lancei uma mirada desafiadora.

O rosto da minha cunhada empalideceu, hesitante, ela afundou na cadeira.

— Tudo bem, que se dane, me pegou — disse após alguns segundos, erguendo as mãos para o alto. — Satisfeita com minha confissão? — Suas palavras saíram bruscas. — Olha aqui, fique sabendo que foi antes do namoro com seu irmão. Eu não traí o Fabrizio — enfatizou.

— Omitir é uma espécie de traição, Sienna.

— Ahã. Fácil para você me julgar — cuspiu. — Consegue imaginar a reação do Fabrizio? Seu irmão pode aparentar ser tranquilo, mas tem sangue italiano correndo nas veias. Ele e o Luca eram melhores amigos.

— Escuta, não quero te julgar, e sim entender. — Abaixei meu tom. — Me conta o que aconteceu.

— A real? Eu me apaixonei pelo Luca naquele ano. — Suspirou. — Não fui exceção à regra, todas as meninas da escola sofriam de paixonite por ele, não é? — Sienna me provocou. — Fazer o quê? Era difícil escapar do charme dele. Sendo justa, o Luca tentou resistir porque Vila Allegro inteira sabia que o Fabrizio era a fim de mim. Imagino que os hormônios da adolescência falaram mais alto.

— O Luca também se apaixonou por você? — perguntei, uma pontada de um ciúme irracional me atingiu.

— Quanta ingenuidade, cunhada. — Ela deu uma risada amarga. — Fui mais uma na lista do garanhão. Ele estava interessado em conquistar uma mulher experiente. — Fez uma careta.

— Quem? A dona Patrícia?

Sienna me observou, cabreira.

— Garota bem informada. Se lembra que todos os garotos babavam nos peitões dela? — Revirou os olhos. — O Luca estava fazendo uns bicos no armazém para juntar dinheiro, queria ser contratado, ter um salário fixo. E no fim, conseguiu.

— Como pode ter tanta certeza de que eles tiveram um caso?

— Eu peguei os dois em um clima de romance em pleno expediente. — Trincou os dentes. — A gente tinha transado, eu achava que íamos engatar um namoro. Saí do armazém aos prantos e chorei o dia inteiro, mas, no fundo, foi bom. Resolvi ficar com quem gostava de mim para valer.

— Meu irmão.

— Não fazia ideia que estava grávida, juro. — Contraiu a boca bem delineada.

— E se o bebê fosse do Fabrizio? Vocês iniciaram o namoro na sequência.

— Quem me dera. — Uma lágrima escorreu por seu rosto. — Com seu irmão foi diferente. — Sorriu. — Ele me tratava feito uma princesa imaculada, pensava que eu era virgem. — Sienna finalizou seu suco, as mãos tremulas. — Eu resolvi ir devagar, fazer do jeito certo.

— Chegou a contar para o Luca? — Fingi não saber a resposta.

— Sim. Na festa de Réveillon de 1985. O Luca tinha entrado na faculdade de cinema em Roma. Eu me enchi de esperança com a notícia, na minha cabeça idiota, me vi viajando para a Itália, constituindo uma família com ele. Como se um filho fosse mudar alguma coisa — disse, resignada.

— Ele não quis assumir a criança?

— A criança ele assumiria, tive a impressão de que curtiu esse lance de ser pai. — Sua voz falhou. — Mas o Luca nunca me amou. Eu estragaria seus planos. Porém, ele nem se preocupou em estragar os meus. — Houve uma pausa. —

Decidiu procurar o Fabrizio e abrir o jogo porque não aguentaria viver com esse peso. Percebe? *Tudo* era sobre ele! — grunhiu.

— Deve ter sido horrível para você. E o que aconteceu depois?

— Minha cabeça entrou em parafuso, eu falei que não levaria a gravidez adiante, ele surtou. Brigamos. Fui para um canto escuro me recompor, não podia dar bandeira. Eu queria era sumir do planeta. Então, vi o Luca abordando minha mãe. Mesmo sem escutar o que eles estavam dizendo, era óbvio pelo jeito que ele gesticulava. Luca estava puto. E minha mãe tentando acalmá-lo para evitar um escândalo. Você sabe como ela é. A partir daí, eu soube que dona Graziela tomaria as rédeas da situação.

— Ela te obrigou a fazer o aborto? — Arregalei os olhos com medo da resposta.

— O Luca morreu — balbuciou. — O que me restava? Ser mãe solteira? Sua querida madrinha jamais permitiria que um descuido acabasse com o futuro promissor da única filha. A história *dela* não podia se repetir. Segundo a dona Graziela, eu tinha a vida inteira para ser mãe. Ah, se eu soubesse. Foi tão fácil engravidar aos dezesseis anos... — A voz de Sienna esvaneceu antes de terminar a frase.

Novamente minha madrinha no centro da confusão.

Pela primeira vez, enxerguei a profunda dor da minha cunhada, alguém que cresceu escutando a própria mãe lamentar a gravidez inoportuna. De forma indireta, Grazi culpava a Sienna pelos seus fracassos.

Ficamos uns bons minutos caladas. Beberiquei meu café, minha mente a mil.

— Existe alguma possibilidade de o meu irmão ter ficado sabendo da sua gravidez na festa? — rompi o silêncio tenso.

— Que pergunta, Pietra. — Ela assoou o nariz com o guardanapo. — Se ele soubesse, teria terminado comigo na hora.

Eu conhecia o Fabrizio como a mim mesma. Meu irmão seria capaz de representar, engolir o próprio orgulho para não perder a garota dos seus sonhos. Porém nunca perdoaria a traição do melhor amigo.

— Tenta se lembrar. Notou algo de diferente no Fabrizio durante a festa, um comportamento incomum?

— Bom — ela penteou o cabelo com os dedos —, eu me lembro de ter achado seu irmão nervoso. Sei lá, algo na postura dele. Emendava uma taça de espumante na outra, ainda mais depois da virada do ano.

— Vocês ficaram o tempo todo juntos? — continuei o interrogatório.

— Pelo contrário. — Ela estreitou a vista. — Logo quando cheguei, o Fabrizio foi ajudar seu pai com algum tema relacionado às caixas de vinhos. Fui sozinha para a pista de dança, cruzei com o Luca. O resto já te contei. Eu e seu irmão nos reencontramos só na hora da contagem regressiva. — Ela ficou pensativa, assumiu

um ar melancólico. — Acho que ele tinha planejado transar comigo no Ano-Novo. Talvez por isso estivesse bebendo daquele jeito, para se sentir confiante. Tentou me levar para o quarto, eu me esquivei. Não tinha clima. Lembro da decepção no rosto dele, disse que ia fumar e demorou séculos para voltar.

Meu peito apertou. Fabrizio costumava fumar no lago. Ele acabara de ser desprezado pela namorada e tinha enchido a cara. Teria encontrado com o Luca?

Merda. Não posso descartar meu irmão da lista de suspeitos.

— Pretende contar para ele? — As palavras da Sienna atrapalharam minha linha de raciocínio.

— Eu não. Mas *você* deveria, pode ser libertador. Se tem uma coisa que aprendi, é que precisamos enfrentar o passado para seguir com o presente.

— E essa obsessão pelo Luca é sua maneira de enfrentar o passado? Quer saber? — Sienna se levantou em um rompante. — Se ainda está apaixonada por aquele babaca insensível morto há quinze anos, o problema é seu. Mas deixe os outros seguirem com suas vidas. Em paz.

CAPÍTULO 27

MINHA MÃE ENTROU EM CASA feito um tornado, largou as sacolas que trazia consigo no chão e me envolveu num abraço.

— Eu contei do seu acidente no caminho. — Fabrizio vinha atrás dela, empurrando três malas. — Dona Telma, vai quebrar a Pietra desse jeito. — Ele riu.

Ela me soltou, deu um passo para trás. Seus olhos azuis umedecidos.

— Estou te achando tão magrinha. Como se sente?

— Nada que eu não recupere com a comilança do Natal, mãe. Foi só um susto, ganhei um ou outro hematoma e uns arranhões. A dor no corpo já melhorou bastante.

— *Che bella notizia*. Seu velho pai não aguenta mais fortes emoções. — Seu Raul surgiu no meu campo de visão, caminhava devagar. O cabelo tinha crescido, ganhara peso. Eu me antecipei e fui ao seu encontro sem poder conter as lágrimas.

— Você está fantástico, pai. — Salpiquei um beijo demorado na bochecha dele. — E curado. Esse é o melhor presente de Natal do mundo.

— *Grazie, principessa. Niente lacrime, per favore*. — Ele tirou um lenço do bolso e limpou meu rosto. — Quando o doutor disse que sou a prova de que milagres existem, eu respondi que os Barone não se deixam abater facilmente — declarou, orgulhoso.

— Isso reforça minha teoria. Somos vasos ruins. — Fabrizio fez aspas com os dedos.

— *Pagliaccio*. — Ele franziu a testa para o meu irmão e voltou-se para mim. — *Sono Felice*, Pietra. Soube que fez um ótimo trabalho no sítio. É tão gratificante ver vocês interessados na propriedade onde cresceram.

— Verdade, filha — concordou minha mãe. — Quero te dar uma mão com o jardim depois da festa de arromba. Pela minha experiência, as flores são as maiores prejudicadas. Ai, que emoção. Vai ser como nos velhos tempos. Acredita que, semana passada, sonhei com crianças jogando vôlei na piscina? Meus futuros netos.

Forcei um sorriso. Como dona Telma vai se sentir quando descobrir? Existia uma grande chance de quitarmos a dívida do agiota com o dinheiro do Réveillon, ainda assim, teríamos que vender o sítio para reerguer a empresa e seguir em frente.

O sonho da minha mãe vai se transformar em um pesadelo.

— Pelo tamanho das malas, pretendem ficar em Vila Allegro o ano todo. — Fabrizio tornou a fazer gracinha mudando de assunto.

— Uma semana. — Dona Telma uniu as sobrancelhas.

— Como se não conhecesse *tua madre*, Fabrizio.

— Que injustiça. Uma das malas é da Pietra — ela rebateu. — Filha, deixou o guarda-roupa inteiro lá em casa, achei que estivesse precisando. — Ela me mediu. Eu vestia calça legging, uma camiseta surrada e meu All Star de guerra. — Vejo que não me enganei — adicionou. — Ah, trouxe sua sandália de salto fino e aquele vestido vermelho. É perfeito para o jantar dessa noite.

— Obrigada. — Pigarreei. Era a cara de dona Telma se atentar a esses detalhes. A eterna preocupação em me ver bem-vestida, elegante. Como uma Barone deve ser. Apesar dos pesares, existia um lado bom na história, eu me livraria de usar uma roupa emprestada da Sienna. Desde a nossa conversa indigesta no café da manhã, minha cunhada estava me evitando. Não era de se estranhar. Eu botara o dedo na sua ferida, desenterrei seu maior segredo, ela tinha medo de que isso pudesse destruir seu sólido casamento.

Fabrizio instalou nossos pais no quarto ao lado do meu, no térreo, e voltou para a sala.

— Eles resolveram tomar banho e descansar da viagem — relatou meu irmão, girando o pescoço para se certificar que estávamos sozinhos. — O mecânico me telefonou, seu Jeep ficou pronto. — Abaixou o tom de voz.

— E aí? Alguém sabotou meu carro? — Meus ombros se contraíram.

— A única coisa errada eram as pastilhas de freio um pouco gastas, mas não o suficiente para causar o acidente. Ele acredita que o freio não respondeu devido ao Jeep estar em alta velocidade e a pista escorregadia pela chuva forte.

— É uma boa notícia. — Soltei o ar.

— Foi mal, pirralha. Te assustei sem motivo. Ando paranoico. Não vejo a hora de me livrar do agiota.

— Ambos estamos com os nervos à flor da pele. Tem outra coisa me preocupando. Escutou a dona Telma? Caramba, nossos pais nem imaginam que vamos vender o sítio, vão ficar arrasados. Se der certo pagar o agiota com o lucro da festa, talvez exista outra saída.

— Pietra — ele me cortou —, não estou te reconhecendo. Segundo suas próprias palavras, Vila Allegro é um fim de mundo e o sítio um lugar amaldiçoado. — Ele

me imitou. — Se não vendermos a propriedade, qual o plano? Como vou tocar a empresa? Como pretende refazer sua vida em São Paulo? Precisamos dessa grana. Ponto-final.

Assenti. Como diz o ditado “não se faz uma omelete sem quebrar os ovos”, escolhas exigem sacrifícios. Diferentemente de mim, meu irmão estava sendo prático, racional. Essa era nossa única alternativa a curto prazo. Fora que eu tinha que manter a maior distância possível de um tal Enrico Savoia, arrancá-lo de uma vez do meu coração. Mas existia o Luca. E minha sede de justiça. Meu amigo merecia descansar, devia isso a ele. Não podia abandoná-lo preso no sítio pela eternidade.

Droga, o tempo está se esgotando.

CAPÍTULO 28

DAVA PARA SENTIR O PERFUME do tender da rua.

Graziela nos recebeu com um sorriso delineado por um batom rosa cintilante, usava uma saia preta na altura dos joelhos e uma blusa com brilhos, os cabelos presos em um meio rabo.

— É maravilhoso ter vocês aqui — cumprimentou meus pais com um beijo. — Comadre, está impecável, como sempre.

Minha mãe vestia uma calça pantalonas escura, camisa de seda verde e um colar de pérolas. Era mais alta que eu, mas não dispensava um salto. Por isso, ficou inconformada quando decidi usar meu velho All Star em vez da sandália chique. Por sorte, contei com o bom senso do meu pai.

— *Amore mio*, nossa filha precisa se recuperar. Será um jantar íntimo, melhor que ela esteja confortável — disse ele, antes de sairmos.

Os olhos pintados da Grazi baixaram para meus braços expostos.

— Pietra, seus arranhões estão melhorando, até o Réveillon nem vai dar para notar. O Fabrizio te contou que passei a última noite contigo?

— Claro, sogrinha — meu irmão respondeu por mim.

— Foi horrível te ver naquela cama de hospital, falando de... morte. — Ela segurou minha mão. — A enfermeira me garantiu que era parte dos efeitos colaterais da medicação.

Morte? Engoli em seco, torcendo para não ter revelado nada sobre minha investigação.

— Mãe, que tal continuarmos o papo lá dentro? — Sienna ajeitou o vestido colado, a voz emburrada.

— É claro, entrem, por favor. — Minha madrinha nos deu passagem.

Havia um pinheiro natural contornado por luzes piscantes e bolas vermelhas no meio da sala, além do presépio enorme montado em cima de um móvel baixo.

Um garçom, que reconheci do Lótus, chegou nos oferecendo canapés de presunto italiano cru com melão.

— Meus queridos — Carlo fez festa para meus pais —, sejam bem-vindos.

Seu Raul entregou a ele uma garrafa de um Reserva Cabernet Sauvignon da vinícola Barone.

— *Grazie, amico* — Carlo analisou o rótulo —, meu favorito.

— O professor Lorenzo vem? — perguntei.

— Lorenzo prefere a solidão. Eu te avisei para não criar expectativas, Pietra. Será um Natal em família. — Frisou meu padrinho. — A Anna está finalizando o jantar e vem se juntar a nós, podem acomodar os embrulhos perto da árvore.

— E o Marco? — Fabrizio perguntou, abocanhando um canapé.

— No telefone, trabalhando em plena véspera de Natal.

O jantar foi servido pelo garçom quarenta minutos depois. Marco chegou por último. Parecia incomodado, sentou-se entre o pai e a prima. Minha cunhada tampouco estava à vontade. Por alguma razão, não gostava de frequentar aquela casa.

— Rapaz pode nos servir de vinho? — pediu Carlo.

O garçom abriu a garrafa e Anna virou sua taça sem ao menos brindar.

Meu padrinho a fitou, sério.

— Ao Natal em família. — Grazi limpou a garganta e ergueu a taça.

Todos imitaram seu gesto.

Anna propôs que rezássemos antes da refeição, puxou um pai nosso emendando um discurso sobre a simbologia do Natal e a importância do perdão. Então, sem aviso, encarou um ponto fixo à sua frente e se calou.

— Anna? Tudo bem? — perguntou meu pai.

— O que eu estava dizendo? — Ela soltou um longo bocejo. — Eu me perdi no raciocínio. Dormi pouco essa noite, me desculpem.

Notei suas olheiras profundas camufladas pelo corretivo.

— Imagina, somos de casa. Final do ano é corrido, bom apetite. — Minha mãe provou o Tender. — Hum, delicioso.

Marco remexia a comida com o garfo, totalmente absorto. Havia algo esquisito no ar, uma energia carregada.

Terminada a ceia, nos posicionamos ao redor da árvore para trocar os presentes. Sem jeito, me desculpei por não ter comparado nada para ninguém. Em compensação ganhei um bocado de mimos. Da minha mãe, um vestido de grife frente única para usar no Réveillon.

— Pietra será uma anfitriã deslumbrante — ela disse, alegre.

Agradei. Porém, me preocupava com as extravagâncias de dona Telma, vivendo no seu mundo cor-de-rosa, gastando no cartão de crédito da empresa endividada.

Grazi me deu um kit de maquiagem completo e Carlo me entregou uma caixinha prateada. Meu queixo caiu ao me deparar com um delicado brinco de brilhantes.

— Gostou? — meu padrinho quis saber.

— São incríveis! Agora, sim, estou preparada para o Réveillon.

— Ao menos você, consigo agradar. Marco, melhora esse humor, o Papai Noel está sendo bastante generoso contigo — Carlo chamou a atenção do filho largado no sofá.

— Cara, esse relógio na sua mão é um Rolex? — Os olhos do meu irmão se arregalaram.

— O melhor cineasta do Brasil merece. — Anna sentou-se ao lado do filho. — Sabiam que o novo curta-metragem do Marco foi premiado? — proclamou com a voz mole.

— Selecionado, mãe — ele a corrigiu, colocando o relógio no pulso. — Para o festival internacional de cinema de São Paulo.

— Puxa, parabéns! — Fabrizio bateu palmas.

Anna deu o primeiro sorriso genuíno da noite, se gabava do filho. Era oficialmente a mãe mais coruja do universo. E toda aquela idolatria só servia para deixar o Marco mais esnobe.

Fui saindo de mansinho em busca do garçom. Avancei pelo corredor da sala. Nem sinal do rapaz. Tudo bem, eu mesma providenciaria um refrigerante. Deslizei a porta que dava acesso à cozinha. Na geladeira, peguei uma garrafa de Coca-Cola tamanho família e a pus em cima da mesa. Precisei ficar nas pontas dos pés para alcançar os armários suspensos. No meio de taças de cristal, uma caixa de remédios tarja preta entreaberta. Curiosa, estiquei meu braço.

— *Lady in red, is dancing with me.* — A voz de Marco, cantando a música do filme “A Dama de Vermelho”, soou às minhas costas.

Dei um salto, quase tropecei. A caixa escorregou por entre meus dedos e caiu.

— O que você quer?

— Calminha, Pietra. Não estou te perseguindo, ok? Cansei daquela falação e vim tomar um refrigerante. — Marco apontou para a garrafa de Coca-Cola, olhou para a caixa caída e de novo para mim.

— E-eu não quis bisbilhotar. Achei o remédio entre as taças — contei.

Ele se ajoelhou no piso de porcelanato, apanhou a caixa e puxou de dentro dela uma cartela prateada vazia.

— Porra, isso explica muita coisa. Minha mãe está se automedicando de novo, escondeu os calmantes aqui — resmungou.

— Ela é bem grandinha para precisar *esconder* os próprios calmantes. — Enruguei a testa. — Por que faria isso?

— Meu pai é quem toma conta dos comprimidos, libera quando *ele* julga necessário. O coroa é médico, sabe o que faz. Essas coisas podem viciar. E piorar a situação.

— Como assim?

— Minha mãe tem um histórico de apagões causados pela hipotensão.

— Foi isso que ela teve no jantar, um apagão?

— Difícil dizer. De qualquer modo, misturar calmantes com álcool dá merda e minha mãe sabe muito bem disso. — Bufou. — Hoje ela perdeu a consciência por um minuto, Pietra. Teve uma vez que desmaiou no supermercado e nem se lembrava que tinha ido fazer compras.

— Nossa, então é bem sério. Não fazia ideia. Sempre achei a dona Anna uma mulher tão centrada, tranquila.

— Ela toma remédios para controlar o ritmo cardíaco e a pressão arterial há anos, isso ajuda a prevenir os apagões. Já a tal calma, ela mantém com muita oração e — levantou a cartela — com isso aqui. Por trás das aparências, todos temos nossos segredinhos. — Ele me observou com uma expressão sombria, aqueles olhos cinzas frios.

— Melhor guardar a caixa no mesmo lugar para evitar uma briga entre seus pais.

— Farei isso. A propósito, os copos do dia a dia estão no armário ao lado. Deixa comigo, baixinha, percebi sua *dificuldade*. — Marco recuperou o tom irônico.

— Esses armários são pensados para gente alta.

— Pega o gelo. Isso você consegue alcançar. — Ele riu.

Eu nem me dei o trabalho de responder à piadinha infame, era um mecanismo de defesa. Marco podia ser um grande babaca, mas ficou nervoso ao ver que Anna estava tomando calmantes descontroladamente. Ele se importava com a mãe.

Tirei uma forma de gelo e, ao fechar o freezer, reparei na folha pautada presa por ímãs. Uma lista de compras escrita com uma letra bonita. E familiar.

Imediatamente, minha mente fez a conexão. A caligrafia no bilhete jogado com uma pedra em minha cozinha. Os calmantes detectados no sangue de Luca pela polícia. Engoli em seco me lembrando que Anna acreditava que Luca havia mesmo trapaceado e roubado a vaga de Marco na universidade de cinema.

Ela sabe a merda que dá misturar calmante com álcool.

Até onde uma mãe dedicada iria para realizar o maior desejo de seu único filho?

A cozinha começou a girar. Meus joelhos fraquejaram. Eu desabei.

CAPÍTULO 29

— VALEU POR ME AJUDAR. — Minha voz saiu fraca.

Eu estava deitada em uma cama *king size* em um quarto suntuoso. Esfreguei a testa, uma dor de cabeça ameaçava irromper. Em silêncio, pedi forças para controlar meu pânico. A Anna escreveu o bilhete ameaçador. Precisava comparar as folhas para ter certeza. Mas ela seria capaz de matar? A não ser que estivesse fora de si, podia ter misturado os calmantes na bebida do Luca e a situação saiu do controle.

E tem ainda esse lance dos apagões que afetam sua consciência. Eles discutiram naquela noite. Mantenha o sangue frio, Pietra, ainda faltam peças nesse quebra-cabeça.

— Vou chamar meu pai para te examinar.

— Não. Por favor. O Carlo vai exigir que eu fique mais dias de repouso.

— Então me explica que diabos aconteceu na cozinha. — Ele cruzou os braços. As mangas da camisa dobradas na altura do cotovelo.

— Esse calor, minha pressão caiu. — Dei um gole na Coca-Cola gelada. — É passageiro. Será que pode esquecer?

— E você, pode esquecer nosso mal-entendido no seu sítio?

Eu tinha que seguir com o plano de me aproximar do Marco e descobrir a verdade.

Talvez ele e Anna estivessem juntos no lago. Porque, independentemente dos calmantes, alguém empurrou o Luca daquele penhasco. De qualquer forma, um bilhete ou as memórias confusas de um fantasma não eram provas consistentes. Meu conhecimento de direito se resumia aos livros e filmes policiais, no entanto, qualquer um sabe que a única forma de colocar um assassino na cadeia quinze anos depois do crime é conseguir uma prova incontestável. Ou a confissão do criminoso. E eu estava disposta a arrancá-la.

— Perdoado. Considere seu presente de Natal.

Ele se sentou na beirada da cama.

— Prometo ir com calma, ser paciente.
Marco me observava, a testa enrugada.
— Quê?
— Descobri com quem você se parece nesse vestido vermelho, baixinha. A atriz daquele filme “Patricinhas de Beverly Hills”.
— Alicia Silverstone? Ela era uma adolescente nessa época.
— Digamos que você é a versão dela mais madura e com alguns traços italianos.
— Riu.
— Desde quando esse é seu tipo de filme?
— Vi recentemente, referência para uma campanha publicitária que vou dirigir. Achei a atriz uma delícia — completou, malicioso, acariciando meu cabelo.
— Marcooo. — O grito de dona Anna chegou ao quarto me salvando da saia justa.
— Que saco. Prometi dar uma carona para o garçom. Não vou contar do seu desmaio. Vou só dizer que você está relaxando no ar-condicionado, combinado?
— Legal da sua parte.
— Eu sei ser legal. Volto daqui a pouco. — Deu uma piscadela e passou a língua nos lábios. O que ele considerava um charme não surtia nenhum efeito em mim além de nojo.

Assim que Marco saiu, me levantei sorrateira. Não ia perder a chance de fuçar nas coisas dele. Comecei pelas gavetas da cômoda, uma bagunça. CDs misturados com jornais antigos, um monte de revistas de cinema e uma revista *Playboy*. Continuei vasculhando, nada de comprometedor. No *closet*, apenas roupas penduradas, bonés e um skate antigo, apoiado no fundo. Então, na parte de baixo, junto aos tênis e sapatos, vi uma mochila preta. Abri o zíper e encontrei um calhamaço de folhas que, pelo conteúdo, devia ser um roteiro cinematográfico. Também achei uma pasta transparente com cópias de documentos, uma carteira sem dinheiro e um envelope pardo fechado com fita. Intrigada, usei minhas unhas tomando o maior cuidado para não o rasgar.

Eu ouvia as vozes das pessoas lá fora festejando o Natal enquanto buscava provas de um homicídio. Passos ecoaram pelo corredor, minha pulsação estava disparada e a porcaria da fita parecia mais grudada que o normal. Eu tinha que abrir o envelope antes que alguém me pegasse no flagra revirando os pertences de Marco, que eu conhecia por toda a minha vida. Prendi o ar. Os passos se afastaram. Fosse quem fosse, devia só estar indo ao banheiro. Finalmente, consegui abrir o envelope.

Havia, pelo menos, dez fotos lá dentro, eu as puxei devagar. Era um ensaio profissional. Uma modelo super maquiada e de roupas curtas fazendo caras e

bocas. Fui passando as fotografias, até que meus olhos se fixaram em uma de close.

— Puta que pariu. — Levei a mão à boca. — Como não percebi antes? Era Bia, a garçonete do Lótus. Aparentava ser mais velha com toda a produção. Segui olhando. E as últimas fotos me deixaram sem ar. A jovem encarava a câmera de um jeito sensual. Nua.

Ela fez um Book para tentar a carreira de modelo, a conversa com a Maria ecoando na minha cabeça.

Meu estômago se embrulhou. Marco era o *namorado* misterioso da adolescente.

CAPÍTULO 30

OS DIAS DEPOIS DO NATAL foram repletos de angústia. Logo que coloquei os pés no sítio, corri para checar o bilhete ameaçador. Conforme minhas suspeitas, a letra batia com a da lista de compras pregada na geladeira da família Rizzi. Seria a prova de que Anna teria empurrado meu amigo penhasco abaixo? Pouco provável. Mas, sem dúvidas, era cúmplice do pervertido do Marco e queria me intimidar porque minhas perguntas inoportunas a respeito do Luca despertaram seu lado leoa, capaz de qualquer coisa para proteger o filhote. Jamais permitiria que ele enfrentasse uma acusação de assassinato.

Eu estava morrendo de medo de que Marco desconfiasse do quanto eu sabia e tentasse me fazer algum mal. Pela noite, era pior, me assustava com qualquer barulho e meu estado de alerta era constante. A insônia se transformou em uma companheira, minha mente questionadora não desconectava. Por quanto tempo Marco esteve me observando na cozinha? O suficiente para ter me flagrado avaliando a lista da mãe com cara de espanto? Droga, ele viu meu estado de nervos diante dos calmantes dela. Teria ligado os pontos? E se me deixou sozinha no seu quarto para me testar? E se, por algum motivo, quisesse que eu encontrasse o envelope? Talvez fosse mais dissimulado do que eu pensava. Senti meu estômago arder. Minhas perguntas só geravam mais perguntas. Todas sem respostas.

Ainda assim, não podia ficar na casa do meu irmão, faltava organizar os detalhes finais da festa. E mais, precisava fazer o Luca confirmar o que tinha acontecido no Réveillon de 1985. Expliquei para meu amigo o motivo da minha ausência nos últimos dias, sem entrar em detalhes e evitei tocar no assunto “confusão pré-acidente”. Era melhor evitar motivos para um ataque de raiva. De ambos.

Terminamos de assistir ao vídeo que o professor Lorenzo colocou na caixa junto com as demais coisas do filho, a última gravação na qual Luca aparecia com toda a turma e respectivos pais antes do Réveillon. Eu duvidava muito que Marco tivesse jogado fora a gravação da noite da festa como disse no coquetel da Sienna, mas

nunca teria acesso àquela fita. E as imagens felizes que vimos do jogo de vôlei na piscina e do churrasco animado não ajudaram a reativar a memória do Luca.

Eu vinha notando que ele estava indiferente, como se não se importasse mais. Era difícil ter certeza dos sentimentos dele. Sem o auxílio do italiano *stronzo*, só me restava o Genius e a comunicação por meio do brinquedo saía truncada.

Meu vizinho desapareceu do mapa. Nenhum telefonema, nenhuma mensagem. Pelas manhãs, um deles abria a casa para arejar e alimentava a cachorra. Costumavam acenar para mim, eu retribuía com meu melhor sorriso forçado. Ao longo do dia, a Nina ficava solta, tristonha. Seus olhos amarelados sempre brilhantes, estavam opacos. Cravados na estrada. Nem minhas brincadeiras, nem a movimentação atípica no meu jardim a alegravam. Era de cortar o coração, devia sentir saudades do dono.

Eu a entendia. Por mais que não quisesse admitir, a falta de Enrico ia muito além de seu papel de intermediário das mensagens de Luca. O vestígio do cheiro dele ainda impregnava minhas roupas. Odiava a parte de mim que seguia desejando o contato com seu corpo. Doía não ter mais seus beijos, seu apoio. E, principalmente, era terrível não ter com quem dividir meus pensamentos sobre os possíveis culpados da morte de Luca.

Como dizia Pablo Neruda, um dos poetas favoritos do meu pai: é tão curto o amor, e tão longo o esquecimento.



Na madrugada do dia trinta para o dia trinta e um, tive um pesadelo horrível. Eu me vi adolescente na beira do penhasco observando um corpo de costas que boiava nas águas do lago, a roupa branca.

— Aguenta firme, Luca, vou conseguir te salvar — gritei a pleno pulmões.

Nesse momento, alguém tocou no meu ombro. Ergui a cabeça e me deparei com meu amigo, ou uma versão dele. A imagem era translúcida, fantasmagórica. Luca reluzia na escuridão. De repente, a Pietra de quatorze anos desapareceu, dando lugar para a Pietra do presente. Eu usava o vestido novo que ganhei da minha mãe no Natal. Sem entender direito, olhei para o Luca e de novo para o lago, o corpo ainda boiava de bruços, os braços abertos. A visão ficava cada vez mais turva. Porém, parecia diferente agora, menor. Como se o Luca estivesse encolhendo e fosse sumir. Em volta da cabeça, vi uma mancha escura. Sangue? E se fosse outra pessoa? As sensações eram incertas, à margem da minha percepção.

Acordei coberta de suor e da sensação de que, mais uma vez, eu tinha falhado.
De que eu tinha deixado o Luca morrer.

CAPÍTULO 31

PELA MANHÃ, FABRIZIO CHEGOU ACOMPANHADO pelo DJ, um rapaz na casa dos trinta anos, parecidíssimo com o falecido cantor da banda Nirvana, Kurt Cobain. Fomos até a tenda montada no jardim com uma mesa de monitor, torres de atraso, caixas acústicas e amplificadores. Além do DJ charmoso, tínhamos contratado um técnico local do tipo faz-tudo que cuidaria da queima dos fogos e providenciou um gerador para o caso de queda de energia.

O semblante do Fabrizio era uma mescla de êxtase e preocupação. O segundo lote dos convites havia sido vendido por um preço exorbitante. Pelos seus cálculos, o dinheiro seria suficiente para quitar a dívida com o agiota. Entretanto, a festa teria que ser perfeita, não existia margem para imprevistos.

Por volta do meio-dia, minha cozinha se transformou em um formigueiro, lotada de garçons comandados pela chefe Maria.

— Caraca, mulher, me deu um susto e tanto. — Ela me puxou para um abraço. — Gastei um monte de velas por sua causa, desculpa não ter ido te visitar.

— Pode parar, você estava em São Paulo providenciando os ingredientes para a ceia da festa. Tenho muita sorte de poder contar contigo, viu?

— Digo o mesmo. Trabalhamos bem juntas, afinidade profissional. Ninguém nos segura, Pietra Barone.

— Vamos impressionar até o mais exigente dos convidados.

— Pode apostar. — Ela piscou. — A decoração está um escândalo, tão alto-astrol. Aliás, falei com a Kiara essa manhã, ela vai preparar mini sonhos para combinar com a temática. Vamos servir os doces na virada. Pela minha experiência, o povo costuma encher a cara em festas boca livre, um pouco de glicose é sempre bom.

— Bacana, amei. — Ri. — Espera, Kiara, a atual proprietária da padaria Vila Allegro?

— Uma confeitadeira de mão cheia, garanto. — Maria pigarreou. — Ela vai preparar as sobremesas em geral, fez vários cursos na Europa.

— Acredito nas habilidades da moça e principalmente nas suas escolhas. Não te dei carta branca à toa. Vai ser ótimo ter a companhia da Kiara na virada do século — enfatizei a última frase.

Minha amiga concordou, meio sem graça.

— Correria, né? — ela emendou. — Menos mal que optou por um jantar no estilo americano. Facilita o meu lado.

— A ideia é uma festa jovial. Meu irmão disse que a maioria dos convidados tem entre vinte e trinta e cinco anos, se acomodarão nos sofás para comer. Igual no coquetel da Sienna. Aluguei poucas mesas, apenas para os mais velhos. Com isso, ganho espaço e facilita a circulação.

— Ótimo. Deixarei quatro funcionárias no buffet, duas em cada bar e oito garçons rodando com aperitivos e bebidas durante toda a festa. Ah — massageou as têmporas — contratei a *hostess* do Lótus para ficar na entrada recepcionando os convidados, conforme me pediu.

— E a Bia, vai trabalhar hoje? — sondei.

— Nem sinal dela, Pietra. — Seu rosto mudou. — Na casa dos pais, ninguém atende o telefone. Consegui arrancar de outra garçonete que ela está saindo com um homem mais velho cheio da grana. Esse homem deve ser casado, transformou a garota em sua amante. Credo. Me dá arrepios, essas coisas não costumam acabar bem.

O nojo tomava conta de mim sempre que pensava nas fotografias da garçonete nua escondidas na mochila do Marco. Ele não era casado, embora isso não amenizasse em nada. Bia tem dezessete anos, uma garota ingênua de um pequeno vilarejo.

O cretino deve ter prometido transformá-la em atriz em troca de favores sexuais. Eu tinha que contar minha descoberta para Maria.

Não é a hora nem o lugar, minha voz interior me impediu.

— Nessa época de festas, as famílias viajam, a Bia pode ter ido passear com os pais. Vamos aguardar, né? — Não chegava a ser uma completa mentira, eu queria mesmo acreditar nessa possibilidade.

— Bom, a Bia tem família no Nordeste — Maria ponderou.

— Você trouxe os vinhos orgânicos? — mudei de tópico.

— Lógico. O Enrico deixou as caixas no meu restaurante a caminho do aeroporto. Engraçado, ele tinha dito que era uma prevenção, caso tivesse problemas com o voo da volta. Cá para nós — ela baixou o tom de voz —, achei a energia do italiano pesada. Vocês brigaram, ele não vem para a festa?

— Deve estar se divertindo horrores na Toscana. — Fiz uma careta. — Deixa para lá — desconversei, mesmo louca para saber o que as cartas de Tarô diriam sobre meu vizinho mentiroso.

— E seu amigo fantasma? — ela sussurrou. — Não senti nenhuma *presença sobrenatural* desde que cheguei.

— Ele tem ficado pouco em casa, deve estar rondando pelo terreno — cochichei de volta.

— Precisa me atualizar da investigação. Espero que *ele* se comporte essa noite. — Maria manteve o tom baixo.

— Não posso te contar agora, mas, descobri quem foi. E, se tudo correr bem, ainda essa noite, vou desmascarar o cretino.



O sol partia, pintando o horizonte de um vermelho alaranjado. Era hora de me arrumar, precisava estar com a aparência à altura do meu papel de anfitriã.

Após uma ducha demorada, fiz uma escova nos cabelos, apanhei meu kit maquiagem e levei uns bons quarenta minutos no ritual de beleza. Ressaltei meus olhos com dois tons de sombra azul e um esfumaçado marrom apenas nos cantos, além de muita máscara de cílios. Passei pó para tirar o brilho da testa e, nos lábios, um gloss pêssego no mesmo tom do blush. Aquilo era inédito, em geral, não costumava perder mais de dez minutos me produzindo. Nem na época da empresa de eventos.

— Pietra Barone, você não é mais uma adolescente insegura. — Sorri satisfeita para meu reflexo no espelho. — O Enrico preferiu ficar na Itália com a noiva? Ele e toda a sua babaquice sobre o *bug* do milênio que se danem! — Coloquei meus novos brincos de brilhantes, me enfiei no elegante vestido branco e preparei minha melhor pose.

A festa da virada seria decisiva, não apenas porque o dinheiro salvaria a vida do meu irmão, também pela possibilidade de juntar todos os suspeitos no mesmo cenário do crime de 1984, incluindo os donos do armazém “O mundo da reforma”. Eu tinha vendido os convites mais baratos para eles em troca de um desconto nas tintas, estava convencida de que reviver a situação desbloquearia as memórias do Luca. Embora, àquela altura do campeonato, todas as evidências me levassem a uma pessoa: Marco Rizzi.

Vou fazê-lo confessar sua culpa. De uma forma ou de outra.

CAPÍTULO 32

A NOITE CAIU DANDO ARES MÁGICOS AO SÍTIO, a lua cheia reluzia no céu feito um enorme globo de prata. Caminhei pelo jardim ladeado por tochas. Joel passara pelo sítio na véspera, dava para sentir o delicioso aroma da grama recém-cortada. Admirei cada detalhe. As toalhas das mesas no tom azul-bebê com arranjos de cravos brancos e velas, as luzinhas no formato de estrelas espalhadas pelas árvores, os canhões de led presos em uma estrutura de metal iluminando a pista de dança ao ar livre.

Um nó se formou na minha garganta, a comparação era inevitável. O eco da festa da virada 1984 para 1985 estava em cada canto do sítio. Desde a tragédia, eu me negava a comemorar o Ano-Novo. Não pretendia invocar lembranças dolorosas, elas poderiam ser um gatilho para uma nova crise de ansiedade. O problema é que, uma vez que elas penetraram na minha mente, era impossível expulsá-las. Parei no meio do jardim por um instante e inspirei fundo.

— *Principessa, sono impressionato. Decorazione meravigliosa.* — A voz de seu Raul soou às minhas costas.

Girei sobre os calcanhares. Meu pai vestia calça social e camisa de linho branca.

— *Grazie, papà.* — A gente se abraçou e eu me senti reconfortada imediatamente.

— Nossa, filha, acertei no presente. Devia se arrumar mais. — Minha mãe me media com um leve franzir de testa, usava um vestido de seda azul-claro, o esmalte combinando.

— Obrigada, mãe, eu adorei — respondi, sinceramente. Por toda a minha vida, ansiei ouvir da minha mãe um elogio que não viesse seguido por uma leve alfinetada. *Agora que estou à beira do penhasco, consigo sua aprovação.* Não eram nas circunstâncias que eu queria, ainda assim, me sinta bem. — Vocês também estão elegantes.

— Seguindo a paleta de cores da sua festa. — Minha mãe deu uma piscadela. — Gostei que manteve as tochas no jardim — acrescentou, a nostalgia refletida em

seu olhar cristalino.

— Linda, mas um pouco nervosa — meu pai disse, carinhoso. — Você fica assim em todos os grandes eventos que produz? Precisa controlar seu lado perfeccionista.

Ele me conhecia bem demais. De fato, a Pietra de um mês antes estaria insegura pela organização de uma festa tão grandiosa. No entanto, agora, minha preocupação era outra. Algo muito maior estava em risco.

— Raul, olha só quem chegou — disse minha mãe.

— *Dio mio*, Lorenzo! — ele soltou, exaltado.

Fabrizio e o professor vinham até nós, ambos vestiam branco. Meu pai cumprimentou o amigo com um abraço e um tapinha nas costas.

— Seja bem-vindo, professor. É muito bom ter você com a gente. — Sorri.

Lorenzo retribuiu meu gesto, mas seu sorriso não chegou aos olhos. Pudera, o pobre estava ali pela insistência do meu pai. Como seria para o Luca reencontrá-lo? E por falar no Luca, onde diabos meu amigo havia se enfiado? Girei o pescoço em busca de algum sinal. Nada.

— O sítio está espetacular, Pietra. — O professor me deu um beijo na bochecha.

— Só não sei se me encaixo em uma festa de jovens — comentou.

— Claro que sim — eu e Fabrizio rebatemos em uníssono.

— O senhor é um convidado de honra, vai se sentar em uma mesa especial com nossos pais, Carlo, Anna, Grazi e os donos do armazém — informou meu irmão.

— Os donos do armazém? — Minha mãe levantou uma das sobrancelhas finas.

— Faz séculos que não vejo o casal.

Um garçom se aproximou nos oferecendo uma variedade de canapés.

— *Andiamo a mangiare*. — Meu pai aceitou o aperitivo. — Melhor forrar o estômago antes de beber. Fiquei contente que brindaremos o novo século com a nova edição do nosso espumante Rose Allegro Premium. Mas, confesso que estou bem interessado em provar os famosos vinhos orgânicos da vinícola Savoia. O Fabrizio anda fazendo a maior propaganda do neto do seu Nicola, um tal de Enrico — contou para o professor Lorenzo. — Quando vou conhecer nosso parceiro comercial, filho?

A menção do nome Enrico fez minha pulsação disparar. Se não fosse por mim, o vizinho mal-agradecido deveria estar na festa pelo trabalho. *Um péssimo marqueteiro*.

— Ele está na Toscana, foi passar o Natal com a família — explicou meu irmão.

E com a noiva. A bela Isabella. Franzi o nariz para o meu trocadilho patético.



A festa lotou. Eu não aguentava mais conversar sobre amenidades com os convidados. A música eletrônica suave contrastando com aquela falação, uma cacofonia ininteligível. O conhecido efeito euforia pré-virada do ano.

— O que tá pegando? — Fabrizio parou ao meu lado.

— Preciso socializar com um bando de desconhecidos e cuidar da logística, não sei se dou conta — admiti.

— Não entra em pânico, maninha. — Ele cutucou minha cintura. — Sei que prefere ser apenas uma observadora camuflada no ambiente. O que, convenhamos, é impossível. Está bonita demais para passar despercebida. Difícil é entender como trabalha com eventos com essa fobia social. — Fabrizio fez aspas no ar destacando a palavra “fobia”.

— Falamos disso mil vezes — fechei a cara —, sei produzir uma festa, mas funciono melhor nos bastidores.

— Na boa? Não quero te forçar a nada. Eu assumo cem por cento essa tarefa árdua. — Ele levou a mão ao coração. — Cada um com suas habilidades. Feliz?

— Mesmo? Estou liberada? — Soltei o ar com força.

Fabrizio fez um gesto com a cabeça concordando.

— Vou lá para dentro checar com a Maria a quantas anda o jantar, programei abrir a pista de dança *oficialmente* após a ceia.

— Agiliza. Gastamos uma nota contratando o DJ e a galera está com altas expectativas. Ei, pirralha, me faz um favor?

— Diga. — Eu me detive um instante.

— Se cruzar com a Sienna, fala que preciso de reforços, ela conhece a maioria dos convidados.

Passei pelas pessoas com a cabeça baixa e passos acelerados para que ninguém tentasse me parar.

Maria conversava com a dona da padaria perto da geladeira.

— Olha ela, puro glamour. — Maria estreitou a vista. — Gostei. Essa maquiagem te deixou com olhos felinos. — A chefe usava um vestido branco por debaixo do avental, assim como Kiara. — Se a senhorita veio saber sobre o maravilhoso jantar, estávamos guardando os doces. O buffet será servido em cinco minutos — emendou.

— Maravilha. Essa gente está ansiosa para dançar e eu pedi que o DJ esperasse para colocar as músicas agitadas depois da ceia.

— Pietra — Maria se aproximou —, entendo a adrenalina do momento. Como sua amiga, quero que relaxe ou vai ter uma síncope. Os convidados estão curtindo, só escutei elogios. Já pedi para os garçons distribuírem as folhas e as canetas,

assim todos poderão escrever seus pedidos de ano novo com antecedência. Tudo correndo conforme o planejado.

— Puxa, as folhas, obrigada. É tanta coisa que eu tinha me esquecido delas.

— Uma ideia genial, Pietra. — Kiara se empolgou. — A Maria estava me contando da importância de materializarmos nossos desejos. — Elas se entreolharam, cúmplices. — Adorei a forma que enrolou as folhas e prendeu com a fita azul, como um mapa de tesouro. Simbólico.

— Valeu, essa era a intenção.

— São os detalhes que tornam uma festa inesquecível — Kiara seguiu falando, entusiasmada. — A sua ficará para a história desse vilarejo, tenho certeza.

Senti um calorzinho de orgulho brotar no meu peito.



Eu não via a Sienna em lugar nenhum. Resolvi ir até a mesa da velha guarda para perguntar por ela.

— Oi, Pietra. — Anna ergueu a vista, os cotovelos apoiados na mesa. — Parabéns pela organização. — A voz dela saiu enrolada.

— Obrigada, dona Anna. — Puxei a cadeira à sua frente. — Onde está o pessoal?

— Se servindo no buffet. — Ela finalizou o vinho ao seu lado em um único gole.

— Por que a senhora não aproveita e come alguma coisa? — sugeri, analisando o estado alcoólico dela.

— Estou sem fome. Prefiro tomar mais um vinho refrescante. — Abanou a mão de maneira exagerada chamando um garçom. — Rapaz, aqui, está cego? — disse sem resquício de seus modos refinados.

O garçom chegou ligeiro, encheu a taça e foi atender outro convidado.

— Antes desse Natal, acho que nunca tinha visto a senhora bebendo. Está tudo bem?

— Conhece o salmo 34:19, minha querida? — Anna ajeitou com os dedos o coque, sua marca registrada. — “Muitas são as aflições do justo, mas o senhor o livra de todas.” — Solto uma risada amarga. — Não se preocupe comigo, sei me cuidar — cortou o assunto.

— Se a senhora está falando... — achei melhor não insistir. — Por acaso viu a Sienna?

— Sienna, Sienna. — Ela estalou a língua e os cantos da sua boca sem volume se ergueram. — Vi minha linda sobrinha perambulando cabisbaixa pelos cantos do

jardim. Deve ser duro para ela. Esse lugar reabre velhas feridas. — Sua expressão era neutra, mas notei sarcasmo no seu tom.

Tive a nítida impressão de que Anna conhecia o segredo da Sienna e, por alguma estranha razão, gostava de vê-la sofrer. Por Deus, não bastava proteger um filho assassino e me ameaçar com um bilhete anônimo? *Quem é você Anna Rizzi?*

Continuei minha busca. A festa, cada vez mais cheia. Em compensação, a fila do buffet das saladas e pratos quentes havia diminuído. A maioria dos convidados estava sentada comendo. Notei que alguns escreviam concentrados na “folha dos desejos”. Maria serpenteava em meio às pessoas com sua simpatia ímpar, cuidando de tudo pessoalmente. Tirara o avental e a touca. O vestido acinturado na altura dos joelhos tinha um caimento bonito, o cabelo mais armado com algumas mechas presas favorecia seu rosto. Ela também retocara a maquiagem, caprichando no batom vermelho coral.

Conferi meu relógio de pulso, passava das nove. Decidi jantar, porque, pela hora, era provável que meu irmão já tivesse encontrado a esposa. Eu me posicionei na fila atrás de uma garota alta e de cabelos loiro platinado, uns vinte anos, que não tirava os olhos do DJ galã. Minha atenção foi atraída para um canto menos iluminado, onde detectei duas silhuetas. Senti um arrepio esquisito. Conhecia a sensação. Meu sexto-sentido dera o ar da graça e eu não pretendia ignorá-lo. Saí da fila, fui me aproximando de mansinho. À primeira vista, me pareceu um casal qualquer. No entanto, à medida que chegava mais perto, consegui distinguir suas feições. Eu conhecia bem as figuras na penumbra.

Uma vez li um artigo sobre pessoas introspectivas serem mais habilidosas para “lerem” os outros. Era o meu caso. Nem precisava escutá-los, o teor daquela conversa não era amigável. Marco gesticulava muito com as mãos, Sienna permanecia quieta com a cara amarrada e os braços grudados no corpo. Sem aviso, ela o empurrou no peito. Deu para ouvir um sonoro “cala a boca”. Sem perder a calma, Marco curvou as costas e a puxou para si, segurando seu rosto entre as mãos. *Merda, ele vai beijar a prima?* Mas Marco se limitou a encará-la, feito um psicopata. Engoli a saliva, fixando meu olhar nos lábios dele e vi uma frase silabada se formar: A culpa é sua.

CAPÍTULO 33

NÃO SURTA, PIETRA. NÃO SURTA. Escondida atrás de uma árvore como uma detetive amadora de um filme B, eu tentava controlar a respiração. A cena que tinha acabado de se desenrolar à minha frente corroborava a frase de Anna. *Esse lugar abre velhas feridas.*

Quando finalmente consegui recuperar a calma, caminhei em direção ao buffet exibindo meu melhor sorriso falso. Precisava desesperadamente de uma bebida alcoólica. Mas, primeiro, devia me alimentar. Precisaria de forças para a longa noite que me aguardava.

Comi sozinha em um sofá afastado, ruminando o que precisaria fazer a cada garfada.

— Pietra Barone, onde se escondeu? — Marco sentou-se ao meu lado e apoiou seu prato com pernil, farofa de banana e salada no colo.

— Oi, Marco. Fazendo sala para os convidados, coisas de anfitriã — agradei em silêncio por estar sentada, minhas pernas tremiam. — E você? Não te vi com seus pais mais cedo.

Engoli o último pedaço da minha quiche de alho-poró, que desceu como uma pedra em minha garganta.

— Cheguei faz cerca de meia hora. Vim de carro. Conhece minha mãe, não curte festas grandes. Meia-noite vai virar abóbora.

Nesse momento, Sienna passou por nós com seu vestido esvoaçante, o braço pendurado no pescoço do meu irmão. Marco sorriu para a prima, ela devolveu com um tchauzinho simpático e jogou para o lado os cabelos sedosos de propaganda de shampoo. Eram dois atores profissionais, encenando que tudo estava às mil maravilhas quando havia algo sinistro acontecendo entre eles.

— Vou nessa. — Deixei meu prato vazio na mesinha de apoio ao lado e me levantei. — Preciso dar algumas coordenadas para o DJ.

Ele segurou meu punho com força.

— Baixinha, te deixo ir se prometer dançar comigo. Quero uma música romântica, pode avisar para o DJ? — Sua voz era sexy, entretanto continha uma nuance ameaçadora.

— Bom... — tossi — não sou boa dançarina. — Tentei manter minha voz sob controle.

— Sem desculpas, você me deve uma — ele insistiu, me avaliando com seus olhos cinzentos. — Vamos lá, finja um pouco de entusiasmo. Fui bastante paciente essa semana porque você estava atarefada. Mais um ponto para mim, certo?

— Não se importa que eu pise nos seus pés? Porque estou de saltos finos hoje. — Sorri de forma casual, adotando um tom mais suave. Tinha que esconder meu medo a qualquer custo.

— Eu pago o preço para dançar com a mulher mais deslumbrante da festa. — Ele afrouxou a pegada.

— Tá legal — respondi a contragosto.

Estar perto de Marco era um território perigoso. Mas era a única forma de colocar meu plano em ação. Não tinha escapatória; se quisesse desmascará-lo, teria de me sacrificar.

— Estou começando a acreditar nessa bobagem. — Marco tirou do bolso traseiro da calça jeans de lavagem clara a folha dos desejos dobrada.



O DJ escolheu abrir a pista com um *remix* do *hit* do momento: *Believe*, da Cheer, levando os convidados à loucura. Na próxima hora, uma sequência de canções atuais de bandas como: Oasis, Red Hot Chili Peppers, Foo Fighters, Santana, Raimundos e Skank ecoavam pelo sítio mixadas em ritmo dançante. Observando de uma certa distância, as pessoas pareciam flutuar em uma grande nuvem graças à máquina de gelo seco. Tal como havia idealizado.

Quando a sessão de músicas lentas começou, eu já tinha bebido, pelo menos, três taças de vinho branco e uma de espumante. Sentia-me mais corajosa. Mais ousada. Não demorou nem um minuto até que dedos quentes deslizassem por minhas costas nuas. *Marco não perde tempo.*

— Adoro essa música. Preparada para cumprir sua promessa? — sussurrou no meu ouvido.

Deixei que Marco me conduzisse até a centro na pista. Estiquei os braços para alcançar seus ombros e fingi gostar quando ele me segurou pela cintura.

— Vou matar os homens dessa festa de inveja — ele disse.

Dançamos tão colados que nossas respirações se misturavam. Marco cantarolando desafinado *More Than Words* do Extreme, seu cheiro era uma mistura horrível de álcool e cigarro. Prendi a respiração me perguntando se o cretino continuava fumando escondido dos pais quando bebia, como nos anos oitenta.

— Olha para nós dois. A situação mudou bastante desde o Réveillon de 1985 — puxei o assunto.

— Vou te confessar uma coisa antes que o século acabe. — Ele fez uma pausa, aumentando o suspense. — Eu até te achava gostosinha. — Riu. — Se tivesse me dado bola, teria te ensinado a beijar. — Acariciou meu cabelo. — Seria nosso segredinho.

— Até parece. Você vivia me enchendo o saco.

— Era meu jeito de chamar sua atenção. — Ele enterrou o rosto no meu pescoço. — Você só tinha olhos para o Luca, o perfeito. — Estalou a língua.

— Tá legal, tinha uma queda por ele, admito. Só que o Luca me via como criança. *Porque eu era*. Nos tornamos bons amigos. Eu te achava o mais talentoso dos garotos. Foi injusto não conseguir a vaga na universidade de Roma, ama cinema desde criança — devolvi, forçando uma voz melosa.

— Você me admirava? Isso sim é novidade, baixinha. — Sua expressão foi um misto de prepotência e surpresa. — O Luca nem ligava para o cinema. Só queria sair desse vilarejo, ir para a Europa, se lixava para as pessoas daqui. Uma bolsa na Itália resolveria seus problemas — revelou.

— Sabe, em geral, as pessoas costumam ser enaltecidas após a morte. Não é o caso do Luca. Desde que voltei para Vila Allegro, tenho escutado coisas sobre ele. Quase todas bem ruins. Talvez nunca tenha conhecido o Luca de verdade.

— Ninguém conhece ninguém de verdade – ele rebateu.

A música terminou, fiz menção de me afastar.

— Fica. — Ele passou a língua pelos lábios. — Eu sei que não posso te monopolizar toda a noite, mas o Fabrizio e a Sienna estão fazendo a social com a galera. — Apontou com o queixo para o casal conversando em uma rodinha, próximos da mesa de sobremesa. — Precisa se divertir um pouco, anfitriã. Passou por muito estresse nos últimos dias.

Nem imagina o quanto.

Os primeiros acordes de *You're Still The One* da Shania Twain soavam. Faltava menos de uma hora para a virada e não tinha conseguido nenhuma informação relevante.

— Tem razão. — Voltamos a dançar. — Meu irmão pode se virar e sua prima tem esse carisma nato com as pessoas. — Aproveitei a deixa para introduzir o tópico Sienna. — E pensar que até ela se desentendeu com o Luca no Réveillon de 1985, os dois eram tão... próximos.

Marco deu de ombros.

— Acho que a única pessoa que não brigou com o Luca naquela noite foi você. Fala sério, ele era um belo de um babaca.

— A morte não transforma ninguém em santo — repeti as palavras de minha madrinha. — Pelo contrário, venho descobrindo cada vez mais uma penca de gente que poderia ter motivos para odiar o Luca. Quer dizer... olha o que ele fez com você.

Fitei seus olhos em busca de alguma reação. Nada. Ele era realmente um psicopata. Marco deu um passo para trás, pegou minha mão e me girou antes de voltar a aproximar o corpo do meu. Em seguida, aproximou perigosamente a boca da minha, como se quisesse me calar com um beijo. Tossi e ele se afastou alguns centímetros. Mas ainda estava perto de meus lábios. Perto demais.

— Shhhh. Vamos deixar os mortos descansarem e curtir o agora.

Forcei um sorriso.

— Claro. É só que — fiz uma pausa, passei a lateral de meu rosto no dele lutando contra o desejo de afastá-lo — você sabe, o sítio, a música, a festa. Tudo isso me lembra daquele maldito Réveillon. Era tanta gente que tinha raiva do Luca que eu não me surpreenderia se alguém o tivesse empurrado do penhasco.

Marco parou sem aviso e eu tropecei no seu pé.

— Ai, foi sem querer. Te falei, sou uma péssima dançarina.

— A culpa foi minha, me desconcentrei. — Limpou a garganta. — Não vamos estragar esse momento falando do passado. — Seu olhar sustentava o meu. — O melhor tempo é o presente, Pietra. Essa é minha última noite em Vila Allegro, amanhã volto para São Paulo e de lá viajo para Roma.

— Roma? De férias?

— Digamos que... uma temporada. Até a situação esfriar. — O comentário saiu baixo, tenso. — Quero levar uma boa lembrança sua comigo. O tema da festa é sonho e você mora nos meus.

Antes que eu pudesse entender, Marco baixou o rosto e sua boca foi ao encontro da minha. Cada parte de mim queria gritar, na minha cabeça eu gritava. Sua língua era ágil, mas seu hálito de chaminé. Suas mãos desceram até meus quadris, e ele me apalpou. Senti o pavor invadir meu corpo. Eu me dei conta que estava indo longe demais para conseguir meus objetivos. Interrompi o beijo abruptamente.

— Ficou maluco, Marco? Estamos no meio da pista de dança.

— Pista de dança? Onde foi parar sua imaginação? Estamos nas nuvens, Pietra. Eu não resisti. Podemos continuar no seu quarto — murmurou. — Um bom sexo para nos despedirmos de 1999. Que tal? — propôs, a voz quente no meu pescoço.

— Pode não parecer, mas essa festa para mim é trabalho. — Tive que me segurar para não o mandar se foder, minha mão formigava de vontade de estapear sua cara.

— Inclusive, preciso checar os fogos de artifício.

— Não fica brava, espera terminar a música e...

Eu me afastei sem escutar o final da frase. Virei o pescoço envergonhada, verificando se alguém tinha visto a cena. E, para minha perplexidade, Enrico Savoia estava postado ao lado da pista de dança de cenho franzido. As luzes de led coloridas refletindo na sua camisa branca enroladas na altura dos cotovelos. Eu mal conseguia respirar. Ele devia estar usando lentes de contato. Sem os óculos pesados, ficava mais evidente o desprezo com que seus olhos escuros me fuzilavam. Nenhum de nós abriu a boca. *É bom para você conhecer a sensação de não ser o único*, pensei, consumida pelo ódio. Então, para variar, a música ao fundo fez sua magia traduzindo outro tipo de sentimento, aquele trancado a sete chaves. *“You’re still the one I run to, the one that I belong to, you’re still the one I want for life.”*

Enrico é o único homem que eu quero na minha vida. Algumas pessoas são inesquecíveis.

Cravei minhas unhas na palma das mãos com tanta força que pensei que fossem sangrar. Assim como meu coração.

CAPÍTULO 34

NA HORA DA CONTAGEM REGRESSIVA comandada pelo DJ celebridade ao microfone, fiz questão de ficar ao lado do meu pai, a quem, por pouco, não perdi para o câncer. Seu Raul irradiava felicidade, como se o fato de ter estado em contato com a morte o tivesse deixado mais positivo ainda. Eu não consegui escrever na minha folha dos desejos e nem ligava. O mais importante era agradecer. Quanto aos convidados, gostaram tanto da minha ideia, que inventaram um ritual coletivo. Ergueram o papel dobrado em direção às estrelas.

— Nove, oito, sete, seis... — todos entoavam juntos.

Eu buscava o Enrico com o olhar sem sucesso. Lembrei-me de que, antes da nossa briga, o vizinho me contou que queria estar próximo da Nina durante a queima de fogos, os cachorros têm um ouvido mais sensível e morrem de medo do barulho. Se dependesse de mim, vetaria o show pirotécnico. Porém, a prioridade era agradar nossos ilustres convidados pagantes.

— Cinco, quatro, três, dois... Feliz ano 2000! — A gritaria foi geral.

Os fogos de artifício com seus assobios longos espocaram colorindo o céu e deixando rastros de fagulhas minúsculas. Centenas de bexigas brancas e azuis foram soltas surpreendendo a todos.

As pessoas pulavam, brindavam, se abraçavam. Tudo ao mesmo tempo.

— Sirvam-se de sonhos — diziam os garçons com as bandejas cheias do doce.

— Memorável, pirralha, memorável. — Fabrizio me rodopiou no ar.

Após um tradicional abraço em família incluindo a Grazi e a Sienna, nos dividimos para cumprimentar aos demais.

— Que bom te encontrar, Pietra. Queríamos agradecer o convite. Uma festa grandiosa — falou dona Patrícia, os dedos entrelaçados com os do marido. — Estamos indo.

— Puxa, no auge da comemoração?

Encarei o dono do armazém que bocejava.

— A arrumação das prateleiras detonou com minha coluna — admitiu o homem.

— Esse ano, contrataremos mais um ajudante, meu bem — ela declarou. — Escrevi isso na minha lista de desejos.

Ele deu uma risadinha discreta e assentiu de bom grado.

— Gostaram de rever o sítio?

— Fez um excelente trabalho aqui — elogiou o marido, nem parecia o homem soturno e carrancudo do outro dia.

— As paredes coloridas deram uma alegria a essa casa. — Dona Patrícia ajeitou o vestido tomara que caia que evidenciava seu corpo violão em forma. — Não sei explicar, o clima está diferente. Eu senti uma espécie de... paz — disse, enigmática.

O marido concordou com um movimento de cabeça mínimo, porém perceptível. *Que bicho mordeu esse homem hoje?*

Um frio incomum balançou meus cabelos.

Luca, por fim.

Meu plano estaria funcionando? Meu amigo se lembrou de algo? Porque sua calma diante dos seus antigos chefes e a “paz” de dona Patrícia indicavam que Luca sabia que eles eram inocentes. Não dava para ficar só no “achismo”. Eu precisava de certezas. E ajuda *profissional*. O jeito seria engolir meu orgulho.

— Obrigada pela presença, o Fabrizio vai passar no armazém na próxima semana e acertar a nossa conta. — Dei as costas para o casal e sussurrei para o nada. — Não some, vou procurar o Enrico.

Um grupo de garotas saltitantes cruzou meu caminho.

— Esperem, não é seguro. — Meu irmão vinha correndo logo atrás.

— Como é que é? — Arregalei os olhos.

— Elas colocaram na cabeça que faz parte do ritual de Ano-Novo jogar a bendita folha dos desejos na água corrente. E como não temos mar em Vila Allegro... — ele me respondeu, esbaforido.

— Ninguém vai para o lago — salientei.

As garotas pararam me observando sobre os ombros.

— Pega leve, Pietra. São clientes paulistas da Sienna. O pai da loira alta é um empresário conhecido do ramo imobiliário — Fabrizio balbuciou.

— Estou na minha melhor versão hoje. Fica aqui, eu falo com a líder e suas discípulas.

— Boa noite, sou a Pietra Barone. — Minha voz saiu gentil, uma verdadeira dama. *Minha mãe se orgulharia.*

— Sabemos quem é — respondeu a loira com desdém.

— E será que sabem que um lago não tem água corrente? — Meu tom foi professoral.

— Tanto faz, é água. A piscina está coberta — concluiu outra garota, a de minissaia de paetê dourado.

— Desculpem, não é permitido descer para o lago. Ponto-final.

Houve um “haaaa” coletivo.

— Estou pensando no bem de vocês. — Tentei manter a paciência com as patricinhas sem noção. — É uma trilha estreita, mato fechado, cheia morcegos e de lama. E vão detonar o salto dos seus sapatos — apelei, caso os demais argumentos não funcionassem.

— Ou será que o garoto morto vai surgir das profundezas das águas feito o Jason em Sexta-feira 13? — A loira platinada deu uma gargalhada.

— A gente escutou que o lago é mal-assombrado — revelou a garota da minissaia, engrossando a voz.

— Isso é tão emocionante — disse a mais calada. — É verdade que ele pulou do penhasco?

Arqueei as sobrancelhas, incrédula.

— O que vocês têm na cabeça? Isso não é um maldito filme de terror. *Meu amigo* escorregou do penhasco. E se não pretendem acabar como ele, é melhor voltarem para a festa. Agora.

Senti as mãos de Fabrizio segurando meu braço.

— Que tal voltarmos todos? Comer um doce? Os sonhos estão uma delícia e o DJ vai caprichar na seleção de músicas — meu irmão sugeriu, nervoso.

— Ok, ok. Captamos a mensagem. Meninas, vamos deixar o fantasma descansar. O DJ gatinho nos aguarda — a loira esnobe retrucou com ironia.

As garotas se entreolharam e deram meia-volta.

— Como elas sabem sobre o Luca? — Soltei o ar, tremia de raiva. — Essas idiotas nem são daqui.

— Algum linguarudo do vilarejo contou sobre a tragédia de 1984 — ele respondeu, acendendo um cigarro. — Sabe como é. O mórbido fascina as pessoas. Por favor, não deixe que isso te abale.

— Preferia ser igual a você. Nem toca no nome dele. Ainda pensa no Luca, Fabrizio?

— Todo santo dia. Há quinze anos — respondeu em um fio de voz, abaixando a cabeça. — Cada um lida com a dor à sua maneira.



Eu me apoiei na cerca que dividia minha propriedade com a do vizinho. Rodeada de arbustos que farfalhavam à brisa, olhava a casa dele me munindo de

coragem para ir até lá. Não foi necessário. Nem cinco minutos se passaram quando a luz da sala se apagou e vi o Enrico na porta de casa se despedindo de Nina.

Ele avançava na direção da cerca. Dei alguns passos para a lateral, arrumei o vestido com a mão. O vento bagunçando seus cabelos pretos. As sobrancelhas espessas formando um “V” deixavam pouca dúvida, Enrico seguia puto da vida por ter testemunhado meu beijo com Marco. Com que direito? Foi *ele* quem me enganou, *ele* tem uma noiva.

Não sou eu quem deve se desculpar.

Enrico soltou o arame da cerca e adentrou meu sítio, passando reto por mim. Das duas, uma: ou suas lentes de contato precisavam de um grau mais forte ou ele escolheu me ignorar. Provavelmente a segunda opção.

Eu continuei imóvel. Incerta de como abordar o italiano genioso. As últimas duas horas tinham sido tensas, eu estava no meio de um caos de emoção. A conversa na penumbra entre Marco e Sienna martelando em minha cabeça. *A culpa é sua*. O que significava aquilo? E tinha outra coisa me deixando encafifada, também envolvia o Marco. *Ele é o ponto em comum em todas as histórias*. Por que raios essa viagem repentina para Roma? No Natal, Marco deu a entender que estava cheio de trabalho na produtora de São Paulo. Então, do nada, resolve ir para a Itália sem previsão de retorno.

Uma temporada. Até a situação esfriar. O que precisa esfriar?

A detetive em mim entrou em ação. Recapitulei a noite de Natal, dona Anna com os nervos à flor da pele, Marco esquisito. A atmosfera tensa. De repente, meu cérebro fez a conexão. Marco ia viajar contra sua vontade, meu padrinho quem decidiu, cabia a ele obedecer. Isso explicava o mal-estar entre os dois. Carlo descobriu o caso do filho com a garçonne menor de idade, a gravidez. E se mais gente soubesse? O povo é fofoqueiro e uma história dessas acabaria com a boa reputação da família Rizzi, prejudicando os negócios do meu padrinho. Então a estratégia de Carlo foi tirar o Marco de cena, desvincular sua imagem da dele. Deixar a poeira abaixar.

Donna Anna devia estar arrasada, utilizando os calmantes e o álcool como fuga da realidade. Logo ela, a beata do vilarejo, correndo o risco de ser apontada pela comunidade na igreja. Sem falar na tristeza de ficar tão longe do amado filho único. Bem ou mal, São Paulo está a uma hora de Vila Allegro e eles se viam quinzenalmente.

Bom, mandar Marco para outro continente era um exagero do Carlo.

— A menos que... algo tivesse saído do controle. *Cacete*. — Levei a mão à boca. *E se a Bia estiver... morta?* Não pude verbalizar, a emoção fechou minha garganta.

Refleti um minuto inteiro sobre aquela terrível constatação. Eis que um novo pensamento se sobrepôs ao anterior. Mesmo que eu conseguisse arrancar do Marco

uma confissão sobre a morte do Luca, era ingenuidade minha achar que ele se entregaria à polícia por livre e espontânea vontade.

Carlo sempre protegeria o filho, ou melhor, a si mesmo. Como estava fazendo agora. Minha ficha caiu. Meu padrinho não foi bondoso com o professor Lorenzo ao usar seu prestígio para encerrar as investigações em 1985. A desculpa de evitar rumores sobre um possível suicídio caiu como uma luva, meu padrinho tinha manipulado o professor.

A possibilidade de a polícia reabrir o caso quinze anos depois era mínima. Porém, se eu pudesse provar o envolvimento de Marco com Bia, se ela estivesse mesmo desaparecida, eles teriam que investigar. Então, talvez houvesse uma chance real do Marco finalmente pagar por um crime, não passando uma temporada em Roma, mas atrás das grades.



Encontrei Enrico embaixo de uma árvore não longe dali, o olhar inerte. Segurava uma taça de vinho.

— Que decepção, o mundo não acabou. Nada de *bug* do milénio, hein? — provoquei.

— Muito cedo para ter certeza. — Ele se voltou para mim, sério. — Coisas estranhas andam acontecendo. Tipo você agarrada com o homem que diz não suportar. Um claro sinal do fim dos tempos.

— Falou o garanhão que omitiu ter uma noiva. Não está em posição de me julgar, Enrico Savoia — cuspi as palavras, assumindo uma postura defensiva.

— Alto lá! — O pescoço dele endureceu. — Nem tudo é preto ou branco. Você tirou suas próprias conclusões sem me dar a chance de explicar.

— Sério? Você tentou? — Entortei a boca. — Em todo caso, ir passar o Natal na Itália com sua noiva explicou por si só.

— Não tenho noiva, Pietra — suspirou, tomando um gole do vinho. — Não mais.

Podia jurar que uma lágrima correu pelo seu rosto.

— Pouco me importa se você e a Isabella terminaram. — Escondi minha surpresa por trás de um semblante frio. — Não sou seu plano B.

Enrico parecia resignado. Eu me convenci a deixar de lado o ressentimento. Ele era a única pessoa a par da investigação, além de ser a melhor via de acesso ao Luca.

— Olha, eu preciso... — comecei.

— A Isabella morreu — ele me cortou, a voz embargada. — Faz quatro anos, na noite de Natal. Ela tinha bebido além da conta na ceia, me ofereci para dirigir seu carro — tomou ar — e não vi o caminhão. — Ele virou o vinho. — Infelizmente encher o túmulo dela com flores e manter sua foto comigo não ameniza minha culpa, ao contrário. Quer a verdade? Eu sou a porra de um assassino!

Ele atirou a taça na grama e se agachou, encostado na árvore como se quisesse se fechar em um casulo de sofrimento. O rosto voltado para o chão, escondendo as lágrimas.

— E-eu não fazia ideia — consegui falar.

Ele deu um sorriso triste.

— Era para eu ter morrido no acidente, não ela.

— Não fala uma coisa dessas. — Toquei seu ombro carinhosamente, lágrimas chegaram aos meus olhos.

A dor que emanava dele era indescritível. Agachada à sua frente, eu observava seus ombros subirem e descerem com seu pranto. Então nossa conexão nos dias em que estivemos juntos fez mais sentido do que nunca. Assim como eu, Enrico vivia amargurado por não ter sido capaz de salvar a quem amava. Naquele momento, me dei conta: por mais que tentássemos fugir, éramos almas atormentadas vagando pelo purgatório que nós mesmos criamos com nosso sentimento de culpa.

— Meu avô me achava especial e esse maldito dom não serviu para nada. — Ele abanou a cabeça, transtornado. — Isabella deve ter tanto ódio pelo meu erro... ela nunca apareceu para mim. Eu nunca tive a chance de dizer adeus. Ou de pedir desculpas. — Ele chorava baixinho.

A revelação inesperada me atingiu como um soco na barriga. Eu me sentia aliviada por ele não ter uma noiva e devastada pelo mesmo motivo. Cerrei o punho para fazer minhas mãos pararem de tremer. Devia ter percebido sua aflição. Enrico era um homem fechado; porém, do jeito dele, provavelmente, tentou me contar. Pensando melhor, ele me dera pistas sutis. Afirmou entender o que eu passei com a morte do meu amigo. E teve o dia, na minha casa, quando lemos juntos o caderno do Luca, aquele papo da banda Queen. Senti sua tristeza cantarolando “*Love of my life, don’t leave me...*” Porém, acima de tudo, ele se recusou a bancar o mediador, foi firme nisso. Depois voltou atrás. Eu nem questioneei o porquê. Era óbvio, Enrico não pôde ajudar a noiva e essa era sua maneira de se redimir com Deus ou com o universo. Engoli em seco me sentindo a pessoa mais egoísta do mundo, focada apenas nos meus problemas. Na minha própria dor.

Não sou a única com dificuldades em exorcizar os demônios do passado.

Fiquei refletindo sobre o que dizer. Tudo o que me vinha à mente eram as frases feitas dos psicólogos que frequentei: pare de se punir, foi um acidente, você vai superar. Não. Ele merecia mais do que conselhos baratos. Enquanto eu buscava as

palavras certas, um silêncio ensurdecedor pairava entre nós. De súbito, Enrico se colocou de pé e simplesmente partiu sem olhar para trás.

Tive vontade de gritar seu nome, mas tudo que fiz foi observar o homem por quem estava perdidamente apaixonada desaparecer do meu campo de visão.



— Dona Pietra! — O grito me despertou do devaneio. Estreitei a vista. Uma garçonete chegava correndo.

— Pelo amor de Deus. O que foi?

— É a dona Anna — respondeu, ofegante. — Ela pegou a trilha do lago. Eu tentei impedir, juro. A mulher parecia — a garçonete fez uma pausa — sei lá, enfeitiçada. Como se estivesse sendo puxada por uma força invisível.

— Fica calma, a dona Anna deve estar confusa, bebeu além da conta hoje. Vou atrás dela.

— Vai rápido, p-por favor — a garçonete gaguejou. — Ela está estranha demais. Antes de sumir no meio do mato, ela olhou para mim de um jeito esquisito. Disse umas coisas sem sentido, soltou umas frases da bíblia... Foi bizarro.

— Nossa. E o que você fez?

— Eu tive medo, ela sempre foi gentil comigo no restaurante, na igreja. — A garota fez o sinal da cruz. — Enfim, não podia ficar quieta, voltei para a festa para avisar o doutor Carlo e o filho deles. Não vi nenhum dos dois. Também não encontrei a chefe Maria, tem gente demais aqui. — Sua respiração saía entrecortada. — Não sabia mais o que fazer, dona Pietra.

— Está bem, eu vou atrás dela. Ela não pode ter ido muito longe.

— Hummm — a garçonete soltou, hesitante.

— Fala logo — eu disse, andando em direção à trilha o mais rápido que meu salto alto permitia.

— É que já faz uma meia hora que ela sumiu.

— Santo Deus. — Foi tudo o que consegui responder.

Minhas pernas estavam moles. A essa altura, Anna estaria no lago há tempos. *Flashes* do meu pesadelo voltaram à minha mente enquanto eu segurava a barra do vestido para ter mais agilidade. Eu não podia permitir que o pior acontecesse. Não dessa vez.

— Não fique aí parada — gritei para a garçonete. — Vá procurar o Marco e o Carlo de novo. — Se não os encontrar, fale com meu irmão.

A moça assentiu, o rosto tão assustado quanto o meu certamente estava.

— Seja discreta. — completei antes que ela se afastasse. — Não queremos criar um escândalo e estragar a festa.

Tomada por uma onda de adrenalina, arranquei minhas sandálias prateadas na entrada da trilha. Fui me embrenhando pela mata sem me dar conta de que não percorria aquele trajeto desde a tragédia da morte do Luca.

Sozinha, envolta pelo breu, minha vista precisou se adaptar à luz pálida da lua que agora se escondia entre as nuvens. Os cascalhos machucando meus pés. A mata mais alta, meio abandonada, as árvores que projetavam sombras assustadoras.

Por sorte, o corpo tem memória. Eu conhecia cada curva do caminho. Perdi as contas de quantas vezes tinha ido ao lago na minha infância, inclusive no escuro, como da última vez. Mesmo assim, quase caí em um buraco grande que não estava ali nos anos oitenta. Também havia muitos galhos emaranhados em trechos de vegetação rasteira. Com a atenção redobrada, desacelerei o passo, estendi uma das mãos para não correr o risco de bater em um tronco e deixei que meus instintos me guiassem.

Ao fim da decida íngreme, a mata se abriu. Agora eu conseguia enxergar o cenário com mais clareza. Surpresa com o que vi, senti meu corpo paralisar.

CAPÍTULO 35

A ATMOSFERA ESTAVA CARREGADA entre a família Rizzi, tanto que, sequer, notaram minha presença. Parados em semicírculo na ponta do penhasco, as posturas rígidas. Anna estava com o dedo em riste para o marido, esbravejava algo que eu não conseguia ouvir pela distância. Aquilo parecia o prenúncio de algo ruim. E era.

Aturdida, fui pisando com cuidado para não ser notada. Parei mais perto, entre dois arbustos, e lá fiquei assistindo de camarote a cena se desenrolar.

— Não tem cabimento você sozinha *nesse lugar*. Todos devem estar sentindo nossa falta, vamos voltar para a festa — Carlo se manifestou.

— Não consigo olhar na cara das pessoas. — Anna levantou o rosto coberto de lágrimas. — Nem a minha cara no espelho. Não aguento mais esconder tantos segredos sórdidos.

— Se acalma, mãe — Marco apoiou uma das mãos nas costas dela. — Amanhã a gente fala disso. Hoje é noite de festa.

— Não tenho motivos para comemorar — Anna respondeu.

— Que exagero. — Interveio meu padrinho, impaciente. — Foi azar terem visto ela no carro com o Marco, mas está tudo sob controle. A estadia dele em Roma é temporária, ok? Só até o povo daqui arrumar uma fofoca mais interessante. Nossa família vai ficar bem, isso é o importante.

— Lógico, porque o grande doutor Carlo Rizzi resolve tudo. Dessa vez foi longe demais. — A frase saiu falha.

— Mãe, estou de boa. Não é o fim do mundo, vou aproveitar para fazer um curso, viajar pela Europa. O pai tem razão, família em primeiro lugar.

— Deus em primeiro lugar, meu filho, Deus. — Seu tom de voz foi subindo. — Como é possível achar normal? — Anna ergueu as mãos para o céu. — Não te criei assim.

Putá merda. Minha respiração ficou ofegante. Minhas pernas bambas.

— Meu bem, ouça, eu sei como se sente. — Meu padrinho recuperou a calma. — A vida às vezes segue um rumo diferente do desejado e é necessário ter jogo de

cintura. Você bebeu demais, está fora de si. Sabe que isso não faz bem. Não quer ter outro daqueles apagões, quer?

Anna cobriu o rosto com as mãos, parecia estar cedendo. Logo os dois conseguiriam tirá-la dali.

— Vamos fazer o seguinte: não precisa encarar os convidados, te levo para casa.
— Carlo segurou o braço dela.

— Não toca em mim. — Em uma atitude surpreendente, Anna se desvencilhou dele e, por pouco, não caiu. — Todas aquelas fotos não saem da minha cabeça... são adolescentes... é doentio. Não posso mais ser cúmplice disso, Carlo. — Fez uma pausa como que para reunir forças. — Vou procurar os pais da Bia, eles merecem a verdade.

— E colocar tudo a perder por causa de uma vagabunda interesseira? Do que vai adiantar, mãe? Ela não vai ressuscitar porque a senhora resolveu bancar a boa samaritana — Marco cuspiu com desdém.

Uma tristeza profunda me atingiu com a confirmação de minhas suspeitas. Bia estava morta, algo devia ter dado errado no aborto que Marco a obrigou a fazer. Meu corpo todo tremia, eu não podia mais me calar.

— Um psicopata sempre volta ao lugar do seu primeiro crime. — A voz gutural que saiu da minha boca parecia ter vida própria.

— Pietra? Está fazendo o que a-a-qui? — Anna arregalou os olhos vermelhos.

— Curioso, queria te perguntar a mesma coisa, dona Anna. — Ergui uma sobrancelha.

— Não te ensinaram que é feio escutar a conversa dos outros? — Marco veio caminhando até mim. — Cuidado baixinha, como dizem por aí: o gato morreu por saber demais. — A lua cheia agora brilhava forte, iluminando seus olhos azuis-acinzentados.

— É uma ameaça? Porque não tenho medo de você — menti, estufando o peito. — Quero ver explicar para a polícia o seu envolvimento com uma menor de idade. Não vai se livrar da morte da sua namoradinha como se safou da morte do Luca.

— E lá vamos nós. — Marco bufou. — A velha fixação pelo Luca. Está pior do que disco riscado, Pietra. Pela enésima vez, o cara escorregou desse penhasco. — Apontou com o queixo para o local. — Ou talvez tenha se jogado. Tanto faz. Isso foi há quinze anos, ninguém liga. — Deu de ombros. — E eu não tenho nada a ver com a putinha morta.

— Você é um escroto mesmo. Eu vi as fotos da Bia nua na sua mochila. — Percebi um olhar de relance entre Marco e o pai. — Tiveram outras garotas? Todas menores de idade? Me conta, se divertiu com a Bia e quando ela se tornou um inconveniente, a matou? — provoqueei, ele tinha que confessar.

— Mexeu na minha mochila? Seus pais não te ensinaram a cuidar da sua própria vida? — Marco disse entredentes.

— Esse é o seu padrão, não é? Elimina qualquer um que atrapalhe seus planos — insisti.

— Padrão? — Ele riu com escárnio. — Daria uma boa roteirista de filme policial.

— Não é hora de ironias, filho — salientou Carlo. — Pietra — ele se dirigiu a mim de forma amável —, essa garota, a Bia, estava grávida. Realizei o exame dela lá na clínica. Aborto é ilegal — pigarreou —, ela optou por procurar uma clínica clandestina em São Paulo para realizar o procedimento. O Marco apenas deu uma carona porque também ia para a capital. Houve complicações durante o procedimento, é bastante comum. Resumo da ópera: a garçonete tomou uma decisão estúpida que custou sua vida.

— Balela! Me admira você proteger esse monstro, Carlo — retruquei, incrédula com a postura do meu padrinho. — Eles transavam. A Bia não *escolheu* fazer o aborto, o Marco *exigiu* que ela o fizesse. — Caminhei para perto dele e de Anna, Marco me seguiu. — Se ela morreu, a culpa é do filho de vocês. — Irritada, encarei o cretino parado à minha direita feito um poste. — Vila Allegro e o mundo vão saber quem é Marco Rizzi: um abusador de menores, assassino!

— Não! — O berro estridente da Anna reverberou no ar.

Nós três olhamos para ela.

NOITE DA FESTA

31 de dezembro de 1984

Luca

LUCA ADENTROU PELA MATA percebendo o ar mais fresco, o cheiro úmido. Fazia aquele percurso com frequência, o lago era o seu lugar favorito para desanuviar as ideias. No tempo que dormiu na cadeira do jardim, teve um sonho assustador, uma imagem fantasmagórica de sua mãe o chamando sabe-se lá para onde. *Foi tão real.*

Pensando melhor, a noite como um todo parecia um pesadelo. Sua cabeça estava explodindo com tantas discussões. Sinceramente, àquela altura, o drama da dona Patrícia era o menor dos seus problemas. Não que se orgulhasse de chantagear a ex-chefe com quem se envolveu. *Fazer o quê?* Roma era uma cidade cara e a grana de seu pai não daria nem para o começo. O pai já tinha feito tudo o que podia. Tinha mergulhado em dívidas para desembolsar três meses do aluguel de uma residência estudantil. Porque, ao contrário do que as pessoas pensavam, o fato de ele ter ganhado uma bolsa na renomada universidade de cinema não significava zero gastos.

Luca riu consigo mesmo. Era incrível como Patrícia tinha caído em sua mentira. Luca não tinha fotos dela como tinha alegado. Quem se importava? O que interessava era que Patrícia daria seu jeito de conseguir a grana, não seria tão difícil. O marido dela tinha dinheiro guardado, só era pão-duro.

A música soava distante, abafada. Ainda assim, ele reconheceu o novo hit do Culture Club, *Karma Chamelon*, algo sobre um homem sem convicção e carma. *Quanta ironia.*

— Sou um merda! — gritou para as árvores.

A notícia da gravidez da Sienna o pegara de surpresa, eles transaram duas vezes. *É muito azar. Ela é a namorada do meu melhor amigo.*

Enquanto caminhava em busca do silêncio, Luca se lembrou de como aconteceu a aproximação entre os dois. A garota vivia choramingando pelos cantos da escola, ele ofereceu seu ombro amigo. Ela nunca chegou a se abrir sobre o que a

incomodava. No entanto, Luca conhecia aquele tipo de tristeza, era profunda. E, estranhamente, muito além da atração física, isso os conectou.



Ninguém sabia que Luca vinha investigando o pai de Marco e seu plano de saúde, muito menos que ele mantinha contato com uma enfermeira recém-formada que trabalhava com Carlo. A tal mulher era uma espécie de espiã infiltrada. A tia dela, assim como a mãe de Luca, tinha sido vítima de negligência hospitalar. Ela acreditava piamente que o doutor Rizzi guardava os documentos comprometedores em casa.

Por conta disso, durante o trabalho de geografia, Luca inventou uma dor de barriga e foi xeretar o escritório. Ficou surpreso com a bagunça. O quarto do Marco estava em reforma e havia caixas espalhadas pelo chão com livros, tênis, moletons e cartuchos de Atari. Sem saber por onde começar, Luca abriu um dos armários onde havia apenas um monte de livros médicos empilhados. Decepcionado, arriscou a escrivaninha. Encontrou, nas gavetas, desde recibos de estacionamento até receitas médicas, boletins do Marco e folhetos da igreja. Foi ingênuo em achar que Carlo guardaria documentos importantes naquele caos. Então, na gaveta inferior, reparou em algo que não se encaixava. Um envelope pardo dentro de um álbum de figurinhas antigo. Luca o puxou, estava fechado com fita. Tomou cuidado para abri-lo sem rasgar. Eram fotos.

E as imagens o deixaram sem fôlego. *Putá merda, o que significa isso?*

Luca precisou se sentar na cadeira depois do choque inicial. Tinha consciência de que os homens do vilarejo babavam pela Sienna e Marco não era exceção. Mas guardar fotografias da prima nua era demais, até mesmo para alguém como ele.

Uma imagem repulsiva do colega cheio de tesão se formou em seu cérebro e, de tão enojado, Luca esqueceu o que de fato fora fazer no escritório. Puxou o ar e analisou as fotos. Oito no total. Pareciam recentes. Em pelo menos três delas, Sienna sorria, embora estivesse visivelmente constrangida. Nas demais, ela estava com a boca entreaberta tocando os próprios seios. Eram fotografias bem-produzidas. Provavelmente do seu *book* de modelo. Luca não entendia por que ela tinha se sujeitado a posar nua.

Ainda assim, a questão principal era entender por que aquelas fotos estavam ali.

O cretino do Marco tem acesso livre à casa dela. Maldito ladrão.

Com as mãos trêmulas, ele escondeu o envelope dentro de sua bermuda. Precisava controlar seu temperamento, agir com frieza. Aquilo era uma prova,

afinal.

Atordado, Luca saiu pela porta dos fundos sem dar satisfação. Estava tão preocupado com as fotos que carregava escondido que sequer pensou em pegar sua mochila com o livro de geografia. Foi feito um foguete para a casa de Sienna disposto a contar sua descoberta.

Tocou a campainha com insistência, gritou o nome dela inúmeras vezes.

Até que a vizinha, enfezada, apareceu na janela informando que Sienna e a mãe tinham viajado para praia no feriado prolongado.

Aquele feriado durou uma eternidade.



Na segunda-feira, Luca chegou cedo ao colégio. O problema era o Fabrizio que, cheio de saudades, não desgrudava da namorada. Pelo menos ele não a acompanhou ao banheiro. E essa foi a sua chance.

— Escuta aqui — o rosto bronzeado da garota ficou pálido —, não se mete na minha vida, Luca, esse assunto não é da sua conta. Se sonhar em falar com o Fabrizio ou com qualquer pessoa, eu conto para todo mundo do seu caso com a dona Patrícia. Ou pensa que eu não sei? — Ela arrancou o envelope da mão dele e saiu do banheiro batendo o pé.

Em meio à vegetação da trilha do lago, Luca parou de andar voltando a refletir sobre a inesperada reação da garota. Tocou na própria bochecha, o mesmo lado que Sienna meteu o tapa. Teria sido injusto? Graziela confirmara que o bebê era seu, mesmo assim, Luca ainda tinha dúvidas. Era contra o aborto, mas só assumiria a paternidade do bebê se tivesse certeza. Nada tirava de sua cabeça aquelas fotos nas coisas do Marco. Nem a reação nada surpresa de Sienna quando ele mostrou os retratos. *Ela sabia.*

E se eles transaram contra a vontade dela? E se esse for o motivo da tristeza da garota, seu segredo obscuro? Os Rizzi eram a parte rica da família. Carlo pagava seus estudos e estava disposto a realizar um procedimento ilegal, não por se importar, mas para evitar um escândalo.

Uma onda de náusea percorreu seu corpo. Se o filho de Sienna fosse realmente seu, ele teria como impedi-la de abortar? Provavelmente não. Sienna, Marco, Carlo eram todos farinha do mesmo saco. Um bando de hipócritas, isso sim. Marco não demonstrara nenhum medo quando Luca ameaçou levar as fotos à polícia. *Como sou idiota. Sienna já deve ter contado ao primo que pegou as fotos de mim. Deve*

ter até devolvido o envelope para o Marco. A essa altura, os dois devem estar rindo da minha cara, planejando a próxima transa.

Desnorteadado com suas conclusões, ele sacudiu a cabeça e correu, os olhos se adaptando à escuridão. De repente, o garoto teve um sobressalto. Olhou para cima. A noite se tornara um espetáculo de luz com fogos de artifícios barulhentos colorindo o céu.

— Porra — resmungou ao escorregar em um declive do terreno e cair sentado. A bunda imunda de terra.

Quando o show pirotécnico terminou, Luca se levantou titubeante e teve a impressão de escutar um movimento nas folhas. Apurou os ouvidos. O som se repetiu, seguido de uma respiração suave. *Não estou sozinho.*

— Tem alguém aí? — Sua voz vacilou.

Sem resposta. Não viu ninguém no escuro. Porém a respiração seguia, quase imperceptível, camuflada pelo canto dos grilos e o coaxar dos sapos. Será que Patrícia tinha dado com a língua nos dentes? O marido ciumento podia ter vindo atrás dele para tirar satisfação. Ele mordeu os lábios preocupado, não estava em condições para encarar uma briga física fosse com quem fosse, se sentia meio grogue.

Calma, consigo lidar com isso. Sou mais jovem, mais ágil.

Apenas corra.



O adolescente derrapou pela descida íngreme, tinha chegado ao lago. Olhou ansioso sobre os ombros. Ninguém.

— Despistei você, coroa otário. — Caminhou até a beira do penhasco suspirando aliviado.

— É um belo lugar para comemorar o novo ano — disse uma voz sussurrada.

Luca fez menção de se virar, tinha quase certeza de que sabia a quem a voz pertencia. Mas não houve tempo para isso. Duas mãos frias se apoiaram na base de sua coluna o empurraram para a escuridão.



Luca caiu no lago. Não enxergava nada, sentiu seu corpo sendo puxado para o fundo com o peso da roupa. A água fria entrando por seu nariz e boca. O medo e a

desorientação fizeram com que ele começasse a se debater, porém, o efeito da bebida cobrava seu preço, suas mãos e braços estavam pesados, lentos demais para levá-lo ao topo apesar do seu empenho. Luca nunca se rendeu fácil, o instinto de sobrevivência falava mais alto. Conseguiu respirar e, num esforço sobre-humano, nadou. Chegou a uma parte mais rasa onde seus pés alcançaram a lama do solo esponjoso. Caminhou até a margem sentindo um vislumbre de esperança. *Estou salvo.*

— Aonde pensa que vai? — Naquele momento, Luca reconheceu a voz familiar, sabia quem estava ali.

Seria possível? O garoto ergueu o pescoço e encontrou olhos frios fixos nele. A mesma mão que o empurrou do precipício se erguendo devagar, segurava um galho grosso. O choque percorreu seu corpo.

— Não, por favor — conseguiu dizer, atônito.

O golpe na cabeça turvou sua visão. Luca gemeu com a dor excruciante. Faltava energia para chorar, mas, ainda assim, as lágrimas escorriam por seu rosto já molhado. Esforçou-se para ficar de pé, balbuciou um pedido de socorro. Então, veio o segundo golpe. E o terceiro. Mais forte.

A dor misturou-se ao desespero quando o corpo de Luca tombou. Agora boiava de bruços, sua cabeça submersa. A pressão sobre o peito aumentando a cada segundo, seus pulmões imploravam por oxigênio. O som dos seus batimentos cardíacos e da água ao seu redor ficava cada vez mais altos.

O tempo desacelerou. A escuridão se apoderando de seus sentidos.

Sua consciência desvaneceu. Não haveria mais Roma, faculdade de cinema ou qualquer filho.

Luca estava morto.

CAPÍTULO 36

— A PIETRA ESTÁ ESTRESSADA, não diria uma calúnia dessas, Anna — contrapôs Carlo.

Eu encarei meu padrinho boquiaberta.

— Espera que eu finja que nada disso aconteceu? Dona Anna — eu me virei para ela —, a senhora se mostrou disposta a falar com os pais da Bia. É a coisa certa a se fazer. De uma maneira ou de outra, a verdade sempre aparece. Viram a Bia e o Marco juntos. Mandá-lo para Roma não vai mudar isso.

Dona Anna mantinha a cabeça baixa. Senti uma pontada de compaixão por ela.

— Imagino o que vem passando. Protege o Marco há tantos anos, mesmo indo contra os seus princípios religiosos. A senhora é uma boa mãe, uma boa pessoa. Sei que me deixou o bilhete anônimo por desespero.

A mulher estava aos prantos.

— Seja sincera consigo mesma, não veio até *esse* lago em plena noite de Réveillon por acaso. Não consegue evitar a culpa. Me diga, dona Anna, o que aconteceu no ano- novo de 1985?

— Cacete, Pietra. Não vê o estado de nervos que está deixando minha mãe? — Marco deu alguns passos à frente e agarrou meu punho com violência.

Nem Carlo e nem a dona Anna se manifestaram.

— Último aviso, baixinha, não se meta onde não foi chamada — ele murmurou no meu ouvido.

— Larga a Pietra — bradou uma voz com um forte sotaque italiano.

— Vejam só. O príncipe encantado chegou para resgatar a princesinha? — Marco me empurrou em direção a Enrico. — A Pietra está delirando, meu chapa.

— Como soube que eu estava aqui? — perguntei, confusa.

— O Luca. Ele me contou, veio comigo — respondeu meu vizinho, sem rodeios.

— É o que faltava. — Marco contraiu os lábios. — Está tão pirado quanto ela, italiano.

— A alma do Luca nunca saiu do sítio, babaca. Foi o Marco, Enrico — comecei, a respiração entrecortada. — Além de assassino, é um maldito abusador de menores — disparei a falar. — Engravidou a Bia, aquela garçonete lá do Lótus, ela morreu abortando o filho dele.

— O Marco não engravidou a Bia! — Anna explodiu de novo. Puxou o ar e lançou um olhar rápido para o marido. — Pare de comprar nosso filho com relógios caros, cursos e viagens.

O silêncio sepulcral dominou o ambiente por um minuto. As folhas se agitavam.

Não pode ser, não pode ser.

— Significa... — parei, incapaz de finalizar a frase.

A expressão do meu padrinho foi se tornando soturna, toda a sua fachada desmoronando.

NOITE DA FESTA

31 de dezembro de 1984

Carlo

CARLO DISFARÇOU O ESPANTO quando vieram lhe falar que Marco se meteu em uma briga com o filho do professor Lorenzo. Aquilo não fazia o menor sentido. Ou não deveria fazer. Era para o garoto estar no décimo sono depois de tomar um refrigerante com três calmantes. A Graziela garantiu que ele não daria mais trabalho naquela noite. Alguma coisa saíra muito errada. Foi burrice confiar na cunhada. Para começo de conversa, se ela estivesse atenta, Sienna sequer teria se envolvido com Luca. Mas que exemplo a Graziela podia dar? Também engravidou ainda adolescente. Carlo fechou o punho. Uma merda de mãe incapaz de manter a filha de boca fechada. Como médico, ele tinha muito a perder se alguém descobrisse sobre o aborto.

A discussão entre Marco e Luca juntou um grupo de curiosos que acompanhava a cena como se fosse o último capítulo da novela das oito.

— Quer mesmo jogar merda no ventilador? — Luca subia o tom de voz. — Segredos sujos não faltam em Vila Allegro, todos têm algo a esconder, inclusive você, certo?

Aquilo tinha ido longe demais. Ele precisava dar um basta, foi abrindo espaço entre as pessoas.

— Eu encontrei as fotos dela, estão comigo — Luca esbravejou quando Carlo se colocou entre eles. — Vou levar na polícia amanhã mesmo.

Carlo engoliu em seco. As palavras de Luca o atingiram como um soco.

— Fim do showzinho, rapazes — o médico disse, firme, sem demonstrar seu nervosismo.

Luca lhe deu as costas e saiu andando na direção da trilha. O sangue de Carlo ferveu diante do desdém dele. Marco, fora de si, fez menção de seguir o colega. Carlo o deteve. O infeliz era jovem demais para entender a hora certa das coisas.

Carlo se certificou de que o filho caminhava no sentido oposto e parou no bar montado no gramado. A discussão entre Luca e Marco o deixara de mãos trêmulas. Estava solucionado o mistério das fotos desaparecidas. O pivete estava com as fotos da Sienna. Suas palavras, minutos antes, indicavam que Luca pensava que as fotografias pertenciam a Marco.

Carlo pediu um Whisky duplo sem gelo à *bartender*. Uma ruivinha bonita, estilosa. A jovem abriu um sorriso para ele enquanto servia a bebida. Seu olhar emanava malícia, desejo. Carlo a observou. Devia ter uns vinte anos e sua atitude lhe dizia que estava louca para arrumar um homem mais velho para bancar seus luxos em troca de um bocado de sexo. *Sinto muito, querida. Você passou do ponto. Quem sabe se eu te conhecesse uns anos atrás.*

Carlo virou a bebida de uma só vez e seguiu na mesma direção que Luca tinha ido. Era hora de resolver assuntos pendentes com o moleque insolente.



Andando pelo gramado, Carlo pensou em Sienna e em como a sobrinha tinha sido a responsável por começar toda aquela confusão. *Não, ela não foi a primeira.* O médico soltou um longo suspiro e permitiu que sua mente viajasse para o passado. Ao verdadeiro início de tudo.

O ano era 1980. Nessa época, o plano de saúde estava no auge e Carlo parou de clinicar. No entanto, seguindo os conselhos da esposa; uma vez por semana, atendia à comunidade de forma gratuita para melhorar sua imagem um tanto prejudicada pelos recentes processos por negligência hospitalar.

— A Eleonora sofre de bronquite, doutor, não consegue dormir direito — a mãe, uma mulher robusta de voz forte, disse assim que entrou com a filha no consultório. — O senhor é médico de respiração?

— Sou clínico geral — ele explicou.

— Deve servir. — Encolheu os ombros. — Ela toma um remédio forte, a gente mora em outra cidade, não trouxe a receita.

— Sem problemas, posso receitar uma medicação. — Os olhos de Carlo se fixaram na menina calada de longos cabelos pretos que cobriam parte do seu rosto. — Preciso te examinar primeiro, Eleonora, tudo bem? — perguntou, usando um tom amigável.

— Obedece ao doutor, filha, vi um orelhão na entrada, tenho que avisar seu pai onde a gente tá. — A mãe tirou uma ficha telefônica do bolso e saiu da sala num rompante, deixando os dois a sós.

A menina de quatorze anos sentou-se na maca e jogou os cabelos para trás. Carlo reparou nas suas feições infantis. E no corpo bastante desenvolvido também. *Uma combinação arrebatadora.*

— Agora vou escutar sua respiração. — Colocou o estetoscópio nos ouvidos. Eleonora o encarou com aqueles olhos de jabuticaba e foi tirando a camiseta sem cerimônia, não usava sutiã. Seus peitos, duas peras maduras, apontavam para o céu. Os mamilos, surpreendentemente rosados. O coração do médico disparou, sua mão tremia em contato com a pele macia dela.

— Respira fundo. — Tentou manter a postura profissional.

No minuto seguinte, escutou passos se aproximando. A atenção de Eleonora se desviou para a porta. Sem raciocinar direito, Carlo apanhou na gaveta sua máquina fotográfica e tirou um retrato dela, numa tentativa desesperada de guardar aquela imagem.

Essa foi a última vez que a viu. Pessoalmente.

Eleonora trouxe à tona outro lado seu, até então, submerso. Meninas entre treze e dezessete anos o excitavam. Depois dela, houve outras tantas. Carlo buscava nelas semelhanças com a doce Eleonora e passou a oferecer presentes em troca dos cliques. Ele não se sentia culpado, pelo contrário. Nunca forçava a barra, era respeitoso. Observar *suas ninfetas* tornou-se uma espécie de vício, uma válvula de escape da rotina monótona. Isso não o impedia de ser um bom pai e um marido exemplar, do tipo que frequenta as missas de domingo com a esposa beata.

Sua vida dupla durou quase dois anos. Até Anna encontrar as fotos durante uma faxina. Perplexa, ela chorava ameaçando deixá-lo. Ele implorou por seu perdão. Admitiu sua fraqueza, jurou que não se repetiria. Para evitar cair em tentação, passou a se dedicar exclusivamente à administração do plano de saúde.

Cumpriu sua promessa. Por um tempo.

Carlo jamais esperava ficar obcecado pela própria sobrinha que desabrochava diante dos seus olhos. As curvas perfeitas, os cabelos pretos sedosos, a boca carnuda. O rosto de menina. *Ainda mais bonita que sua Eleonora.*

O universo resolveu conspirar a seu favor. Sienna queria ser modelo e, para isso, precisava de fotografias com qualidade profissional. Ele, o tio prestativo, se ofereceu para ajudá-la. As fotos se dividiam em duas categorias, as convencionais. E as outras. Durante um ano, Carlo a teve para si, da sua maneira, a única possível. Era feliz.

Porém, nos últimos meses, Sienna passou a se mostrar relutante em tirar a roupa. Carlo não podia obrigá-la. Temia prejudicar sua carreira, seu casamento e sua reputação por causa de um fetiche. Além disso, a sobrinha estava amadurecendo, deixando para trás os traços de menina.

Mesmo a mais bela das ninfetas perde o frescor da juventude.

Eles continuaram a conviver em família, lógico. Seu coração ainda batia mais forte com ela por perto. Já Sienna engatou um namoro com Fabrizio Barone e fazia o possível para evitá-lo. *Ingrata. Depois de tudo que fiz por ela.*

Se por um lado, Carlo não tinha maiores ciúmes do namorico morno da sobrinha, por outro, quase pirou quando descobriu a transa dela com o Luca.

Agora, a situação se mostrava ainda pior. Luca não era responsável apenas pela gravidez de Sienna como também tivera a pachorra de roubar as fotos que Carlo guardava da sobrinha. Entrando na mata que cercava o caminho para o lago, Carlo chutou uma pedra. Não era justo que alguém lhe roubasse a única lembrança que restava de sua doce Sienna.

Carlo afastou o mato de sua frente com o braço, odiando cada minuto daquela confusão. As fotografias de Sienna e de suas outras meninas não costumavam ficar no escritório onde qualquer enxerido pudesse encontrar. Depois da descoberta das imagens sensuais por Anna, anos antes, ele vinha sendo cauteloso. Encontrara o esconderijo ideal em um fundo falso do armário. Era ali que suas preciosas *ninfetas* ficavam guardadas, esperando por ele com seus pequenos seios empinados e bundas em formato de coração.

Numa noite em que a esposa tomara mais calmantes do que o de costume, Carlo se sentiu livre para um encontro secreto com as fotos de Sienna em seu escritório. Mas, com a maldita reforma no quarto do filho, Anna tinha espalhado caixas e mais caixas com os pertences de Marco no escritório.

Ainda assim, Carlo trancou-se no cômodo bagunçado com seu envelope preferido. Mas, aquela noite parecia ser o início de uma série interminável de desventuras. Carlo mal havia aberto as calças quando as batidas insistentes de Marco na porta o sobressaltaram. Sem outra saída, ele escondeu o envelope dentro de um álbum de figurinhas do filho que estava jogado sobre a mesa e o guardou na gaveta. Ninguém procuraria as fotografias ali.

Carlo foi impedido de retornar às imagens de Sienna. O filho chegara bêbado de uma festa, fazendo um escarcéu. Anna surtaria se o visse naquele estado deplorável. Sobrou para ele enfiar o Marco em um banho gelado.

Na manhã seguinte, Carlo precisou viajar para São Paulo a trabalho devido a uma audiência de um dos processos do plano de saúde e esqueceu completamente que as fotos de Sienna continuavam na gaveta do escritório em sua casa. Quando retornou, dias depois, ele descobriu que o pior tinha acontecido. Alguém roubara as imagens sensuais de Sienna, sua eterna favorita.

Carlo jamais teria desconfiado do filho do professor. Suas suspeitas eram de que Marco ou Anna tivessem encontrado as fotos. Nenhum dos dois havia dito nada a respeito. Mas, tendo em vista o conteúdo das imagens, Carlo tampouco poderia perguntar à esposa ou ao filho. Só lhe restava resignar-se pelo que havia perdido.

Como as coisas sempre podiam piorar, agora o maldito moleque tinha a audácia de ameaçar sua segurança. Luca achava que as fotos pertenciam a Marco e queria levá-las à polícia. Carlo nunca permitiria que isso acontecesse. A descoberta de seu segredo acabaria com sua carreira, com seu casamento e com sua credibilidade. Tudo aquilo que ele lutara por anos indo pelo ralo por causa do capricho de um garoto presunçoso. *Não vou deixar você destruir tudo, Luca.*

O vulto cambaleante de Luca estava alguns metros à sua frente, parado na beirada do penhasco. Sozinho. Tomado por uma raiva irracional, Carlo soube que era hora de agir.

CAPÍTULO 37

— SE CONTROLA, ANNA — disse Carlo em tom de ameaça.

— Não, Carlo. Que tipo de pai usa o próprio filho desse jeito? Que tipo de ser humano faz isso?

— Beata mal-agradecida — ele resmungou. — Você não passava de uma merda de uma enfermeira que nem sabia a diferença entre uma gaze e um algodão. Eu, praticamente, tirei sua família da miséria. Ou acha que eles seriam algo sem a minha ajuda?

— Está falando sobre pagar o aluguel da Grazi e os estudos da Sienna? — Anna uniu as sobrancelhas. — Eu demorei para perceber a sua intenção. Nunca foi caridade, só o seu jeito de manter a Grazi quieta. Jesus, como fui cega. Cheguei a culpar a minha própria sobrinha, dizia que o comportamento e a beleza dela foram a razão dos seus atos doentios. Na verdade, Sienna foi a vítima.

— Vítima? Ela foi a maior beneficiada. Ou acha mesmo que a Sienna teria se formado, que teria aberto a boutique se não fosse por mim?

— E a que preço? — Anna devolveu. — Você a rondava desde os treze anos fingindo se interessar por sua carreira de modelo, se oferecendo para tirar fotos com sua máquina fotográfica importada. Era vantajoso para minha irmã se fazer de cega. Graças a Deus, a Sienna ficou noiva do Fabrizio, porque com a família Barone você não se mete.

— Mãe, chega. A Bia era uma vadia. Eu mesmo vi a garota se jogando para cima do pai. Ele é homem, caiu em tentação. E quanto a Sienna, que absurdo. Por que está inventando isso? Metendo minha prima nesse rolo? A única coisa errada que ela fez foi ser intrometida. Escutou minha conversa com o pai e foi logo te contar.

— Eu ia ficar sabendo, Marco. Mais cedo ou mais tarde todo mundo em Vila Allegro vai falar de como a Bia morreu tentando tirar um bebê. Sua prima me fez um favor. Sinto muito, meu filho. Não devia se deixar levar pelos subornos do

Carlo e assumir o namorico com a garçõete. Seu pai é um molestador, sempre foi. Assediou sua prima e só Deus sabe quantas outras meninas.

Marco emudeceu. Parecia um garotinho frágil, sua postura esnobe tinha evaporado. Anna levou as mãos trêmulas aos olhos.

— Claro, hoje em dia a situação é outra. A Sienna se casou, amadureceu, deixou de ser interessante para ele — Anna seguiu vomitando todo o rancor e humilhação de uma vida. — Ela não foi a origem disso, Carlo é obcecado por adolescentes com o mesmo tipo físico dela há anos. Você ainda era criança quando encontrei as fotos da primeira garota. E eu fui ingênua o suficiente para perdoar o seu pai. — Virou-se para o marido. — Rezei tanto, Carlo. Acreditava que minha fé pudesse te curar. Mas você nunca me amou, eu era conveniente. Me prometeu fidelidade perante a Deus e teve coragem de virar amante da Bia... uma menina.

Eu mal processava as palavras de dona Anna. Era surreal demais. Todos temos nossos segredos e, de certa forma, usamos nossas máscaras. Mas aquilo? A história com a minha cunhada, a semelhança da Bia com ela. Carlo engravidou uma menor de idade? Logo ele, um médico exemplar. O homem que me trouxe à vida, me acompanhou crescer. Então fui atingida por um pensamento mais perturbador. *Será que algum dia ele também alimentou desejos perversos por mim? O carinho dele escondia segundas intenções?* Meu estômago se revirou.

Balancei a cabeça. Existia uma mínima chance de ser um mal-entendido. *Dona Anna exagerou no vinho.* Cerrei os punhos esperando meu padrinho negar as acusações, dar uma explicação plausível. A resposta dele foi inesperada.

— Nem ouse me confrontar, Anna. Quem vai acreditar em você? Não passa de uma descontrolada, de uma viciada em calmantes. Todo mundo sabe dos seus apagões, não tem crédito nenhum.

— E-eu vou contar para a polícia — falei com os olhos encharcados, controlando minha ânsia de vômito.

— Ah, pronto. Falou a senhora credibilidade. Melhor pensar duas vezes, Pietra. — Ele veio até mim, estalou os dedos diante do meu rosto. — Com seu histórico psiquiátrico, não é sensato sair por aí falando absurdos, podem achar que você surtou de novo — um sorriso maldoso se abriu — e que precisa de mais uma temporada no hospital.

Recuei, horrorizada. *Carlo é o monstro.*

Enrico se aproximou, segurando minha mão com carinho.

E, nesse momento, eu soube que era o Luca no corpo dele.

— O trabalho de geografia. As fotos da Sienna pelada dentro do envelope no seu escritório. — A voz do Luca saiu rouca, fraca.

Ele não está mais acostumado a usá-la.

— Boa tentativa, italiano. — Carlo passou os dedos entre os cabelos grisalhos sem desfazer o sorriso. — A Pietra te contou que o Luca revirou o escritório e saiu ventando. Fácil deduzir o resto.

— Calma aí — Marco interferiu —, que história essa? Pai, é verdade isso? Guardava fotos da minha prima pelada?

— Baboseira, filho, é loucura dessa desequilibrada e do namoradinho italiano — Carlo respondeu.

— Mas... pai. O Enrico perdeu o sotaque — Marco declarou.

Carlo não respondeu, apenas encarou Enrico.

— Se concentra, Luca. Consegue se lembrar quem te empurrou? — perguntei, alternando meu olhar entre Marco e meu padrinho.

— Essa voz — Luca fitou o Carlo, depois a vista dele se desviou para o penhasco. — Foi a última coisa que escutei. — As mãos nas minhas costas, o lago frio. Mas eu... consegui nadar.

— Puta merda, que brincadeira é essa? — Carlo vacilou. Sua expressão afetada era um indício de que a ficha tinha caído.

As lembranças do Luca me invocaram uma imagem específica daquela noite, como se ela sempre estivesse ali, trancada em consequência do meu trauma. *Meu padrinho foi quem me encontrou abraçada com o Luca no lago.* Só agora percebi: ele chegou rápido demais.

— O Carlo disse que veio correndo quando escutou meu grito, só que... eu não gritei, Luca. O choque me deixou muda. — Uma lágrima escorreu pela minha face.

— A paulada na minha cabeça — Luca balbuciou, os olhos semicerrados revivendo a própria morte.

— Paulada? Que paulada, Carlo? — Anna perguntou em um fio de voz. — Você disse que discutiram, o Luca perdeu o equilíbrio e escorregou do penhasco. Foi um acidente. Acreditei no que você me disse, nas suas lágrimas. Por isso, guardei seu segredo.

— O que você queria que eu fizesse? O maldito moleque sobreviveu à queda. Eu não tive alternativa.

Anna deu um passo para trás.

— Como você pôde fazer isso com o pobre garoto? — Ela bateu no peito do marido repetidas vezes.

— Ah, me poupe do seu teatro, Anna. — Carlo não dava nenhum sinal de ter sido atingido pelas palavras ou pelos socos da esposa. — Por anos, você preferiu acreditar na minha versão dos fatos.

Luca soltou minha mão e foi ao encontro do meu padrinho.

— Por que me empurrou? — Seu rosto a meros centímetros do dele. A mandíbula travada.

— Isso está ficando bizarro. — Marco se meteu entre os dois.

Luca levantou o babaca pela camisa com uma facilidade impressionante e o arremessou em um arbusto.

— Filho — Anna acelerou o passo para acudi-lo, não usava salto, mas sua sandália rasteira afundava na terra. — Acorda! Fala comigo. — Ela o examinava. — Carlo, o Marco bateu a cabeça — vociferou.

Alheio ao escândalo da esposa, meu padrinho encarava fixamente o Luca.

— POR QUÊ? — meu amigo repetiu.

Fui para o lado dele, dando meu apoio moral.

Carlo soltou o ar ruidosamente.

— Sou um bom homem. Um cara honrado. Não saio por aí me vingando de cada idiota que cruza o meu caminho. Tanto que relevei todos os seus chiques. Fingi que não sabia que você e aquela putinha da clínica estavam revirando os registros do plano de saúde, não me meti quando você roubou a vaga do meu filho na universidade, nem quando engravidou a Sienna. — Carlo semicerrou os olhos. — Mas as fotos. Isso foi demais, ultrapassou todos os limites. Não podia deixar você sair por aí gritando aos quatro cantos o que tinha encontrado. Não te deixaria foder com minha vida.

— A gravidez da Sienna — Luca tropeçou, o cenho franzido. Ele parecia se recordar da cena e falava consigo mesmo. — Ela e o Marco. Eu pensei...

— Achou que meu filho comia a prima gostosa, né? Vi a briga ridícula de vocês na festa. O Marco estava irritado demais contigo, nem entendeu suas insinuações sobre as fotos da Sienna. — Carlo riu. — Fiquei surpreso com sua ingenuidade, Luca.

Eu o cortei.

— Se as fotos da Sienna eram suas, você e minha cunhada... — novamente não consegui terminar a frase.

— É isso que pensa do seu padrinho, Pietra? — Carlo debochou.

— Pedófilo nojento. — A bile na minha garganta me fez engasgar. Meu amigo segurou meu braço me puxando para si.

Carlo se divertia com a minha ira.

— Pedófilo? Elas tinham mais do que doze anos...

— Ainda assim, eram apenas meninas!

— É muito fácil me acusar, esse garoto não foi nenhum santo. — Ele desviou a atenção para o Luca. — Transou com a namorada do melhor amigo e quis pular fora. — Passou a língua pelos lábios. — Ainda roubou as fotos dela e queria levar na polícia. Você é uma erva-daninha, Luca, dessas que destroem tudo ao redor e devem ser eliminadas.

Luca avançou para cima dele. Seus dedos pressionando o pescoço do meu padrinho.

— Para! Se você estrangular o Carlo, o Enrico vai estar encrencado — implorei.

— É. — Luca afrouxou a pegada. — Está certa.

Meu padrinho respirava com dificuldade, se agachou recuperando o fôlego.

— Desiste, acabou — eu disse. — Não importa sua influência, vai ser julgado e preso. Eu e a Anna vamos te entregar, o Enrico será nossa testemunha.

— Eu não teria tanta certeza. — Carlo se levantou de forma enérgica com as mãos fechadas. Feito uma cobra pronta para dar o bote, esperou. E quando meu amigo chegou perto o suficiente, jogou um punhado de terra no rosto dele.

Luca gritava, esfregando os olhos. Reparei uma mudança sutil na sua postura.

— *Maledizione. Non vedo niente.* — Enrico voltara bastante desorientado.

— Fica parado, Enrico, você não enxerga porque deve ter perdido as lentes de contato. Vou te ajudar.

Carlo foi mais ágil, me atingiu com um soco no estômago.

Uma onda de dor me tomou. Caí para trás.

— Pietra, *tutto bene?* — Enrico arfou, desabando no chão em seguida.

Merda, está acontecendo de novo. A fraqueza era o efeito colateral da possessão. Tanto ele quanto o Luca perdiam muita energia.

— Vejamos, me livre da alma penada. Hora de fazer o mesmo com a testemunha. — Ele revelou o que trazia na outra mão: uma pedra.

— Para, por favor — implorei, em vão.

Meu padrinho deferiu um golpe na testa do Enrico, o sangue escorria por seu rosto. Não satisfeito, ele chutou seu queixo. O italiano caiu duro.

— Enrico! — Corri para junto dele verificando sua respiração.

— O que te deu, Carlo? Deixe-os, nosso filho bateu a cabeça e está inconsciente, precisamos levá-lo para o hospital — Anna insistiu aos berros.

Carlo parou, como se, pela primeira vez, percebesse a gravidade da situação.

— Ah, Pietra, você é responsável por esse circo, desenterrou o passado e com ele o fantasma do Luca.

Eu sabia que Carlo viria para cima de mim, precisava agir. *Pensa, Pietra.* Vislumbrei no solo, entre algumas folhas secas, um galho grosso.

Eu me preparei para o contra-ataque.



Quando meu padrinho se aproximou, apanhei o galho. Estava sujo de terra e era mais pesado do que imaginava. Então, reuni minhas forças e bati na barriga dele.

— Filha da puta! — Ele curvou as costas.

Eu queria levar o Enrico comigo, temia deixá-lo para trás naquele estado. — Vamos, reage. — Larguei o galho e me ajoelhei, sacudindo seu corpo.

Então, senti uma mão me puxando pelos cabelos.

— Se tivesse ficado na sua, me pouparia de chegar a esse ponto. Uma menina rebelde e bisbilhoteira merece ser castigada — Carlo disse secamente, jogando o galho para longe.

Ele me arrastava pelos braços com uma força tenaz. Meu padrinho era quase tão alto quanto o Marco e estava em boa forma. *Não tenho chance.*

— Me larga! — Eu balançava meus ombros, agitando os braços e as pernas de forma frenética.

— Meu amor por você era sincero, Pietra. Somos família, deveríamos nos proteger. — Ele parou na beira do penhasco. Eu de costas para o lago. — Você sabe demais, hora de se juntar ao seu amiguinho.

— Vá para o inferno! Não pode me empurrar. — Minha sensação de pavor ia crescendo, o coração aos pulos.

— Jamais faria isso. — Ele me fitou com um olhar cruel. — Você quem vai fazer.

— Como é? — O frio da minha barriga subiu até meu peito, minhas costelas se comprimiram.

— Uma pena. Eu insisti que tomasse a medicação desde que chegou, não me deu ouvidos. Foi difícil estar nesse sítio sozinha com suas memórias tristes, certo? Você é fraca, vulnerável. Incapaz de enfrentar seus demônios. Por isso resolveu acabar com tanta dor.

— Ninguém vai acreditar nessa sua história — revidei, chorando.

— Será? — Ele deu um risinho sinistro. — Sei ser bem convincente.

O chão tremeu sob meus pés. O tempo parecia suspenso. *Eu não quero morrer.*

As folhas da árvore ao meu lado farfalhavam com uma intensidade sobrenatural, o vento uivando. Eu senti a presença do Luca comigo, usando a força que lhe restava para tentar me salvar.

— Isso é tudo que consegue fazer sem um corpo? Não tenho medo de assombração! — Carlo berrou.

E nessa fração de segundos em que meu padrinho se distraiu, levantei meu joelho e o acertei bem no meio das pernas. Ele se jogou no chão, emitindo um rugido mais animal que humano. A mistura ódio e descarga de adrenalina parecia me deixar com superpoderes. Antes que ele pudesse se reerguer, chutei seu nariz usando meu calcanhar. Pela quantidade de sangue que jorrava, devia ter quebrado.

Acertei outro chute na boca dele, mais um no seu olho. A cabeça de Carlo pendeu. Ele apoiou as mãos na terra e foi se arrastando para trás. *Basta um empurrão.*

Escutei um choro baixo, sofrido. Girei o pescoço. Lá estava Anna de pé observando a briga. O coque desarrumado. O efeito do brilho da lua refletido em seu rosto evidenciava a maquiagem toda borrada dando a ela uma aparência macabra.

Anna não disse nada, contudo seu semblante falava por si só.

Ela sabia o que eu estava prestes a fazer.



Fiquei de cócoras para encarar os olhos gélidos do Carlo.

— Vou vingar o meu amigo — murmurei, tomada pela raiva.

— Não faz isso, Pietra. — A voz dele saiu suplicante. — Sou seu padrinho.

— Você é a bosta de um covarde. Me diga, está com medo?

Estiquei um dos braços, ele se encolheu. Carlo provaria do seu próprio veneno, sofreria como o Luca em 1984.

Só que não sou como ele. Não sou uma assassina.

— Quer saber, Carlo? — Eu me levantei. — Prefiro te ver apodrecer na cadeia. Vou buscar reforços, dona Anna. Ele está machucado, não tem como fugir.

— Cuidado, Pietra! — Escutei o grito agudo dela.

Carlo agarrou meus tornozelos. O cara parecia uma fênix, sempre renascendo das cinzas. Caí de bruços, as mãos espalmadas no chão. Na queda, torci o punho direito, uma dor lancinante irradiava pelo meu braço.

— Desgraçado. — Ele me puxava pelos pés, iria me jogar. Afundei as unhas na terra, desesperada. — Socorro!

Boa parte do que veio em seguida, eu percebi como um sonho. Vi, de relance, dona Anna caminhando, tive a impressão de que trazia consigo o galho grosso que eu tinha encontrado.

— Sua *velha* sem noção. O que pensa que está fazendo? Vai ver, eu vou... — A frase foi interrompida.

Houve um grito rouco e prolongado. Uma breve pausa. Um estrondo alto seguido de um splash e um baque surdo.

Ergui o pescoço. Anna estava na beira do precipício agarrada ao galho. Com dificuldade, fui até ela. Olhei para baixo. A cena chocante era um *déjà-vu*. Carlo boiava nas águas turvas do lago de braços abertos. Ao redor da sua cabeça

submersa, havia uma mancha, um líquido escuro. Deduzi que tinha batido na rocha pontiaguda ao seu lado.

— O-obrigada, dona Anna.

Ela não me respondeu, nem parecia notar minha presença. Olhava catatônica para o lago e sussurrava um Pai Nosso.

Um gemido a tirou de seu estado de transe. Era Marco.

— O que foi que eu fiz? — Dona Anna se ajoelhou na frente dele. — Misericórdia, senhor, castigue a mim, não leve meu filho.

— Dona Anna, mantenha a calma. Deus viu tudo o que aconteceu, Ele sabe que a senhora é inocente, foi legítima defesa, o Carlo ia me matar.

— Fui enfermeira, não mato pessoas, eu as salvo. — A mulher chorava de maneira compulsiva.

— Fique calma. Cuida do Marco e do Enrico, vou buscar socorro.

Observei uma derradeira vez o lago, meu peito se apertou. Eu lutava contra as lágrimas. O homem boiando naquelas águas era mau, um psicopata. Tinha matado meu amigo, me mataria sem pestanejar. Contudo, uma parte minha ainda enxergava o Carlo como um padrinho amoroso. Meus pensamentos voltaram-se para os bons momentos que tivemos juntos. Era como se um pedaço de mim também tivesse morrido.

— Adeus, Carlo — eu disse baixinho.

Nessa hora, tive a impressão de estar sendo observada, um arrepio percorreu minha espinha.

— Dona Anna? — Girei nos calcanhares. Mas ela estava distante, debruçada sobre o corpo do filho. Foi quando enxerguei algo luminoso. Apertei os olhos sem acreditar na figura espectral que se aproximava.

— Luca, eu consigo... te ver. — Minha coluna se enrijeceu.

Ele parou na minha frente. Usava a roupa do dia da sua morte e mantinha a mesma aparência. Um garoto de cabelos cacheados e porte atlético. Bonito de tirar o fôlego. Por uma fração de segundos, voltei a ser a Pietra de quatorze anos com o coração disparado diante de seu amor platônico.

— Esse é meu presente — ergui a cabeça para o céu prendendo o choro — porque essa é nossa despedida.

— Sim — Luca confirmou.

Eu tive um sobressalto. *Caramba, também consigo escutá-lo.*

— Seu assassino está... morto. Deve ser um alívio.

— Pensei que seria — meu amigo respondeu. Sendo ele mesmo, sua voz saía com mais facilidade e segurança.

— Espera — afastei uma mecha de cabelo grudada na minha testa —, descobrir quem te empurrou do penhasco e se vingar não era o seu assunto pendente?

— O perdão. *Esse* é meu assunto pendente. — Ele suspirou. A luz que circundava seu corpo etéreo se intensificava.

— Como assim? — Arqueei uma sobrancelha.

— Por todo esse tempo, eu bloqueei minhas memórias. Não queria ver como magoei, fui injusto e traí as pessoas que me amavam. — Luca baixou o olhar.

— Não se martirize. Você tinha lá seus dias ruins, todo mundo tem. Mas era divertido, gentil. Sensível.

— O *seu* italiano tem sorte. — Luca abriu um sorriso. — A gente só consegue enxergar nos outros o que temos por dentro. Lembra disso, Fofote. Essa pessoa incrível que você via em mim era só um reflexo do seu interior.

Virei a cabeça para o local onde o Enrico estava.

— Tenho que chamar uma ambulância urgente, ele não acorda de jeito nenhum.

— Ele vai ficar bem — falou, convicto. — Só precisa de um tempo.

Não consegui conter o choro.

— É uma bosta você ter morrido. Um futuro te esperava. Hoje seria um grande cineasta.

— Nunca mereci a bolsa para estudar em Roma. — Luca puxou o ar. — Enganei meu pai, roubei o gabarito da prova. — A frase saiu lenta, porém clara.

— Oi? Você colou para entrar na universidade de Roma? — Funguei, enxugando as lágrimas com o antebraço. — Não faz sentido, era o melhor aluno da classe.

— O Marco entendia muito mais de cinema. Eu só queria morar na Europa — revelou, resignado.

Fiquei sem fala. Todos esses anos tinha romantizado o Luca: o garoto lindo, inteligente e perfeito por quem me apaixonei. *Ele engravidou a Sienna e roubou a vaga do Marco.*

— Não me orgulho das minhas escolhas — comentou, cabisbaixo, observando a decepção estampada no meu rosto, seu olhar transmitia um arrependimento genuíno.

— Bom — eu me recompus —, foi corajoso admitir suas falhas... Antes tarde do que nunca, certo? Chega de remoer o que não se pode mudar, Luca.

No fim das contas, Marco ficou com vaga que era sua de direito, refleti.

— É que quando tudo acaba, viramos apenas lembrança. No fim das contas, o que importa é como somos lembrados.

— Com amor, meu filho. É assim que me lembro de você. — Uma voz masculina respondeu.

Nós dois nos viramos em busca da voz débil.

O professor Lorenzo estava lívido escutando a conversa, dona Anna ao seu lado.

— Como soube, professor? — indaguei, pasma.

— Senti a presença do meu filho no instante em que pus meus pés nesse sítio. — As lágrimas escorriam por seu rosto magro. — Pensei que fosse coisa da minha cabeça, saudades. — Lorenzo deu um passo à frente. — Passei a noite toda pensando em vir aqui dizer umas palavras para o Luca, mesmo que ele não pudesse me ouvir. Agora, quando estava no caminho, apareceu essa luz e não acreditei no que estava vendo.

Luca se aproximou e o envolveu em um abraço.

— Pai... também consigo te sentir — meu amigo falou, emocionado.

Um clarão repentino me obrigou a cobrir os olhos.

— Senhor, perdoai as nossas ofensas assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido — Anna emendava um Pai Nosso no outro.

— Está na hora, Luca. Precisa seguir em frente. — Lorenzo analisava embasbacado o facho de luz branca.

— O mesmo vale para você, pai. É hora de seguir em frente.

O professor engoliu em seco e maneou a cabeça.

— Sou grato por ter a chance me despedir. Eu me orgulho de você, filho. Te amo e o amor não morre.

Luca se afastou com o semblante suave. Sorriu para dona Anna. Ela retribuiu o gesto e fez o sinal da cruz. Uma sensação de paz tomou o local. Meu amigo parecia hipnotizado pela luz cintilante, andava lentamente em sua direção. Então, do nada, ele parou. Deu meia-volta.

— Obrigado por não desistir de mim, Pietra.

— Vou sentir saudades. — Um nó se formou na minha garganta.

— Vou apenas sair um pouco de vista — ele sussurrou, cravando seus olhos nos meus. — *Viva o presente, Fofolete.*

Arqueei as sobrancelhas percebendo que Luca nem sequer mexia os lábios e mesmo assim eu o escutava.

Se apaixone, cante, dance, sonhe, fale merda. Não se leve tanto a sério. Cometa um montão de erros, aprenda com eles e ria depois. Seja feliz, faça isso por você. E por mim também.

Luca curvou-se me envolvendo em seus braços. Em seguida, sua boca colou na minha bochecha, permanecendo ali. Senti um formigamento gostoso. Fechei os olhos curtindo a sensação e um monte de imagens vívidas da nossa infância invadiram minha mente, feito um grande videoclipe.

E quando voltei a abri-los, Luca havia partido.





EPÍLOGO

3 anos e meio depois

ERA UM TÍPICO DIA DE INVERNO; frio, porém ensolarado. Sentada na namoradeira do sítio, eu observava minha sobrinha se divertindo no jardim sob os olhares atentos da minha mãe e da Grazi. O vestido rosa da Mia, imundo de terra, seu cabelo desgrenhado. Ela adorava rolar na grama e arrancar flores, para o desespero de dona Telma Barone. Reparei em suas perninhas roliças de quem estava deixando de ser um bebê para virar uma criança. *O tempo passa rápido.*

Sem aviso, imagens do pesadelo daquela noite tomaram a minha mente. Era comum a memória de Carlo vir me assombrar durante meu sono. A cena da sua morte se repetia feito um looping em minha cabeça. Revisitar o passado doía. Era impossível mudar o que tinha acontecido, mas o sofrimento também nos ensina.

Escolhi deixar meus fantasmas para trás, sem fugir ou me esconder deles. Apenas aceitando que as dores fazem parte de quem eu sou, de quem me transformei; uma versão mais forte, capaz de viver no presente.

Girei a aliança de ouro que reluzia em meu dedo anelar da mão esquerda. Era o lembrete constante de como a vida nos surpreende quando nos abrimos para o amor. Um sorriso bobo delineou meus lábios. Se três anos antes alguém me dissesse que eu trocava São Paulo por Vila Allegro, transformaria meu sítio em uma pousada e me casaria com o *stronzo* do meu vizinho em uma tarde de verão ao som da Laura Pausini, carregando um buquê enorme de girassóis, jamais acreditaria.

Por sinal, apesar das teorias da conspiração, o mundo não tinha acabado na virada do século, nem perto disso. Para mim, ele estava só começando.

Certas curvas do destino nem as cartas de tarô conseguem adivinhar.

— Olha o que saiu do forno — Enrico anunciou.

Ele vinha com Nina, caminhando em minha direção. Ela saltitante, abanando o rabo, ele trazia um prato com um pedaço de bolo e uma xícara de chocolate quente.

— Precisa se alimentar, senhora Savoia. — Sentou-se ao meu lado.

Um cheiro adocicado de cenoura com notas de canela e noz-moscada flutuou até minhas narinas.

— Esses mimos no meio da tarde são a melhor parte de ter uma filial do Lótus aqui na pousada. — Abocanhei o bolo. — Mas vou ter que me controlar. Redobrar meus cuidados com a alimentação nos próximos meses.

— *Sei bellissima*, Pietra Barone. Nenhuma mudança em seu corpo vai te tirar isso. — Ele deu uma piscadela charmosa.

Eu adorava o lado galanteador do meu marido. Sentia tanto orgulho da gente, do jeito que estávamos construindo nossa história. Não que fôssemos perfeitos, tínhamos lá nossas discussões e, às vezes, agíamos feito idiotas.

Isso é vida real. A perfeição não existe. Somos nós que idealizamos as pessoas, as colocamos em um pedestal, outra lição que Luca me ensinou.

Ainda sentia a falta dele. Sempre sentiria, mas cumpri minha promessa de seguir adiante.

Quanto à minha vida profissional, graças às ideias marqueteiras do Fabrizio, agora sócio do Enrico, a vinícola Savoia entrou para a rota dos vinhos. Com isso, meu negócio ia de vento em popa. Turistas de todo o Brasil vinham se hospedar na charmosa pousada Barone, aproveitar a boa gastronomia, o clima campestre e desfrutar de um passeio guiado pela vinícola com direito à piquenique embaixo dos vinhedos e degustações de vinhos. Na época de colheita, tinha até fila de espera.

— Auau, Auau! — O grito da minha sobrinha chamando pela Nina chegou até nós. Mia tinha os olhos brilhantes e os cabelos claros do meu irmão. E o gênio forte da minha cunhada.

Sienna descobriu que estava grávida na segunda semana de janeiro do ano 2000. Àquela altura, Fabrizio sabia das fotos, do caso com o Luca e do aborto. Se livrar dos segredos acabou sendo um alívio para ela. Sienna esclareceu que, apesar do fetiche de Carlo, ele nunca encostou nela, o que, de forma alguma, tirava o peso do abuso que ela sofreu. Meu irmão também resolveu ser sincero confessando suas mentiras sem deixar de fora as ameaças que sofreu do agiota e o fato do dinheiro da festa de Réveillon ter sido todo usado para pagar as dívidas dele.

É curioso como coisas boas podem advir de tantos dramas. De certa maneira, as revelações uniram o casal. Sienna passou a controlar seus gastos e a ajudar com as despesas do dia a dia. Enxergar seu trabalho como um negócio lhe rendeu frutos. Agora, além do sucesso da boutique, minha cunhada era estilista de uma marca de grife em São Paulo.

— A Mia é determinada, não vai sossegar enquanto não fizer a Nina de cavalinho. — Eu acariciei a cabeça da nossa cachorra.

— *Dio mio*, de onde essa menina arruma tanta disposição? Ela deveria ser estudada pela ciência.

— Crianças são assim.

— Hum — ele ajeitou os óculos, fixando seus olhos escuros na Mia —, talvez ela esqueça da Nina. A Grazi trouxe uma Barbie.

Analisei a situação. Minha madrinha sentada na beira da piscina falava com uma voz fina fingindo ser a boneca.

— Ela é uma forte concorrente ao prêmio de avó mais babona do ano. — Enrico se divertia com a encenação.

— Inacreditável, né? Minha madrinha mudou demais.

— Todos nós mudamos. — Enrico suspirou.

— Ei, mocinha, cuidado para não cair na água — Grazi advertiu.

— Brincar com a neta mantém a cabeça dela ocupada. — Mia dava cambalhotas pela grama ignorando a Barbie. — A Grazi não gosta de tocar no assunto, mas sei que sente falta da irmã — comentei.

— Não creio que ela pense em voltar para o Brasil. — Enrico enrugou a testa.

Ele tinha razão. Anna Rizzi buscava o anonimato. O julgamento da morte do Carlo teve repercussão nacional, seu rosto estampou as principais capas de revistas e tabloides sensacionalistas do país por semanas.

Autodefesa, o júri foi unânime na decisão e, se o desgraçado do Carlo não tivesse morrido, pagaria por seus crimes, no entanto, eu não estaria viva para ver. Além de me salvar, dona Anna deu todo suporte para a família da Bia, ainda assim, era chamada de assassina em plena missa de domingo.

— Ela faz bem em manter a distância de Vila Allegro. — Tomei um gole do chocolate quente. — Merece ter a chance de recomeçar.

— Concordo, é uma boa pessoa. Foi um gesto admirável baixar os custos do plano de saúde para que mais gente tenha acesso. Mas, para mim, boa ação mesmo foi ela ter levado o babaca do Marco consigo para longe daqui — Enrico acrescentou.

— Veeem, Auau! — Mia bateu os pés.

— Eu avisei, a menina é determinada. Se apresse, tio Enrico, a Nina não vai a lugar nenhum sem sua companhia.

— Claramente a Mia puxou essa determinação de você. — Enrico se levantou em um salto. — Eu já te disse que eu te amo hoje? — Ele me deu um selinho, baixou o olhar para minha barriga e foi ao encontro da pequena, levando a cachorra junto.

Aquele nem parecia o homem fechado e carrancudo de antes. *Enrico também teve sua cota de autoperdão para conquistar.* Nos dias em que ficou em coma, entre a vida e a morte, Isabella apareceu para ele. Mesmo com seus dons mediúnicos, nunca tinha visto a falecida noiva, até então. E a dor da culpa o dilacerava tanto quanto a mim. Mas, diferentemente do meu amigo, ela não o

culpava, nenhum sentimento de raiva ou injustiça a prendia a esse mundo, fez a passagem imediatamente.

Eu me peguei refletindo sobre o meu próprio dom, de como minhas premonições bizarras me forçaram a enfrentar o que eu mais temia. Agora era diferente, não sentia medo da morte. Por fim, conseguia entender as palavras da Maria: nada morre de verdade. As pessoas que amamos apenas mudam de forma, tal como as borboletas. E, se prestarmos atenção, ainda podemos senti-los velando por nós. Disfarçados de brisa suave, naquela estrela brilhante no céu, no sorriso de uma criança, em um cheiro peculiar que chega sem aviso ou até mesmo nas músicas que insistem em nos perseguir.

Porque uma coisa é certa; coincidências não existem.

Uma prova disso foi eu ter sonhado com o Luca na noite anterior à minha visita ao médico, aquela consulta transformou exames de rotina numa revelação que mudaria o rumo de nossas vidas dali para frente.

A gente estava esperando que eu entrasse no terceiro mês para dar a notícia para a família. A única que sabia era a Maria. Bem, e a Kiara. As duas oficializaram a relação no dia do meu casamento e, desde então, moravam juntas. Minha amiga ficou eufórica com a novidade, até bordou uma manta amarela para a maternidade.

O Enrico brincava que se fosse menina se chamaria Laura, como a cantora. *Lógico*, abafei uma risada.

Mas minha intuição de mãe dizia que era um menino.

E eu não tinha dúvidas de qual seria o nome do nosso filho.

FIM



AGRADECIMENTOS

ESCREVER É, SEM DÚVIDA, UMA JORNADA SOLITÁRIA, mas uma história não ganha vida sem o valioso apoio e contribuição de muitos.

Como de costume, começo agradecendo às minhas filhas, Sofia e Isabella. O orgulho e o amor de vocês são meus maiores incentivos para seguir escrevendo. Nesse livro, em particular, preciso ressaltar a enorme ajuda da minha caçula, a Isabella, na escolha dos nomes de alguns personagens, ideias para a capa, ilustrações e palpites no geral.

Agradeço ao Bruno, meu marido, que aguenta minhas crises e ansiedades. Eu sei, não é fácil dividir a esposa com seu mundo paralelo.

À minha mãe, também melhor amiga e leitora empolgada. Obrigada por ter me proporcionado uma infância tão lúdica. De certa forma, esse livro foi baseado no Goiapá, nosso sítio, onde passei momentos únicos. Adorei revisitar essas lembranças.

Obrigada ao meu pai, cuja memória vive em meu coração, por me fazer entender que quem escreve nunca está sozinho, além de me encorajar nas minhas narrativas desde cedo.

À fotógrafa Sandra Bacchi, minha irmã, pela torcida e pela linda foto da minha Bio.

Gratidão à fenomenal escritora Thais Messoria pelos conselhos infalíveis, por acreditar no meu potencial, por segurar minha mão, por estar sempre pronta para discutir uma nova ideia louca e, sobretudo, por me tirar da zona de conforto. Tenho muita sorte em poder contar contigo.

Obrigada à Isadora Duarte por seu olhar afiado. Ao César Mendonça, pela diagramação incrível e ao Marcus Pallas, pela capa sensacional. Aos meus eternos mestres Nano Fragonese e Claudio Formiga, pelas lições inesquecíveis.

Às minhas parceiras literárias pela força, amizade e pelos surtos.

À Nanny, minha leitora Beta de olhos de águia, que me auxiliou para deixar este livro mais redondinho

À escritora e amiga de alma Ana Carolina Kherlakian, bem, por tudo.

Também agradeço ao querido Tom Marcos, ele se intitulava meu fã número um e partiu para um outro plano antes de conhecer essa história. Jamais esquecerei seu carinho.

Por último, mas muito longe de ser menos importante, agradeço a você, leitor. Acima de tudo, é pensando em você que procuro dar o meu melhor.

E aos meus leitores antigos que nos últimos meses me mandaram inúmeras mensagens perguntando pelo “próximo”, por fim ele chegou. Espero que tenham curtido.

Curtiu a leitura? Que tal deixar sua avaliação lá na Amazon? É fácil, rápido e ajuda demais os autores.

SOBRE A AUTORA



Foto: Sandra Bacchi

CYNTHIA D. JONAS

Nascida em Sampa, é publicitária por formação e emotiva por natureza. Movida a música e apaixonada por literatura. Ainda pequena, escutou de seu pai que sonhos podem se tornar realidade — basta acreditar. Desde então, sonha. Talvez tenha parado no tempo. Há quem diga que sofre da síndrome de Peter Pan. Não se importa. Com a escrita, descobriu que não precisa de pó mágico para voar. Contar histórias é seu modo de habitar universos paralelos, criar vidas, refletir por meio de palavras, alcançar o impossível, além de ser quem bem entender. Inclusive ela mesma.

Em abril de 2021, lançou seu primeiro romance, intitulado O segredo de Ivy Collins. Trata-se de um thriller sobrenatural marcado por segredos, relíquias, simbolismos, mistério e a força de um amor que desconhece a barreira do tempo. Em 2022, lançou A Maldição da Ilha dos Pecadores, sua primeira novela de terror Slasher inspirada na lenda norte-americana do Homem Gancho. Cynthia também teve alguns de seus contos publicados em blogs, podcasts e antologias.

Site:

www.cynthiadjonas.com.br

Visite as redes sociais da autora:

[@cynthiadjonas](#)

Table of Contents

[Playlist](#)

[Nota da autora](#)

[Noite da festa](#)

[Capítulo 1](#)

[Noite da festa](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Noite da festa](#)

[Capítulo 7](#)

[Noite da festa](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Noite da festa](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Noite da festa](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Noite da festa](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Noite da festa](#)

[Capítulo 36](#)

[Noite da festa](#)

[Capítulo 37](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre a autora](#)